U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

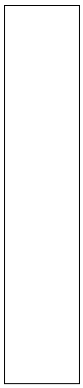
ARQUITECTURA

Francisco Matos B. Figueiredo contributos para o (re)conhecimento da sua obra

Isaura José Gomes Mendes

M

2020



FRANCISCO MATOS B. FIGUEIREDO

CONTRIBUTOS PARA O (RE)CONHECIMENTO DA SUA OBRA

Dissertação de Mestrado apresentada à
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
sob a orientação da Doutora Graça Correia

Isaura José Gomes Mendes
Porto, 2020

Nota Prévia: a presente dissertação não está redigida ao abrigo do novo Acordo Ortográfico. As imagens e desenhos apresentados foram dimensionados, cortados e tratados sempre que tal se justificou.

Reserva-se o direito exclusivo de utilização de todas as fotografias, desenhos ou outros documentos referenciados como pertencentes ao autor ou a Francisco Figueiredo. Qualquer tipo de reprodução carece de autorização escrita por parte do autor.

a meu pai,
por ser dois ao mesmo tempo,
pelo apoio em qualquer circunstância,
e pelo amor

a minha mãe,
pela força das estrelas

agradecimentos

Um sincero agradecimento à minha orientadora, Professora Doutora Graça Correia, pela confiança, pela disponibilidade, pelas críticas, pelo rigor e pela partilha de conhecimentos.

Pela simpatia e pelo auxílio prestado na recolha de documentação fundamental ao desenvolvimento desta dissertação agradeço à Família Figueiredo, nomeadamente ao Sr. Francisco Figueiredo por me ter permitido o acesso a todo o espólio do seu pai e pelas diversas histórias que comigo partilhou, e à sua filha, Cristina Figueiredo, pela companhia em várias tardes no escritório do seu avó e pela incansável ajuda em diversas fases do processo de inventariação. Não poderia ainda deixar de agradecer à Conceição e à Senhora Maria Augusta, esposa de Francisco Figueiredo, por me acolherem com toda a sua simpatia quase todas as semanas, num período de sete meses.

Aos colaboradores da Fundação Instituto Marques da Silva, à Administração do Porto do Douro e Leixões, e a quantos me acolheram noutras instituições e arquivos públicos e privados, agradeço a laboriosa dedicação a todos os meus pedidos.

Ao arquitecto António Menéres, agradeço a sua disponibilidade e enorme simpatia na partilha de algumas informações sobre Francisco Figueiredo.

Ao Cristiano, um agradecimento muito especial, pelo apoio, dedicação e companheirismo ao longo destes anos.

Agradeço ao meu Pai, à Cristina e ao Paulo, e a todos os quais a presença não posso prescindir, pela paciência e incentivos constantes, e a quem devo tudo neste meu percurso.

resumo | abstract

"A qualquer arquitecto apenas é dado um curto espaço de tempo, o da sua vida, para que possa participar num processo evolutivo que deve ser objectivo a não perder; sujeito às condições em que desenvolve a sua actividade, terá obrigação sempre, e natural desejo, de dar o seu contributo pessoal para acrescentar algo de novo, por menor que venha a ser o seu significado, a esse lento, mas inexorável processo de acumulação de saberes"[01]

A descoberta de arquitectos perdidos na história da arquitectura Portuguesa tem sido alvo de várias narrativas ao longo dos últimos anos. A exploração do arquivo pessoal de um arquitecto é, para o investigador, uma aprendizagem, não só sobre o arquitecto em questão, mas sobretudo sobre Arquitectura.

Mergulhada neste entusiasmo, a investigação que agora se apresenta, é um relato multifacetado de uma viagem pela vida e obra de Francisco Figueiredo, arquitecto do Porto, nascido em 1924, tendo falecido recentemente, em 2019. Com base no reconhecimento da importância do conjunto da sua obra, este estudo representa um contributo para o conhecimento e interpretação da sua arquitectura, realizado partindo da ideia de que, um dia, conseguiremos aprofundar ainda mais a investigação sobre este autor e o nosso conhecimento sobre Arquitectura.

Palavras chave: Francisco Figueiredo; Arquitectura; Biografia; Projectos; Obras

"Any architect is only given a short time, that of his life, so that he can participate in an evolutionary process that must be objective not to be missed; subject to the conditions in which it develops its activity, it will always have an obligation, and a natural desire, to give its personal contribution to add something new, however small its meaning may be, to this slow, but inexorable knowledges."[01]

The discovery of architects lost in the history of Portuguese architecture has been the subject of several narratives over the past few years. The exploration of an architect's personal archive is, for the researcher, an apprenticeship, not only about the architect in question, but above all about Architecture.

Immersed in this enthusiasm, the research that now presents itself is a multifaceted account of a journey through the life and work of Francisco Figueiredo, architect of Porto, born in 1924 and recently deceased in 2019. Based on the recognition of the importance of the whole of his work, this study represents a contribution to the knowledge and interpretation of his architecture, carried out based on the idea that, one day, we will be able to further deepen our investigation about this author and our knowledge about architecture.

Keywords: Francisco Figueiredo; Architecture; Biography; Projects; Construction

[01] Sérgio Fernandez. "Januário Godinho - Profissional Controverso", *in Januário Godinho: leituras do movimento moderno.* (Editado por Alexandra Cardoso, Fátima Sales e Jorge Cunha Pimentel). Porto: CEAA| Centro de estudos Arnaldo Araújo, 2012, pág. 43/44.

Sumário

Agradecimentos IX
Resumo XI
Abstract XI

0| Introdução 1

1| Tema 2
2| Metodologia 6
3| Estrutura 8

1| Francisco Figueiredo: um apontamento biográfico 9

2| Índice de Projectos e Obras: cronologia e tabela de iventariação 15

3| Francisco Figueiredo: Projectos e Obras; alguns exemplos 21

Anos 40

1| Casa Dr. Francisco Martins Barbosa, 1949 23
Rua de Feliciano de Castilho, nº 95 - Porto

Anos 50

2| Centro de Assistência Social para as Minas do Pejão, 1950/1952 25
Avenida Jean Tyssen, nº. 592 - Castelo de Paiva
3| Uma Casa de Férias (CODA), 1951 27
"montado" alentejano - Alentejo
4| Estação de Passageiros no Porto de Leixões, 1955/1960 33
Avenida Antunes Guimarães - Matosinhos
5| Comandos da Ponte Móvel do Porto de Leixões, 1955/1959 41
Porto de Leixões - Matosinhos
6| Concurso de projectos para o Monumento ao Infante D. Henrique, 1956 45
Fortaleza de Sagres - Sagres
7| Habitação Arquitecto Francisco Figueiredo, 1957/1959 51
Rua de Fez, nº. 153 - Porto
8| Concurso para o Pavilhão de Portugal em Bruxelas, 1958 57
Exposição Internacional e Universal de 1958 - Bruxelas

Anos 60

9| Torre de Escritórios e Armazéns para a Doca nº. 2 do Porto de Leixões, 1962 63
Porto de Leixões - Matosinhos
10| Elevadores e Escadas para a Ponte Móvel do Porto de Leixões, 1962 67
Porto de Leixões - Matosinhos
11| Casa Rui Neto, 1962/1965 73
Avenida da Boavista, nº. 4321 - Porto
12| Vedação da Doca nº 2 do Porto de Leixões, 1965/1967 79
Avenida Eng. Duarte Pacheco - Matosinhos
13| Plano de Urbanização para um terreno situado na Boavista, 1969 83
Ruas Pedro Hispano, Tenente Valadim e João de Deus - Porto
14| Pincel de Barba auto-alimentado - Pincel H, 1969 87
Participação no 18º Salão Internacional dos Inventores - Bruxelas

Anos 70

15| Instalações Fabris de Tecnogravura em Arcos do Sardão, 1970 91
Oliveira do Douro – Vila Nova de Gaia
16| Piscina no Parque das Termas do Gerês, 1971 93
Rua Eng. José Lagrifa Mendes - Gerês
17| Jazigo para a Família Eça de Queirós, 1972 99
Tormes - Baião
18| Bresfor, Indústria do Formol Lda., 1973/1985 101
Avenida das Fábricas – Aveiro
19| Habitações, Motel e Edifício de Convívio para a Ferrominas, 1978 105
Bairro da Ferrominas – Torre de Moncorvo
20| Uma Habitação para Dr. Alberto C. Almeida, 1979 111
Miramar – Vila Nova de Gaia

Anos 80

21| Caixa Geral de Depósitos de Baião, 1981/1983 113
Rua de Camões, nº. 409 - Baião
22| Recuperação e ampliação da Caixa Geral de Depósitos do Porto, 1985/1997 117
Avenida dos Aliados, nº. 128/138, Rua do Bonjardim, nº. 169 - Porto
23| Edifício para Tratamentos nas Termas do Gerês, 1985/1986 123
Avenida Francisco Manuel da Costa - Gerês
24| Fundação António Cupertino de Miranda, 1986/1996 125
Avenida da Boavista, nº. 4245 - Porto
25| Hotel nas Termas do Gerês, 1987 131
Avenida Manuel Francisco da Costa - Gerês
26| Uma Habitação para Dr. Alberto C. Almeida, 1989 137
Travessa de Passos, nº. 115 - Porto

Anos 90

27| Conjunto Habitacional para a 3ª. Idade, 1990/1993 143
Rua Dr. Domingos Pinho Brandão nº. 539/583 - Porto
28| Habitação para D. Maria Augusta Figueiredo, 1992/1994 147
Quinta da Salgueira - Favaios
29| Projecto de duas invenções para uma Furna Artificial, 1997 153
Sem localização

Anos 2000

30| Estudo para uma Casa Quadrada, 2007/2008 155
Sem localização

4| Francisco Figueiredo: um percurso sensitivamente plural 157

Considerações finais 170
Fontes de Informação 174

0| Introdução

1| tema

"É função da história o conhecer a existência das manifestações do homem e determinar as possíveis constantes que essa existência apresente. É função necessária e indispensável que justifica todo o interesse do conhecimento do passado pelo contributo que pode trazer para o presente."[02]

No quarto ano do curso de arquitectura, na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, fui aluna da professora e arquitecta Graça Correia, a quem ligava imediatamente à arquitectura de Ruy D'Athouguia, pela investigação que fez na sua tese de doutoramento, e à arquitectura de Eduardo Souto de Moura, pelas várias conversas na sala de aula e pelo projecto da Escola de Hotelaria e Turismo, em Portalegre. Ao longo deste ano lectivo (2018/2019), transportou consigo estes dois arquitectos, como pilar e referência, enquanto professora e arquitecta.

O modo como identificava no seu discurso estas referências tornou-se, para mim, uma referência fundamental. No seu escritório, em Julho de 2019, e já como minha orientadora, discutíamos sobre os diversos rumos que a presente dissertação de mestrado poderia tomar. A investigação de autor estava em cima da mesa.

No Open House de 2019, o edifício da Estação de Passageiros no Porto de Leixões surge associado aos arquitectos Fernando Távora e Francisco Figueiredo. Na descrição do edifício podemos ler - "a autoria do edifício, um imóvel classificado, é de Francisco Figueiredo que terá ajudado a desenhar, também, a ponte móvel. Naquele momento, partilhava atelier com Fernando Távora (responsável pelo Plano Geral do Porto de Leixões) e, embora trabalhassem de forma independente, imaginamos, através desta arquitectura, que a partilha se alargava ao mundo das ideias."[03]

Encontramos numa entrevista ao arquitecto Álvaro Siza, intitulada "Álvaro Siza, Obras e Projectos - Matosinhos", outra referência a Francisco Figueiredo – "(…) nesse momento aparece um concurso para o restaurante da Boa Nova, o arquitecto Távora resolve concorrer, e também outro arquitecto que trabalhava no mesmo espaço, Tito Figueiredo, Francisco Figueiredo (…)."[04]

Francisco Figueiredo despertou a nossa atenção, interesse e curiosidade.

E assim, começou esta "viagem".

---

[02] Fernando Távora. *Teoria geral da organização do espaço: arquitectura e urbanismo: a lição das constantes.* (Editado por Manuel Mendes). Porto: FAUP Publicações, 1993, pág. 7.

[03] João Freire. *Estação de Passageiros do Porto de Leixões*, 1964. Open House Porto 2019. [Consultado a 25 de Julho de 2020]. Acedido em «https://2019.openhouseporto.com/places/estacao-passageiros/».

[04] Álvaro Siza. *Álvaro Siza, Obras e Projectos - Matosinhos*, 2001. Youtube. [Consultado a 24 de Julho de 2020]. Acedido em «https://youtu.be/sxtu3s2fa88?t=221»

"Viajar? Para viajar basta existir. Vou de dia para dia, como de estação para estação, no comboio do meu corpo, ou do meu destino, debruçado sobre as ruas e as praças, sobre os gestos e os rostos, sempre iguais e sempre diferentes, como, afinal, as paisagens são.

Se imagino, vejo. Que mais faço eu se viajo? Só a fraqueza extrema da imaginação justifica que se tenha que deslocar para sentir.

«Qualquer estrada, esta mesma estrada de Entepfuhl, te levará até ao fim do mundo.» Mas o fim do mundo, desde que o mundo se consumou dando-lhe a volta, é o mesmo Entepfuhl de onde se partiu. Na realidade, o fim do mundo, como o princípio, é o nosso conceito do mundo. É em nós que as paisagens têm paisagem. Por isso, se as imagino, as crio; se as crio, são; se são, vejo-as como às outras. Para quê viajar? Em Madrid, em Berlim, na Pérsia, na China, nos Pólos ambos, onde estaria eu senão em mim mesmo, e no tipo e género das minhas sensações?

A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos."

Fernando Pessoa,
"Viajar? Para viajar basta existir"
in Livro do Desassossego pág. 469.

2| metodologia

Em Outubro de 2019 conhecemos Francisco Figueiredo, por mediação do seu filho, também ele Francisco. Dada a sua idade e condição não foi possível haver mais do que uma conversa, para conhecer pela sua voz, como era esperado, todo o seu percurso, as suas obras e todas as histórias que teria, com certeza, para nos contar. Mostrou-se ainda assim, nesse dia, bastante contente e com vontade de começar esta "viagem" connosco. O seu falecimento, um mês após esta primeira conversa, alterou necessariamente o método de abordagem da dissertação.

Assim sendo, a presente investigação desenvolve-se essencialmente a partir da inventariação de um vasto conjunto de obras e projectos deixados pelo arquitecto no seu escritório, pronta agora a ser entregue a uma instituição para tratamento e divulgação do seu arquivo pessoal.

Num primeiro momento, foram abertos todos os rolos de desenhos existentes, para que pudessem ganhar forma plana. Posteriormente foram organizados e fotografados, projecto por projecto, cronologicamente, num processo de trabalho realizado entre Dezembro de 2019 e Junho de 2020.

Feita a catalogação de mais de 90 obras e projectos, que incluiu, não só a organização de todas as peças desenhadas, mas também a sua associação às peças escritas, fotografias, aos diversos esquissos soltos e ao levantamento da sua biblioteca pessoal, que culminam ao todo em mais de 3600 ficheiros, partiu-se para uma investigação fora do escritório, que envolveu câmaras municipais (essencialmente a do Porto e Matosinhos), o arquivo da Fundação Instituto Marques da Silva, o arquivo da Administração do Porto do Douro e Leixões, o arquivo histórico da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia do Bom Jesus de Matosinhos, o arquivo histórico e fotográfico da Câmara Municipal de Matosinhos, o Centro Português de Fotografia, e ainda, o centro de documentação da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e o arquivo da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Foram ainda realizadas várias conversas com Francisco Figueiredo, filho do arquitecto em estudo, e com o arquitecto António Meneres, para que fosse possível um melhor conhecimento e entendimento da arquitectura e da personalidade de Francisco Figueiredo. Foram ainda realizados outros pedidos de conversa, ao arquitecto Álvaro Siza e ao arquitecto Domingos Tavares, dos quais não tivemos resposta até ao momento.

Partindo do levantamento, recolha, organização e sistematização de toda a documentação, alicerçamos o trabalho, sempre que possível, em factos documentados e realizações concretas que fomos recolhendo em diversos locais e nas conversas descritas anteriormente.

3| estrutura

No relato desta "viagem" pela vida e obra do arquitecto Francisco Figueiredo, a disposição dos capítulos espelha as quatro principais etapas da investigação desenvolvida.

No primeiro capítulo - *Francisco Figueiredo: um apontamento biográfico* - procuramos de forma sintética proporcionar uma visão genérica da sua vida, que não abrangesse apenas questões profissionais, mas também questões pessoais e alguns acontecimentos relevantes da história nacional que poderão ter influenciado o seu percurso como arquitecto. Damos a conhecer neste capítulo, a forma como decorreu a sua formação até à obtenção do diploma de arquitecto pela Escola de Belas Artes do Porto, procurando entender o tipo de ensino e o ambiente escolar que se vivia entre as décadas de 40 e 50.

No segundo capítulo - *Índice de Projectos e Obras: cronologia e tabela de inventariação* - apresentamos uma cronologia ilustrada que permite a observação cruzada dos vários projectos e obras realizados ao longo de seis décadas (anos 40, 50, 60, 70, 80, 90, 2000), e uma tabela de inventariação que dá nota de todo o conjunto de obras e de projectos registados até ao momento. Esta tabela informa, paralelamente, sobre toda a documentação recolhida relativa a cada projecto.

No terceiro capítulo - *Francisco Figueiredo: Projectos e Obras; alguns exemplos* - foram escolhidos trinta exemplos que nos pareceram adequados para ilustrar a diversidade na continuidade da obra de Francisco Figueiredo. Além da recolha e sistematização de informação dispersa sobre cada um desses exemplos, procuramos em cada um deles não elaborar à priori um discurso temático, porque nos pareceu que esta dissertação de mestrado, dado o elevado número de obras e elementos a estudar, deverá servir como um primeiro registo de levantamento e observação de um assunto a investigar de forma mais aprofundada posteriormente. Os exemplos analisados são apresentados por ordem cronológica e, embora enquadrados nas cinco décadas que o percurso do arquitecto atravessa, a análise não se fez com base rígida de divisão entre décadas, mas antes numa valorização das diferentes particularidades no caso a caso de cada circunstância. As memórias descritivas e justificativas, quando existem, são trazidas para o discurso, bem como imagens de época na ilustração de cada obra, procurando transportar para cada caso a intenção do autor e a sua contextualização.

No quarto e último capítulo - *Francisco Figueiredo: um percurso sensitivamente plural* - procuramos, depois de uma passagem por algumas das suas obras, fazer uma breve leitura do seu percurso, provocando algumas intersecções entre vários projectos. São realizadas, neste capítulo, algumas interpretações de carácter temático, ancoradas na recolha realizada, e com o objectivo de melhor ilustrar algumas das particularidades da obra de Francisco Figueiredo.

1| Francisco Figueiredo
um apontamneto biográfico

No início do século XX, dia 23 de Abril de 1924, dois anos antes do final da Primeira República Portuguesa, nasce no Porto, na freguesia de Lordelo do Ouro, Francisco Manuel de Matos Braamcamp Figueiredo.

Filho de Manuel Eleutério da Fonseca Figueiredo e Maria de Lourdes de Matos Braamcamp, a sua vida será marcada pelas enormes transformações políticas e sociais, no pais e no estrangeiro, que decorrerão ao longo do século XX. Os seus primeiros anos de vida serão assinalados por acontecimentos familiares que influenciarão a formação da sua personalidade. A sua mãe, uma pintora com uma distinta carreira[05], morre precocemente em 1933, com apenas trinta e três anos de idade, deixando a Manuel de Figueiredo, um homem formado em direito com vários cargos importantes[06], quatro filhos ainda menores. Francisco Figueiredo, com nove anos de idade, estuda desde essa altura como interno no Colégio das Caldinhas, em Santo Tirso.[07] Nos seus primeiros anos de vida dois acontecimentos políticos marcam a história de Portugal. Em 1926, o golpe militar de 28 de Maio, que resultou na queda da Primeira República Portuguesa e na instauração da Ditadura Militar, e mais tarde, a aprovação da Constituição de 1933, que institucionaliza um novo regime político designado por Estado Novo.

Em 1939, com 15 anos de idade, realiza o exame do primeiro ciclo (terceiro ano) no Liceu Municipal de D. Diniz em Santo Tirso e em 1942, com 18 anos, faz a prova de admissão à Escola de Belas Artes do Porto[08], com destino ao curso de Arquitectura[09], que frequenta entre Setembro de 1942 e Agosto de 1949.

Ao longo do seu percurso académico, "na Escola de Belas Artes do Porto, a transformação do ensino académico em direcção a um ensino moderno processa-se ao longo de três etapas onde sucessivamente se vai alterando o relacionamento institucional, o corpo docente, os métodos de ensino, o ambiente cultural e as instalações da Escola. Estas três etapas correspondem aos três directores da Escola que sucedem a José Marques

[05] O início da Primeira Guerra Mundial arrastou a família Braamcamp para Londres onde Maria de Lourdes de Matos Braamcamp estuda pintura, primeiro na prestigiada Slade School e mais tarde em St. John's Wood. Em 1916, a família regressa a Portugal e instala-se na sua herdade alentejana de Castelo Ventoso, perto de Évora, onde Maria de Lourdes monta um atelier e pinta cenas de costumes populares que apresenta ao público em 1920 na Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes. "Acabara de completar 21 anos e o sucesso que obtém é notável. Muito sensível aos materiais, tira sempre grande partido das técnicas que emprega. (…) Marcada por um cunho experimental, a obra de Maria de Lourdes revela influências da Escola Inglesa, patentes no colorido sóbrio, desenho correcto e claro-escuro delicado." Segundo a sinopse do livro António Morato. *Maria de Lourdes de Matos Braamcamp: vida e obra*. Porto: Bertrand Editora, 2011.

[06] Manuel Eleutério da Fonseca Figueiredo, formado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, foi director da Liga Agrária do Norte e da Associação Central da Agricultura Portuguesa, vogal do Conselho Superior dos Caminhos de Ferro, vareador da Câmara Municipal do Porto e vogal das comissões Municipais de Arte, Arqueologia e Urbanismo, Director do Museu Nacional Soares dos Reis, e Escritor.

[07] Francisco Figueiredo (filho do arquitecto Francisco Figueiredo) nas várias conversas realizadas no âmbito desta investigação.

[08] Documentos consultados no processo de aluno de Francisco Manuel Matos Figueiredo, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

[09] "Neste período, o curso de Arquitectura ainda segue o modelo proposto pela Reforma de 31 com uma estrutura bipartida, Curso Especial e Curso Superior, organizada por catorze cadeiras das áreas artísticas, literárias e científicas, onde se integram as diversas disciplinas." Segundo Gonçalo Canto Moniz. *O ensino moderno da arquitectura: a formação do arquitecto nas escolas de Belas Artes em Portugal (1931-1969)*. Porto: Edições Afrontamento e Fundação Instituto Marques da Silva, 2019, pág. 113.

Francisco Figueiredo na Rua dos Clérigos
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

da Silva: Aarão de Lacerda (1939-45), Joaquim Lopes (1945-52) e Carlos Ramos (1952-1968)."[10]

Francisco Figueiredo frequenta, assim como Fernando Távora[11], o Curso Especial sob a direcção de Aarão de Lacerda e o Curso Superior sob a direcção de Joaquim Lopes. Aluno de Carlos Ramos na 4ª cadeira - Arquitectura, onde "a sua pedagogia promovia o "ensino individual", de acompanhamento dos trabalhos ao estirador, e o "ensino colectivo", que envolvia grupos de alunos na crítica ao projecto"[12], propiciava um "ensino livre"[13] de oposição a uma "formação enciclopédica"[14].

Francisco Figueiredo adquire a sua formação académica neste ambiente escolar e inicia, em Agosto de 1949, o seu estágio profissional com o arquitecto José Vieira de Oliveira na Rua Formosa 388, que finda a 01 de Agosto de 1951[15] depois da apresentação, a 09 de Julho do mesmo ano, da prova para o Concurso de Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA)[16], com o projecto "Uma Casa de Férias", na qual obtém a classificação de 18 valores[17].

No início dos anos 50 realiza, com o seu amigo Fernando Távora, uma viagem a Marrocos[18], e em 1954, com 30 anos de idade, desenha as suas alianças e casa com Maria Augusta Pimentel Pinto de Freitas, com quem viria a ter três filhos[19]. Três anos mais tarde, em 1957, vai junto com a sua família viver para a casa nº 153 da Rua de Fez, cujo projecto é do próprio Francisco Figueiredo.

"Afável e divertido, era um contador de histórias e causador de alegria à sua volta."[20]

Francisco Figueiredo, não era activo politicamente; dividia-se entre trabalho, família e umas fugidas ao Alentejo onde tinha propriedades. Trabalhava maioritariamente com clientes privados, tendo, contudo, concorrido a vários concursos públicos.

[10] *Ibidem*, pág. 109.
[11] "Concluído o curso liceal do Segundo Ciclo no Liceu Alexandre Herculano, em 1940, com a classificação de dezasseis valores, fez o exame de admissão à Escola de Belas Artes do Porto, em 1941, para frequentar o Curso Especial de Arquitectura (…). Durante quatro anos frequentou o Curso Especial de Arquitectura, inscrevendo-se de seguida no Curso Superior de Arquitectura, em Setembro de 1945 (…)." Segundo Universidade do Porto. *Antigos Estundantes Ilustres da Universidade do Porto: Fernando Távora*, 2008. Memória U. Porto [Consultado a 15 de Outubro de 2020]. Acedido em «https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20fernando%20t%c3%a1vora».
[12] Gonçalo Canto Moniz. *O ensino moderno da arquitectura: a formação do arquitecto nas escolas de Belas Artes em Portugal (1931-1969)*. Porto: Edições Afrontamento e Fundação Instituto Marques da Silva, 2019, pág. 127.
[13] "O ensino livre proposto por Carlos Ramos permite aos alunos a realização dos trabalhos fora da Escola porque os alunos recebem uma assistência permanente na concepção do projecto." CEEBAP. Acta de 24 de Fevereiro de 1943, fs.15v-16. Citado por ibidem, pág. 129.
[14] "Carlos Ramos toma posse como professor a 30 de Outubro de 1940, (…). Assim, é na tomada de posse que reafirma a vontade de alterar o funcionamento das disciplina de Arquitectura, a "mãe" de todas as disciplinas (…). De facto, nos nove pontos com que conclui a palestra, Ramos enquadra alguns princípios orientadores para uma renovação da formação do Arquitecto, especialmente da cadeira de Arquitectura, opondo-se a uma "formação enciclopédica". Segundo *ibidem*, pág. 117.
[15] Documentos consultados no processo de aluno de Francisco Manuel Matos Figueiredo, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.
[16] "Concluído o Curso Superior, com a conquista do mínimo de pontos exigido, os alunos passavam à prova final, o Diploma de Arquitecto, constituída por três etapas: estudo de um projecto arquitectónico; memória descritiva; prova oral com desenvolvimento de tema relativo à salubridade das edificações e à prática de trabalhos; interrogatório sobre o projecto apresentado." Segundo *ibidem*, pág. 44.
[17] Francisco Matos Figueiredo, "Uma casa de férias", in *RA - Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*, ano I, nº 0, Outubro de 1987, pág. 29.
[18] Francisco Figueiredo (filho do arquitecto Francisco Figueiredo) nas várias conversas realizadas no âmbito desta investigação.
[19] *Ibidem*.
[20] *Ibidem*.

Francisco Figueiredo e Maria Augusta no dia do seu casamento
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

Tinha um grande gosto pela engenharia - *"adorava ter sido engenheiro, era muito engenhocas"*[21] - lia sobretudo livros técnicos e construtivos e nos tempos livres dedicava-se a desenhar, montar e coleccionar miniaturas.

Entre a década de 50 e 60, Francisco Figueiredo divide, embora de forma independente, o seu espaço de trabalho com Fernando Távora, primeiramente no sexto andar do edifício Palácio Atlântico, na Praça D. João I, e depois na Rua do Duque de Loulé número 98[22]. Em 1953 organizam em conjunto a Exposição Comemorativa do 1º Centenário da elevação de Vila a Cidade de Matosinhos, designada "Matosinhos de ontem e de hoje", e fazem o projecto para o "Posto de Abastecimento para o Lugar da Vitória em Vila Nova de Famalicão". Em 1955 iniciam o projecto "Plano Geral do Porto de Leixões"[23] e em 1956 concorrem ao "Concurso de projectos para o Monumento ao Infante D. Henrique em Sagres", sendo admitidos à primeira fase do concurso com a divisa "Mar"[24]. Ainda em 1956, Francisco Figueiredo concretiza o projecto "Posto de Turismo de Matosinhos", com a colaboração de Álvaro Siza[25], e participa como colaborador de Fernando Távora no projecto "Parque Municipal da Quinta da Conceição"[26].

Participa, em 1959, no "Concurso para o Pavilhão de Portugal na Exposição Internacional e Universal de Bruxelas"[27], e em 1961, inaugura o edifício da Estação de Passageiros do Porto de Leixões, bem como, realiza o projecto para o "Salão Paroquial de Leça da Palmeira", preterido pelo projecto do arquitecto Bruno Reis[28].

Entre o final da década de 50 e meados da década de 60, muda o seu local de trabalho para a sua casa na Rua de Fez. Em 1969 recebe a medalha de prata pela participação no 18º Salão Internacional dos Inventores, em Bruxelas, com o projecto de um "Pincel de Barba auto-alimentado", que faz notícia no Diário de Lisboa de 23 de Maio de 1969[29].

Entre 1970 e 1990 realiza um grande número de projectos com programa público e privado de uso colectivo. Em 2007, depois de uma visita a Sagres, e dado o seu gosto pela engenharia, desenha duas invenções para uma "Furna Artificial", e em 2008, com 84 anos de idade, elabora o seu último projecto, sem terreno nem cliente, intitulado "Casa Quadrada".

Com mais de 90 obras e projectos realizados, morre no Porto, no dia 01 de Novembro de 2019, com 95 anos de idade.

[21] *Ibidem*.
[22] Conversa com o arquitecto António Menéres na Fundação Instituto Marques da Silva, no dia 24 de Setembro de 2020.
[23] Fernando Távora e Francisco Figueiredo. *Plano Geral do Porto de Leixões*, 1958. Arquivo AtoM- Fundação Instituto Marques da Silva. [Consultado a 09 de Setembro de 2020]. Acedido em «https://arquivoatom.up.pt/index.php/plano-geral-do-porto-de-leixoes».
[24] Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique. *Concurso de projectos para o Monumento ao Infante D. Henrique em Sagres*. Lisboa: Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1957.
[25] José Salgado. *Álvaro Siza em Matosinhos*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1985, pág. 64.
[26] Fernando Távora. *Parque Municipal da Quinta da Conceição, 1956/1960*. Arquivo AtoM - Fundação Instituto Marques da Silva. [Consultado a 03 de Setembro de 2020]. Acedido em «https://arquivoatom.up.pt/index.php/parque-municipal-da-quinta-da-conceicao».
[27] Francisco Figueiredo, "Concurso para o pavilhão de Portugal em Bruxelas: Exposição Internacional e Universal de 1958", *in Arquitectura*, III série, nº 57/58, Janeiro-Fevereiro de 1957, pág. 8/9.
[28] Francisco Figueiredo. *Salão Paroquial de Leça da Palmeira - II*, in Jorge Bento. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de Leça da Palmeira, 1994, pág. 18/19.
[29] "Os Inventores Portugueses", *in Diário de Lisboa*, ano 49, nº 16 675, 23 de Maio de 1969, pág. 4. Fundação Mário Soares/DRR - Documentos Ruella Ramos.[Consultado a 19 de Outubro de 2020]. Acedido em «http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=06600.138.23586#!4»

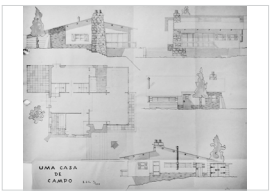
Francisco Figueiredo e Fernando Távora em Marrocos no início dos anos 50
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

2| Índice de Projectos e Obras
cronologia e tabela de inventariação

Processo de inventariação no escritório do arquitecto Francisco Figueiredo
Registo fotográfico da autora a 06 de Maio de 2020.

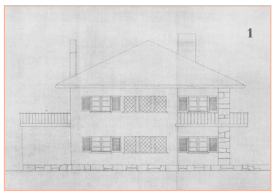
ANOS 40

1943 - Uma Casa de Campo



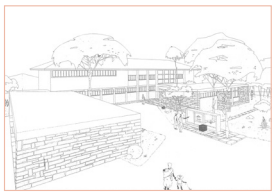
1948 - Casa Achiles de Brito na Beira Douro - Avenida Clube de Caçadores nº. 3536, Gondomar

1949 - Casa Dr. Fernando Martins Barbosa- Rua Feliciano de Castilho nº. 95, Porto

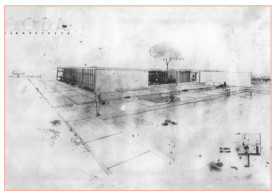


ANOS 50

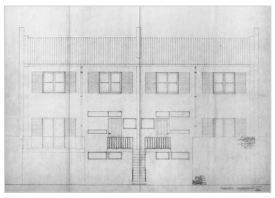
1950/1952 - Centro de Assistência Social para as Minas do Pejão - Castelo de Paiva



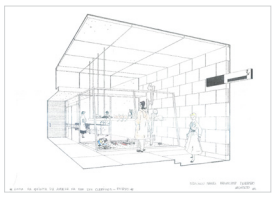
1951 - Uma Casa de Férias (CODA) - "montado" Alentejano



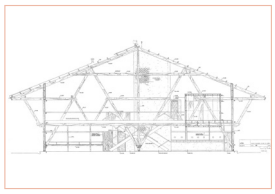
1954 - Casa para os Chefes de Serviço das Minas do Pejão - Castelo de Paiva



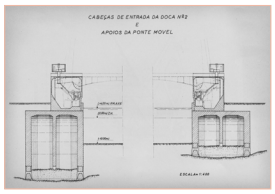
1954 - Loja da Quinta da Avenida na Rua dos Clérigos - Porto



1955/1960 - Estação de Passageiros no Porto de Leixões - Matosinhos



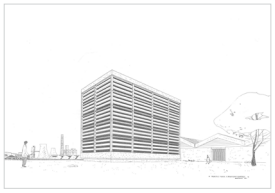
1955/1959 - Comandos da Ponte Móvel do Porto de Leixões - Matosinhos



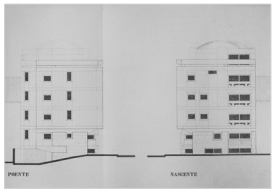
1956 - Posto de Turismo de Matosinhos - ?

1957/1959 - Habitação do arquitecto Francisco Figueiredo - Rua de Fez nº. 153, Porto

1957 - ?



1958 - Prédio de Habitação- Rua António Patrício nº. 92, Porto

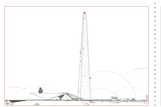


ANOS 60 | ANOS 70 | ANOS 80 | ANOS 90 | ANOS 2000

1953 - Posto de Abastecimento para o Lugar da Vitória em Vila Nova de Famalicão

1955/? - Plano Geral do Porto de Leixões - Matosinhos

1956 - Concurso para o Monumento ao Infante D. Henrique - Fortaleza de Sagres



1957 - Casa Alfredo Allen - Rua de António Cardoso nº. 165, Porto

1958 - Concurso para o Pavilhão de Portugal em Bruxelas - Exposição Internacional e Universal

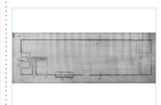
1960 - Herdade da Amoreira - Viana do Alentejo

1962 - Torre de Escritórios e Armazéns para a Doca nº. 2 do Porto de Leixões - Matosinhos

1963 - Estudo para uma Casa na Rua de Fez - Porto

1965 - Reabilitação de uma Casa no Campo Alegre - Porto

1966/1967 - Fábrica de Malhas do Ameal, S.A.R.L. - Rua do Amial, Porto

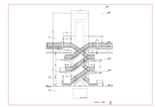


1967/1979 - Reabilitação da Casa Mr. Robin A. Reide - Rua Afonso de Albuquerque nº. 27, Porto

1969 - Casa Rui Moreira, Rua de Cabo Verde nº. 94, Porto

1961 - Salão Paroquial de Leça da Palmeira - Matosinhos

1962 - Elevadores e Escadas para a Ponte Móvel do Porto de Leixões - Matosinhos



1964 - Duas Casas Geminadas na Estrada da Circunvalação nº. 13590, Porto

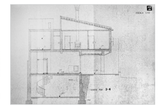
1965 - Concurso para a Reabilitação do Banco de Portugal em Évora

1967 - Prédio de Habitação - Rua do Visconde de Setúbal nº. 243/250, Porto

1968 - Prédio de Habitação - Rua do Marechal Saldanha nº. 319/337, Porto

1969 - Plano de Urbanização para um terreno situado na Boavista - Porto

1961 - Concurso para um Centro Comercial em Cedofeita - Porto



1962/1965 - Casa Rui Neto - Avenida da Boavista nº. 4321, Porto

1965/1967 - Vedação da Doca nº. 2 do Porto de Leixões - Matosinhos

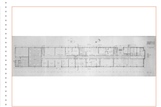
1965 - Construção de Prédio para a Santa Casa da Misericórdia do Porto - Rua de Cedofeita nº. 21, 23, 25, 27, 31, 35, Porto - ?

1967/1970 - Prédio de Habitação - Rua do Almada, Porto

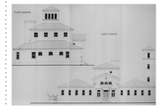
1968 - Projecto de ampliação do Hospital da O. do Terço e Caridade - Cedofeita, Porto

1969/1970 - Casa Francisco Miranda - Avenida Bela Vista nº. 184, Leça do Balio

1970 - Instalações Fabris de Tecnogravura em Arcos do Sardão - Vila Nova de Gaia

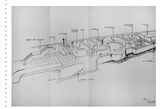


1971 - Reabilitação dos balneários das Termas do Gerês - Avenida Manuel Francisco da Costa



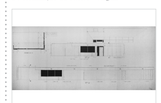
1971 - Estudo para um Prédio de Habitação na Rua do Molhe - Porto

1974 - Banco Borges e Irmão - Rua Sá da Bandeira, Porto



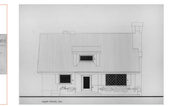
1974/1985 - Bresfor, Indústria do Formol Ldª. - Avenida das Fábricas, Aveiro

1976 - Milnorte S.A.R.L., Instalações para a Metalização de Silício - Régua



1978/1982 - Casa Dr. Álvaro Torres - Rua Soares de Passos nº 92/98, Porto

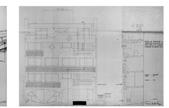
1970 - Casa António Nicolau Almeida - Vila Nova de Gaia



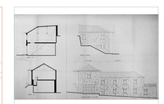
1971 - Piscina no Parque das Termas do Gerês - Rua Eng. José Lagoa Mendes

1972 - Jazigo para a Família Eça de Queirós - Tormes, Baião

1974 - Prédio de Habitação e Comércio - Rua do Teatro, Porto



1975 - Reabilitação do edifício sobre a N 308 - Rua Eng. José Lagoa Mendes - Gerês



1978 - Habitações, Motel e Edifício de Convívio para a Ferrominas - Bairro da Ferrominas, Torre de Moncorvo

1979 - Uma Habitação para Dr. Alberto C. Almeida em Miramar - Vila Nova de Gaia

1971 - Maternidade para Porcos - Castelo Ventoso, Alentejo

1971 - Jazigo para a Família Faya Marinho - Nevogilde, Porto

1972 - Casa Sr. Carlos Ribeiro Figueiredo - Rua Guilherme Braga nº. 48/50, Porto

1974 - Reabilitação da Casa do Parque nas Termas do Gerês - Rua Eng. José Lagoa Mendes

1975/1987 - Pensão para as Termas do Gerês - Estrada Nacional 308-1, Gerês

1978 - Fábrica de Armas de Viana do Castelo - Neiva, Viana do Castelo

1979 - Estudo para uma Fábrica de Aromáticos (Petrogal) na Boa Nova - Porto

1981 - Prédio de Habitação- Rua de Gondarém, Porto

1982 - Casa de Férias para Duarte Nuno

1985/1997 - Recuperação e ampliação da Caixa Geral de Depósitos do Porto- Avenida dos Aliados nº. 128/138, Rua do Bonjardim nº 169

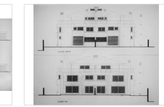
1986/1995 - Reabilitações de Casa no Monte da Fragosa - Montoito, Alentejo

1987 - Hotel nas Termas do Gerês - Avenida Manuel Francisco da Costa, Gerês

1988/2004 - Reabilitação da Casa Severiano Magalhães - Rua António Cardoso nº. 130, Porto

1981/1983 - Caixa Geral de Depósitos de Baião - Rua de Camões nº. 409, Baião

1983 - Duas Casas geminadas na Avenida da Boavista - Porto



1985/1986 - Edifício para Tratamentos nas Termas nos Gerês -Avenida Manuel Francisco da Costa, Gerês

1986 - Casa Fernando Augusto Carvalho - Rua Frei Luís de Sousa, Viana do Castelo - ?

1987 - Hotel nas Termas do Gerês - Avenida Manuel Francisco da Costa, Gerês

1988 - Casa Dr. Alberto Ortigão de Oliveira - Rua Pêro de Alenquer nº. 268, Porto

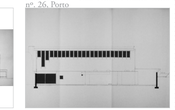
1982 - Laboratório Industrial Fotográfico - Avenida Fontes Pereira de Melo nº. 485/527, Porto

1983/1984 - Banco Borges e Irmão em Cantanhede, Coimbra

1986/1996 - Fundação António Cupertino de Miranda - Avenida da Boavista nº. 4245, Porto

1987 - Reabilitação de uma Casa para Dr. Severiano Magalhães - Quinta da Igreja, Marco de Canaveses

1987/1988 - Centro Médico Diagonóstico Ambulatório - Rua Tenente Mário Grilo nº. 26, Porto



1989 - Uma Habitação para Dr. Alberto C. Almeida - Travessa de Passos nº. 115, Porto

1990 - Casa Maria Pia e C.M Spratley - Rua Cristovão da Gama nº. 84, Porto

1992/1994 - Habitação para D. Maria Augusta Figueiredo - Quinta da Salgueira, Favaios

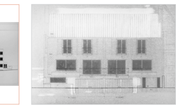
1997 - Projecto de duas invenções para uma Furna Artificial

1990/1993 - Conjunto Habitacional para a 3ª. Idade - Rua Domingos Pinho Brandão nº. 539/583, Porto

1994 - Casa Pedro Borges - Rua Júlio Dantas nº. 21, Porto

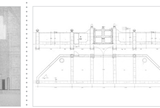
1998 - Estudo de uma Casa para Maria do Carmo

1992 - Duas Casas Geminadas - Rua António Areso nº. 478, Porto



1995 - Estudo para Prédio de Habitação - Campo Alegre, Porto

2001 - Portão para a Quinta do Conde de Ribª de Ave - Famalicão



2007/2008 - Estudo para uma Casa Quadrada

	PROJECTOS E OBRAS	ANO	DESENHOS RIGOROSOS - DIG.	DESENHOS RIGOROSOS - FOT.	ESQUISSOS	FOTO
01	Casa de campo (primeiro projecto com 19 anos)	1943		X		
02	Casa Achiles de Brito na Beira Douro, Avenida Clube de Caçadores nº. 3536, Gondomar	1948	X	X	X	
03	Casa Dr. Fernando Martins Barbosa, Rua de Feliciano de Castilho nº. 95, Porto	1949		X		
04	Centro de Assistência Social para as Minas do Pejão, Avenida Jean Tyssen nº. 592, Castelo de Paiva	1950/1952	X	X		
05	Uma Casa de Férias no "montado" Alentejano, Alentejo	1951	X			
06	Posto de Abastecimento, Lugar da Vitória, Estrada Nacional 14, Vila Nova de Famalicão (co-autoria de Fernando Távora)	1952		X		
07	Exposição Comemorativa do 1º Centenário da Vila de Matosinhos promovida pela Câmara Municipal de Matosinhos (co-autoria de Fernando Távora)	1953				
08	Loja da Quinta da Avenida, Rua dos Clérigos, Porto	1954	X			
09	Casa para os Chefes de Serviço das Minas do Pejão, Castelo de Paiva	1954		X		
10	Estação de Passageiros no Porto de Leixões, Avenida Antunes Guimarães, Matosinhos (co-autoria de Fernando Távora ??)	1955/1960	X	X		
11	Plano Geral do Porto de Leixões, Matosinhos (co-autoria de Fernando Távora)	1955/ ?	X			
12	Comandos da Ponte Móvel do Porto de Leixões, Matosinhos	1955/1959	X			
13	Concurso de projectos para o Monumento ao Infante D. Henrique, Fortaleza de Sagres, Sagres (co-autoria de Fernando Távora)	1956	X	X	X	
14	Posto de Turismo de Matosinhos, Mercado de Matosinhos, Matosinhos	1956				
15	Habitação do arquitecto Francisco Figueiredo, Rua de Fez nº. 153, Porto	1957/1959	X	X	X	
16	Edifício de 1957	1957	X			
17	Casa Alfredo Allen, Rua António Patrício nº 165, Porto	1957	X	X		
18	Prédio de Habitação, Rua António Patricio nº. 92, Porto	1958	X	X	X	
19	Concurso para o Pavilhão de Portugal em Bruxelas, Exposição Internacional e Universal de 1958	1958	X	X		
20	Herdade da Amoreira, Viana do Alentejo, Alentejo	1960		X		
21	Ampliação de uma Habitação para Edgar Brunner, Avenida do Marechal Gomes da Costa nº. 1009, Porto	1960				
22	Concurso para um Centro Comercial em Cedofeita, Porto	1961		X		
23	Torre de Escritórios e Armazéns para a Doca nº. 2 do Porto de Leixões, Matosinhos	1961	X	X		
24	Elevadores e Escadas para a Ponte Móvel do Porto de Leixões, Matosinhos	1962	X	X		
25	Casa para Rui Neto, Avenida da Boavista, Porto	1962/1965	X	X	X	
26	Estudo para uma Casa na Rua de Fez, Porto	1963		X		
27	Duas Casas Geminadas na Estrada da Circunvalação nº 13590, Porto	1964		X		
28	Construção de Prédio para a Santa Casa da Misericórdia do Porto, Rua de Cedofeita nº. 21, 23, 25, 27, 31, 35, Porto					
29	Vedação da Doca nº. 2 do Porto de Leixões, Matosinhos	1965	X	X		
30	Reabilitação de uma Casa no Campo Alegre, Porto	1965	X	X		
31	Concurso para a Reabilitação do Banco de Portugal em Évora	1965		X	X	
32	Fábrica de Malhas do Ameal, S.A.R.L., Rua do Amial, Porto	1966/1967		X		
33	Prédio de Habitação, Rua do Visconde de Setúbal nº 242/250, Porto	1967	X	X		
34	Prédio de Habitação, Rua do Almada, Porto	1967/1970		X		
35	Reabilitação da Casa Mr. Robin A. Reide, Rua Afonso de Albuquerque nº 27, Porto	1967/1969		X		
36	Prédio de Habitação, Rua Marechal Saldanha nº. 319/337, Porto	1968	X	X		
37	Projecto de ampliação do Hospital da O. do Terço e Caridade, Porto	1968	X	X		
38	Casa Rui Moreira, Rua de Cabo Verdenº. 94, Porto	1969	X	X	X	
39	Plano de Urbanização para um terreno situado na Boavista (entre as Ruas Pedro Hispano, Tenente Valadim e João de Deus)	1969	X	X	X	
40	Casa Francisco Miranda, Avenida Bela Vista nº. 184, Leça do Balio, Matosinhos	1969/1970		X		
41	Instalações Fabris de Tecnogravura em Arcos do Sardão, Vila Nova de Gaia	1970		X		
42	Casa António Nicolau de Almeida,Vila Nova de Gaia	1970		X	X	
43	Maternidade para Porcos, Castelo Ventoso, Alentejo	1971	X	X	X	
44	Reabilitação dos balneários das Termas do Gerês, Avenida Manuel Francisco da Costa, Gerês	1971		X		
45	Piscina no Parque das Termas do Gerês, Rua Eng. José Lagrifa Mendes, Gerês	1971	X	X		
46	Jazigo para a Família Faya Marinho, Nevogilde, Porto	1971		X	X	
47	Estudo para um Prédio de Habitação na Rua do Molhe, Porto	1971	X	X	X	
48	Jazigo para a Família Eça de Queirós ,Tormes, Baião	1972		X		
49	Casa Sr. Carlos Ribeiro Figueiredo, Rua Guilherme Braga nº48/50, Porto	1972	X	X		
50	Banco Borges e Irmão, Rua Sá da Bandeira, Porto	1974		X		
51	Prédio de Habitação e Comércio, Rua do Teatro, Porto	1974		X	X	
52	Reabilitação da Casa do Parque nas Termas do Gerês, Rua Eng. José Lagrifa Mendes, Gerês	1974		X		
53	Bresfor, Indústria do Formol Lda., Avenida das Fábricas, Aveiro	1974/1985	X	X	X	
54	Reabilitação do edifício sobre a N 308, Rua Eng. José Lagrifa Mendes, Gerês	1975		X		
55	Pensão para as Termas do Gerês, Estrada Nacional 308-1, Gerês	1975/1987		X	X	
56	Milnorte S.A.R.L., Instalações para a Metalização de Silício, Régua	1976		X		
57	Habitações, Motel e Edifício de Convívio para a Ferrominas, Bairro da Ferrominas, Torre de Moncorvo	1978	X	X	X	
58	Fábrica de Armas de Viana do Castelo, Neiva, Viana do Castelo	1978	X	X		
59	Casa Dr. Álvaro Torres, Rua Soares de Passos nº 92/98, Porto	1978/1982	X	X	X	
60	Uma Habitação para Dr. Alberto C. Almeida em Miramar, Vila Nova de Gaia	1979	X	X	X	
61	Estudo para uma Fábrica de Aromáticos (Petrogal) na Boa Nova - Porto	1979		X		
62	Prédio de Habitação, Rua de Gondarém, Porto	1981	X	X		
63	Caixa Geral de Depósitos de Baião, Rua de Camões nº. 409, Baião	1981/1983	X	X	X	
64	Laboratório Industrial Fotográfico, Avenida Fontes Pereira de Melo nº. 485/527, Porto	1982	X	X		
65	Casa de Férias para Duarte Nuno	1982	X	X		
66	Duas Casas geminadas na Avenida da Boavista, Porto	1983	X	X		
67	Banco Borges e Irmão em Cantanhede, Coimbra	1983/1984		X		
68	Recuperação e ampliação da Caixa Geral de Depósitos do Porto, Avenida dos Aliados nº. 128/138, Rua do Bonjardim nº 169	1985/1997	X	X	X	
69	Edifício para Trtamentos nas Termas nos Gerês, Avenida Manuel Francisco da Costa, Gerês	1985/1986	X	X	X	
70	Fundação António Cupertino de Miranda, Avenida da Boavista nº. 4245, Porto	1986/1996	X	X	X	
71	Reabilitações de Casa no Monte da Fragosa, Montoito, Alentejo	1986/1995		X	X	
72	Casa Fernando Augusto Carvalho, Rua Frei Luís de Sousa, Viana do Castelo	1986				
73	Reabilitação de uma Casa para Dr. Severiano Magalhães, Quinta da Igreja, Marco de Canaveses	1987	X	X		
74	Hotel nas Termas do Gerês, Avenida Manuel Francisco da Costa, Gerês	1987	X	X	X	
75	Hotel nas Termas do Gerês - Avenida Manuel Francisco da Costa, Gerês	1987	X	X		
76	Centro Médico Diagonóstico Ambulatório, Rua Tenente Mário Grilo nº. 26, Porto	1987/1988		X	X	
77	Reabilitação da Casa Severiano Magalhães, Rua António Cardoso nº. 130, Porto	1988/2004	X	X	X	
78	Casa Dr. Alberto Ortigão de Oliveira, Rua Pêro de Alenquer nº. 268, Porto	1988	X	X	X	
79	Uma Habitação para Dr. Alberto C. Almeida, Travessa de Passos nº. 115, Porto	1989	X	X	X	
80	Casa Maria Pia e C.M Spratley, Rua Cristovão da Gama nº. 84, Porto	1990		X	X	
81	Conjunto Habitacional para a 3ª. Idade, Rua Domingos Pinho Brandão nº. 539/583, Porto	1990/1993	X	X		
82	Duas Casas Geminadas, Rua António Aroso nº. 478, Porto	1992	X	X		
83	Habitação para D. Maria Augusta Figueiredo, Quinta da Salgueira, Favaios	1992/1994	X	X	X	
84	Casa Pedro Borges, Rua Júlio Dantas nº. 21, Porto	1994	X	X		
85	Estudo para Prédio de Habitação, Campo Alegre, Porto	1995		X	X	
86	Projecto de duas invenções para uma Furna Artificial	1997		X		
87	Estudo de uma Casa para Maria do Carmo	1998		X		
88	Portão para a Quinta do Conde de Riba de Ave, Famalicão	2001	X	X		
89	Estudo para uma Casa Quadrada	2007/2008	X	X		
90	Prédio de Habitação na Rua Conde Avranches nº. 398, Porto	?				
91	Estudo para Duas Casas Geminadas	?		X		
92	Estudo para uma Casa no Algarve para João Vasconcelos e Sá	?	X	X		
93	Estudo para Casas Geminadas no gaveto da Rua de Fez, Porto	?		X	X	
94	Estudo de uma Casa para Lia Krhon	?	X	X		
95	Estudo para a Reabilitação Empresa de Pesca de Aveiro (EPA)	?		X		
96	Casa Sr. Roberto Guedes, Rua Vilarinha, Porto	?		X		
97	Estudo para Prédio de Habitaçãono Campo Alegre, Porto	?	X			
98	Estudo para Moradias na Herdade da Maceda, Valongo	?	X			
99	Estudo para um Restaurante	?	X	X		
100	Estudo de uma Casa para a Neta Pia	?	X		X	

GRAFIAS - DIG.	FOTOGRAFIAS - ATUAIS	FOTOGRAFIAS - MAQUETE	REFERÊNCIAS	MEMÓRIA DESCRITIVA	FELICITAÇÕES	ARTIGOS DO JORNAL	ARTIGOS REVISTAS	LIVROS	CONSTRUÍDO	NÃO CONSTRUÍDO	DEMOLIDO	ATUAL	OBSERVAÇÕES
										X			
									X			Habitação	
									X			Habitação	
									X			Centro de Saúde de Oliveira do Arda	
										X			
													não encontrado
X								X					
													não encontrado
						X							não encontrado
X									X			Património Arquitetónico	
				X					X				
X				X					X		X		
		X						X					não ganharam o concurso
								X	X				
X	X								X			Habitação	
													sem localização
X				X					X			Habitação	
X				X					X			Habitação	
				X			X						não ganhou o concurso
													não encontrado
				X									consta na lista de projectos do arq. na C.M.P
													não ganhou o concurso
				X						X			
X				X						X			
X	X			X					X		X	2 Casas Geminadas	
													não encontrado
X									X			Habitação	
													consta na lista de projectos do arq. na C.M.P
				X					X			Vedação do Porto de Leixões	
													não encontrado
X				X									
										X			os desenhos não coincidem com o que existe actualmente
X										X			os desenhos não coincidem com o que existe actualmente
													não encontrado
				X					X			Habitação	
				X					X			Habitação	
				X						X			
									X			Habitação	
		X		X						X			
				X					X			Habitação	
				X									os desenhos não coincidem com o que existe actualmente
				X									não encontrado
X			X	X									não encontrado
X									X			Balneário - Empresa das Águas do Gerês, S.A	
X									X			Águas do Gerês, Hotel, Termas e Spa	
				X									
										X			
				X						X			
				X					X			Habitação	
X													não encontrado
				X						X			
X													não encontrado
X				X					X			Industria do Formol, S.A	
				X						X			
				X						X			
X									X			Desactivado	
				X					X			Desactivado	só foram construídas as Habitações
									X			Browning Viana	
X				X					X			Habitação	
													não encontrado
				X						X			
X				X						X			
									X			Caixa Geral de Depósitos	
X									X			IMT | Comando desntital de operações de socorro do Porto	
													sem localização
				X									não encontrado
				X									não encontrado
				X					X			Caixa Geral de Depósitos	
				X						X			
X			X	X	X	X			X			Fundação Antónia Cupertino de Miranda	
X													não encontrado
				X									informações apenas sobre o saneamento
X				X					X				
X			X	X						X			
										X			
X				X					X			Edifício de Comércio e Escritórios	
X				X					X			Habitação	
X				X					X			Habitação	
X				X					X			Habitação	
				X					X			Habitação	
X				X					X			Habitação	
										X			
										X			sem localização
													sem localização
X				X					X				
		X								X			sem localização
	X								X				não consta no arquivo de Francisco Figueiredo
													sem localização
													não encontrado
													sem localização
													sem localização

Processo de inventariação no escritório de Francisco Figueiredo
Registo fotográfico a 29 de Novembro de 2019.

3| Francisco Figueiredo
Projectos e Obras

Mesa de trabalho no escritório do arquitecto Francisco Figueiredo
Registo fotográfico da autora a 27 de Fevereiro de 2020.

1| **Casa Dr. Fernando Martins Barbosa, 1949**
Rua de Feliciano de Castilho, nº. 95 - Porto

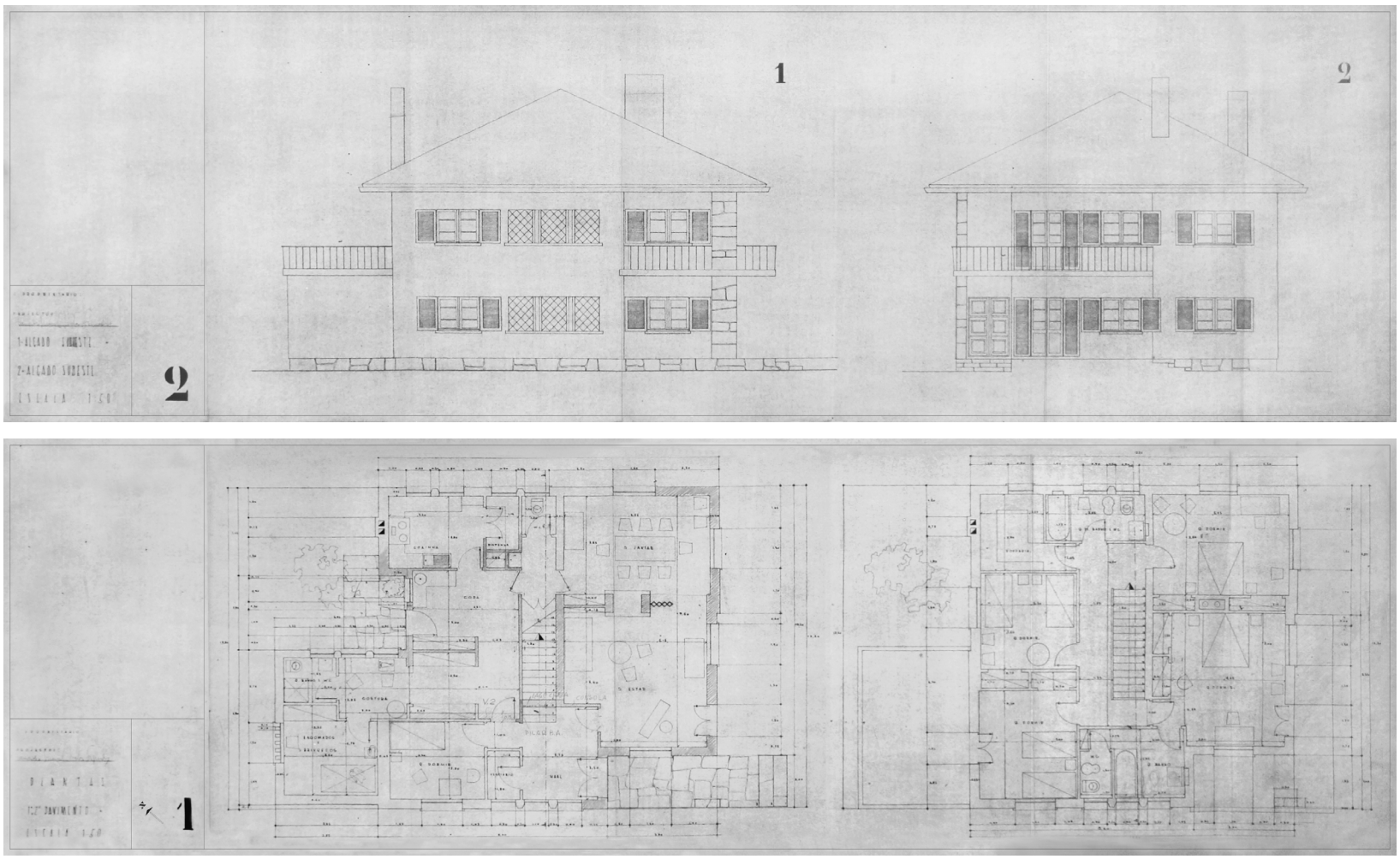
A Casa Fernando Martins Barbosa (1949), constitui a primeira obra construída do arquitecto após terminar o curso de arquitectura na Escola de Belas Artes do Porto (1948), sendo ainda anterior à apresentação da prova de CODA (1951).

O programa desta casa unifamiliar, cujo lote é delimitado a norte pela Rua Feliciano de Castilho e a sul pela Rua Felicidade Brown, desenvolve-se num desenho de planta quadrada, com telhado de quatro águas, onde as diferentes áreas são distribuídas por dois pisos, unidos por uma escada a tiro. No rés-do-chão, desenha-se a zona comum e a zona de serviço da casa - hall; sala de estar; sala de jantar; cozinha; lavandaria - e no primeiro andar, a área mais privada - quartos.

Nas plantas podemos observar, que os espaços de circulação e distribuição resumem-se ao essencial, e a escada começa já aqui a assumir um papel dominante, que muitas vezes lhe será destinado. A escada, situada a meio do quadrado, permite em planta a articulação controlada entre a área nobre e a área serviço. Através dela, organiza-se a casa de forma a relacionar as áreas de estar voltadas para a rua, com a exposição a sul, e as áreas de serviço para as traseiras, orientadas a norte.

A entrada principal, desenhada a sul pela Rua Felicidade Brown, é delimitada por um atalho pavimentado e coberta pela varanda do quarto principal. Este espaço de acesso, demarcado pelo pavimento em pedra, abre-se para o hall de entrada de planta quadrada. O desenho de um vestiário permite que a escada não se sinta como um elemento central, garantindo também que o acesso ao quarto de hóspedes e à área de serviço seja resguardado. É interessante notar que a sala de estar e a sala de jantar relacionam-se através do desenho de uma lareira, situação que vai ser constantemente repetida em projectos posteriores.

Este projecto, assenta na divisão das áreas públicas e privadas através da secção, enquanto que em planta, a organização do programa é resolvida na forma de um quadrado, em torno de uma escada central.



Alçado sudoeste e sudeste, e planta do 1º. e 2º. piso do projecto "Casa Dr. Fernando Martins Barbosa"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

2| Centro de Assistência Social para as Minas do Pejão, 1950/1952

Avenida Jean Tyssen nº. 592 - Castelo de Paiva

Localizadas na margem sul do Rio Douro, as Minas do Pejão, no concelho de Castelo de Paiva, contaram com mais de um século de actividade. Encerraram em 1994, e durante o seu período de funcionamento foram a maior fonte empregadora da região. Num território estruturado pelo rio e pela linha de caminho de ferro, a empresa Carbonífera do Douro, com a administração de Jean Tyssen, procurou fazer melhorias de carácter social no Couto Mineiro do Pejão, devido às debilidades sociais que a população apresentava a nível da habitação, saúde e educação[30]. Assim, ainda antes da apresentação da prova de CODA, Francisco Figueiredo recebe a encomenda para o Centro de Assistência Social das Minas do Pejão.

Inaugurado em 1952, o projecto, actual Centro de Saúde de Oliveira do Arda, veio colmatar a carência de um espaço fundamental, dada a profissão de risco da grande parte da população.

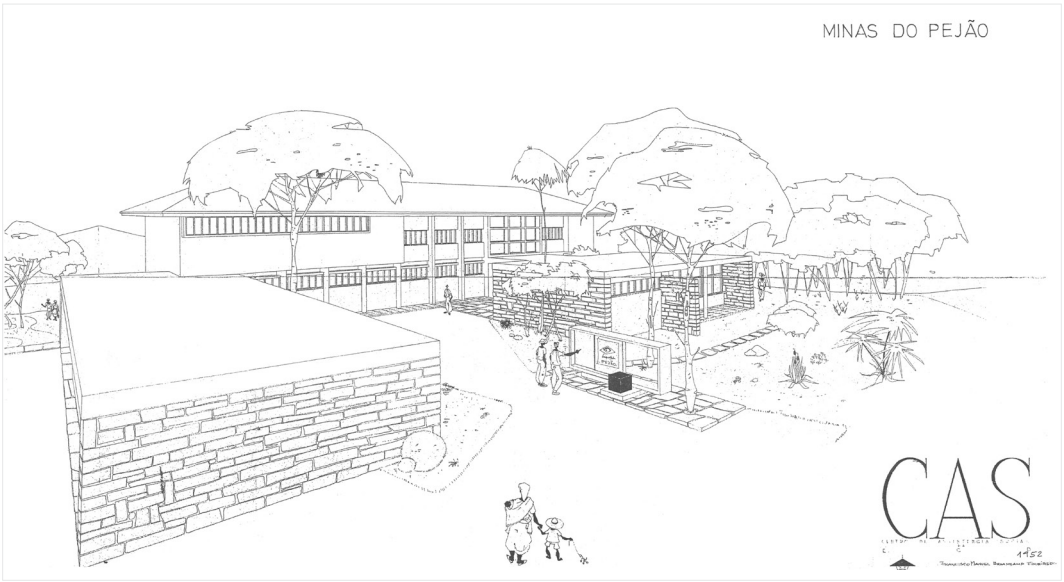
O vasto programa do edifício assenta no desenho de uma grande barra com três pisos, paralela à avenida Jean Tyssen, com a ligação a dois corpos paralelos entre si e perpendiculares ao anterior. O volume paralelo visa resolver a transição de cotas entre as ruas através dos dois primeiros pisos. O piso dois à cota alta, corresponde à entrada principal do edifício pela Avenida Jean Tyssen, e o piso um, semienterrado à cota baixa, garante o acesso a partir da Rua Corredoura. No piso dois, desenha-se o espaço de entrada acompanhado pelos escritórios, a farmácia, espaços de análises, puericultura, assistência maternal com enfermaria privativa, os serviços de urgência com posto de socorros, enfermaria para sinistrados no trabalho e uma sala de raio X. No piso um, desenham-se os programas secundários, de serviço, como a cozinha e refeitório, rouparia e lavandaria, câmara frigorifica e o salão em anfiteatro para conferências. O terceiro piso é dedicado aos consultórios médicos, salas de microrradiografia, raios X e diatermia, o laboratório e a enfermaria[31].

A composição da fachada, assente na resolução de vários problemas construtivos, salienta de forma gradual a estrutura do edifício. Esta, manifesta-se através da relação entre pilar e viga, que segundo uma lógica de modelação encontrada, concede ritmo e verticalidade à fachada.

O emprego da pedra nas paredes dos edifícios perpendiculares ao corpo principal, e nos muros de suporte da terra à cota baixa que se prolongam na horizontal ao longo do piso um, confere, na relação com os pilares, as vigas e as superfícies de vidro, uma harmonia na composição visual do conjunto.

[30] Renata Santos. *História das Minas do Pejão*, 2001. Banda de Música dos Mineiros do Pejão. [Consultado a 25 de Agosto de 2020]. Acedido em «http://www.bandadopejao.com/minas.html».

[31] "O subsecretário do comércio visitou hoje as minas do Pejão onde foram inaugurados melhoramentos técnicos e de carácter social", *in Diário de Lisboa*, ano 32, nº 10741, 26 de Outubro de 1952, pág. 1/2. Fundação Mário Soares/DRR - Documentos Ruella Ramos. [Consultado a 19 de Outubro de 2020]. Acedido em «http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=06336.057.13456»



Perspectiva do projecto "Centro de Assistência Social para as Minas do Pejão"
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

3| **Uma Casa de Férias (CODA), 1951**
"montado alentejano" - Alentejo

Em 1951, depois de ter já concluído o projecto da "Casa Achiles de Brito" e da "Casa Dr. Fernando Martins Barbosa", e de estar no processo de construção do "Centro de Assistência Social para as Minas do Pejão", Francisco Figueiredo, apresenta a prova de CODA com o programa de uma habitação unifamiliar numa herdade alentejana.

A prova de (CODA), consistia na apresentação de um projecto de arquitectura por cada aluno ao terminar um ciclo de dois anos sob a orientação de um arquitecto diplomado, a defender perante um júri que lhe concederia o diploma de arquitecto. Para Francisco Figueiredo, esta casa não passará de uma prova académica, embora desenvolva, com mais consistência, as ideias manifestadas na memoria descritiva em projectos posteriores.

Sobre o projecto o arquitecto escreve na Memória Descritiva e Justificativa:

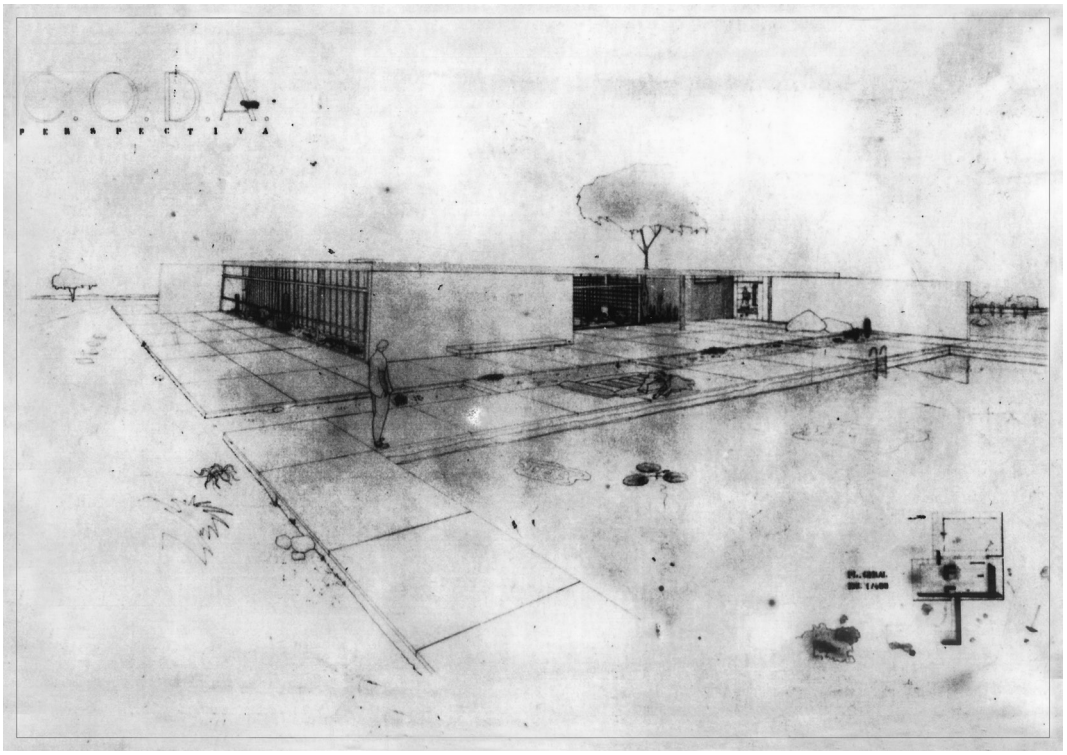
"Ao escolher o tema que deveria apresentar para o Concurso da Obtenção do Diploma de Arquitecto, cheguei à conclusão que o interesse não estava de forma alguma ligado ao volume global da obra, nem tão pouco no encarar de problemas já tão conhecidos, como sejam, a pormenorização das caixilharias, projecto completo de saneamento, distribuição de águas, aquecimento e luz.

O objectivo em vista seria outro; procurar cingir-me unicamente à parte que diz respeito, e cuja responsabilidade é exclusivamente do arquitecto, no que se apresentasse com mais interesse, não me perdendo portanto em determinados aspectos que requerem para perfeito acabamento do projecto a colaboração de técnicos especializados, hoje em dia cada vez mais acentuada.

Estudar (...) materiais pouco conhecidos entre nós (alumínio, ruberoid, etc.), aliada às novas concepções, tendo em vista uma boa distribuição de planta (…), mas que a obra uma vez executada tivesse algum valor sobre o ponto de vista de arquitectura, tal foi em base, o espirito que dominou este meu trabalho.

Sintetizando; seria conceber uma casa com o carácter próprio da nossa época, imensamente cómoda, duma arquitectura transparente e simples, em que os elementos da natureza fizessem parte integrante da construção, desprovida ainda de qualquer influência regionalista, que prejudicasse o interesse superior da comodidade dos seus habitantes. Seria, portanto, a sua missão servir; servir o homem e contribuir para o seu bem-estar. (…) Assim por exemplo: não sendo uma região de boa pedra, afigurou-se-me como melhor solução uma estrutura de cimento armado, formando o esqueleto da cobertura e funcionando ao mesmo tempo completamente independente dos planos verticais em tijolo (exteriores) e das divisões interiores. Será este um exemplo de materiais sem "regionalismo", que podem e devem estar, a meu ver, em qualquer parte onde para isso o exija a comodidade e o bem-estar do homem.

Se o trabalho apresenta propositadas faltas em determinados aspectos técnicos que se não me afiguraram importantes para este concurso, por outro lado foi pensamento dominante aliar



Perspectiva do projecto "Uma Casa de Férias" (CODA)
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

outros aspectos técnicos da construção que me pareceram mais importantes e integrá-los o mais possível dentro do aspecto plástico, não procurando esconde-los, mas antes valoriza-los em harmonia com este último aspecto."[32]

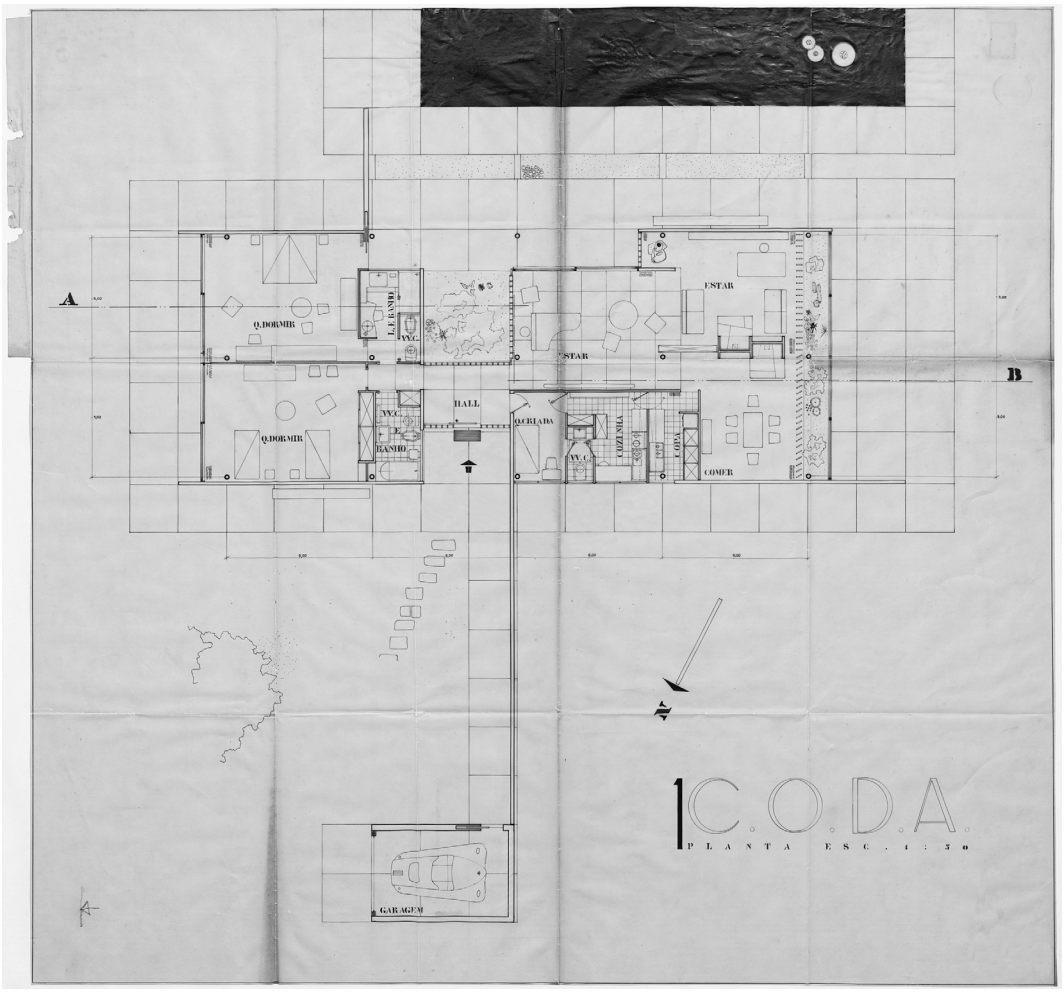
A casa, desenvolve-se num único piso elevado em relação ao terreno, num desenho de planta rectangular com cobertura plana. A zona de viver composta por três sub-zonas - área de estar, área de jantar e área de serviço - e a zona íntima - quartos, encontram-se divididas pelo do hall de entrada. O hall e pátio exterior rasgado por uma grelha de tijolo, articulam as áreas comuns e as áreas mais restritas da casa. Esta grelha permite uma grande transparência do edifício voltada a sul, alargando, à medida que o observador se aproxima da entrada, o campo visual para os contrafortes das Serras Espanholas que seguem no prolongamento da Serra Ossa.

A entrada, a norte, delimitada por um atalho pavimentado e um pano de parede branco que se prolonga até ao espaço de garagem, permite, através da sua localização a meio da planta rectangular, dividir e relacionar as áreas mais nobres da casa com exposição nascente poente, e as áreas de serviço orientadas a norte. A área de estar e de jantar a poente são separadas por um de fogão de sala, e unidas por um jardim interior que se localiza entre o sistema de quebra luzes verticais - que permite a regularização da incidência dos raios solares - e a caixilharia de ferro com vidro duplo. O pano de parede que relaciona a casa com a piscina possibilita que a sala de estar se relacione com o exterior, mantendo, ao mesmo tempo, alguma contenção e privacidade.

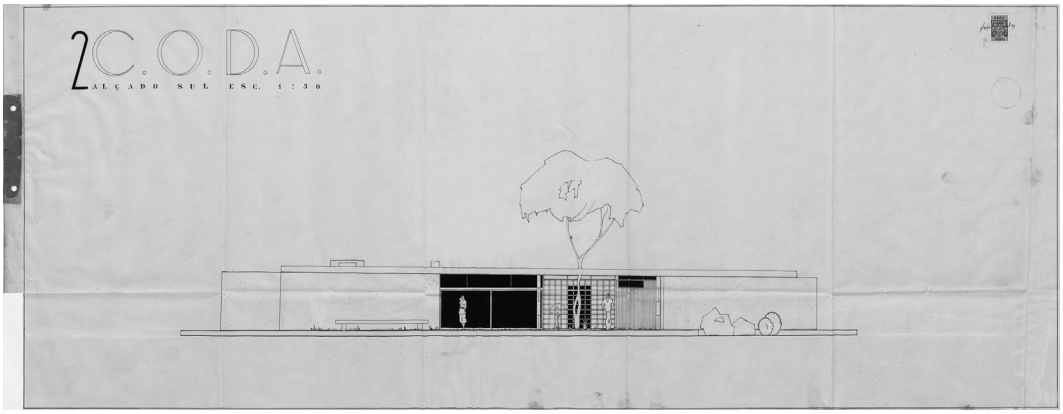
E continua - "Todas as divisórias foram projectadas com grande simplicidade, tendo em mente a leveza, sonorização e beleza plástica (…). Foi intenção dominante separar, quaisquer outros elementos da estrutura resistente, para que desta forma, cada elemento trabalhasse independentemente por razões construtivas do comportamento dos materiais, dando verdade ao aspecto plástico, e formando no fim um todo harmonioso. No que respeita ao partido plástico houve grande preocupação na pureza das linhas arquitectónicas. Ao observador que contempla duma maneira geral o "monte" alentejano uma coisa lhe fere a sensibilidade acima de tudo: a grande simplicidade e pureza de enormes planos completamente brancos, estendendo-se no sentido horizontal quase como rastejando, e enquadrando-se admiravelmente nessa "charneca". Foi, portanto, nesse sentido que procurei o partido plástico. Uma estrutura independente em cimento armado e grandes planos brancos como que soltando-se da própria construção. Além de se enquadrarem neste último aspecto eles estão de tal forma colocados que protegerão determinadas zonas dos ventos dominantes, ou seja, do quadrante Nordeste.

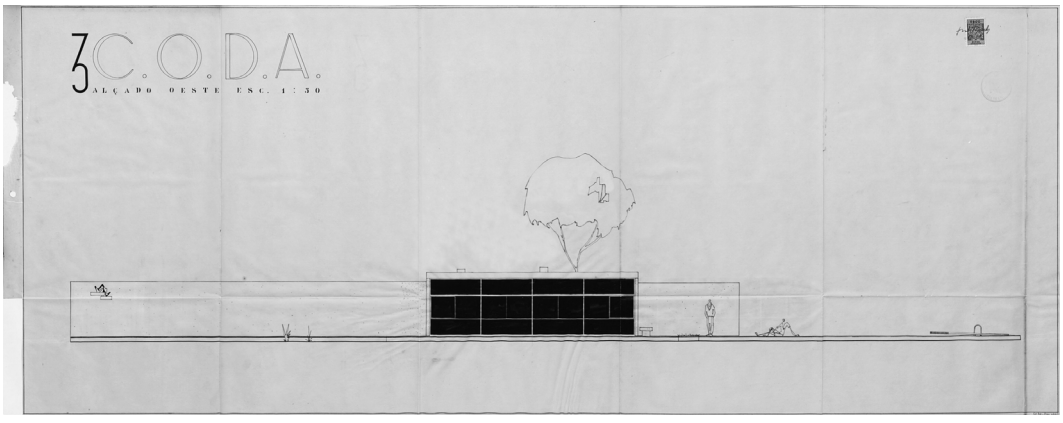
Foram estes os problemas que tive de encarar. Construir com bons e sólidos materiais, marcar uma separação nítida das zonas, dentro dum funcionamento lógico, separação esta nítida e absoluta da zona intima com as zonas de estar e de serviço (…)."[33]

[32] Francisco Figueiredo, Memória Descritiva e Justificativa do projecto "Uma Casa de Férias", 25 de Maio de 1951, *in* Francisco Matos Figueiredo. *Uma Casa de Férias*, 1951. Repositório Temático da Universidade do Porto. [Consultado a 15 de Outubro de 2020]. Acedido em «https://hdl.handle.net/10405/48374». pág. 1/5.
[33] *Ibidem*.

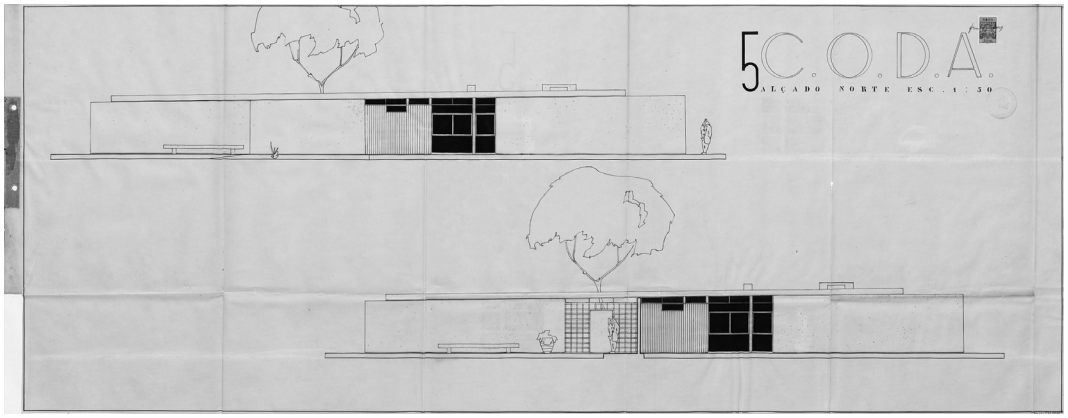


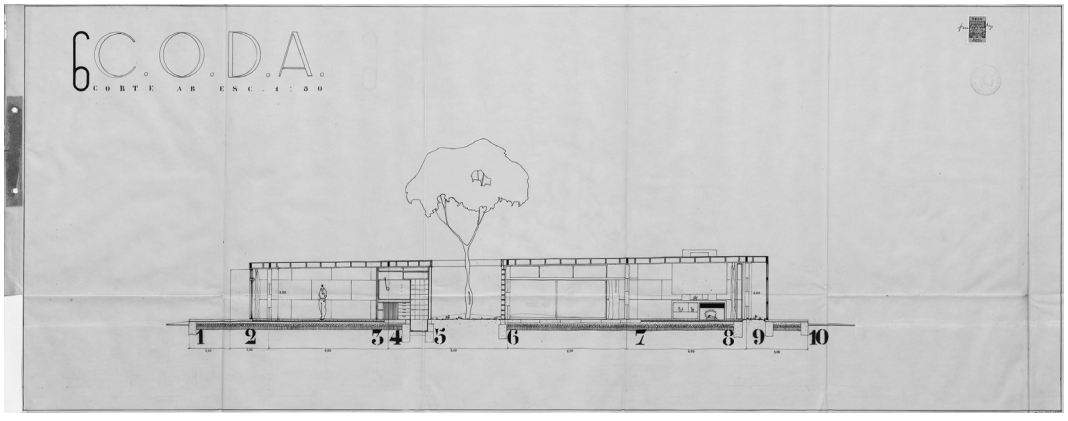
Planta do projecto "Uma Casa de Férias" (CODA)
Documento obtido em Repositório Temático da Universidade do Porto «https://hdl.handle.net/10405/48374».





Alçado sul e oeste do projecto "Uma Casa de Férias" (CODA)
Documentos obtidos em Repositório Temático da Universidade do Porto «https://hdl.handle.net/10405/48374».





Alçado norte e corte longitudinal do projecto "Uma Casa de Férias" (CODA)
Documentos obtidos em Repositório Temático da Universidade do Porto «https://hdl.handle.net/10405/48374».

4| **Estação de Passageiros no Porto de Leixões, 1955/1960**
Avenida Antunes Guimarães - Matosinhos

"Naquele tempo, enquanto estudantes solidários e empenhados na nossa formação, andávamos em grupos à procura dos sinais de mudança, olhando as novidades anunciadas, rabiscando em esquissos as obras que pressentíamos como intervenções qualificadas. No eixo de Matosinhos em Leça da Palmeira, pelas periferias do Porto, íamos ficando extasiados com as inúmeras descobertas que anunciavam outros entendimentos da arquitectura, que curiosamente pareciam ficar discretamente encobertos na malha extensa da grande cidade. Esse foi o caso da Gare de Passageiros do Porto de Leixões, uma grande estrutura de madeira discretamente encaixada na linha dos armazéns de mercadorias, junto ao cais dos navios de carreira. Projectada por Francisco Figueiredo, discreto arquitecto companheiro de Távora, revelava uma desenvoltura no tratamento do grande espaço interior de uso colectivo, só comparável com a delicadeza da resolução técnica dos mais complexos problemas construtivos, que nos pareciam ser uma das chaves do encanto provocado por aquela arquitectura.

Nunca tive o gosto de conviver pessoalmente com Tito Figueiredo, nem conheci outras obras do seu cuidado lavor, mas a Gare de Leixões, constitui marca indelével de uma arquitectura assente no estudo da cultura construtiva, apoiando o pensamento criativo no acto de revolucionário entendimento do espaço necessário aos novos usos." [34]

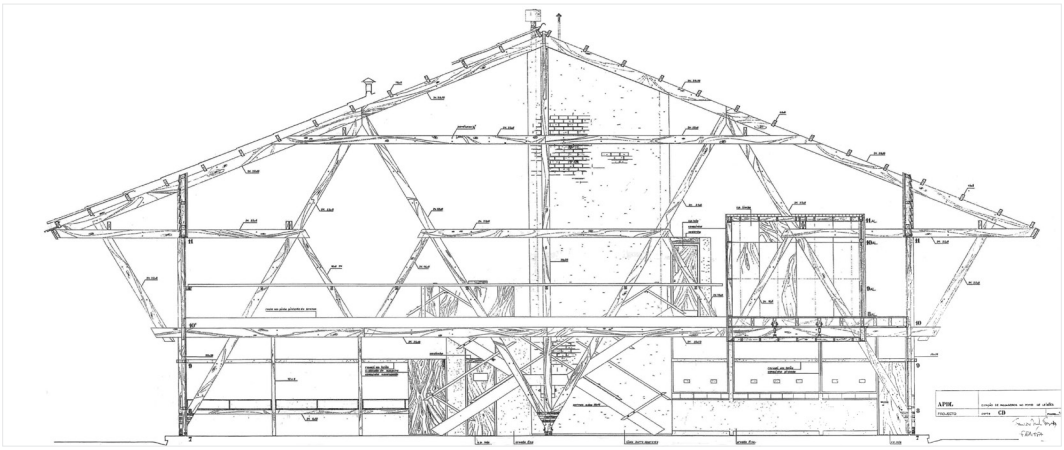
O edifício da Estação de Passageiros do Porto de Leixões, é considerado património arquitectónico e histórico da cidade de Matosinhos.

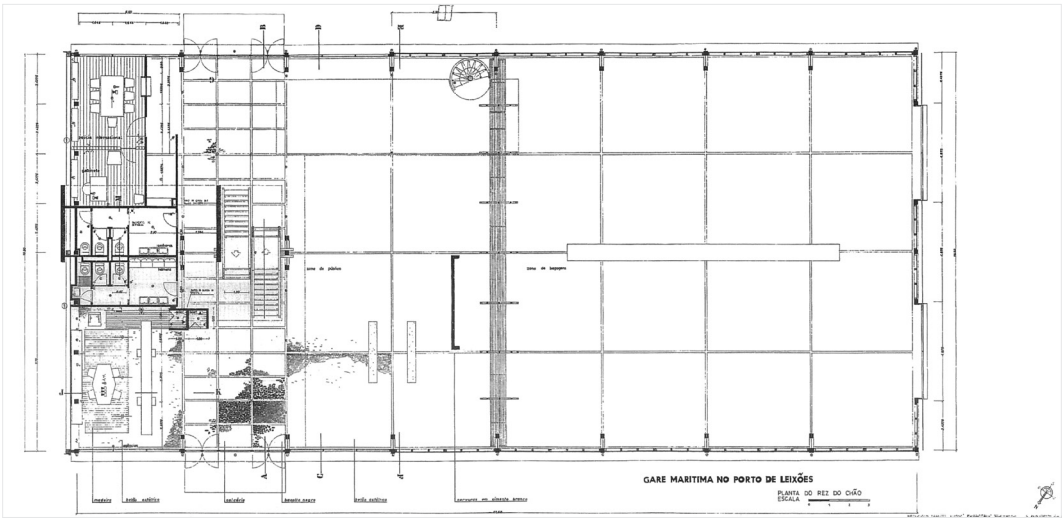
Já no "Plano Geral de Ampliação do Porto Comercial de Leixões" de Março de 1955 se lia na memória descritiva, "Quanto à zona dos passageiros convém sempre tê-la numa das extremidades do porto para não ser atravessada pelas correntes de trânsito ferroviário e rodoviário, em situação que permita ao navio (geralmente grande) manobra fácil de saída a favor do vento reinante e, se possível, na zona mais limpa, portanto a barlavento das restantes instalações em relação aos ventos reinantes. O local que reúne todas estas condições é a extremidade ocidental do cais norte, onde além disso, há, para além do cais, espaço disponível para estacionamento de grande número de automóveis que teria menos interesse para armazenagem de mercadorias do que os outros terraplenos do porto."[35]

O desenho da planta, um rectângulo formado por dois quadrados iguais, permite a observação de duas áreas funcionalmente distintas, articuladas pelo balcão de verificação: a zona de passageiros e a zona de bagagens. A zona de passageiros é composta por três sub-zonas, uma zona de prestação de serviços, uma zona de espera e de acesso ao balcão de verificação, e a zona de serviços da Alfândega. A zona de prestação de

[34] Domingos Tavares. *Memórias de Domingos Tavares - FAUP,* 2012. [Consultado a 31 de Agosto de 2020]. Acedido em «https://tv.up.pt/videos/trb6ftia».

[35] Francisco Figueiredo e Fernando Távora, Memória Descritiva e Justificativa do "Plano Geral de Ampliação do Porto Comercial de Leixões", *in Plano Geral do Porto de Leixões*, 15 de Março de 1955, consultado no acervo do arquitecto Fernando Távora, na Fundação Instituto Marques da Silva, pág. 12.





Corte transversal e planta do 1.º piso do projecto "Estação de Passageiros no Porto de Leixões"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

serviços constitui o desenho de duas escadas rectas unidas pelos patamares, que fazem a divisão em secção, da zona de entrada e de serviços da Policia Internacional e da Junta de Emigração no primeiro piso, das salas da primeira, segunda e terceira classes e dos serviços de cozinha e copa do segundo piso. Em planta, a escada permite no primeiro piso, a separação das duas entradas do edifício, uma a norte junto à Avenida Antunes de Guimarães e uma a sul na relação com o cais de navios destinada ao embarque e desembarque de passageiros, e no segundo piso, a partição dos espaços de estar e de refeições da 3ª classe a sul e da 1ª e 2ª classes a norte. Os serviços da Alfândega, uma caixa de madeira posicionada a norte ao nível do segundo piso da zona de passageiros, pela qual tem acesso, constituem como que um corpo de ligação entre esta zona e a zona de bagagens com a qual comunicam por meio de uma escada de caracol. Este corpo integra um gabinete reservado, uma secretaria, uma arrecadação e um vestiário.

A estrutura da cobertura de duas águas, feita em asnas de madeira, detém uma forte presença na definição do espaço interior. Espacialmente, o arquitecto reduz as paredes e divisões interiores ao essencial, assegurando apenas o necessário à funcionalidade e estabilidade do programa estabelecido.

Sobre o projecto escreve-se na Memória Descritiva e Justificava:

"O presente projecto foi elaborado na base do anteprojecto apresentado à A.P.D.L. (...) Manter-se-ão no edifício novo os mesmo materiais e processos que foram utilizados na construção dos armazéns já existentes: fundações em betão ciclópico, estrutura e revestimento de paredes em madeira de pinho, cobertura em fibrocimento.

Aparte as paredes que limitam o corpo das instalações sanitárias, cozinha, copa e os gabinetes da Policia Internacional e da Junta de Emigração as quais serão construídas em tijolo e o pavimento da cozinha, copa e instalações sanitárias do 2º piso que será construído em betão armado, a estrutura dos pavimentos elevados e das divisórias interiores será construída em madeira de pinho. A madeira será, aliás, o elemento preponderável em toda a construção sendo igualmente utilizadas em revestimentos (…). As caixilharias e portas exteriores serão em madeira de tola; no mobiliário fixo estão previstas madeiras de pau cetim e de sucupira.

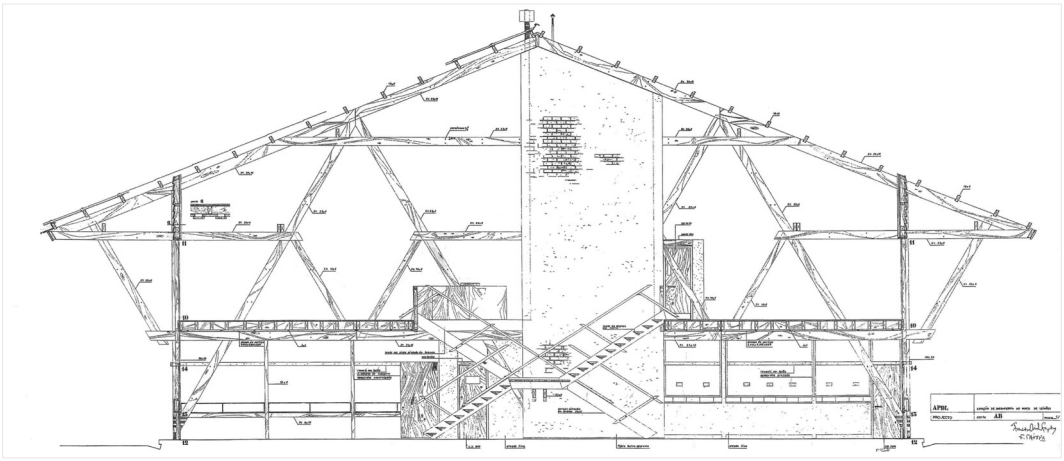
A solução que consta do projecto apresentado provocará certamente, uma harmonia na organização do espaço interior da Estação de Passageiros.

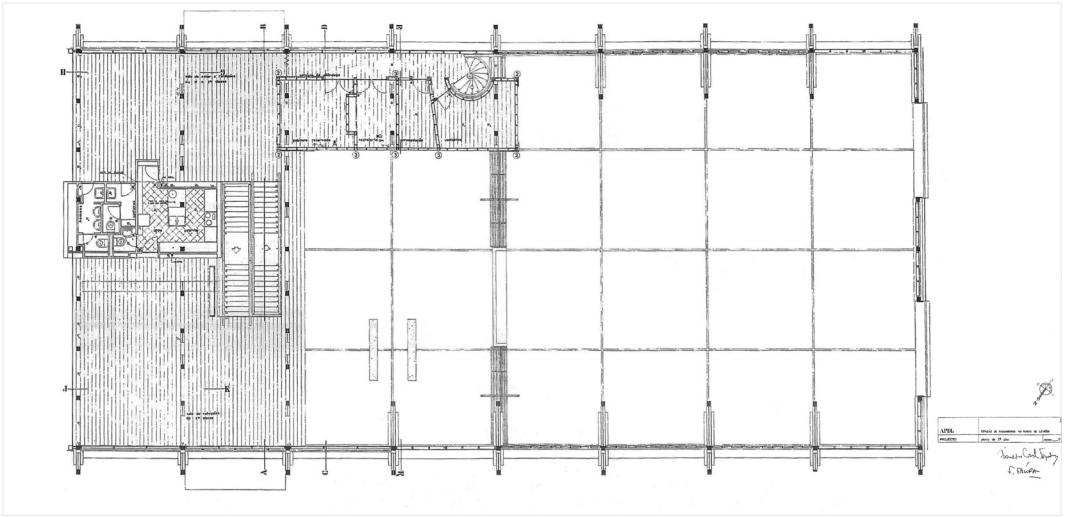
A criação de um segundo piso tem, para além das vantagens de ordem funcional, a vantagem de criar um ambiente de volume mais limitado em contraste com o volume de parte da zona de passageiros e da zona de bagagens.

Uma atenção especial foi dada à natureza das madeiras, sua cor e textura que, dum modo geral, conservarão toda a sua expressão natural."[36]

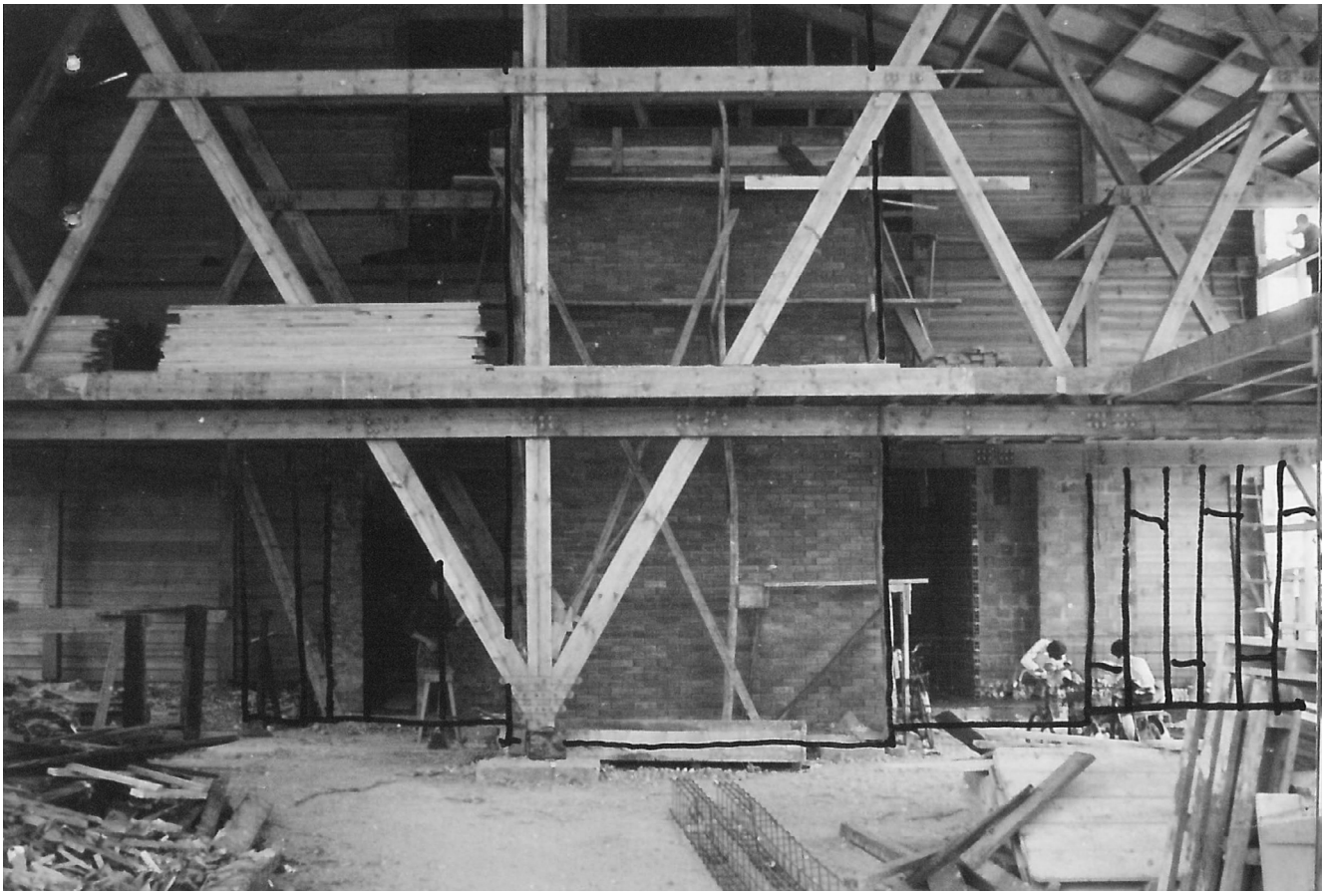
Damos nota, no último capítulo, *Francisco Figueiredo: um percurso sensitivamente plural*, para algumas considerações sobre a autoria deste projecto.

[36] Francisco Figueiredo e Fernando Távora, Memória Descritiva e Justificativa do projecto "Estação de Passageiros no Porto de Leixões", 05 de Abril de 1955, consultado no arquivo da Administração dos Portos do Douro e Leixões, pág. 1/4.

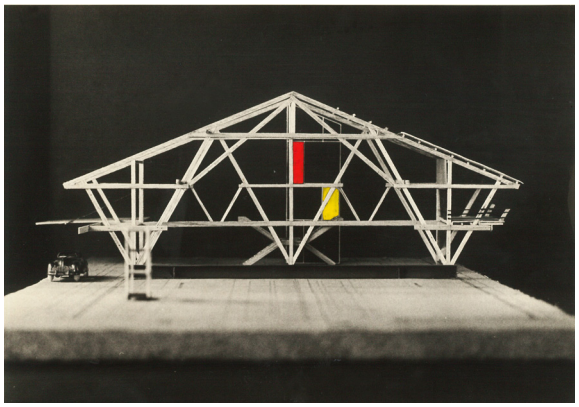


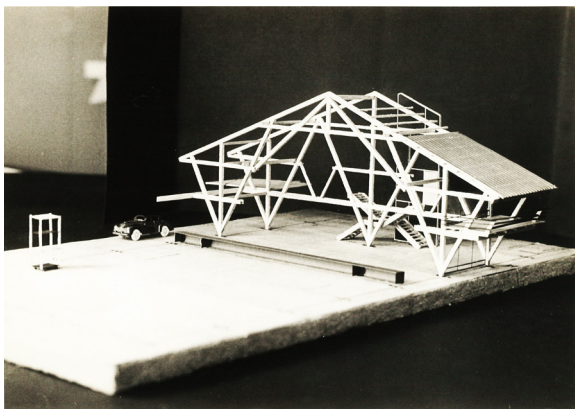


Corte transversal e planta do 2.º piso do projecto "Estação de Passageiros no Porto de Leixões"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



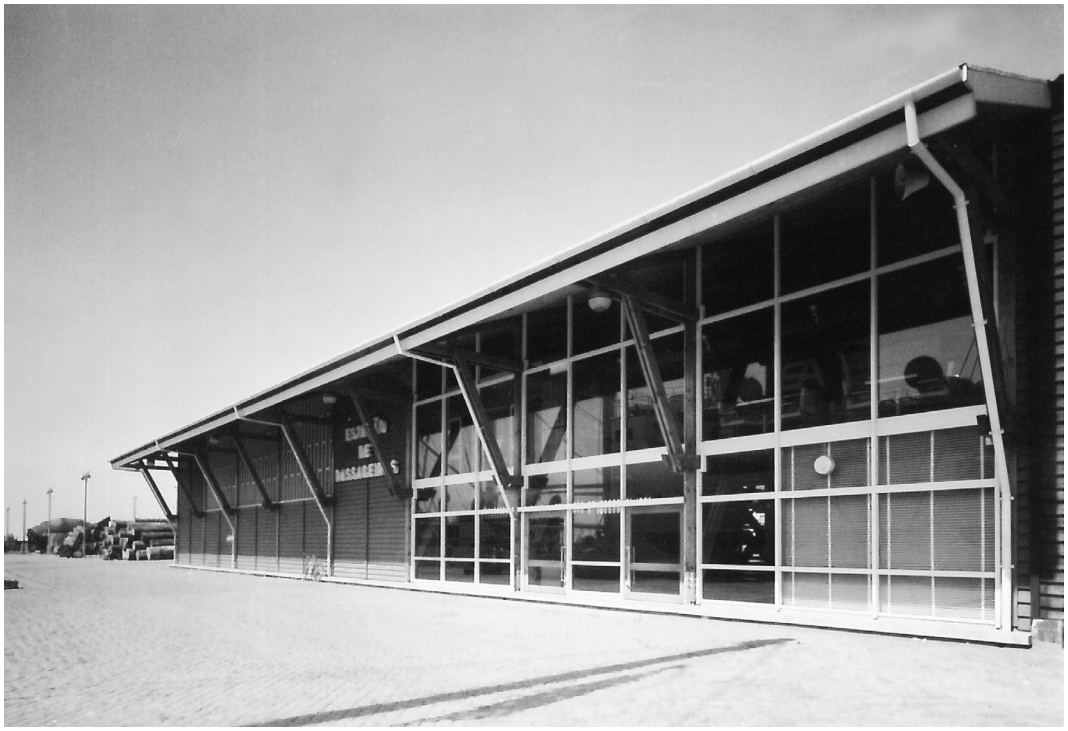
Fotografia de época da fase de construção da Estação de Passageiros do Porto de Leixões
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

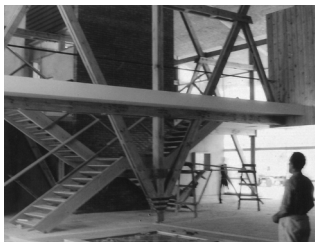


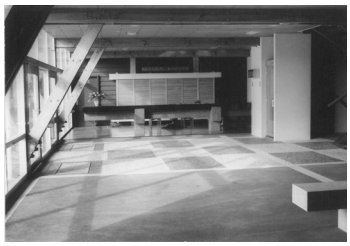


Fotografias de época da maqueta do projecto "Estação de Passageiros no Porto de Leixões"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

Fotografias de época do exterior e interior da Estação de Passageiros do Porto de Leixões
Documentos cedidos pela Administração dos Portos do Douro e Leixões.







Fotografias de época do exterior e interior da Estação de Passageiros do Porto de Leixões
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

5| **Comandos da Ponte Móvel do Porto de Leixões, 1955/1959**
Porto de Leixões - Matosinhos

Com a ampliação das estruturas portuárias do Portos de Leixões ao longo do vale do Rio Leça, que acompanharam ao longo dos anos o crescente desenvolvimento da articulação entre o tráfego portuário, rodoviário e ferroviário, foi necessário, para melhorar a acessibilidade entre o porto e o território envolvente, a construção de uma Ponte Móvel que se localiza entre as Docas nº. 1 e nº. 2 e liga Matosinhos a Leça da Palmeira.

"No Plano Geral de Ampliação do Porto Comercial de Leixões ficou estabelecido que as ligações entre as duas margens do porto (Matosinhos e Leça da Palmeira), depois de construída a Doca nº. 2, serão feitas do seguinte modo:

a) tráfego geral pelo Viaduto da Via Rápida, integrado no novo traçado da E.N. nº 107 e ligado às Avenidas Norte e Sul do porto por nós onde não há qualquer cruzamento de nível;

b) tráfego local de carros ligeiros, ciclistas e peões por uma obra composta por uma ponte móvel (basculante metálica, de dois tramos), (…) sobre o canal de ligação das duas docas, dois viadutos (…) transpondo os terraplenos e as Avenidas circundantes do porto à altura indispensável para sob eles circularem os veículos em trânsito nas vias públicas e nos terraplenos portuários, incluindo os de caminho de ferro. Estes viadutos, (...) vão desembocar em pracetas, em construção pela Câmara Municipal, onde convergirá o trânsito de várias vias públicas"[37]

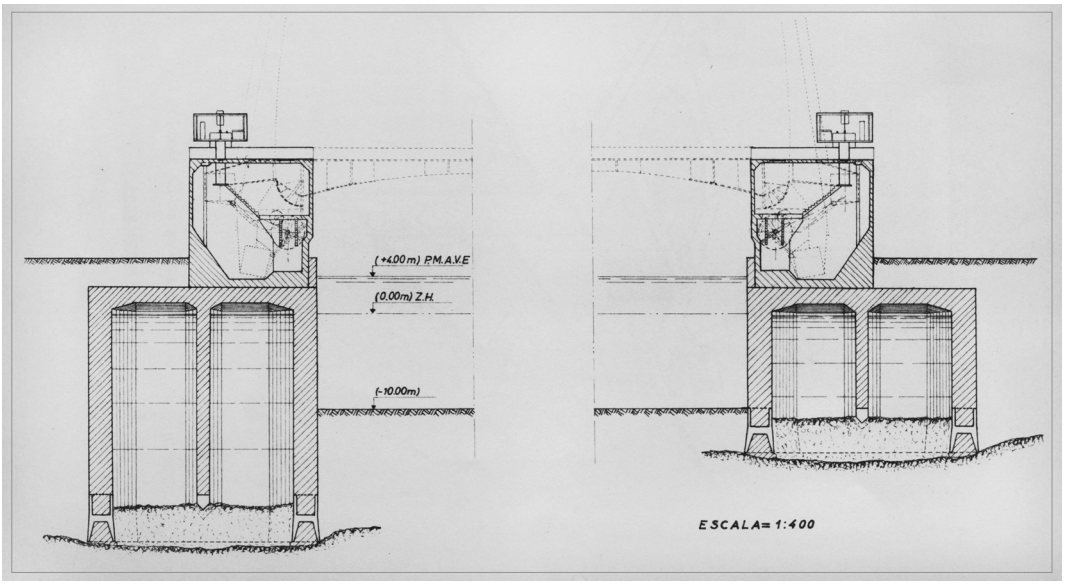
"Ponte Móvel - é uma ponte metálica basculante de sector, de accionamento electromecânico, sendo autores do anteprojecto que serviu de base ao concurso, os Engenheiros Correia de Araújo e Campos e Matos e do projecto definitivo a M.A.N. de Gustavsburg (Alemanha), (…).

Os comandos do movimento da ponte e da sua sinalização luminosa e acústica para o tráfego marítimo e terrestre estão centralizados em dois pontos, um para cada tramo, mas estão previstos dispositivos que permitem o comando dos dois tramos de um só dos postos."[38]

Os comandos da antiga ponte móvel do Porto de Leixões, desenhados por Francisco Figueiredo nos seus primeiros anos de actividade de arquitecto, são inaugurados em 1959 com a abertura da ponte ao trânsito. O projecto consiste no desenho de duas caixas de planta rectangular, em estrutura metálica com as fachadas totalmente envidraçadas, ancoradas por duas vigas metálicas apoiadas nas estruturas de betão armado de suporte da ponte.

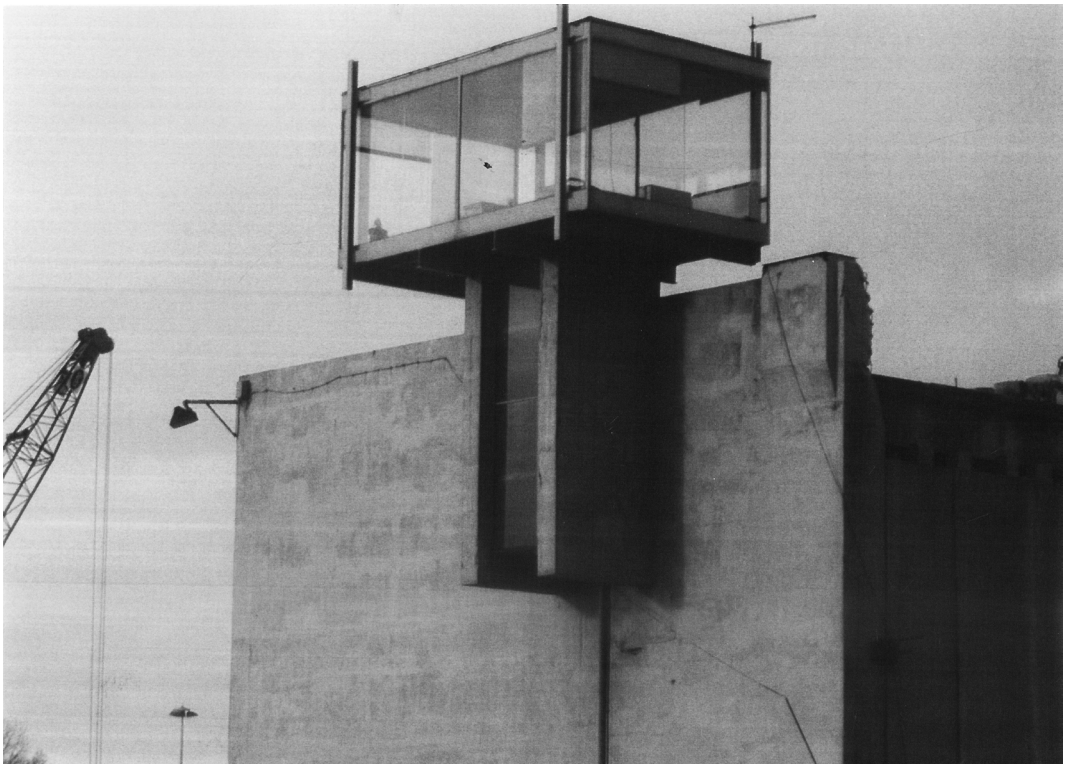
A Ponte Móvel a que nos referimos no texto foi desmantelada em 2007 e substituída pela ponte actualmente em funcionamento, projectada pelo arquitecto João da Motta Guedes - Ponte Móvel de Leça da Palmeira.

[37] Rui Cúmano, Memória Descritiva e Justificativa do projecto "Elevadores da Ponte Móvel", *in Plano de Ampliação do Porto Comercial de Leixões - 1ª Fase*", consultado no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo, pág. 1.
[38] Francisco Figueiredo e Fernando Távora, Memória Descritiva e Justificativa "Obras da 1ª Fase da Ampliação do Porto Comercial de Leixões", *in Plano Geral do Porto de Leixões*, Abril de 1959, consultado no acervo do Arquitecto Fernando Távora, na Fundação Instituto Marques da Silva, pág. 10.



Em cima : Corte pelas cabeças de entrada da Doca nº. 2 e pelos apoios e comandos da Ponte Móvel do projecto "Plano Geral do Porto de Leixões"
Documento obtido no acervo do arquitecto Fernando Távora, na Fundação Instituto Marques da Silva.
Em baixo: Fotografias de época dos Comandos da Ponte Móvel do Porto de Leixões
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

Fotografia de época da Ponte Móvel do Porto de Leixões
Documento obtido em «https://webook.pt/blog/2017/10/29/matosinhos-e-leixoes-em-13-imagens-da-decada-de-50/».



Fotografia de época dos Comandos da Ponte Móvel do Porto de Leixões
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

6| Concurso de projectos para o Monumento ao Infante D. Henrique, 1956
Fortaleza de Sagres - Sagres

Em 1933, 1936, 1954 e 1988, foram lançados vários concursos públicos a fim de evocar, através de um Monumento em honra ao Infante D. Henrique, na Fortaleza de Sagres, os Descobrimentos Náuticos Portugueses.

O concurso para o Monumento ao Infante D. Henrique de 1954, lançado pelo Estado Novo, constituí o primeiro concurso público a que concorre Francisco Figueiredo. Três anos após finalizar o curso de arquitectura, participa, em conjunto com o arquitecto Fernando Távora e o escultor Lagôa Henriques, com uma proposta intitulada "Mar".[39]

O projecto desenha-se em três pontos da Fortaleza - a sul o Monumento, a poente o Museu, e a norte as Casas do Pessoal - interligados por uma rampa apoiada em plintos evocativos que se desenvolve no encontro com outros percursos projectados.

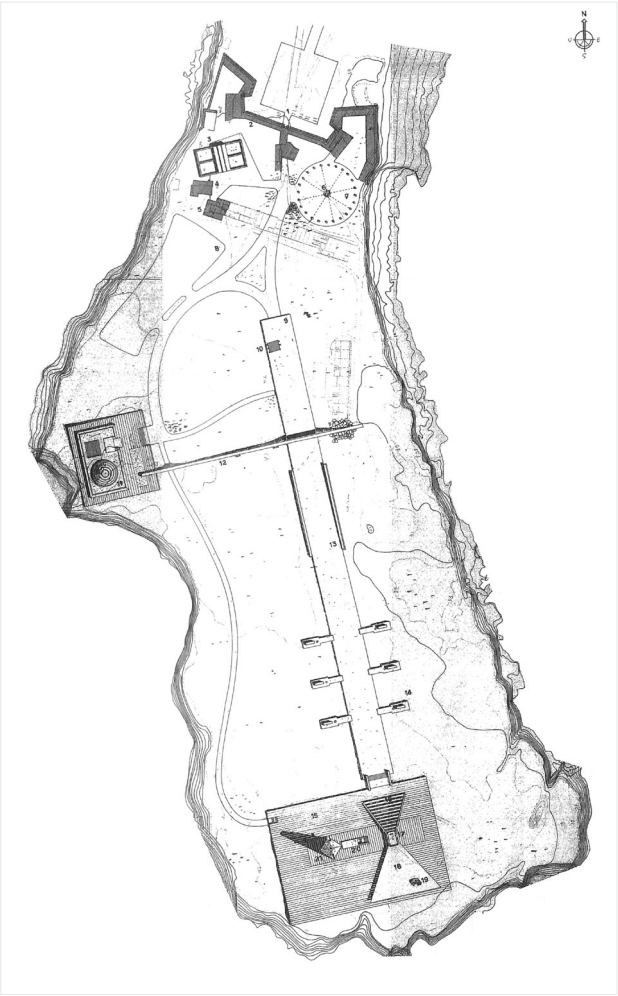
O Monumento a sul é desenhado em duas cotas. À cota baixa, pousado numa plataforma que se eleva do terreno, desenha-se o obelisco, a que se acede através de uma escada no prolongamento da rampa. À cota alta, numa plataforma triangular erguida sobre a anterior e acedida por uma escultórica escadaria, sustenta-se e eleva-se a escultura de Lagôa Henriques sobre o "Mar".

A poente, desenha-se o Museu de planta circular, com uma cobertura em abóboda, delimitado por um plano de parede de planta rectangular. A entrada, a nascente, é delimitada pelo percurso projectado que se desenvolve no sentido norte - sul ao longo da Fortaleza e que concede a ligação entre os diferentes programas.

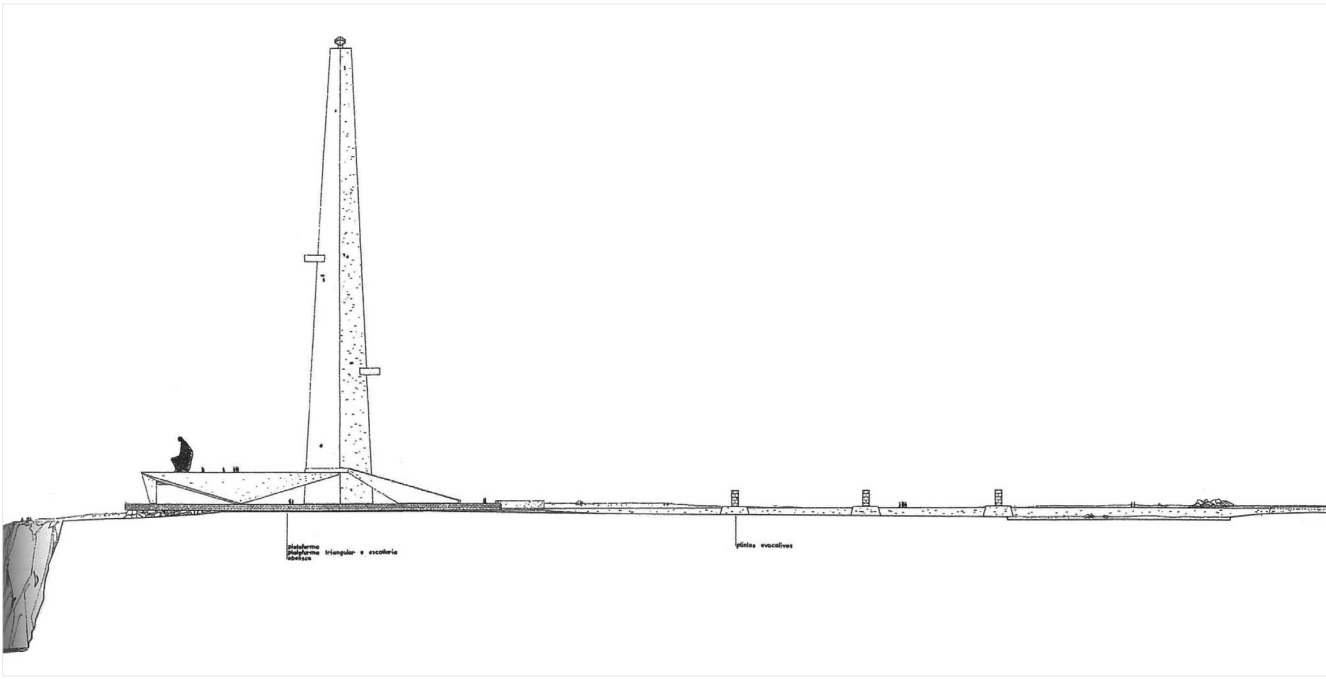
Para além da ligação com a capela existente, é objectivo do projecto o desenho a norte de quatro Casas para o Pessoal de serviço, constituídas ambas por três quartos, uma sala, cozinha e uma casa de banho. Cada conjunto de duas habitações é delimitado por panos de parede brancos que formam pátios (um para cada habitação) e que permitem, em lados opostos, entradas independentes.

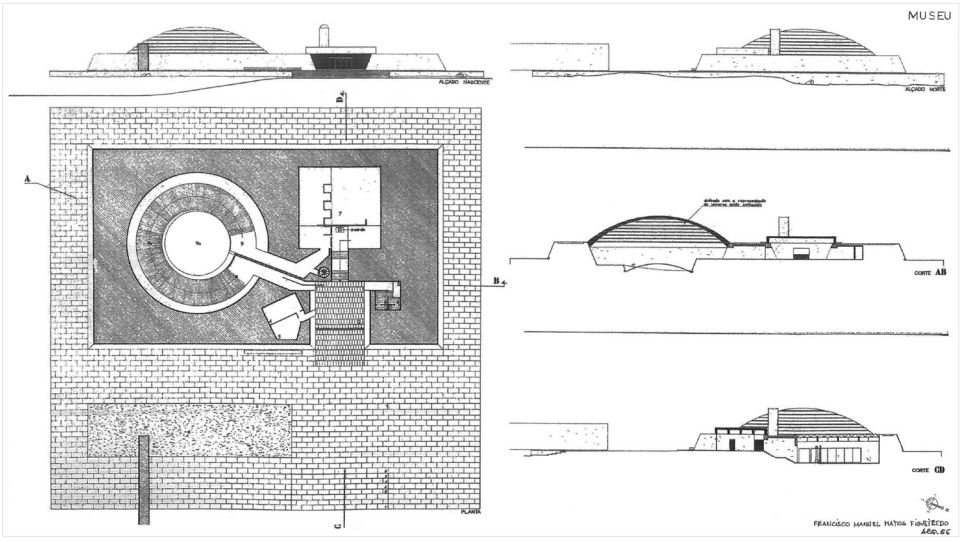
Apesar deste projecto ter sido admitido à primeira fase do concurso, foi com "Mar Novo" que o arquitecto João Andresen, em conjunto com o escultor Salvador d'Eça Barata Feyo e o pintor Júlio Resende venceram o concurso.

[39] Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique. *Concurso de projectos para o Monumento ao Infante D. Henrique em Sagres*. Lisboa: Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1957.

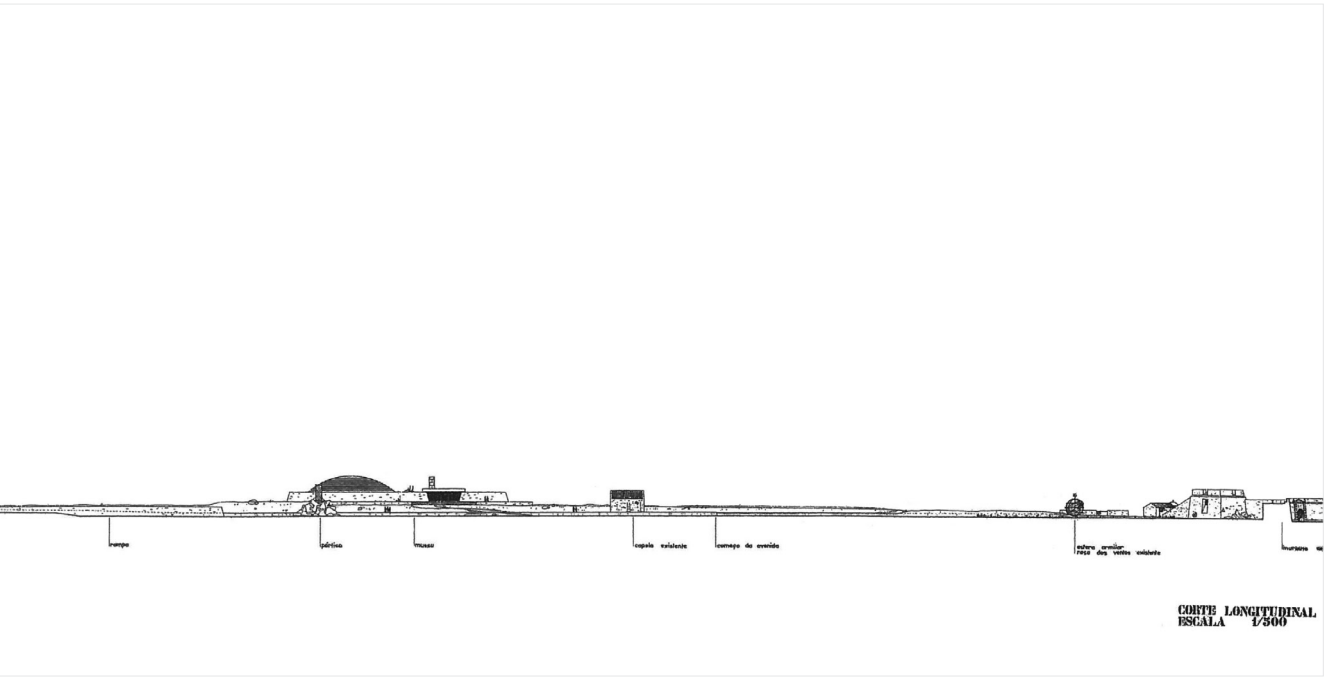


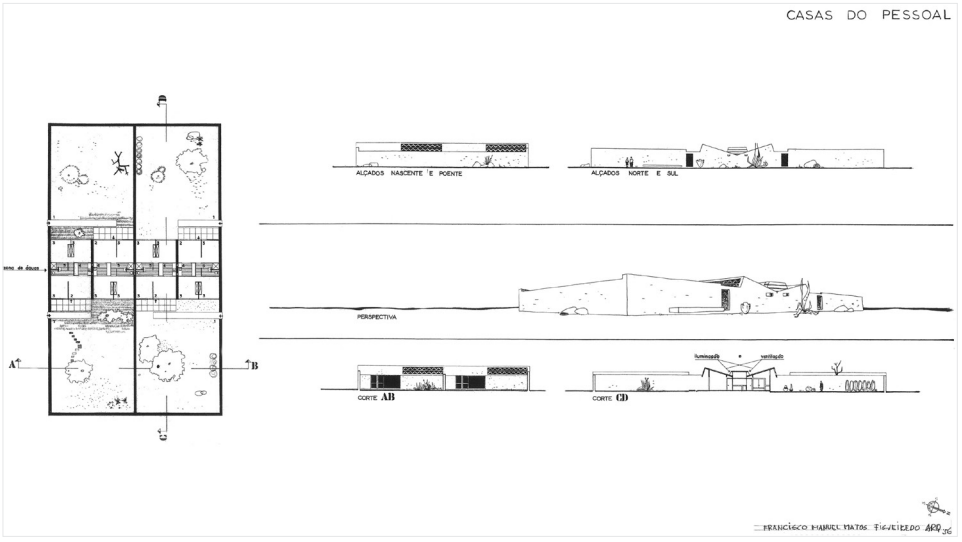
Planta de conjunto do projecto "Mar" apresentado ao "Concurso de projectos para o Monumento ao Infante D. Henrique em Sagres"
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



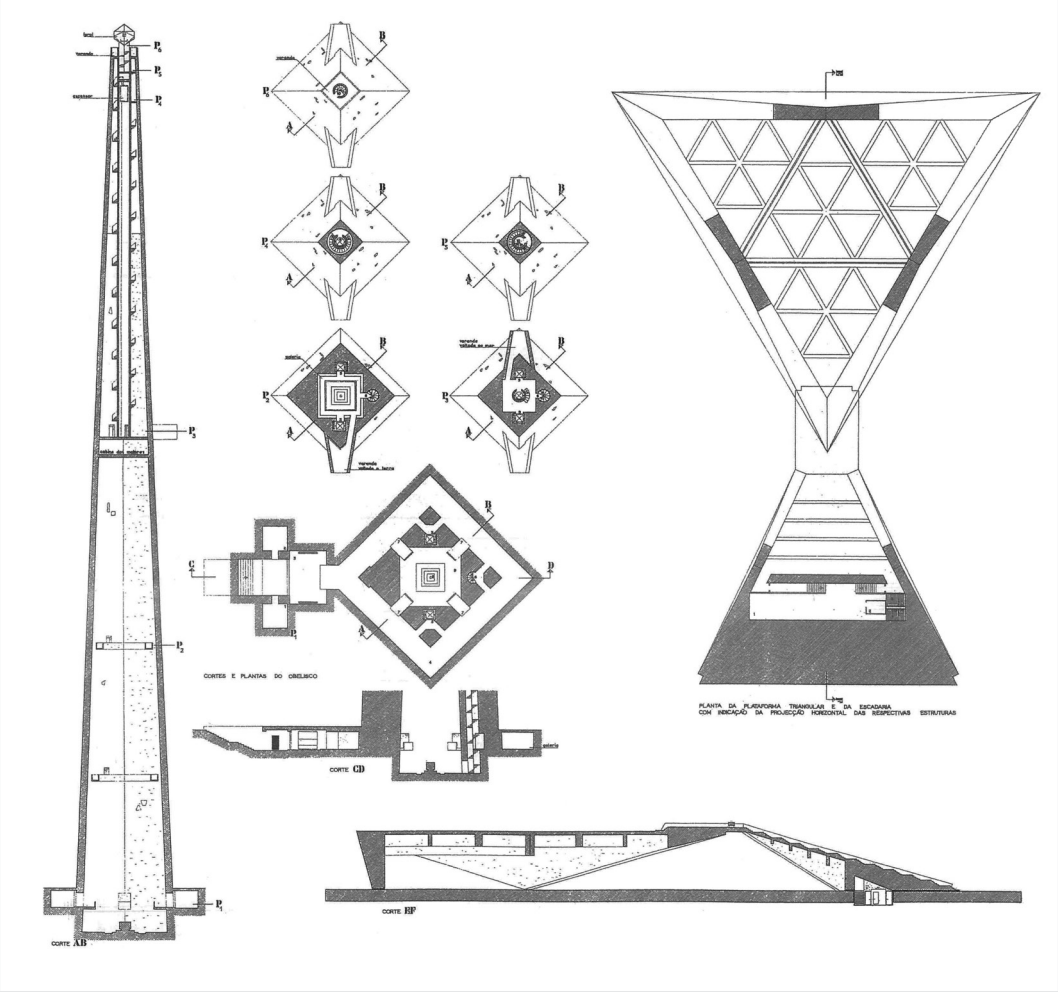


Em cima: Corte de conjunto longitudinal do projecto "Mar" apresentado ao "Concurso de projectos para o Monumento ao Infante D. Henrique"
Em baixo: Planta, cortes e alçados do Museu do projecto "Mar" apresentado ao "Concurso de projectos para o Monumento ao Infante D. Henrique"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

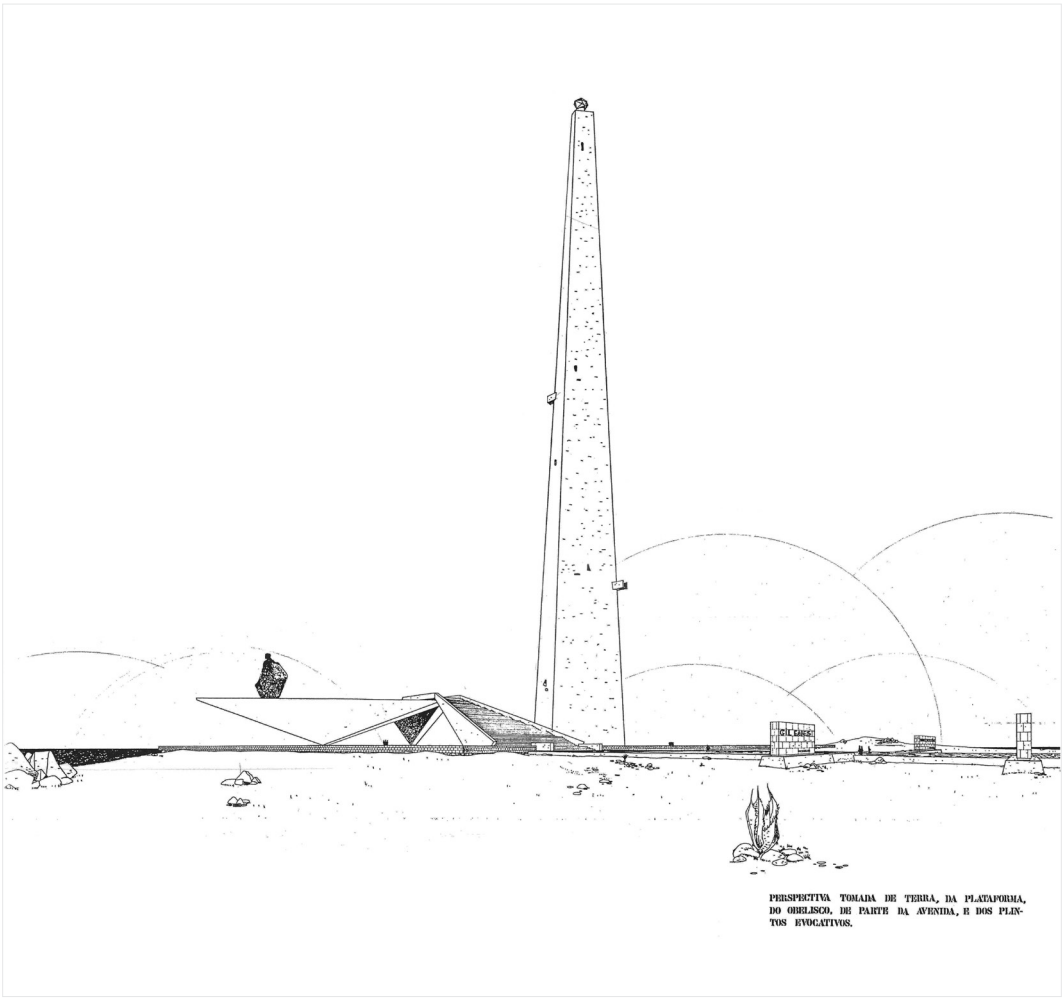




Em cima: Corte de conjunto longitudinal do projecto "Mar" apresentado ao "Concurso de projectos para o Monumento ao Infante D. Henrique"
Em baixo: Planta, cortes e alçados das Casas do Pessoal do projecto "Mar" apresentado ao "Concurso de projectos para o Monumento ao Infante D. Henrique"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



Planta do Monumento do projecto "Mar" apresentado ao "Concurso de projectos para o Monumento ao Infante D. Henrique"
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



Prespectiva do Monumento do projecto "Mar" apresentado ao "Concurso de projectos para o Monumento ao Infante D. Henrique"
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

7| Habitação do arquitecto Francisco Figueiredo, 1957/1959

Rua de Fez nº. 152 - Porto

Na Rua de Fez, perto da Avenida da Boavista, Francisco Figueiredo constrói para si e para a sua família uma casa, que virá a ser também o seu local de trabalho, num volume autónomo da habitação projectado em frente à rua.

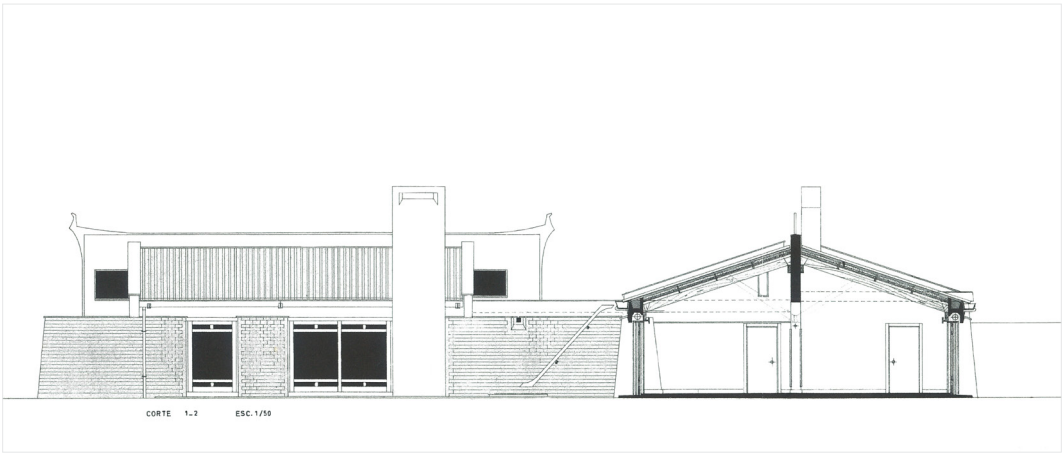
Nesta casa a planta é geradora do volume e da superfície à sua volta. Os percursos de acesso à habitação são orgânicos, bem como, a relação da casa com o ambiente desenhado no exterior. O desenho da planta em forma de L permite a observação da existência de três áreas internas, funcionalmente distintas e articuladas pelo átrio da entrada: uma zona comum, uma zona de serviços e a zona privada de quartos. Na zona comum encontram-se três sub-zonas, a sala de jantar e a sala de estar - divididas por uma lareira - e uma outra sala junto ao hall de entrada - dividida da primeira por uma estante. A zona de serviço é composta por dois espaços, a área da copa e cozinha, e uma área privada para as empregadas domésticas constituída por um quarto com duas camas, uma casa de banho e um acesso directo ao exterior. A lavandaria é desenhada no exterior, junto da zona de serviço. A zona privada integra uma sala de estar com a lareira saliente na parede exterior e um átrio de acesso a três quartos e a uma casa de banho.

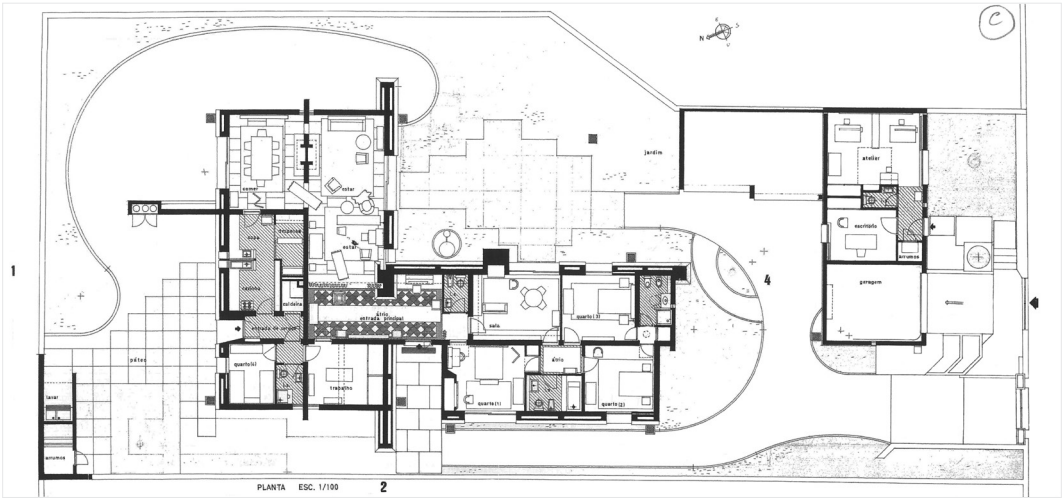
A planta da organização funcional da casa está definida em conjunto com o desenho e a localização do mobiliário para cada compartimento. Esta posição revela a preocupação do arquitecto em prever todas as circunstâncias e pormenores do projecto, uma tendência que se manifestada em várias obras.

Pelo exterior, sobressaem dois volumes em cobertura de duas águas unidos pela cobertura plana do hall de entrada. Um terceiro volume construído a sul do terreno integra a garagem e o escritório do arquitecto. Na zona comum, a estrutura do telhado feita em vigas de madeira está à vista, assim como, as aparas de madeira que prendem o revestimento do tecto em cortiça. O pavimento é em tijoleira, e as paredes são rebocadas e pintadas de branco, tal como a chaminé da lareira que termina numa base elevada do chão em pedra.

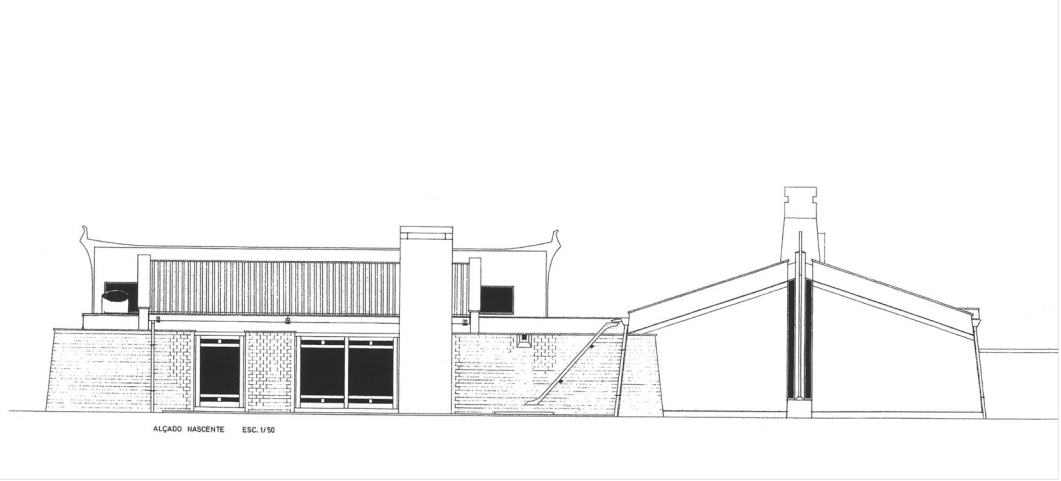
Conformado pelos dois corpos da casa e pelo volume do escritório a sul, forma-se um pátio que ilumina a zona comum e a zona privada da casa, e que relaciona, através da abertura de vãos maiores, a sala mais privada da zona de quartos e a sala da área comum com o jardim. No corpo da zona privada sobressai o volume da chaminé acompanhado pelas paredes espessas que, ao longo da fachada, criam um espaço de transição entre o interior e o exterior através do recuo da caixilharia de madeira.

Vãos de maior dimensão encontram-se nas fachadas das áreas mais nobres da casa, sendo as restantes fachadas mais opacas, marcadas por aberturas pontuais e de menor dimensão, como as aberturas a nascente que permitem a entrada lateral da luz, quer na sala de jantar, quer na sala de estar. A fachada, num primeiro momento rebocada e pintada de branco, foi mais tarde revestida a cerâmica vermelha, assim como o pátio numa primeira fase em relva e com atalhos delimitados a pedra, foi pavimentado a tijoleira da mesma cor.





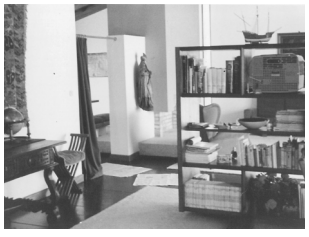
Corte 1-2 e planta do projecto "Habitação do arquitecto Francisco Figueiredo"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

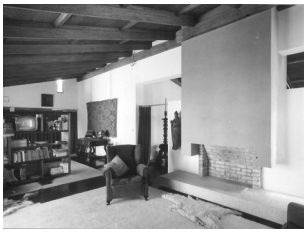


Alçado norte e nascente do projecto "Habitação do arquitecto Francisco Figueiredo"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

Alçado sul e poente do projecto "Habitação do arquitecto Francisco Figueiredo"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

Fotografias de época do exterior da Habitação do arquitecto Francisco Figueiredo
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.





Fotografias de época do exterior e interior da Habitação do arquitecto Francisco Figueiredo
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

8| Concurso para o Pavilhão de Portugal em Bruxelas, 1958

Exposição Internacional e Universal de 1958 - Bruxelas

"Desempenhando os concursos públicos de arquitectura um papel de capital importância no desenvolvimento e enriquecimento da arquitectura no nosso país, não queríamos deixar de fazer referência especial ao caso "Concurso de Bruxelas". Embora se verifique que as condições e programas com que os concursos se têm apresentado venham gradualmente atenuando as suas deficiências, há que lamentar o facto de, ainda neste caso, as imposições de um programa exigente e por vezes contraditório terem originado grandes dificuldades na acção dos concorrentes, do Sindicato e do Júri."[40]

O Concurso para o Pavilhão de Portugal em Bruxelas consistia na elaboração do anteprojecto para o pavilhão a erguer no terreno da secção portuguesa da Exposição Universal e Internacional de Bruxelas de 1958.

Esta foi a primeira exposição universal depois da segunda guerra mundial, localizada em Bruxelas, numa área total de 200 hectares. A representação portuguesa possuía um lote de terreno de 6.300 m2, que compreendia não só a área do pavilhão com uma superfície coberta total de 2.800 m2 distribuídos por um programa com seis sectores, mas também a ligação a três pequenos anexos por galerias.[41]

A proposta apresentada pelo arquitecto Francisco Figueiredo considera a organização total do pavilhão em função do lote e da sua forma. O edifício, afastado dos limites do terreno, é formado por dois volumes, o primeiro a norte do terreno de planta rectangular, e o segundo a sul do terreno de planta quadrangular, unidos pela sobreposição do ângulo esquerdo do rectângulo a sul e pelo ângulo direito do quadrado a norte. A sul uma praça formada por uma pequena rotunda e os limites do edifício desenham a entrada do pavilhão, anunciada a nascente por um motivo escultórico.

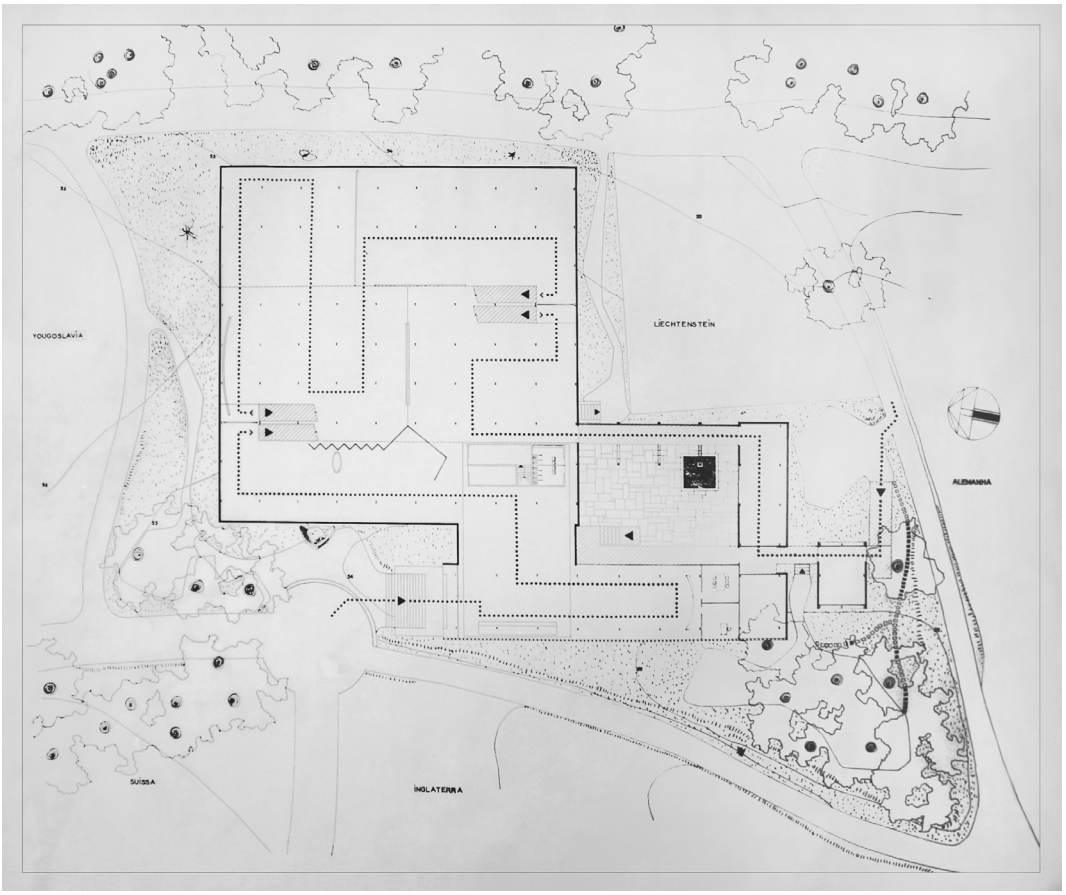
O edifício é acedido por uma escada que resolve a diferença de cotas e desenvolve-se num único piso elevado por pilotis em relação ao terreno. A organização funcional do pavilhão é definida em conjunto com o desenho de uma rampa de sentido único, que interliga e dá acesso a cada espaço expositivo.

Sobre a solução arquitectónica Francisco Figueiredo escreve:

Sobre o ponto de vista funcional:

1- Percurso claro e simples, com sentido único, mas variado, onde o visitante não se fatigue e onde não se sinta como num labirinto.
2- Criação de um pátio recolhido para onde abrem francas aberturas.
3- Iluminação superior do pavilhão para que este seja o mais possível fechado lateralmente.
4- Divisão dos grandes sectores não por salas, mas em pavilhão único com secções divididas por grandes planos.

[40] José Penha Garcia et al., "Concurso para o pavilhão de Portugal em Bruxelas: Exposição Internacional e Universal de 1958", *in Arquitectura*, III série, nº 57/58, Janeiro-Fevereiro de 1957, pág. 2.
[41] *Ibidem*, pág. 3.



Planta geral do projecto apresentado ao "Concurso para o Pavilhão de Portugal em Bruxelas" de 1958
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

Sobre o ponto de vista plástico:

1- Grande simplicidade de formas, o mais possível fechadas (vida interior). Inspiração das grandes massas fechadas da nossa arquitectura tradicional do sul. Grelha funcional e decorativa a poente cujo elemento fundamental é o tijolo à vista.
2- Coberturas planas, mesma inspiração.
3- Relevo a cor das quatro grandes paredes do corpo maior do pavilhão ainda sugestão de motivos tradicionais portugueses (casa dos bicos)."[42]

Escreve-se ainda na revista *Arquitectura*:

"Analisados detidamente todos os trabalhos, foi decidido, também por unanimidade, escolher, numa primeira eliminatória para a classificação em mérito relativo, os ante-projecto a que correspondem os números de entrega, 2, 7, 8, 9, 13, 17 e 19, por se reconhecer possuírem, todos ou destacadamente, algumas das seguintes qualidades: simplicidade, pureza e economia funcional das estruturas; clareza da distribuição dos vários sectores; facilidade dos percursos; equilíbrio dos espaços internos; boa integração no meio ambiente natural; harmonia e sobriedade do jogo de volumes; boa definição dos espaços, apuramento formal e correcta síntese plástica dos elementos arquitectónicos.

Procedeu-se depois pormenorizadamente a um exame comparativo, do qual resultou a escolha, para efeitos de classificação final, dos trabalhos designados pelos números 2, 13, 17 e 19. De uma nova análise sobre o valor relativo destes quatro trabalhos, ressaltaram os seguintes pontos: O número 2 apresenta uma planta de grande sobriedade e beleza, com uma solução particularmente feliz das zonas sobrepostas; a estrutura é correcta, embora com uma densidade evitável de pontos de apoio. Considera-se deficiência importante a total falta de comunhão com o exterior pedida no programa, a qual contribui para agravar o aspecto rígido e maciço das fachadas, de proporções pouco agradáveis.

Nº. 13. Arquitecto Pedro Cid, 1º classificado

Nº. 2. Arquitecto Francisco Figueiredo

Nº. 17. Arquitecto Manuel Tainha

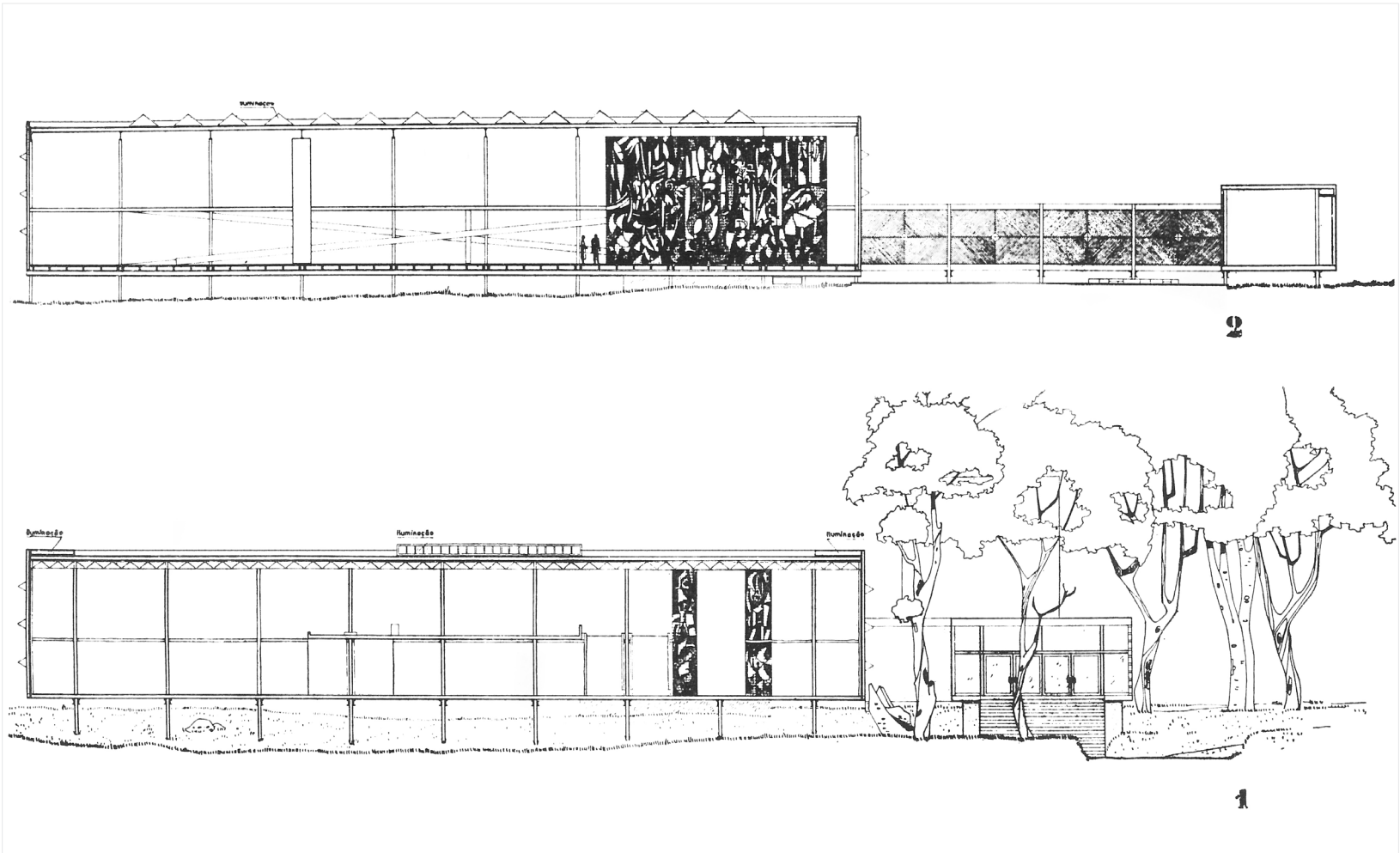
Nº. 19. Arquitectos Maurício de Vasconcelos, João Malato, José Luís Tinoco e J. Américo d'Oliveira

Nº. 7. Arquitecto Sebastião Formosinho Sanchez, Engenheiro Álvaro Veiga d'Oliveira

Nº. 9. Arquitecto Rui Mendes Paula, colaborou o escultor Jorge Vieira

Ponderados devidamente e discutidos em pormenor as qualidade e os defeitos destes quatro últimos, o júri procedeu à votação final, verificando-se ter sido classificado em primeiro lugar o trabalho designado com o número 13(…)"[43]

[42] Francisco Figueiredo, "Concurso para o pavilhão de Portugal em Bruxelas: Exposição Internacional e Universal de 1958", *in Arquitectura*, III série, nº 57/58, Janeiro-Fevereiro de 1957, pág. 8/9.
[43] José Penha Garcia et al., "Concurso para o pavilhão de Portugal em Bruxelas: Exposição Internacional e Universal de 1958", *in Arquitectura*, III série, nº 57/58, Janeiro-Fevereiro de 1957, pág. 4/5.



Corte transversal e longitudinal do projecto apresentado ao "Concurso para o Pavilhão de Portugal em Bruxelas" de 1958
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

Perspectiva de estudo do projecto para o "Concurso para o Pavilhão de Portugal em Bruxelas" de 1958
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

Perspectiva do projecto apresentado ao "Concurso para o Pavilhão de Portugal em Bruxelas" de 1958
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

9| Torre de Escritórios e e Armazéns para a Doca nº.2 do Porto de Leixões, 1961

Porto de Leixões - Matosinhos

Entre 1955 e 1979, depois da construção da Doca nº. 1 (1932-1940), ampliam-se as estruturas portuárias do Porto de Leixões com a construção da Doca nº. 2.

Sobre o projecto o arquitecto escreve na Memória Descritiva e Justificativa - "Faz parte o presente projecto de um conjunto constituído por dois amplos armazéns e uma torre central de 9 pisos, a edificar no cais sul da Doca nº. 2 do Porto de Leixões.

Os armazéns de grande simplicidade arquitectónica e construtiva, são fundamentalmente constituídos por uma ampla nave. Nesta, foram previstas faixas de circulação, e zonas para armazenagens de mercadorias dos mais variados géneros e procedências. Serão demarcadas no pavimento estas zonas por tiras claras; não querendo isto dizer, não poder haver armazenagens onde é passagem, e passagem onde é armazenagem, serão apenas um processo de ordenação. Nos topos de cada um dos armazéns foram pensadas e projectas zonas de serviço, de apoio, tanto ao cais como aos armazéns."[44]

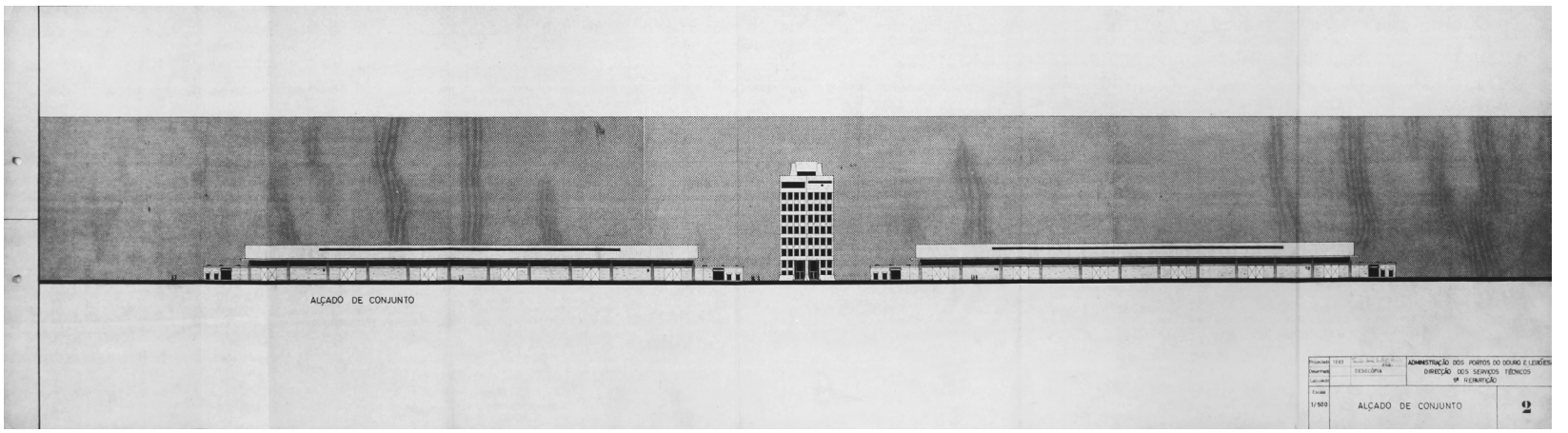
Com 180 metros de comprimento e 40 metros de largura, os armazéns desenvolvem-se numa grande nave de planta rectangular com cobertura de duas águas. Nos topos de cada um deles são desenhados os espaços de serviço e de apoio ao cais, com pés-direitos mais baixos e coberturas planas, que abrigam as zonas de reserva, instalações sanitárias e os postos de transformação de energia eléctrica.

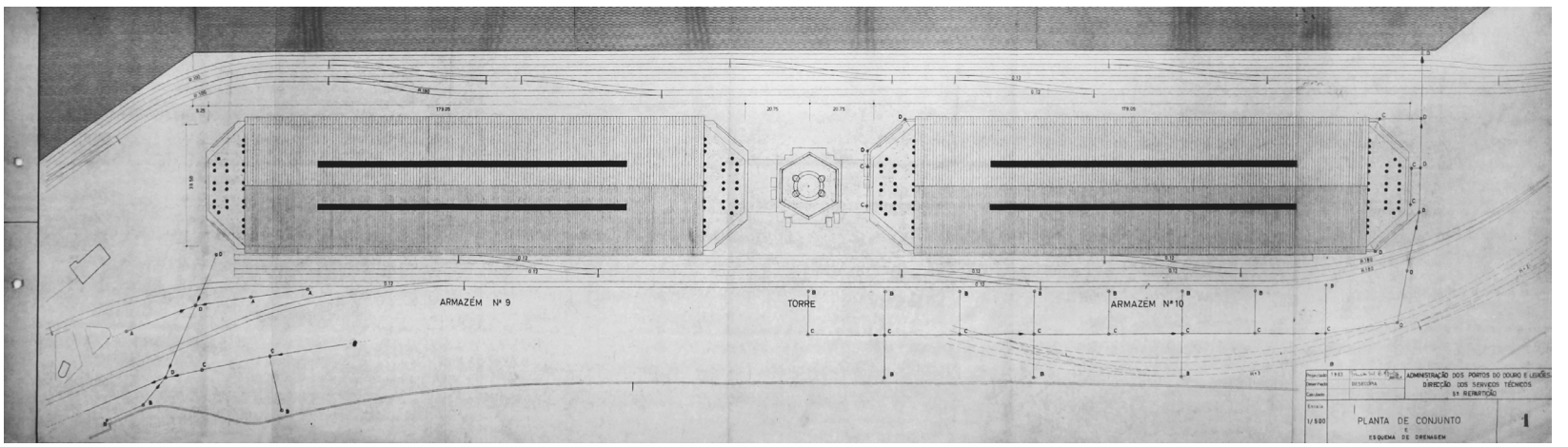
A circulação de cada uma das naves é feita por um corredor central longitudinal, que separa duas linhas de organização de áreas dedicadas ao armazenamento de mercadorias afastadas entre si transversalmente. As áreas de serviço, organizadas nos topos de cada armazém, são acedidas pelo exterior.

A torre de escritórios, projectada no meio dos armazéns de mercadorias, constitui o desenho de uma planta hexagonal, dando seguimento a um primeiro estudo do edifício em planta rectangular. O programa é distribuído através de um átrio e escada central do primeiro ao nono piso. O primeiro piso, é composto pela entrada do edifício e pelo programa de apoio ao cais e aos armazéns. Do segundo ao quarto piso, desenham-se os escritórios e serviços administrativos de vários sectores. No quinto piso a biblioteca e o arquivo e o sexto, sétimo e oitavo pisos são dedicados a clientes. No último piso desenha-se o restaurante e o snack-bar.

Para vencer o vão de 40 metros de cada uma das naves são utilizadas asnas metálicas apoiadas em pilares de betão aparente. Todas as paredes, interiores e exteriores, foram pensadas num mesmo tipo de material, pré-fabricado, colorido e hidrófugo, sem qualquer revestimento ou acabamento.

[44] Francisco Figueiredo, Memória descritiva e Justificativa do projecto "Torre de Escritórios e Armazéns para a Doca nº 2 do Porto de Leixões", 1961, consultado no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo, pág. 1.

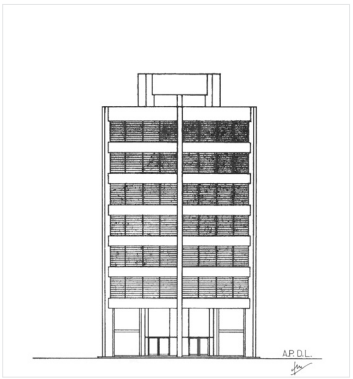




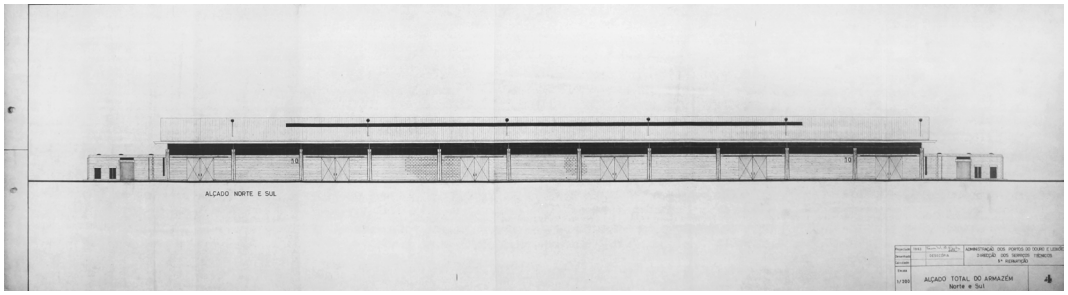
Alçado e planta de conjunto do projecto "Torre de Escritórios e Armazéns para a Doca nº. 2 do Porto de Leixões"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

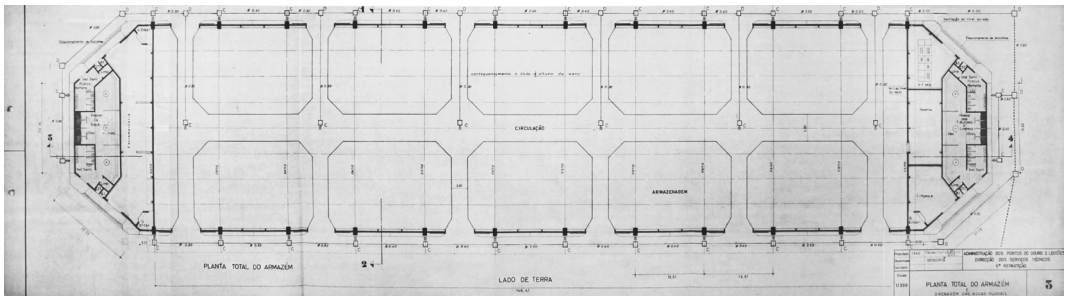
"Esta estrutura metálica formará um todo (…). Todo este emaranhado de ferros, deverá constituir um conjunto muito belo e funcional, dando simultaneamente a sensação de grande leveza. Apenas poisando ritmicamente aqui e além, contrastará profundamente com a estrutura de pilares de betão que lhe servirão de suporte. Essa leveza não será alterada nem prejudicada pelas paredes periféricas, mas, pelo contrário, será valorizada, pois será lida e sentida não só do interior, como exteriormente, através dos grandes rasgamentos ao longo das suas 4 fachadas. Assim, em contraste com a ligeireza da armação, os pilares falarão por si da função que desempenham: a função de apoio. Terão de ser fortes e robustos. Nascidos do solo na sua simplicidade, serão feitos em betão com o aspecto da sua forma pura, vibrado, desmoldado e batido à picola sem mais algum acabamento. No que respeita à cor, essa, se encarregará o tempo de lha dar."[45]

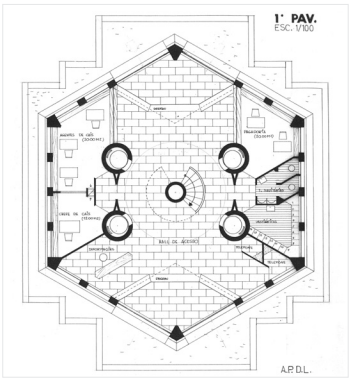
A iluminação natural é realizada, na nave central de cada um dos armazéns, através de clarabóias contínuas e por um rasgamento horizontal que separa a parede da cobertura, e nos topos, desenha-se por clarabóias circulares inseridas na cobertura plana, que permitem, também, a ventilação vertical do edifício. Para a fachada do edifício de escritórios, com a estrutura em betão aparente, existe o desenho de duas soluções, a primeira, com as lajes dos pavimentos demarcadas à face e a abertura horizontal de superfícies envidraçadas, e a segunda e final, com a abertura de vãos separados por laminas verticais, que se desenham a partir das lajes dos pavimentos demarcadas à superfície, de dois em dois pisos.

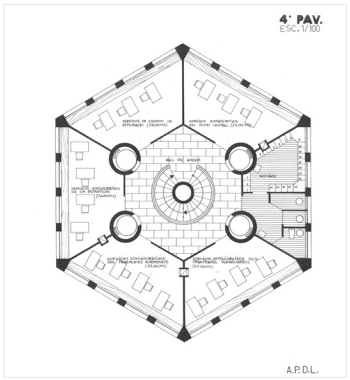


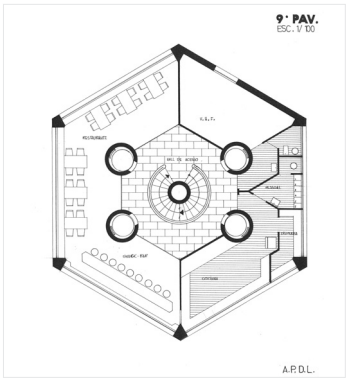
[45] *Ibidem*, pág. 3.











Esquerda: Alçado final e alçado de estudo da Torre de Escritórios do projecto "Torre de Escritórios e Armazéns para a Doca nº. 2 do Porto de Leixões"
Direita: Planta e alçado tipo dos Armazéns e planta do 1º., 4º. e 9º. piso da Torre de Escritórios do projecto "Torre de Escritórios e Armazéns para a Doca nº. 2 do Porto de Leixões"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

10| **Elevadores e Escadas para a Ponte Móvel do Porto de Leixões, 1962**
Porto de Leixões - Matosinhos

Este projecto nasceu da necessidade de colmatar a distância percorrida entre margens (Matosinhos e Leça da Palmeira) pelas pessoas que se fazem transportar a pé e de bicicleta, principalmente os trabalhadores do Porto de Leixões.

"Há necessidade de proporcionar ao pessoal que trabalha dentro do recinto vedado do porto e aos peões que circulam pelas Avenidas marginais que representam uma fracção muito importante do trânsito total previsto na Ponte Móvel, uma ligação, tão fácil quanto possível entre as duas margens.

Se não fossem criados outros acessos para esses peões além dos proporcionados pelas pracetas, seriam eles obrigados a fazer um percurso de 750 m entre os terraplenos ou as Avenidas das duas margens do porto.

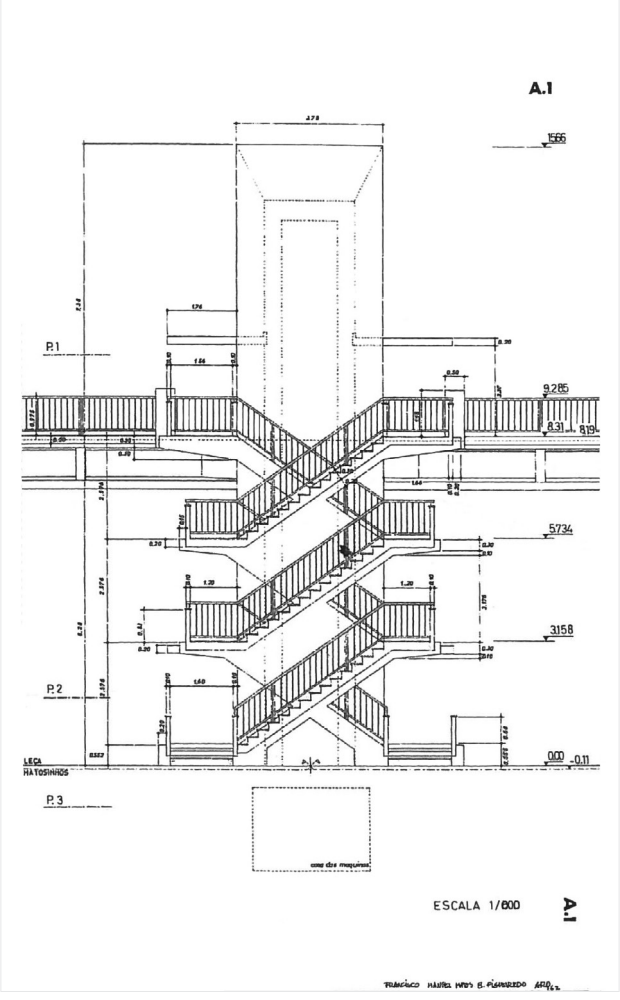
Não sendo possível estabelecer esses acessos dentro da zona dos terraplenos do porto pelos inconvenientes que isso traria à fiscalização aduaneira e para evitar a criação de corrente de trânsito público dentro das zonas vedadas do porto, foram eles implantados junto às vedações dos terraplenos portuários, mas exteriormente a elas, isto é, já nas Avenidas, de modo a servirem os peões (…). Como nesses pontos o desnível entre as Avenidas e os viadutos é de, aproximadamente, 8 m, cada acesso é constituído por um elevador e duas escadas de 3 lanços, uma para trânsito ascendente e a outra para o descendente."[46]

Os acessos à ponte móvel são desenhados em estruturas de betão armado que formam as caixas dos elevadores e integram os três lanços de escadas de acesso pedonal entre as duas margens. As estruturas são compostas por duas paredes paralelas aos viadutos, que formam a caixa de elevador e de suporte dos patamares de acesso. As cabines dos elevadores são metálicas com duas portas de correr em faces opostas, destinadas uma à saída e a outra à entrada de passageiros.

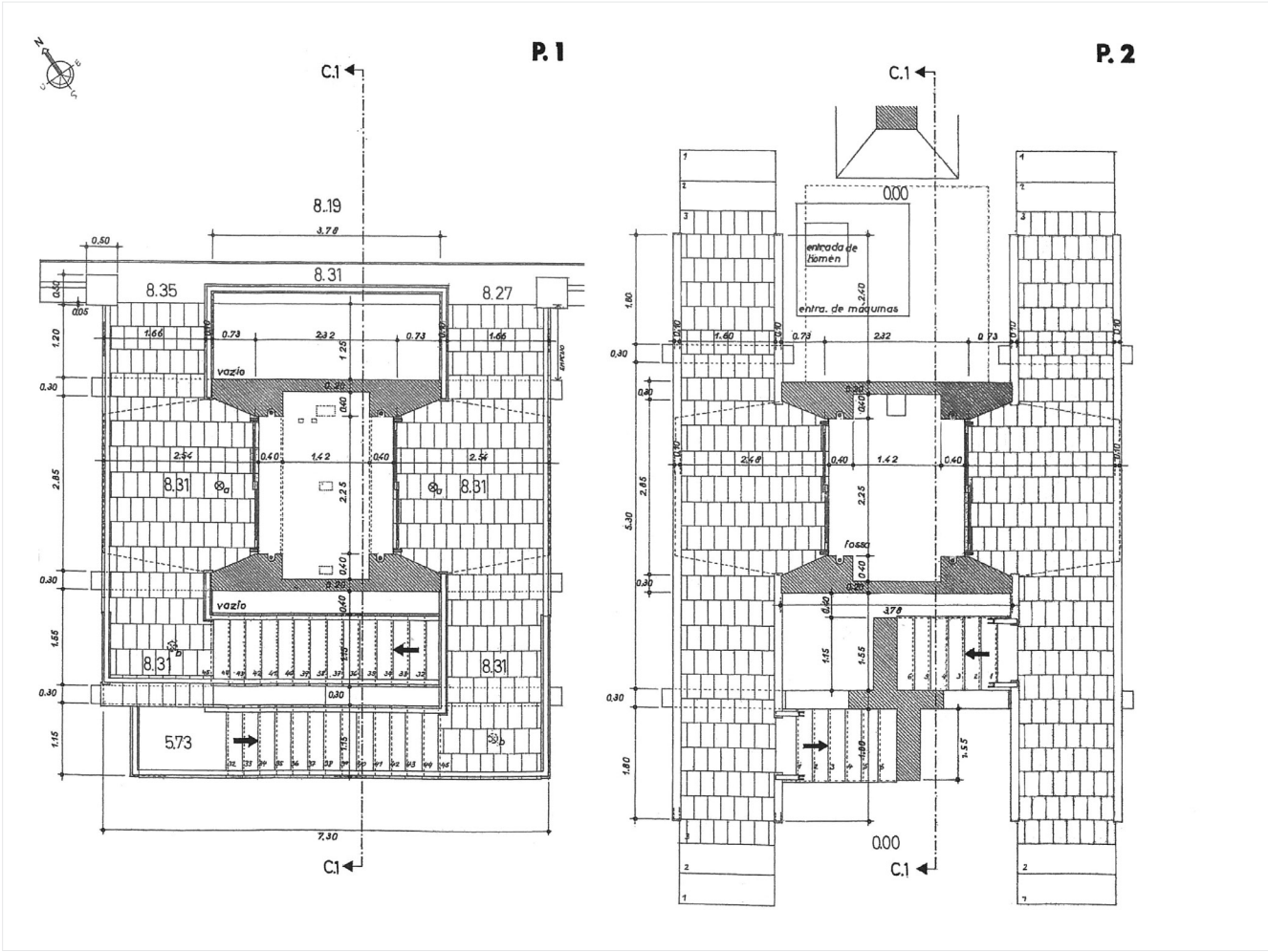
"Os elevadores deveriam, porém, ser previstos não para as necessidades do momento, mas de forma a satisfazerem o futuro. Mas a previsão destas não é fácil por dependerem e vários factores como a urbanização e expansão da zona de Leça, politica dos transportes urbanos e evolução do nível de vida da população; atendendo a que parte das pessoas que eram transportadas nos carros eléctricos, com a substituição destes por autocarros de tarifas apreciavelmente mais caras, passarão a circular a pé e que nas pontas o trânsito não é igual nos dois sentidos estabelece-se um tráfego máximo de 1100 a 1200 pessoas/hora em cada sentido, caudal este a que os elevadores deverão dar vasão."[47]

Plasticamente, os patamares e degraus das escadas, assim como as passagens de ligação, são pavimentados em mármore lioz, as paredes que formam os elevadores e suportam as escadas revestidas de reboco areado, e as guardas e patamares desenham-se em ferro metalizado e pintado.

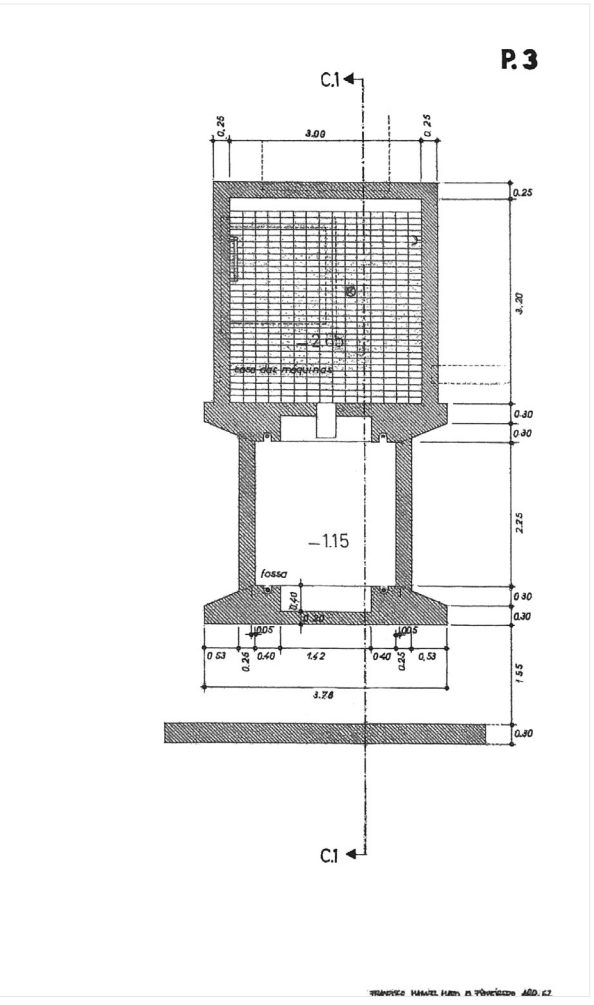
[46] Rui Cúmano, Memória Descritiva e Justificativa do projecto "Elevadores da Ponte Móvel", *in Plano de Ampliação do Porto Comercial de Leixões - 1ª Fase*, consultado no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo, pág. 2.
[47] *Ibidem*, pág. 4.

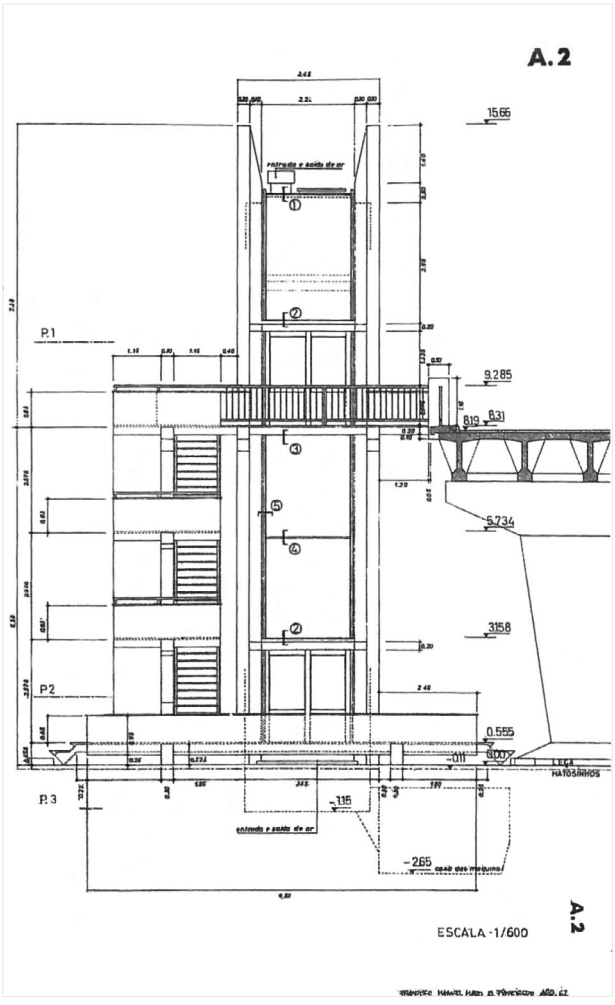


Alçado sudoeste do projecto "Elevadores e Escadas para a Ponte Móvel do Porto de Leixões"
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

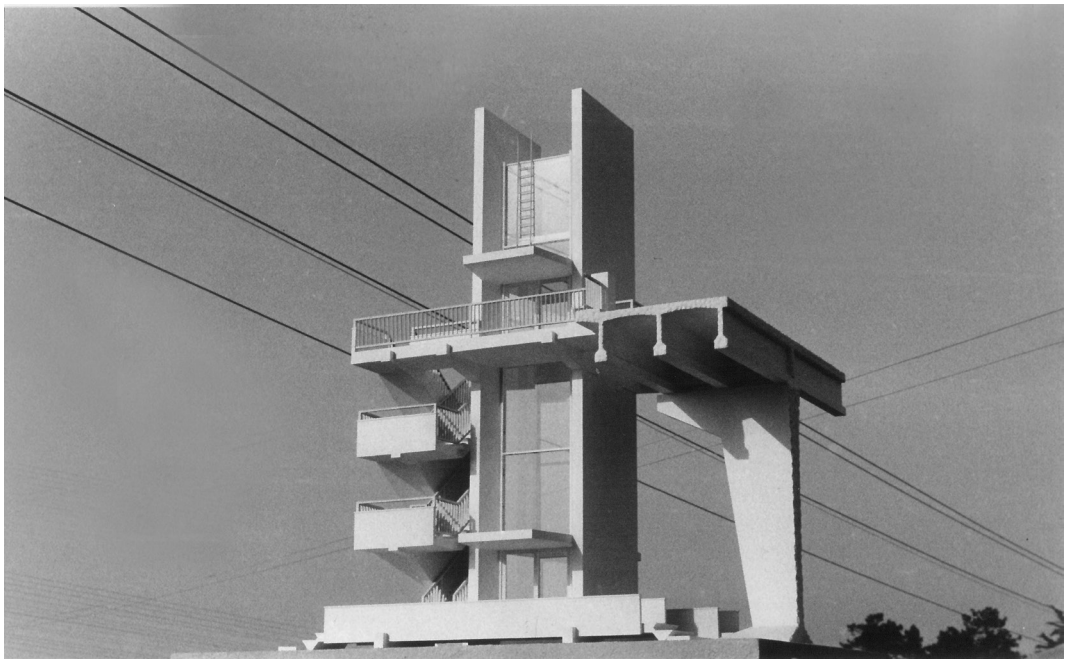


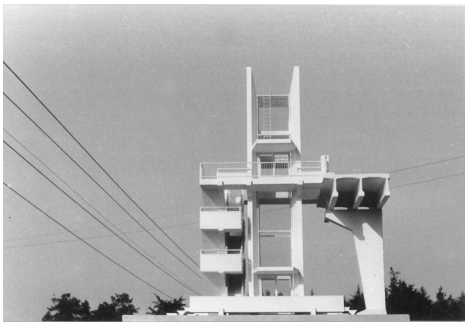
Planta do 1.º e 2.º piso do projecto "Elevadores e Escadas para a Ponte Móvel do Porto de Leixões"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



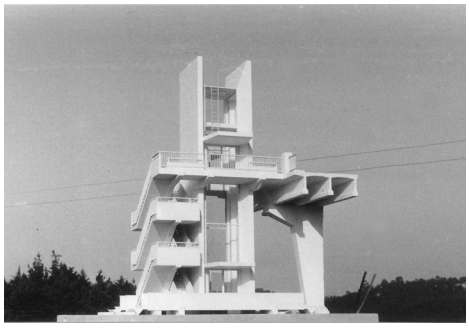


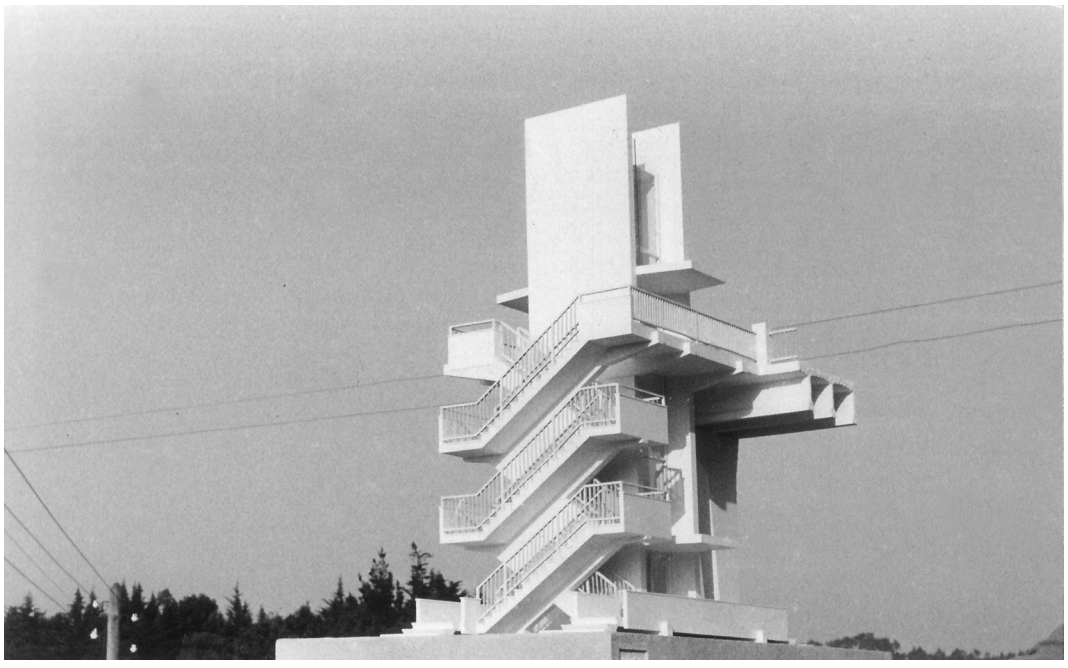
Planta do último piso e alçado sudeste do projecto "Elevadores e Escadas para a Ponte Móvel do Porto de Leixões"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.





Fotografias de época da maqueta do projecto "Elevadores e Escadas para a Ponte Móvel do Porto de Leixões"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.





Fotografias de época da maqueta do projecto "Elevadores e Escadas para a Ponte Móvel do Porto de Leixões"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

11| **Casa Rui Neto, 1962/1965**
Avenida da Boavista nº. 4321 - Porto

A Avenida da Boavista, entre o Hospital Militar do Porto e a Praça de Gonçalves Zarcos (Castelo do Queijo), vinha desde o século XIX a consolidar-se como uma nova centralidade económica e cultural da cidade do Porto. A casa Rui Neto surge no último tramo da Avenida, entre a Fonte da Moura e o Castelo do Queijo, em frente ao que vem a ser em 1993 o Parque da Cidade do Porto.

A casa desenvolve-se em dois pisos mais cave, e a implantação, a meio da largura do lote e recuada em relação à Avenida da Boavista, propícia, através duma sucção de espaços ajardinados, uma maior privacidade à habitação. O espaço interno é definido pela compartimentação do programa, onde a abertura de vãos e o desenho das aberturas das portas, definidos em planta e em secção, proporciona uma relação visual entre os espaços.

A posição do vestíbulo e da escada estabelecem uma forte separação entre a zona de serviço e a zona social no piso térreo. A sala de estar acedida através do hall, e a sala de jantar com acesso à cozinha, têm uma relação directa com o jardim; cada uma com uma disposição e ambiente diferentes, separadas apenas por uma cortina no encontro com o armário.

Tal como vimos num projecto anterior, também no desenho desta casa a escada é um elemento fundamental na organização do espaço interior, tanto em planta como em secção.

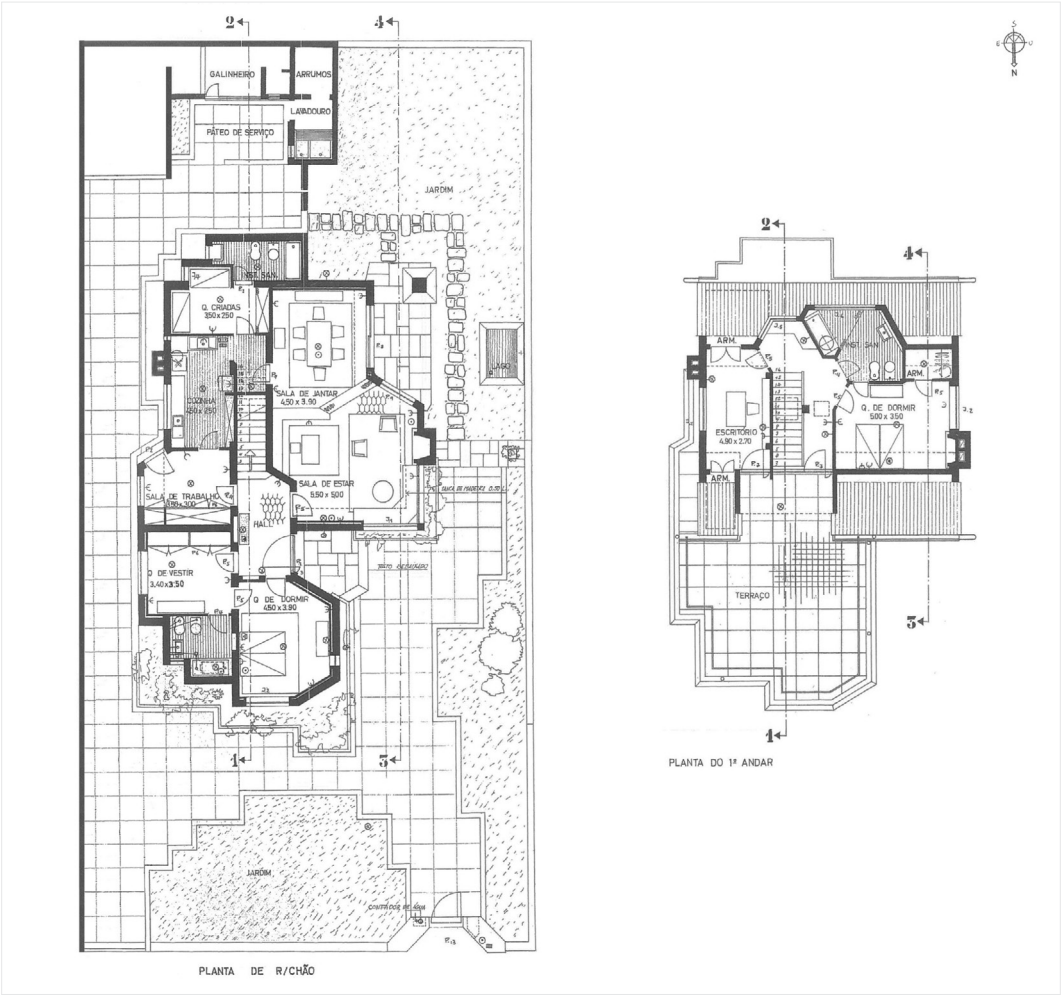
Dois volumes distinguidos pelas coberturas e unidos pelo vestíbulo sobressaem no exterior. O primeiro volume, a norte, de cobertura plana, constitui a zona de hóspedes com um quarto de dormir, um quarto de vestir e uma casa de banho. O segundo volume, a sul, de cobertura de duas águas, integra no piso térreo a zona de serviços e a zona comum, e no piso superior uma zona mais privada composta por uma casa de banho, um quarto de dormir e um escritório voltados para um terraço formado pela cobertura do volume anterior.

A entrada, definida a sul pela Avenida, é marcada por um percurso pavimentado envolvido por recantos ajardinados; coberta e acompanhada de uma floreira que envolve uma janela de canto da sala de estar à chegada à porta principal.

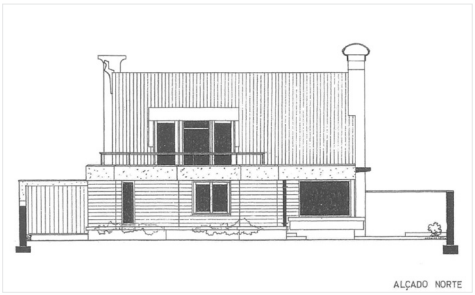
A chaminé da lareira da sala de estar a poente, e a chaminé do exaustor do fogão da cozinha a nascente, assim como um pilar triangular que sustenta o piso superior e forma um espaço coberto de transição entre zona comum e o jardim, sobressaem na fachada rebocados e pintados de branco. O remate exterior entre as paredes e a cobertura é desenhado através de um friso fortemente evidenciado.

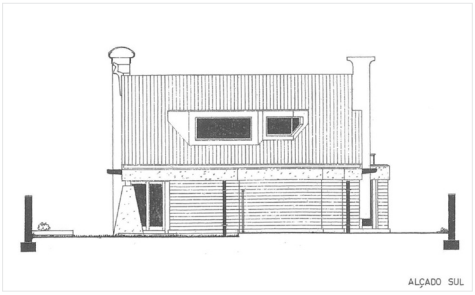
Um terceiro volume implantado a sul, no fim do lote, integra um pátio de serviço delimitado pela garagem, uma zona de arrumos e um lavadouro.

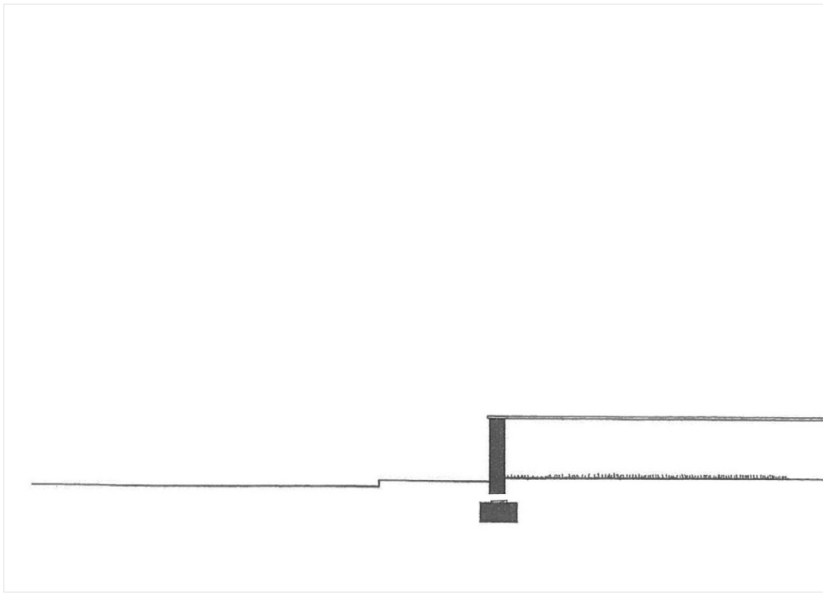
Pouco tempo antes da morte de Francisco Figueiredo, em Novembro de 2019, esta casa estava em processo de demolição para dar lugar ao projecto de duas habitações geminadas (agora em construção), na maior e mais nobre avenida da cidade do Porto.

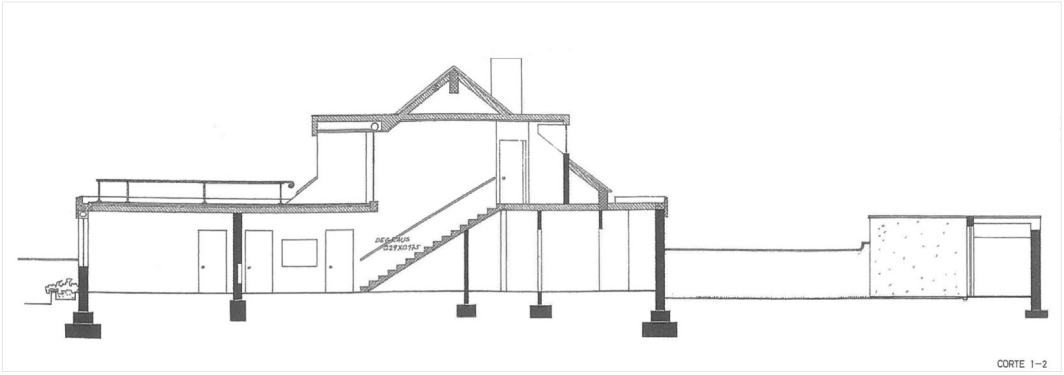


Planta do 1º. e 2º. piso do projecto "Casa Rui Neto"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



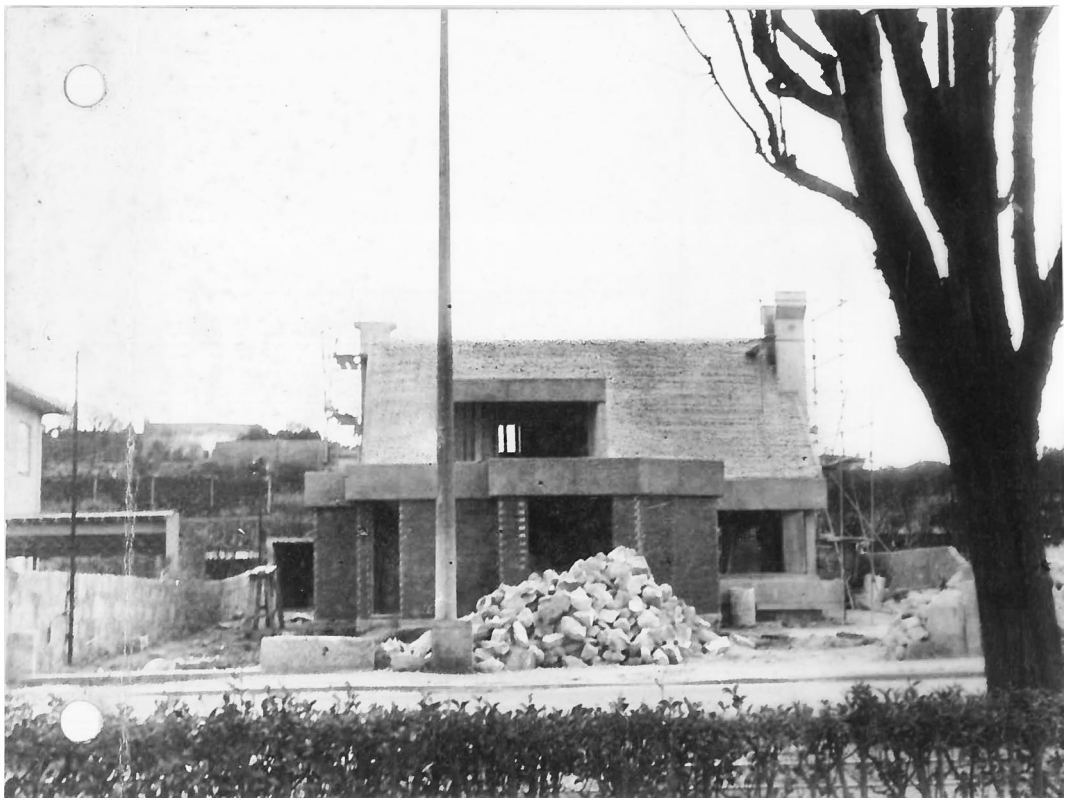






Alçado norte e sul, e corte 1-2 do projecto "Casa Rui Neto"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

Alçado poente e corte 3-4 do projecto "Casa Rui Neto"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



Fotografia de época da construção da Casa Rui Neto - 1962/1965
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

Estado da Casa Rui Neto em Outubro de 2019
Registo fotográfico da autora a 25 de Outubro de 2019.

12| **Vedação da Doca nº. 2 do Porto de Leixões, 1965/1967**
Avenida Eng. Duarte Pacheco - Matosinhos

"Como é natural, qualquer espectáculo desperta no homem o sentido da curiosidade. Assim, ao ser planeada a vedação para a nova zona portuária de Leixões, e atendendo às exigências alfandegárias, veio imediatamente à ideia, criar qualquer tipo de vedação, que sendo leve e transparente permitisse ao público apreciar através dela, as diversas actividades portuárias. Não poderia, contudo, essa transparência e leveza, lesar o fim básico em vista, de uma protecção adequada das mercadorias, dispostas nos terraplenos e debaixo do controle efectivo da Guarda Fiscal." [48]

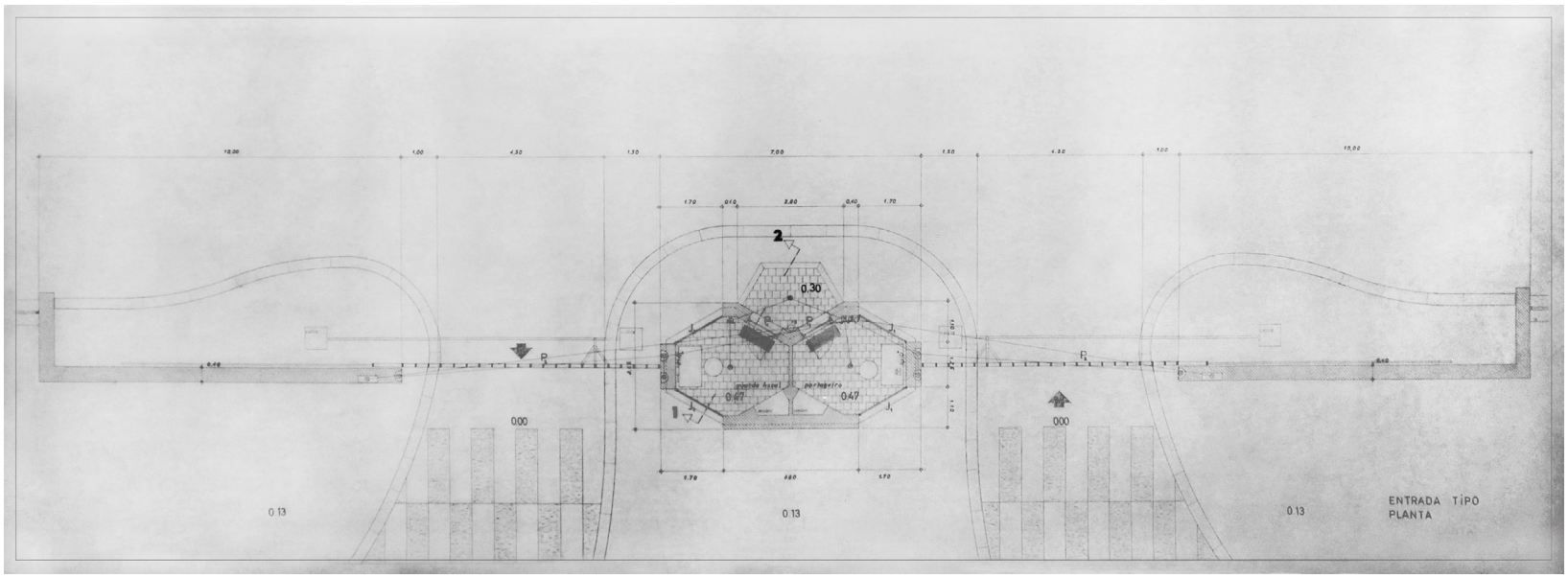
O projecto para a vedação da doca é composto pelo desenho das cabines de verificação de entrada e saída do porto e pela cerca que circunda os terraplenos. As cabines são na maioria recuadas em relação ao alinhamento das avenidas e enquadradas por duas paredes laterais em betão, onde se encontra marcado o número da doca, e para onde correm, quando abertos, os portões de entrada.

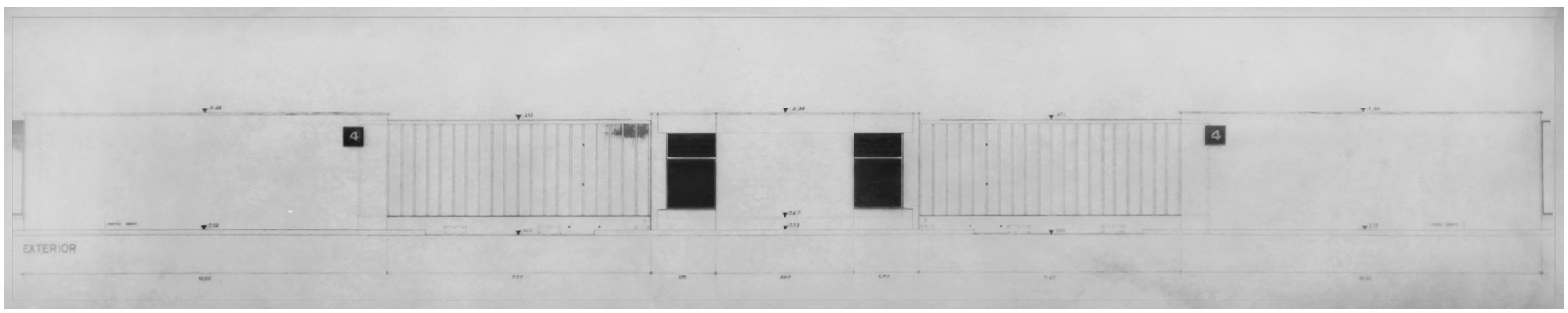
Em planta as cabines são desenhas por dois espaços independentes definidos pela união de dois octógonos, um dedicado ao guarda fiscal e o outro dedicado ao portageiro, unidos a sul por uma parede de betão onde são escavados os sanitários. A entrada em cada espaço é realizada pelo interior do porto e protegida por uma pala em betão. São desenhados dois vãos em cada uma das cabines, um a sul na relação com a avenida e outro a norte na relação com o porto, permitindo a comunicação com o exterior e uma visibilidade quase total dos terraplenos. Ao longo das avenidas a vedação é desenhada por um muro em betão que acompanha as diferenças de nível do terreno e na qual assentam prumos de ferro metalizado que suportam uma rede em ferro zincado que faz a separação entre o interior - porto - e o exterior - avenidas.

"Estando já prevista uma iluminação geral, seria necessário criar qualquer tipo de iluminação local, sublinhando, e ao mesmo tempo valorizando as entradas. Assim, nos topos das paredes laterais, e nas paredes das cabines que lhes ficam em frente, foram previstas frestas verticais para tubos de luz florescente, que numa iluminação rasante, dê a impressão de possuírem os portões luz própria."[49]

A cerca que hoje envolve o Porto de Leixões não é a desenhada por Francisco Figueiredo, podendo nunca ter chegado a ser realizada. Apenas a cabine e as paredes laterais se mantêm junto à margem sul da Ponte Móvel de Leça da Palmeira.

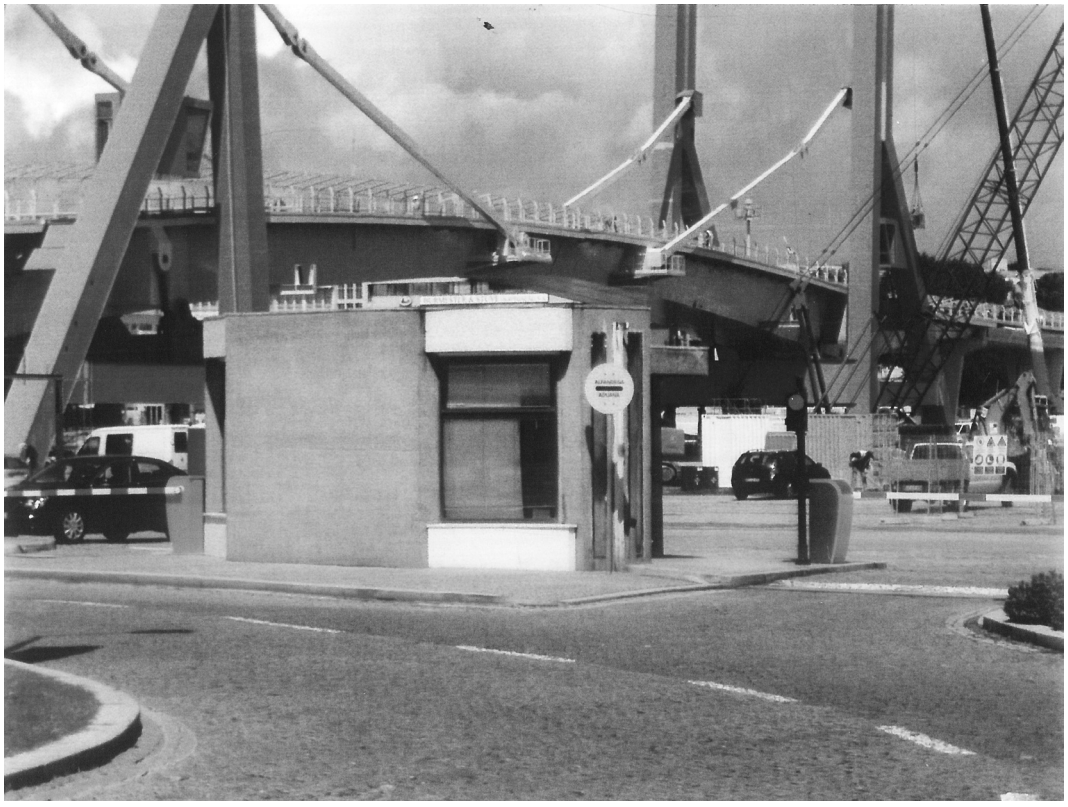
[48] Francisco Figueiredo, Memória Descritiva e Justificativa do projecto "Vedação da Doca nº. 2 do Porto de Leixões", 01 de Maio de 1967, consultado no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo, pág. 1.
[49] *Ibidem*, pág. 2.





Planta e alçado exterior do projecto "Vedação da Doca nº. 2 do Porto de Leixões"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

Fotografia de época da vedação da Doca nº. 2 do Porto de Leixões
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



Fotografia de época da vedação da Doca nº. 2 do Porto de Leixões
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

13| **Plano de Urbanização para um terreno situado na Boavista, 1969**
Ruas Pedro Hispano, Tenente Valadim e João de Deus - Porto

O terreno, situado a nascente da Avenida da Boavista, é delimitado a norte pela Rua do Tenente Valadim, a sul pela Rua Pedro Hispano, e a nascente pela Rua São João de Deus.

Sobre a solução arquitectónica, o arquitecto escreve - "De acordo com o Plano Director, foram apenas previstas construções de carácter residencial, sendo, contudo, estas apoiadas por um conjunto comercial ao nível do rés-do-chão do bloco central. No subsolo e sob o mesmo imóvel, foi projectada a execução em dois pisos de uma garagem e estacionamento de serviço.

Ainda, por imposição do mesmo Plano Director, faz parte do todo e interpondo-se nele, uma zona para escola destinada ao ensino primário. Ao conceber este plano, houve em mente agrupar as construções em núcleos residenciais, procurando afastá-los o mais possível uns dos outros.

Desta maneira, e como o recuo que se verifica em relação às artérias envolventes, todos os prédios serão rodeados de zonas mais ou menos verdes arborizadas dando a agradável sensação aos futuros moradores que estarão a viver integrados num parque.

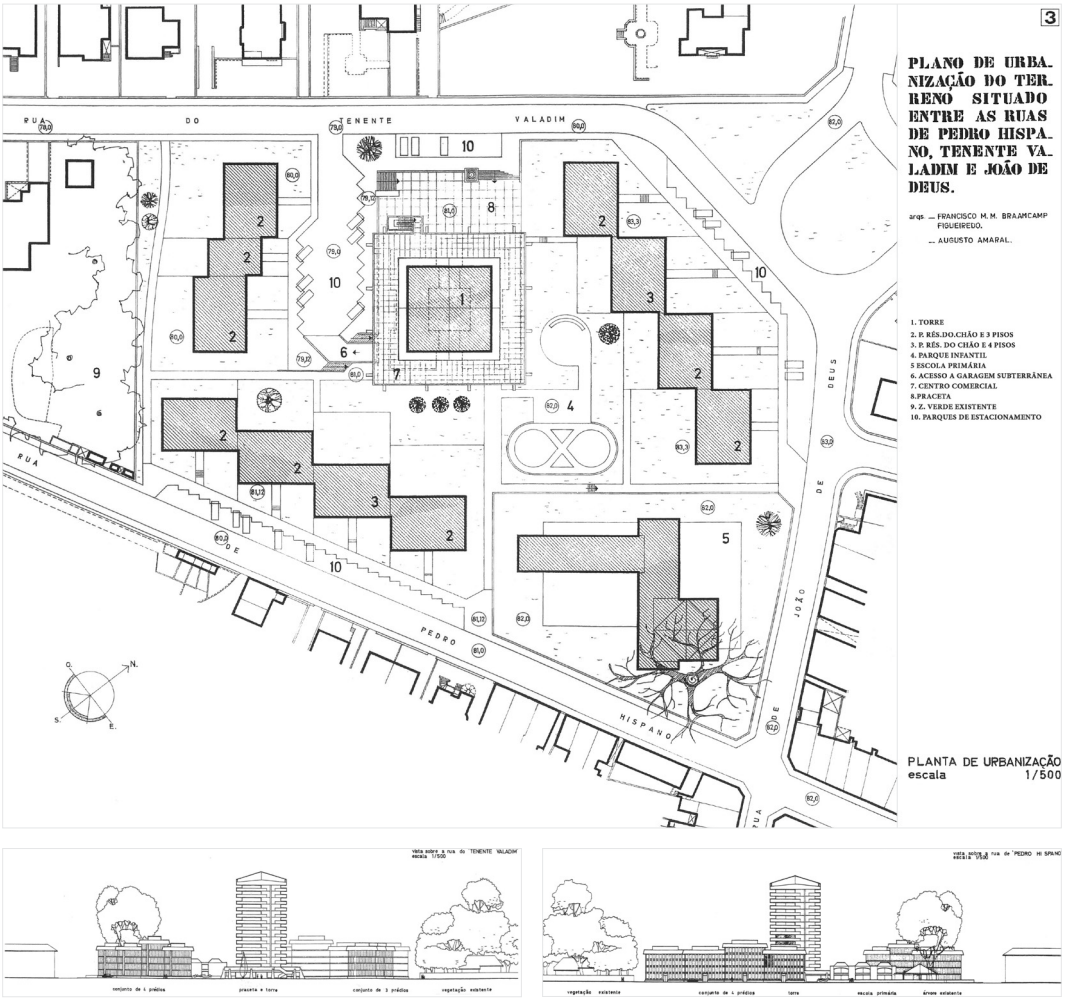
Fundamentalmente o conjunto é constituído por três núcleos residenciais, que, juntamente com a escola primária, envolvem uma praceta de onde nasce uma torre de avultadas proporções. Esta torre será elemento central e destinada também a residências nos andares superiores, estabelecimentos ao nível do solo e garagens na cave.

Sob o ponto de vista plástico parece-nos certa e agradável a solução adoptada. Um elemento central marcadamente alto, dominando o conjunto e nascendo de uma praça envolvida na periferia por conjuntos habitacionais proporcionalmente mais baixos."[50]

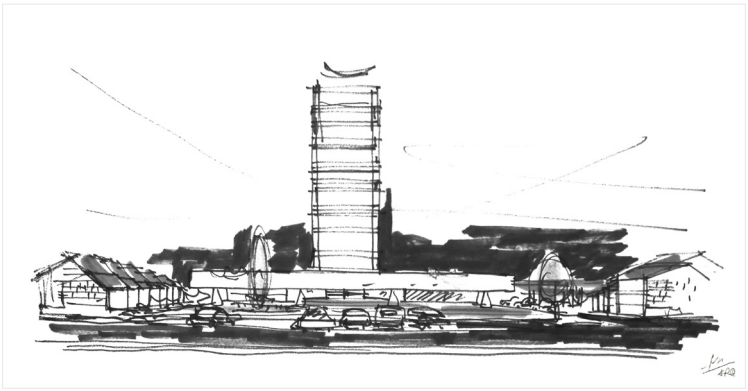
Todo o conjunto edificado é implantado afastado dos limites do terreno. As formas dos edifícios são regulares como o rectângulo ou o quadrado. A torre de catorze pisos constitui habitações do tipo T1, T2, T3, T4 e T5 e são baseadas na repetição do módulo de 1,25 m por 1,25m, distribuídas por um hall quadrangular composto por quatro elevadores e uma escada de dois lanços. Os restantes edifícios dedicados à habitação, variam de três a quatro pisos e possuem entradas independentes.

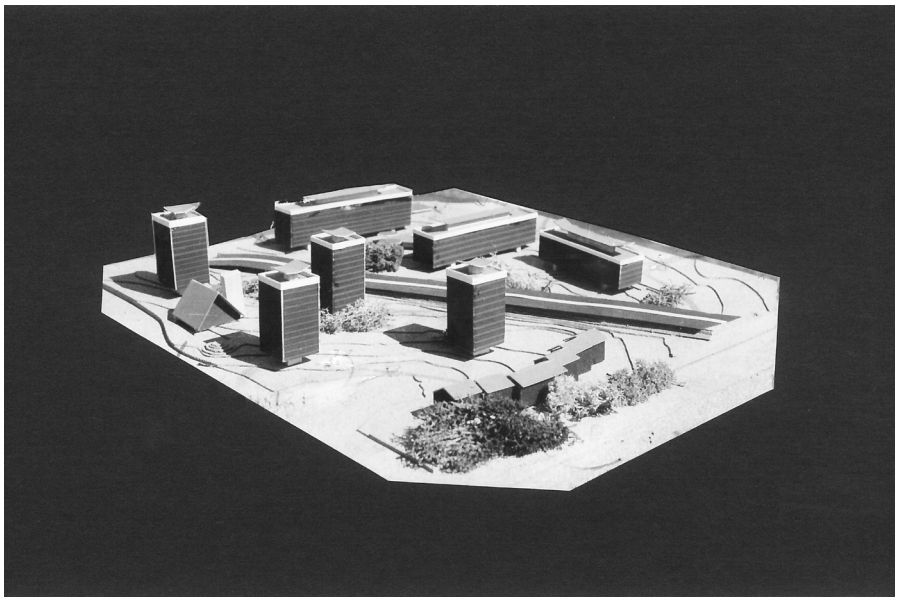
Todo o conjunto se encontra envolvido por zonas ajardinadas e por percursos pavimentados que interligam os diferentes programas. Ao não serem projectadas ruas no meio do lote e os estacionamentos de automóveis serem desenhados junto das ruas que delimitam o terreno, permitem que o vazio deixado entre os três núcleos residências seja exclusivamente de uso pedonal.

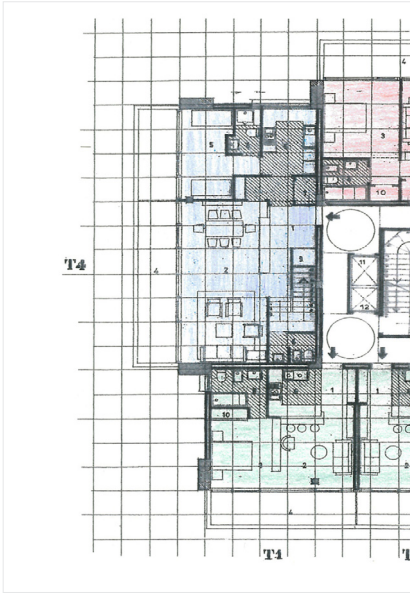
[50] Francisco Figueiredo, Memória Descritiva do projecto "Plano de Urbanização para um terreno situado na Boavista", 11 de Março de 1969, consultado no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo, pág. 1/2.



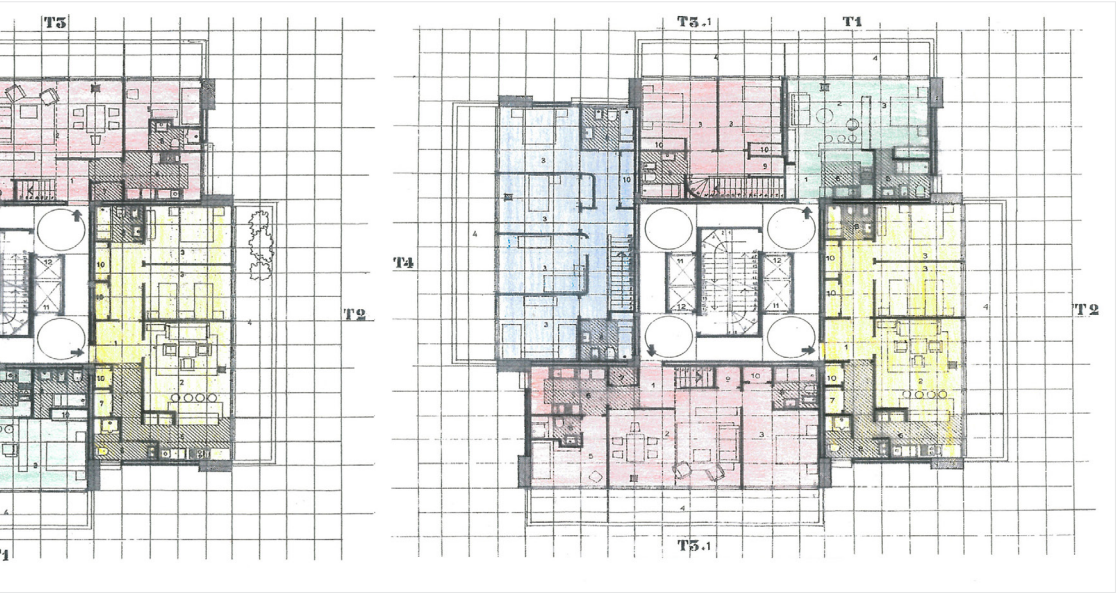
Planta e alçados de conjunto do projecto "Plano de Urbanização para um terreno situado na Boavista"
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.







Perspectiva e maqueta de estudo do projecto "Plano de Urbanização para um terreno situado na Boavista"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



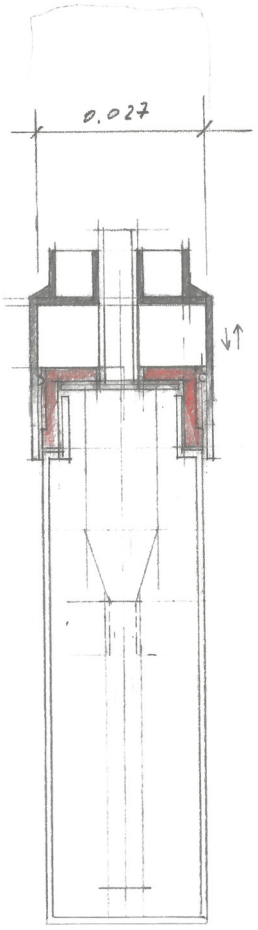
Perspectiva de estudo e estudo de organização interna do edifício central do projecto "Plano de Urbanização para um terreno situado na Boavista"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

14| **Pincel de Barba auto-alimentado - Pincel H, 1969**
Participação no 18º Salão Internacional dos Inventores - Bruxelas

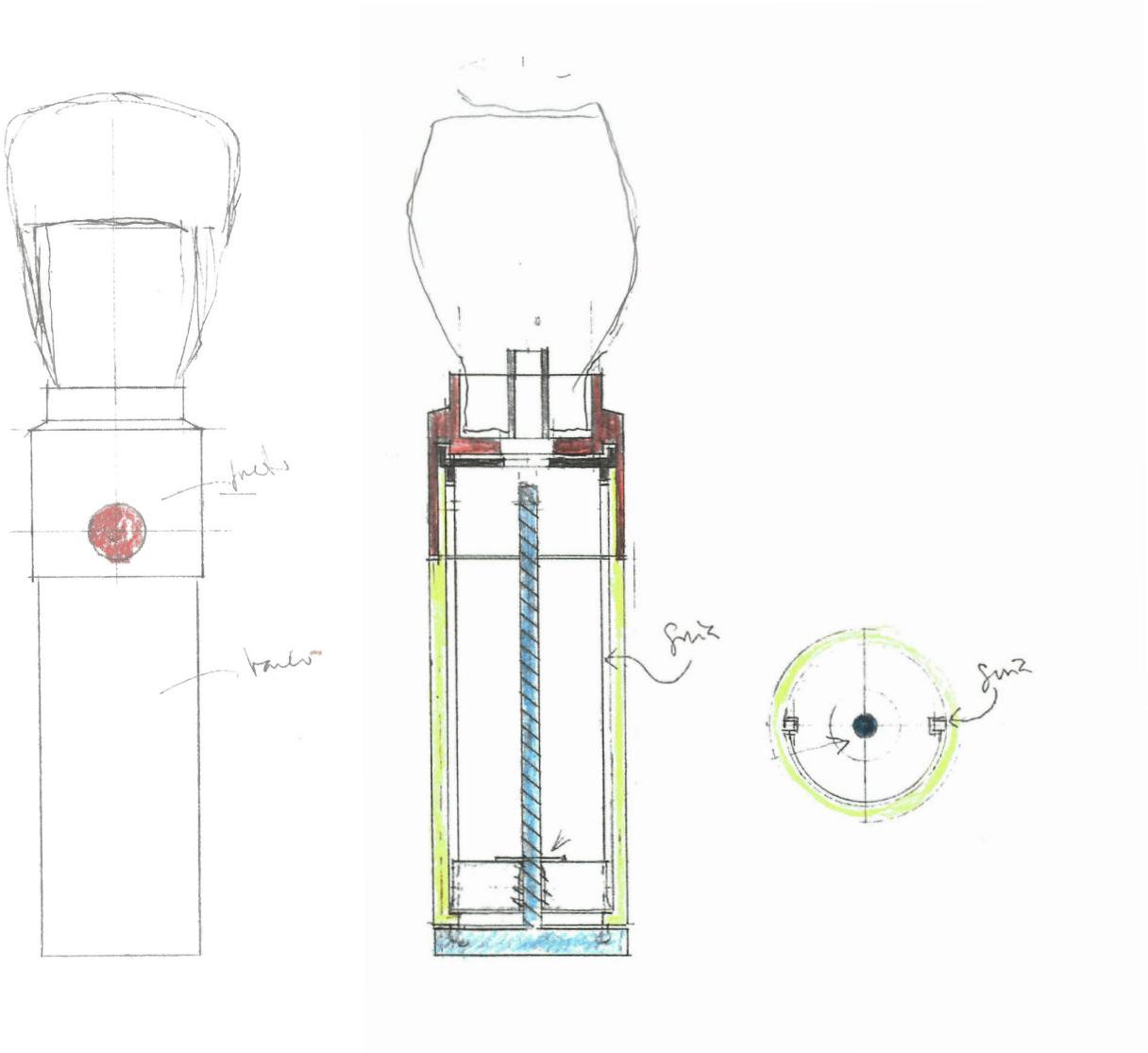
Em 1969, com 45 anos de idade, Francisco Figueiredo é um dos portugueses a vencer uma medalha de prata no 18º Salão Internacional dos Inventores, com o projecto de um pincel de barba auto-alimentado.

O Pincel de Barba auto-alimentado foi a primeira invenção a que o arquitecto registou patente - *"Este foi o primeiro invento que registei. Sou arquitecto, fiz isto por piada, os arquitectos são assim umas pessoas à parte. Mas talvez agora tente concretizar outras ideias."*[51]

Sobre o pincel o arquitecto escreve - "Consiste o objecto, cujo desenhos se juntam, em um pincel auto-alimentado para fazer a barba. Neste pincel, a grande vantagem e, portanto, a inovação, está no facto de em lugar de dois elementos (pincel e bisnaga de sabão), haver apenas um pela união das duas peças em conjunto. O pincel de depósito acoplado lança, a uma pequena pressão do dedo, o sabão-creme entre os pelos ou cerdas, em maior ou menor quantidade segundo a vontade da pessoa que o utiliza. As cargas uma vez gastas, serão substituíveis, ou recarregáveis através do orifício que se encontra na base do conjunto."[52]



[51] Francisco Figueiredo, "Os Inventores Portugueses: um pincel de barba auto-alimentado inventado por um arquitecto do Porto", *in Diário de Lisboa*, ano 49, nº 16675, 23 de Maio de 1969, pág. 4.
[52] *Idem*, Memória Descritiva do projecto "Pincel de Barba auto-alimentado", 01 de Dezembro de 1966, consultado no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



Desenhos de estudo do projecto "Pincel de Barba auto-alimentado - Pincel H"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

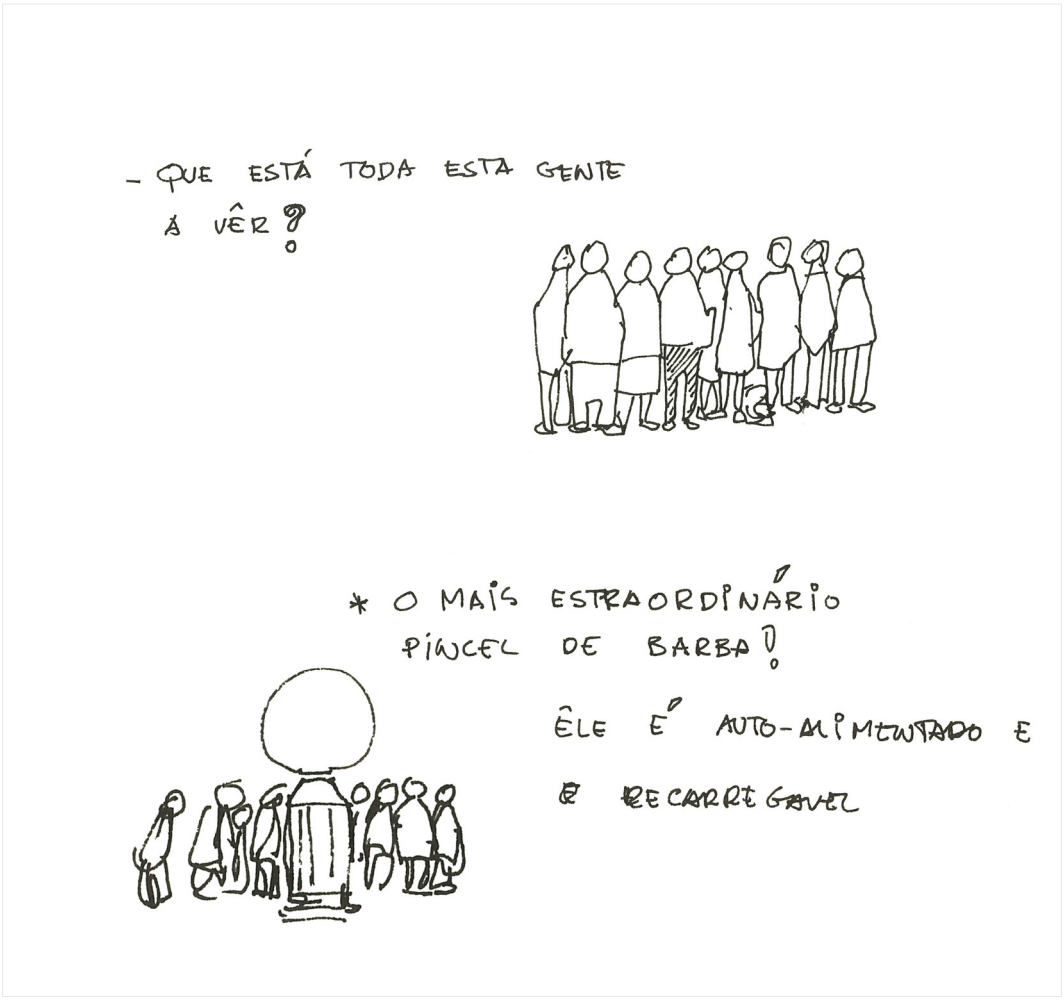
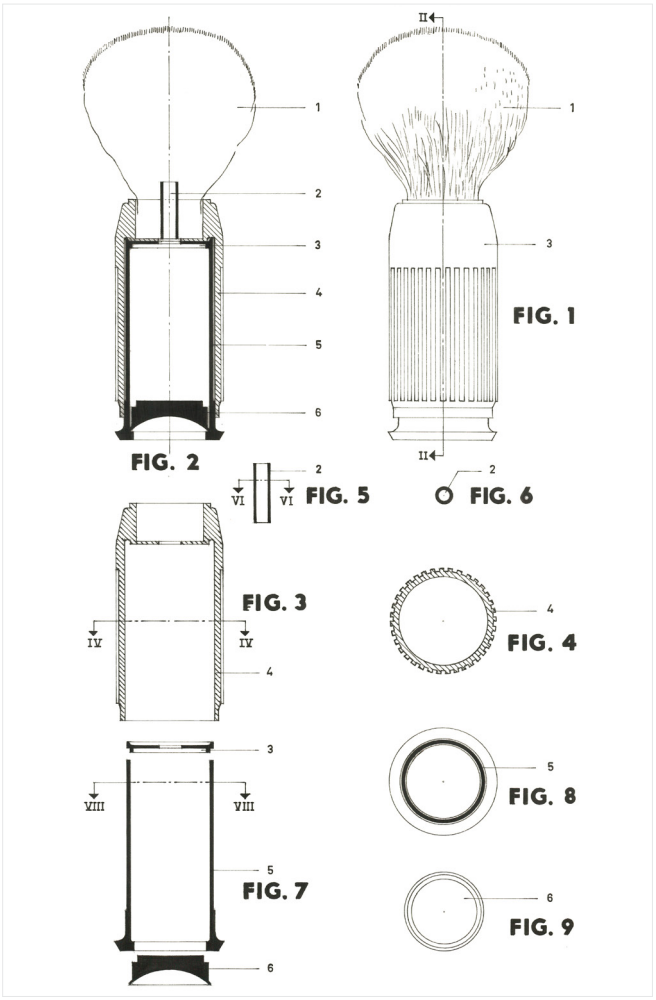


Ilustração de apresentação do projecto "Pincel de Barba auto-alimentado - Pincel H"
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



Desenho síntese e fotografias de época do Pincel de Barba auto-alimentado - Pincel H
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

15| **Instalações Fabris de Tecnogravura em Arcos do Sardão, 1970**
Oliveira do Douro - Vila Nova de Gaia

A proposta para as Instalações Fabris de Tecnogravura implanta-se num lote da zona industrial dos Arcos do Sardão com frente para a Estrada Nacional 222. O edifício desenvolve-se num piso único de planta rectangular, desenhada com base no módulo 1.25 m por 1.25 m.

Com duas entradas, uma no extremo norte do edifício de acesso aos serviços sociais (zona de refeições e vestiários dos trabalhadores), e uma lateral e principal a nascente, de acesso à zona de trabalho, o vasto programa é distribuído por um corredor central que organiza os espaços para o exterior, com um pé direito de 3, 50 m.

As diferentes áreas de trabalho são rigorosamente divididas para que os múltiplos processos de fabrico tenham o minino de cruzamentos possíveis.

Desenhado em cobertura plana, a iluminação natural é resolvida por clarabóias ao longo do corredor central e pela abertura de vãos verticais maioritariamente ao longo das fachadas de maior dimensão, definindo uma exposição solar nascente-poente dos espaços interiores.

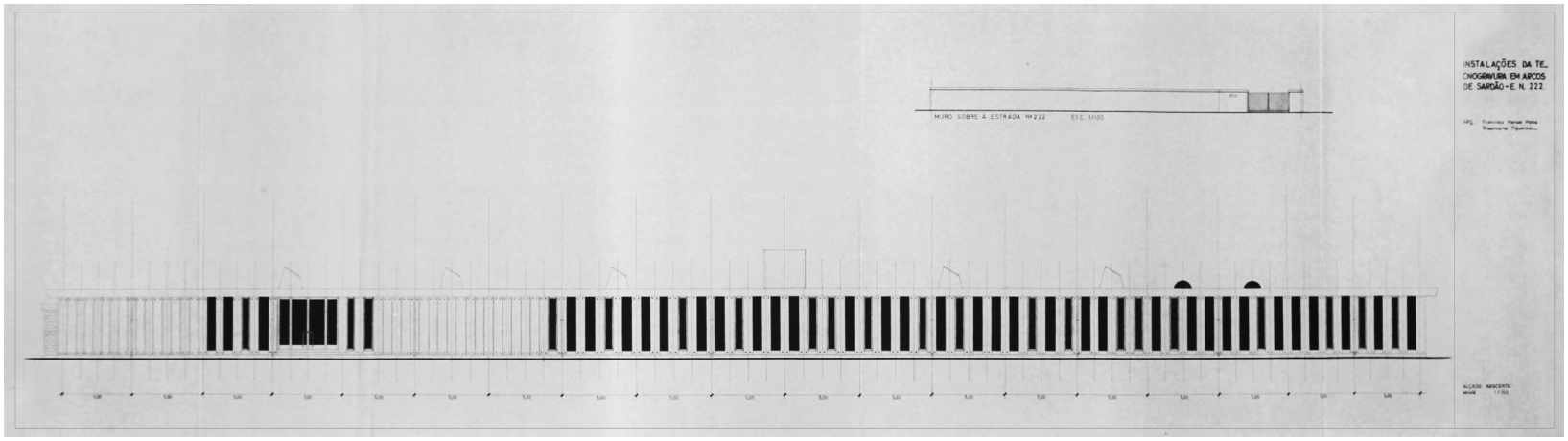
Foram considerados materiais pré-fabricados como o fibrocimento para as paredes exteriores, e para as interiores blocos de betão com as dimensões 40x20x10, para que fosse mais fácil, rápida e barata a construção.

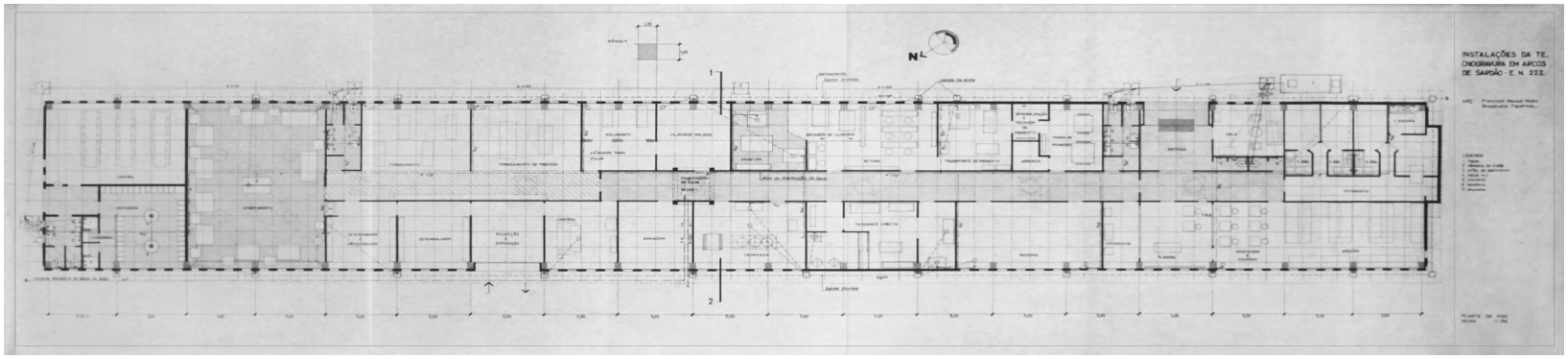
Sobre o projecto o arquitecto escreve - "Trata-se de um edifício baixo e sobre o sentido do comprimento, satisfazendo as necessidades funcionais das diversas fases de laboração. Será considerado mais propriamente um laboratório, que uma fábrica no verdadeiro sentido do termo. Foi pensamento dominante, encontrar uma solução, sobre o ponto de vista construtivo, simples, funcional, e quanto possível usar elementos pré-fabricados. Nesta linha de pensamento considerou-se o fibrocimento em abundância ao longo das fachadas.

Funcionalmente, foram colocadas as diversas secções de acordo com as exigências técnicas de forma a um racional e lógico aproveitamento do espaço com um mínimo de cruzamentos dos múltiplos processos de fabrico. Nos dois topos opostos da construção, reservaram-se espaços vazios, para estacionamento de veículos e recreio do pessoal. As placas verdes que ladeiam as entradas serão ajardinadas aproveitando-se no possível a vegetação existente."[53]

Não sabemos se este edifício foi construído, no entanto, a partir de algumas imagens actuais entende-se que a planta de implantação é bastante parecida com a projectada por Francisco Figueiredo, todavia, houve um acrescento de um piso e as fachadas são completamente diferentes, dando a entender que talvez se tenha procedido a uma reabilitação.

[53] Francisco Figueiredo, Memória Descritiva do projecto "Instalações Fabris de Tecnogravura em Arcos do Sardão", 15 de Março de 1970, consultado no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo, pág. 1/2.





Planta e alçado nascente do projecto "Instalações Fabris de Tecnogravura em Arcos do Sardão"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

16| **Piscina do Parque das Termas do Gerês, 1971**
Rua Eng. José Lagrifa Mendes - Gerês

As Termas do Gerês, situadas no Parque Nacional da Peneda Gerês, no concelho de Terras de Bouro, são conhecidas pela eficácia das águas mineromedicinais e uma das estâncias termais mais frequentadas de Portugal.

A piscina faz parte, assim como vários projectos do arquitecto da década de 70 e 80, de um plano de conjunto de edifícios que procuravam melhorar o funcionamento das termas e dar solução ao elevado aumento da procura de tratamentos, implantados em terrenos pertencentes à empresa de águas do Gerês ao longo da Estrada Nacional 308-1.

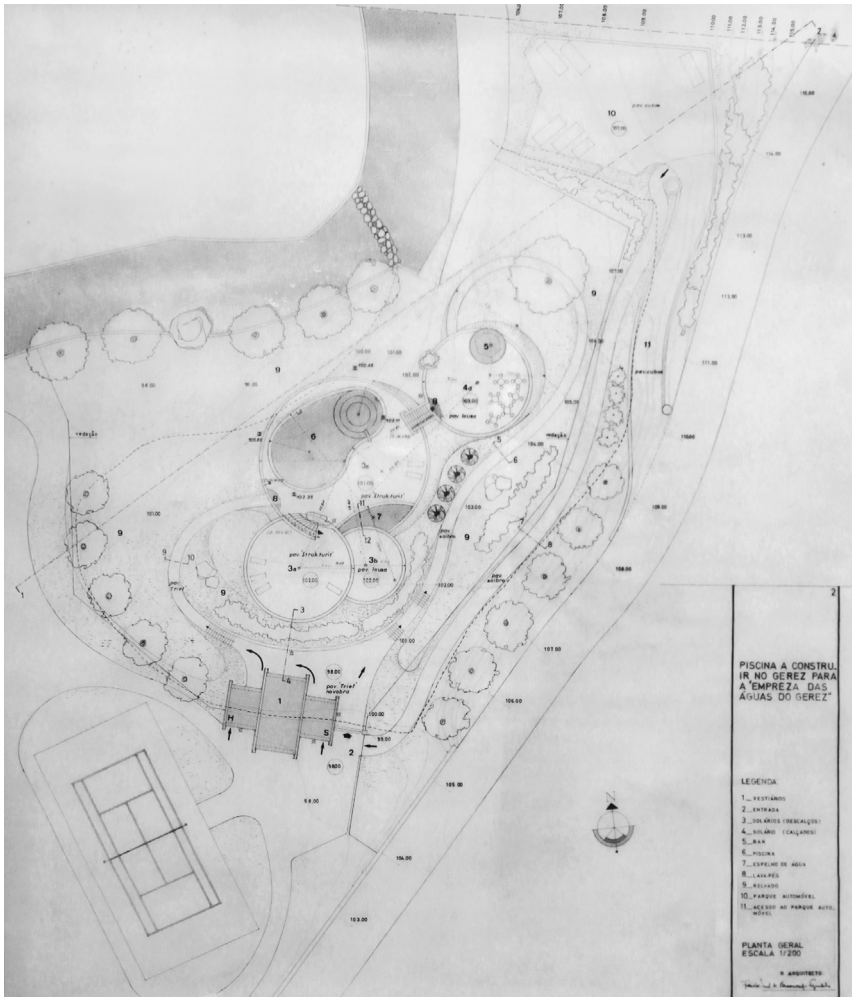
Ainda hoje em funcionamento, a piscina integra uma área de balneários, um bar e três zonas de solários. O projecto toma partido do desnível natural do terreno para se implantar e relacionar directamente com a paisagem. Um percurso contínuo faz a transição de cotas desde a entrada pela Estrada Nacional 308-1 até ao acesso à piscina junto ao rio Caldo. A transição entre a estrada e o rio é marcada por um maciço de árvores, que ao longo do ano, em consequência da mudança da folhagem, criam um ambiente distinto de aproximação.

Os balneários à entrada do recinto distribuem para um série de plataformas de apoio à piscina. As escadas que lemos em planta sugerem que as plataformas estejam implantadas a uma cota superior em relação aos balneários e à piscina. Esta decisão parece estar relacionada com a vontade do arquitecto de fazer das árvores que envolvem a implantação a vista dominante de todos os espaços do conjunto.

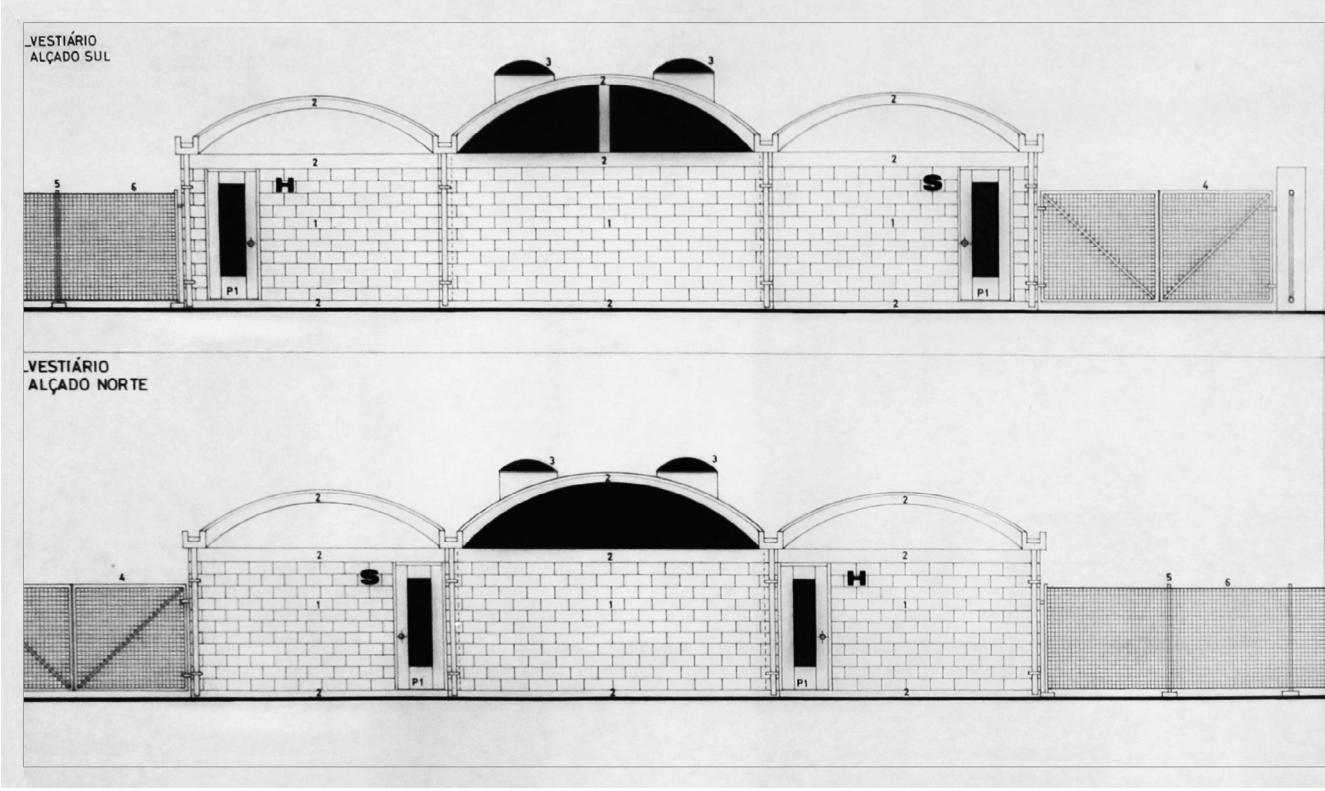
Neste projecto, é determinante a relação que se cria entre liberdade e condicionalismo.

"Mas, contra o que o homem por vezes pensa, as formas que ele cria, os espaços que ele organiza não são criados ou organizados em regime de liberdade total, mas antes profundamente condicionados por uma soma infinita de factores, de alguns dos quais o homem tem plena consciência e agindo outros inconscientemente sobre ele. O número destes factores e a sua importância relativa são difíceis de apontar e de referir em cada forma que homem cria, até porque as formas artificiais ou de criação humana, para além das formas naturais que se revestem de enorme importância, contam como factores condicionantes de cada nova forma criada, pois acontece que o espaço organizado pelo homem é condicionado na sua organização mas, uma vez organizado, passa a ser condicionante de organizações futuras e daqui que, apenas por comodidade de estudo, seja possível separar estes dois aspectos do espaço organizado porquanto ele é condicionado na sua elaboração e condicionante na sua existência."[54]

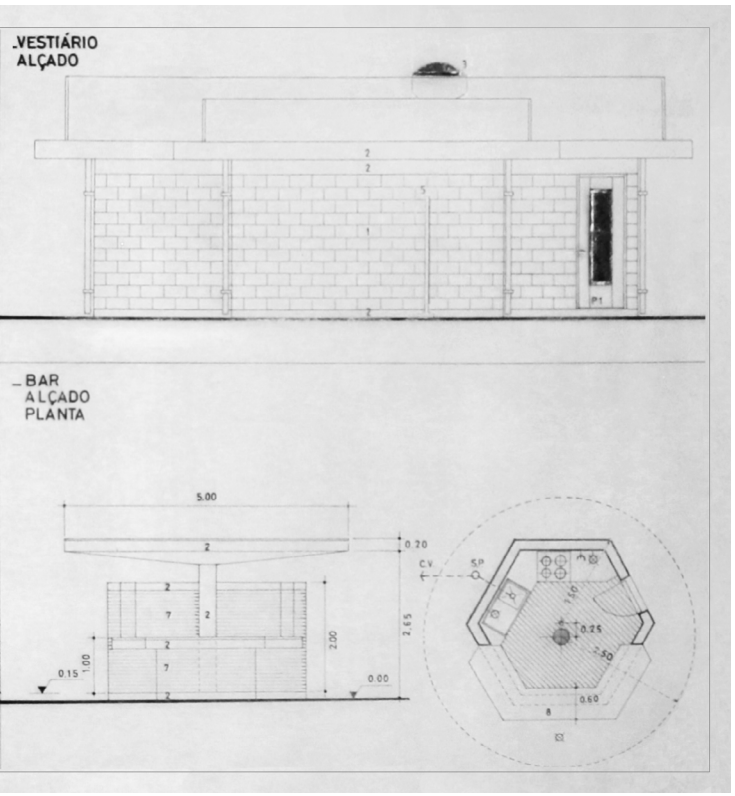
[54] Fernando Távora. *Da organização do espaço*. 6ª ed. Porto: FAUP publicações, 2006, pág. 21.



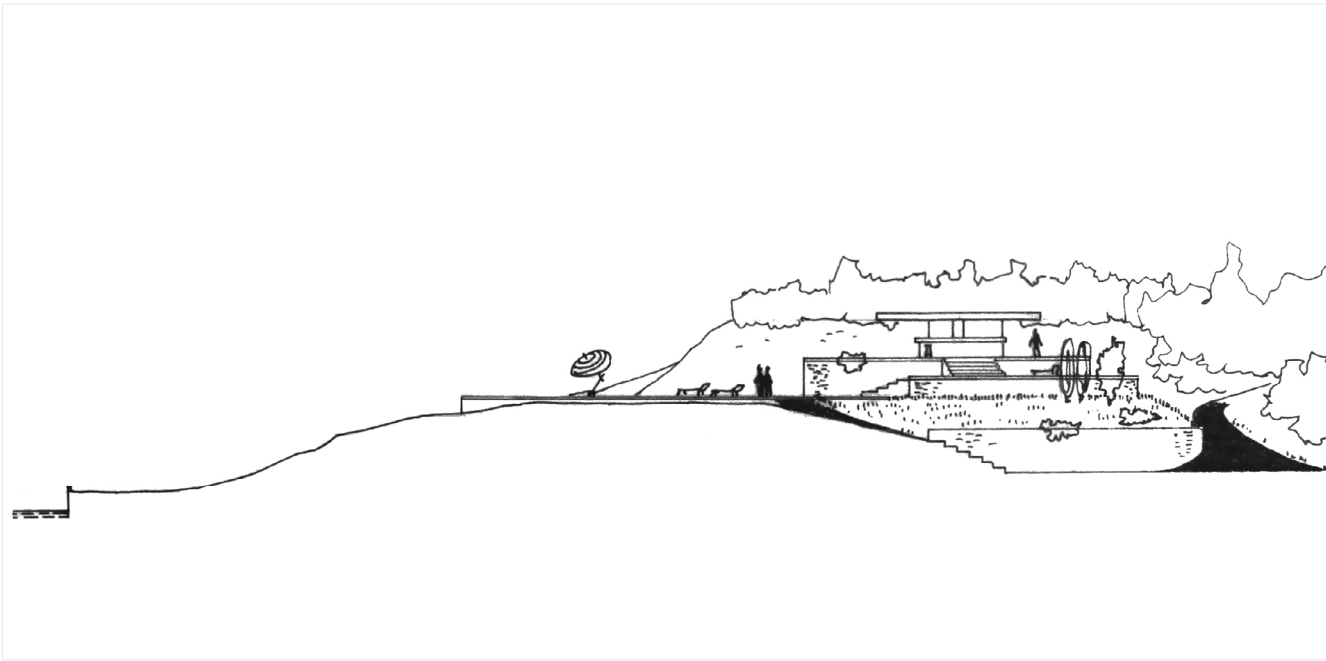
Planta do projecto "Piscina do parque das Termas do Gerês"
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

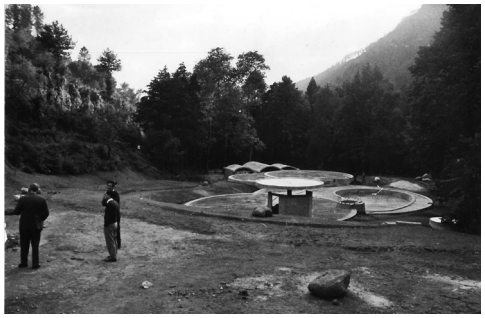


Alçado sul e norte do Vestiário do projecto "Piscina do parque das Termas do Gerês"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

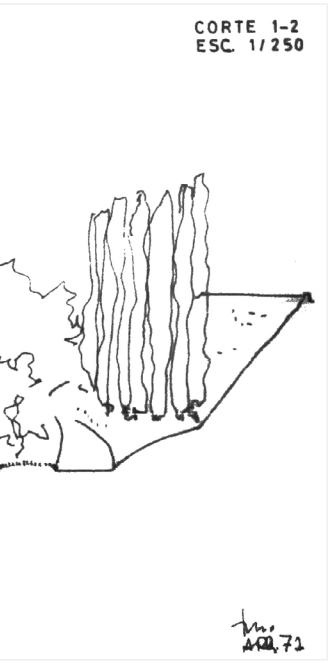


Alçado lateral do Vestiário, planta e alçado do Bar e fotografias de época do projecto "Piscina do parque das Termas do Gerês"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.





Corte longitudinal e fotografias de época da fase de construção do projecto "Piscina do Parque das Termas do Gerês"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



Fotografias de época da Piscina do Parque das Termas do Gerês
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

17| **Jazigo para a Família Eça de Queirós, 1972**
Tormes - Baião

Este projecto é o segundo jazigo realizado pelo arquitecto, seguido do Jazigo para a Família Faya Marinho de 1971. Embora estejam a ser desenhados mais ou menos na mesma altura distinguem-se pela forma como ocupam o solo. Enquanto que o Jazigo para a Família Faya Marinho se desenvolve para cima e para além do plano de chão, o Jazigo para a Família Eça de Queirós desenha-se apenas no subsolo. Assim sendo, este projecto assume um carácter mais escultórico, de desenho da pedra tumular.

Sobre o projecto o arquitecto escreve: -"Trata-se de um jazigo em subsolo, para oito prateleiras cuja parte superior visível é constituída por uma bordadura em degrau, que circunda a construção, formando a base em que assentará a pedra tumular. Esta, de traçado muito simples e sóbrio, será gravada em baixo relevo com dizeres referentes à família Eça de Queirós e ladeada por pequenas placas relvadas. Como motivos decorativos foram colocadas duas taças em bronze fundido e um pequeno elemento escultórico.

Processo de construção :

1- A secção em subsolo será constituída por uma caixa com as dimensões de 2.40 x 2.40, em perpianho devidamente assente em argamassa de cimento.

2- O tecto será em cimento armado, formando encaixe para receber a pedra tumular.

3- A pedra tumular e o degrau envolvente serão em cantaria de granito com as dimensões de projecto, isenta de falhas ou defeitos, de cor branca e acabamento a pico fino.

4- As paredes interiores e tecto serão revestidas com argamassa de reboco areado e pintado com duas demãos de "Robiotel" de cor branca.

5- O pavimento será revestido de mármore de Estremoz, bem como do mesmo material serão feitas as prateleiras.

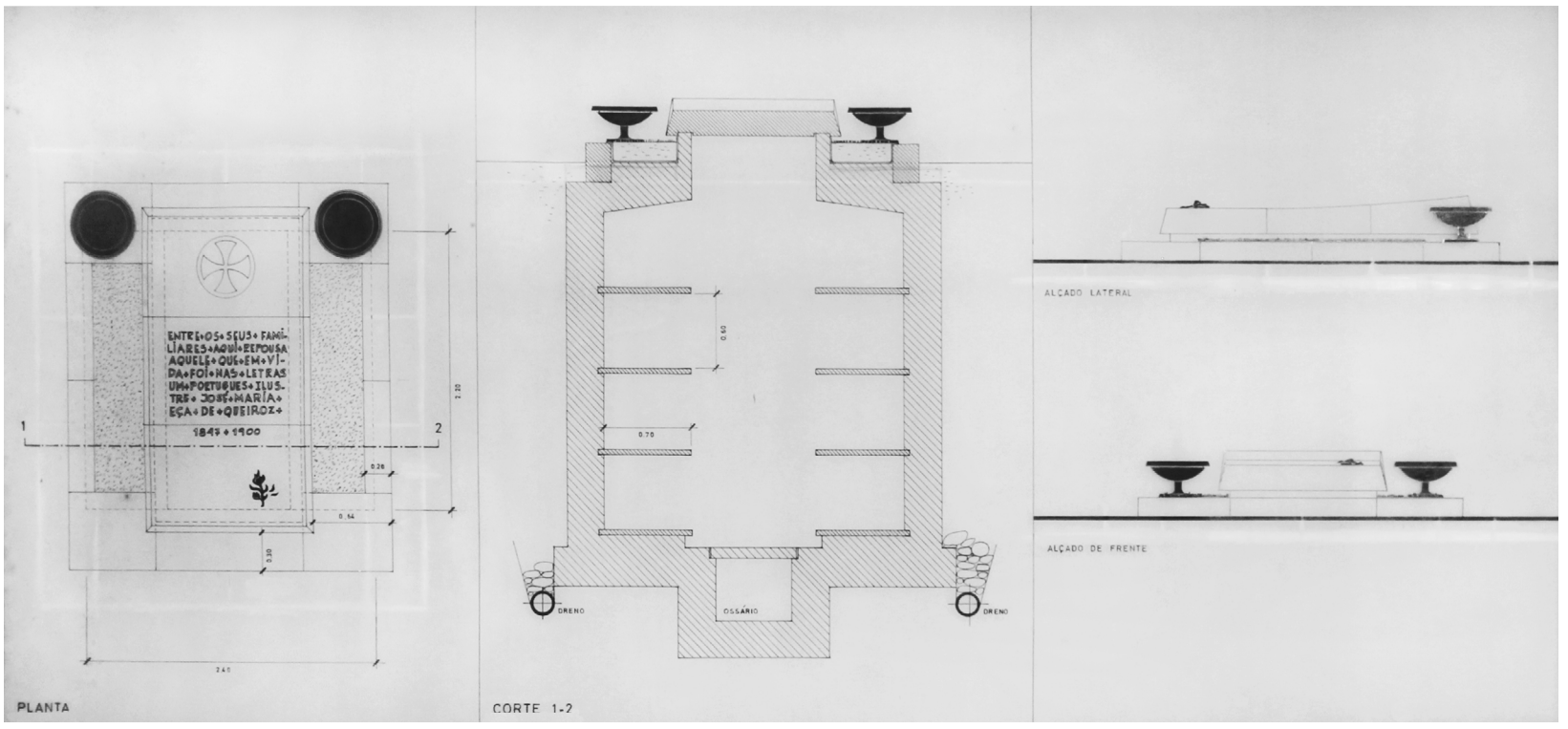
6- As placas relvadas serão revestidas em chapa de cobre formando caixa protectora de humidade.

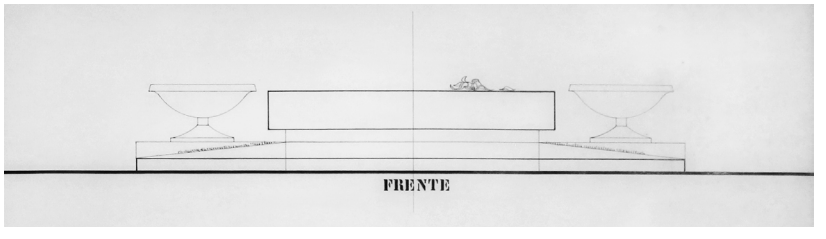
7- As paredes e pavimento em subsolo não estarão em contacto directo com o terreno, mas com uma blocagem de pedra solta.

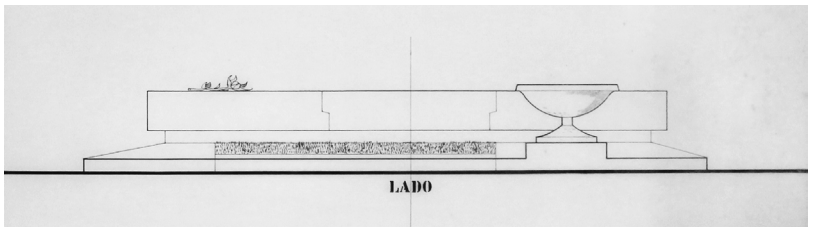
8- Toda a obra metálica será de bronze fundido (vasos e elementos decorativos sobre a pedra tumular).

9- Serão feitas amostras das inscrições gravadas na pedra, para assim se poder ajuizar do tipo, farma e tamanho das letras."[55]

[55] Francisco Figueiredo, Memória Descritiva do projecto "Jazigo para a Família Eça de Queirós", 28 de Novembro de 1972, consultado no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo, pág. 1/2







Em cima: Planta, corte e alçado frontal e lateral de estudo do projecto "Jazigo para a Família Eça de Queirós" - Maio de 1972
Em baixo: Alçado frontal e lateral síntese do projecto "Jazigo para a Família Eça de Queirós" - Novembro de 1972
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

18| **Bresfor, Indústria do Formol Lda., 1973/1985**
Avenida das Fábricas - Aveiro

Este conjunto industrial, construído entre 1973 e 1985, não só consta dos espaços necessários para o desenvolvimento do trabalho de produção de formaldeído e colas, como também das instalações administrativas e directivas e, ainda, do refeitório e vestiários para os operários.

A fábrica de colas (E3) desenvolve-se em dois volumes de planta rectangular. O primeiro volume, uma grande nave em betão de cobertura de duas águas em fibrocimento, integra a recepção e o espaço de armazenamento da cola fabricada no segundo volume. Este último, desenvolve-se em dois pisos com cobertura plana e é acedido pelo exterior a poente, ou pelo interior, através de um pequeno átrio de articulação dos dois volumes que se situa junto à recepção.

Dois volumes de menor dimensão e de apoio à fabrica são implantados a nascente. O primeiro (E7.1), de planta quadrada, constitui ao centro as instalações sanitárias, que definem, à sua volta, quatro espaços distintos com larguras iguais e entradas independentes pelo exterior. O segundo volume (E7.2) é composto apenas pela sala dos transformadores.

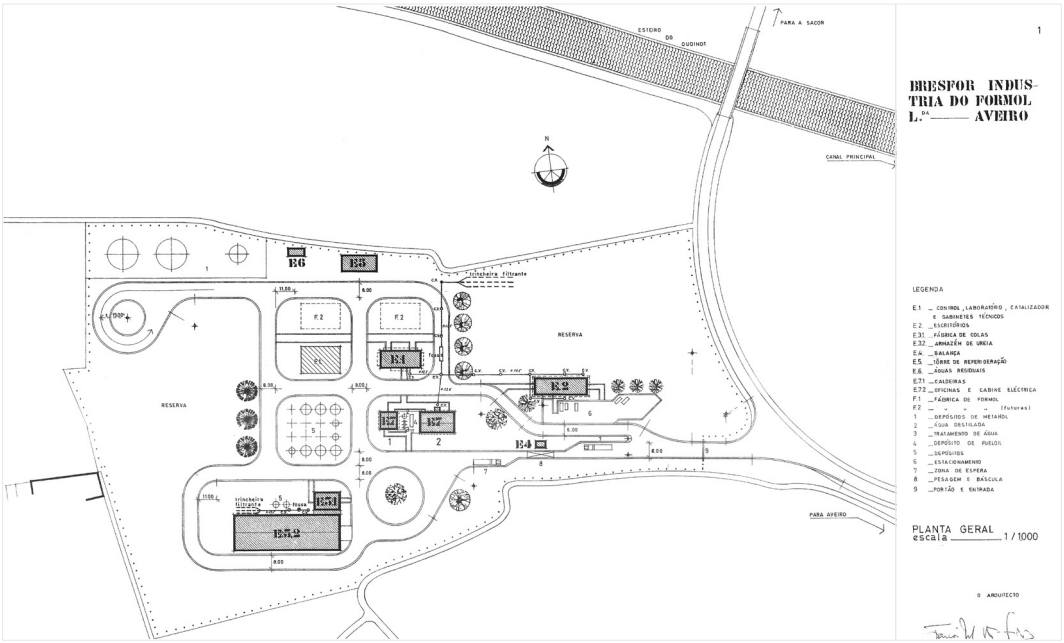
Com piso único, o edifício de co-produção (E.1) integra uma área técnica em cada um dos extremos do volume de planta rectangular. A entrada principal, na fachada lateral sul, distribui através de um corredor central para um laboratório, três gabinetes e para os sanitários.

O edifício de escritórios (E.2) com as funções administrativas, directivas e sociais, responde a preocupações bem distintas dos anteriores.

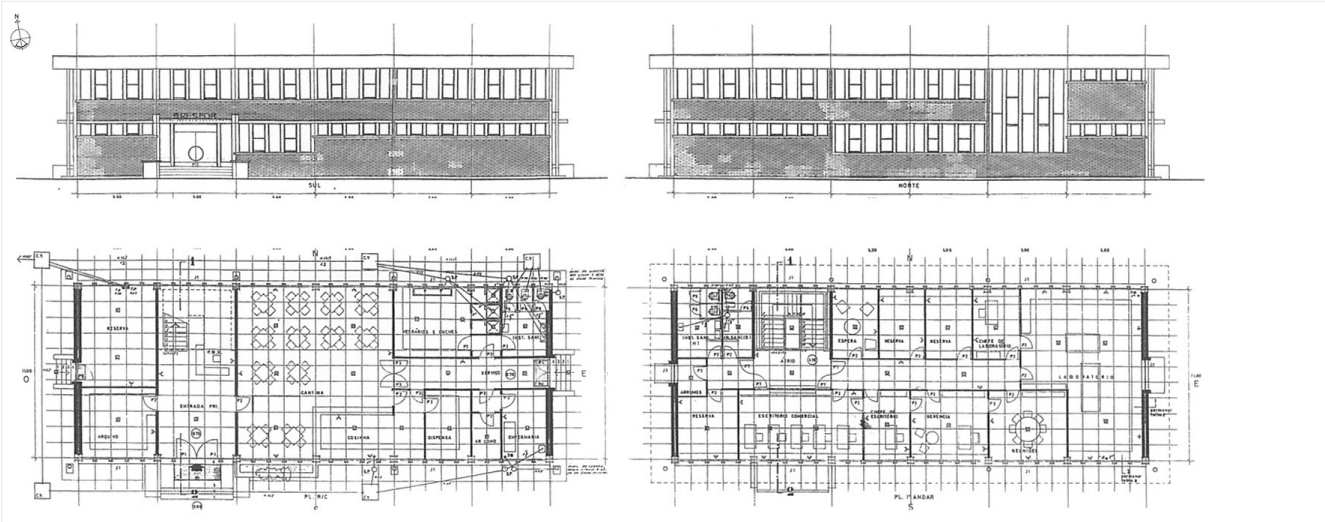
Tal como acontecia nas Instalações Fabris de Tecnogravura também este edifício se apresenta como uma caixa paralelepipédica, distribuído no piso superior por um corredor central e iluminado por aberturas de vãos maioritariamente nas fachadas de maior dimensão, definindo uma exposição solar norte-sul dos espaços interiores. A estrutura é em betão, as paredes exteriores em blocos de "LECA" impermeabilizados revestidos a cerâmica vermelha e a cobertura plana é fortemente evidenciada. Neste edifício desenham-se duas entradas, a principal na fachada lateral sul, com ligação ao piso superior dedicado aos serviços administrativos e directivos através de uma escada de dois lanços junto à fachada a norte, e a de serviço no extremo nascente do volume, que dá acesso aos serviços sociais que integram a cantina, os vestiários e a enfermaria.

Os vários programas que configuram o conjunto fabril definem edifícios com organizações tipologicamente distintas, sendo caracterizados por diferentes valores linguísticos e compositivos.

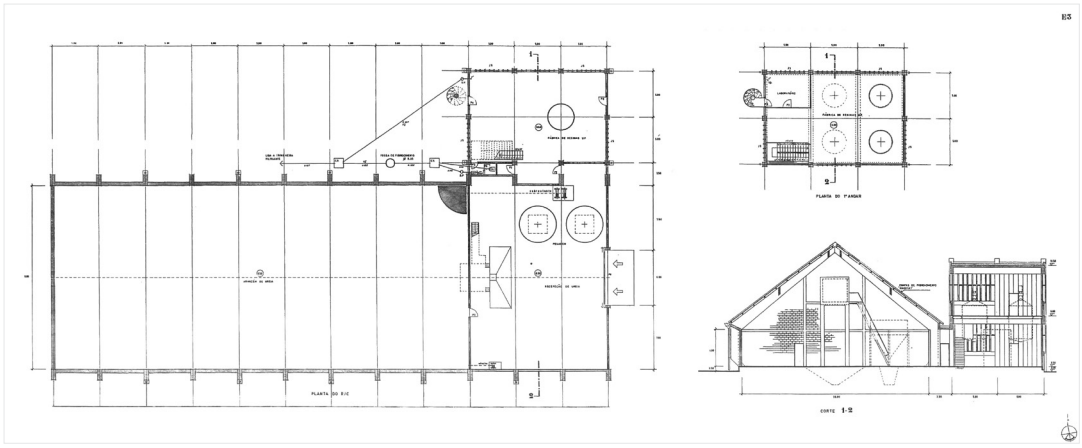
O desenho da planta é gerador dos volumes e das superfícies à sua volta. Os diferentes volumes, afastados e implantados em locais estratégicos do terreno, interligam-se através de uma rede de arruamentos que estabelecem a circulação interna do lote.

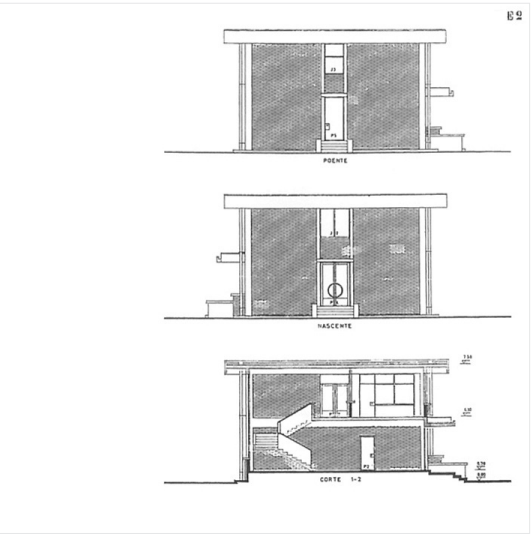


Em cima: Planta de conjunto do projecto "Bresfor, Indústria do Formol, Lda"
Em baixo: Plantas, cortes e alçados dos edifícios de co-produção (E1) e de apoio à fábrica de colas (E7.1 e E7.2) do projecto "Bresfor, Indústria do Formol, Lda"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



Fotografia de época de construção e plantas, cortes e alçados do edifício de escritórios (E2) do projecto "Bresfor, Indústria do Formol, Lda"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.





Plantas e cortes, e fotografia de época da fábrica de colas (E3) do projecto "Bresfor, Indústria do Formol, Lda"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

19| **Habitações, Motel e Edifício de Convívio para a Ferrominas, 1978**
Bairro da Ferrominas - Torre de Moncorvo

Este projecto refere-se ao plano de conjunto de vários edifícios de carácter social, que integram o Bairro da Ferrominas situado junto da zona minerva de Moncorvo, no lugar do Carvalhal.

Os diferentes programas assentam em locais opostos do terreno. A norte, com exposição solar nascente-poente, implantam-se 26 habitações unifamiliares de diversas tipologias para os operários da Ferrominas, e a sul, implanta-se o edifício de convívio, voltado para a paisagem a poente, circundado por um conjunto de pequenas estâncias sob a orientação nascente-poente, que integram o motel destinado a receber técnicos ligados à exploração da empresa, e ou os seus funcionários.

Sobre a implantação a sul o arquitecto escreve -"Em fase de estudo encontra-se o edifício de recepção e administração de apoio ao bairro e ao motel; um supermercado, uma lavandaria, uma piscina e campos de jogos que completam assim as superestruturas desta zona residencial.

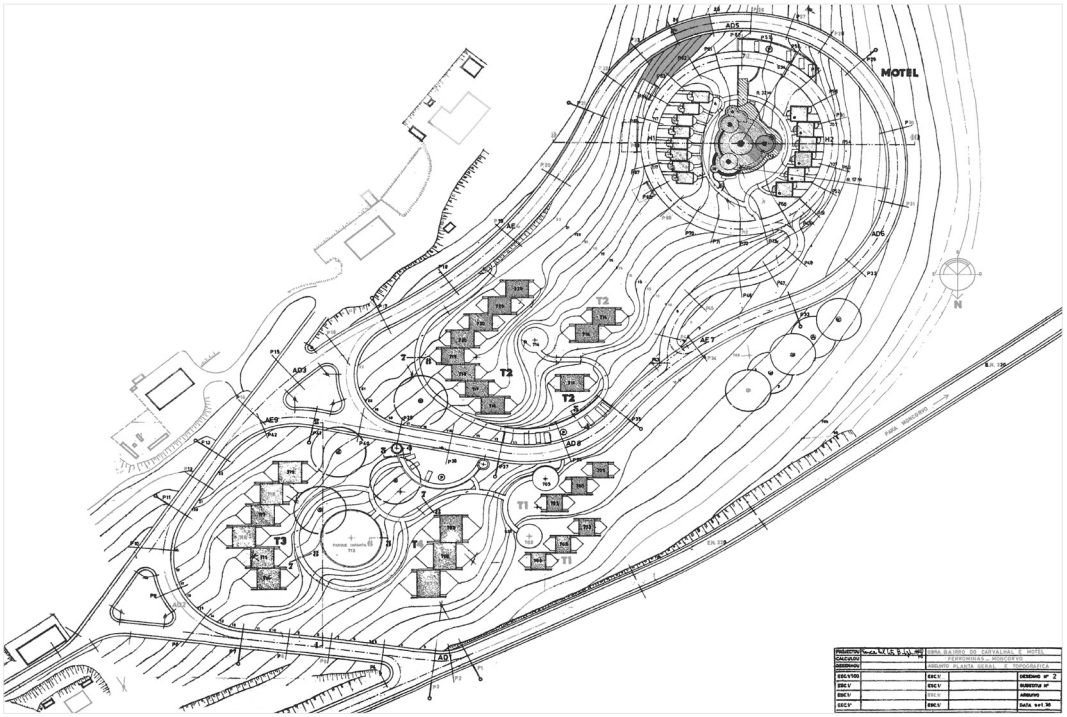
Encravado numa zona arborizada, presidiu a ideia base da concepção do motel de formar um aglomerado de pequenas vivendas circundado uma zona central de convívio. Esta zona central, como o nomo indica, será, pois, além de funcionar como restaurante, o ponto de reunião e de estar dos habitantes de todo o conjunto, formando assim o seu ponto de atracção.Verificando-se uma pendente no terreno bastante acentuada, havia que aproveitar esse declive natural para escalar as construções de forma a tirar o máximo partido da vista.

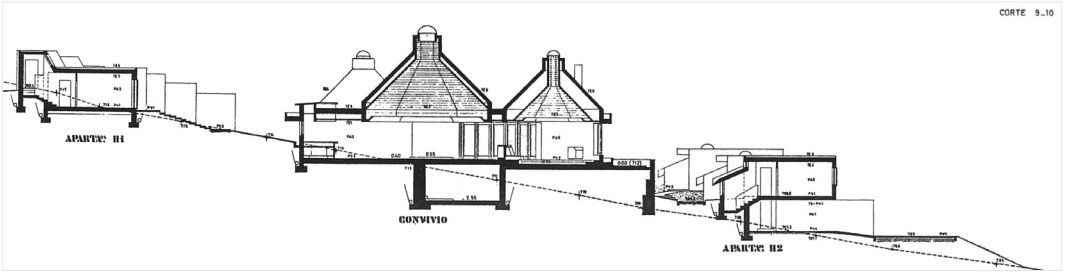
Houve a preocupação de orientar os apartamentos todos na mesma direcção, segundo o eixo nascente-poente, evitando desta forma o mais possível os rigores do quadrante norte, neste região de Inverno agreste. A zona de convívio, servida por amplos rasgamentos abrindo sobre um terraço envolvente, obedeceu ao mesmo critério da orientação que os apartamentos.

Foram projectadas dois tipos de moradias, H1 e H2, sendo a H2 um pouco mais desenvolvida que a H1, com a possibilidade, portanto, de instalar uma terceira pessoa. Foi pensado um pequeno recanto a funcionar como zona de trabalho e de tal modo concebido que não interferisse com a tranquilidade das outras pessoas alheias ao trabalho."[56]

Com piso único, as habitações H1 a nascente são constituídas por um quarto, uma casa de banho e uma pequena cozinha. Uma escada faz a transição entre a cota de entrada e a cota onde se desenvolvem os restantes espaços. No alçado nascente distingue-se a volumetria da escada e uma luz zenital ilumina o percurso de entrada. A tipologia H2 resolve-se em dois pisos, no primeiro desenha-se a garagem e no segundo a sala, cozinha, quarto e casa de banho. A cozinha é iluminada por uma clarabóia e a escada por um rasgo vertical.

[56] Francisco Figueiredo, Memória Descritiva do projecto "Habitações, Motel, e Edifício de Convívio para a Ferrominas", 20 de Setembro de 1978, consultado no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo, pág. 1/2.



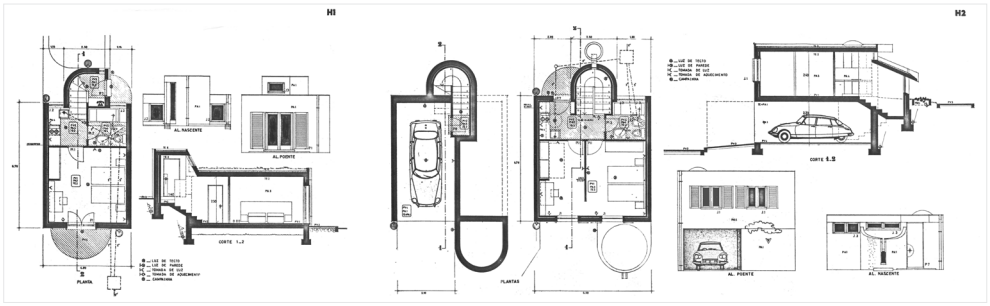


Em cima: Planta de conjunto do projecto "Habitações, Motel e Edifício de Convívio para a Ferrominas"
Em baixo: Corte pelo Edifício de Convívio e pelas estâncias que o circundam, do projecto "Habitações, Motel e Edifício de Convívio para a Ferrominas"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

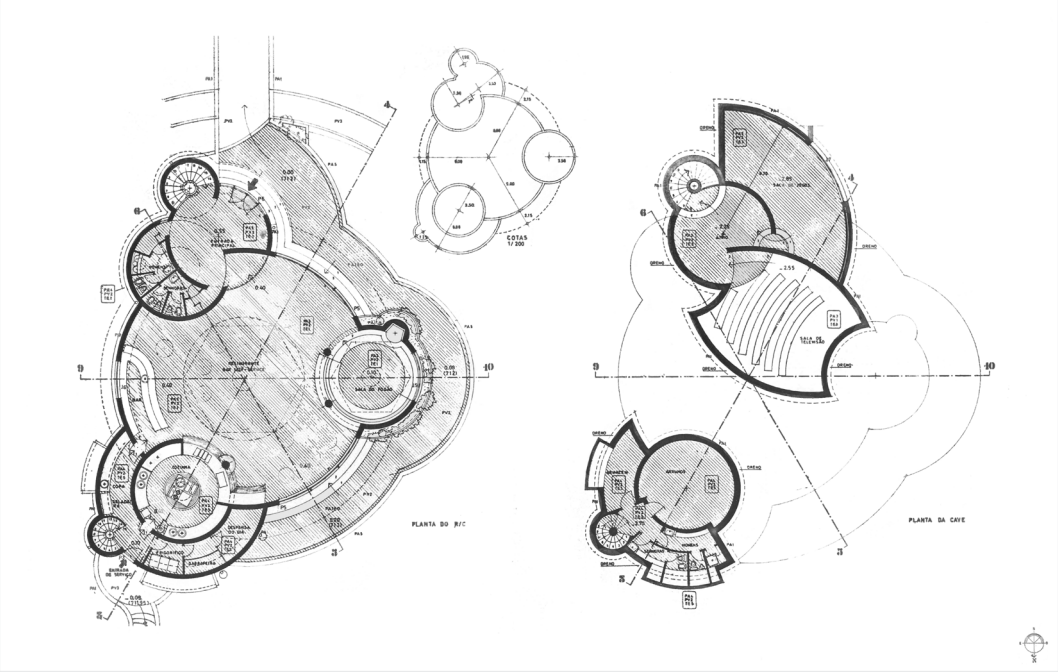
O Edifício de Convívio integra o restaurante no piso de rés-do-chão e no piso da cave uma sala de televisão e jogos. Um grande espaço de planta circular incorpora a sala de refeições do restaurante, onde a sobreposição de diversos círculos sobre o anterior dá origem ao espaço de entrada, aos sanitários, à cozinha e a sala do fogão. Os espaços circulares são acentuados pelas volumetrias cónicas da cobertura e iluminados por clarabóias ou aberturas horizontais. Na fachada são recortadas janelas verticais de forma ritmada.

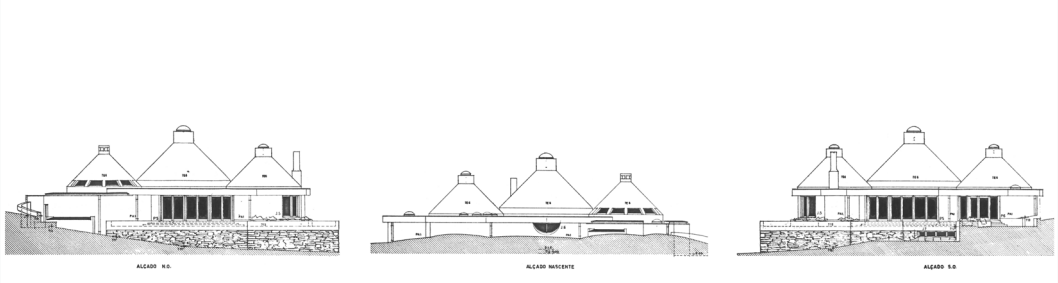
A implantação deste conjunto de edifícios organiza-se através de duas vias com calibres distintos. A via mais larga, que circunda pelo exterior as habitações, assegura o acesso automóvel, enquanto que as vias mais estreitas, localizadas no interior do lote, são de acesso pedonal e criam uma ligação entre as habitações e o edifício de convívio.

Ao contrário da densidade da implantação das habitações a sul, as habitações unifamiliares a norte, com tipologias T1, T2, T3 e T4, implantam-se de forma mais autónoma acompanhando o declive do terreno e sendo acedidas por uma rede de percursos. Ao longo das vias são desenhados lugares de estacionamento cobertos destinados aos veículos dos moradores. As várias tipologias são desenhadas como variações do mesmo módulo e a sala actua como espaço de articulação entre as diferentes áreas da habitação.

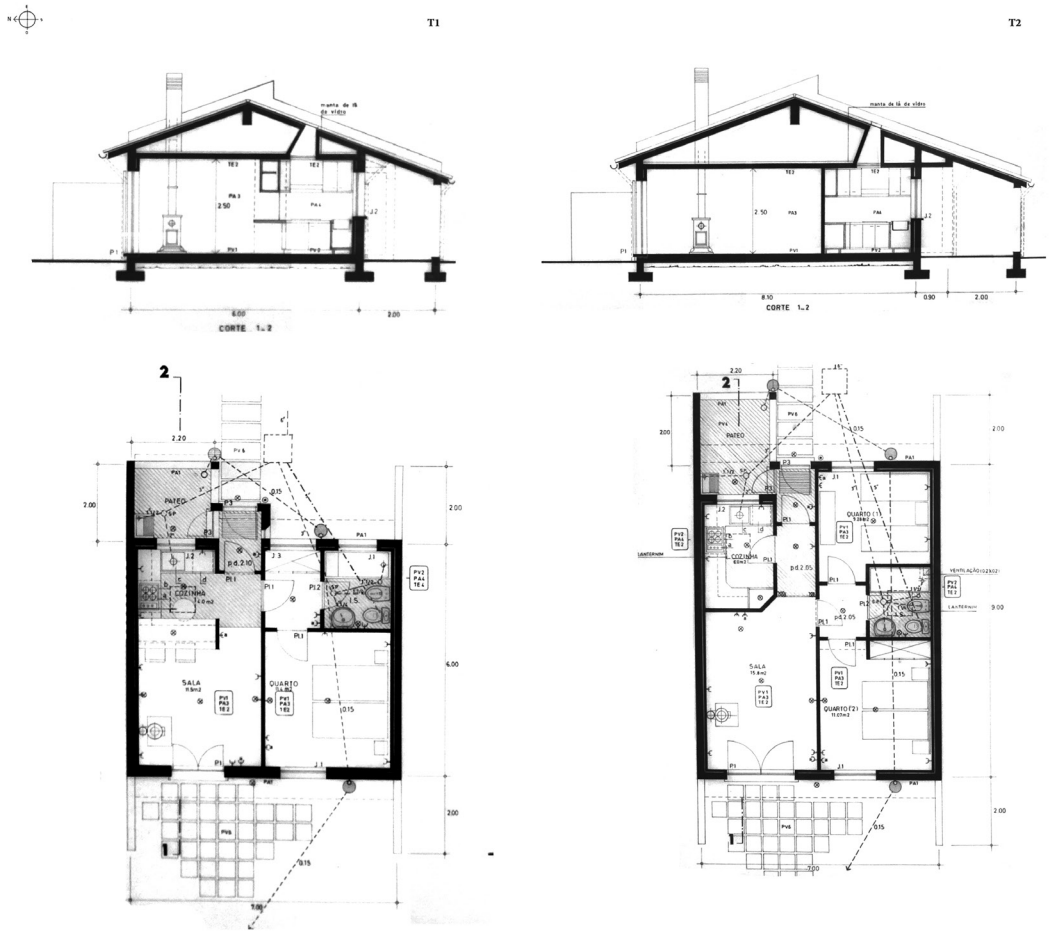


Plantas, cortes e alçados das tipologias H1 e H2 das estâncias que integram o Motel, do projecto "Habitações, Motel e Edifício de Convívio para a Ferrominas"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

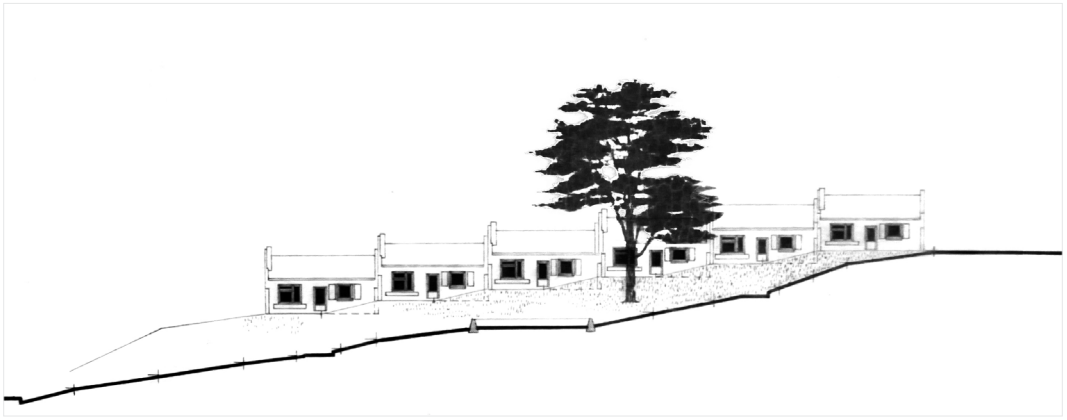


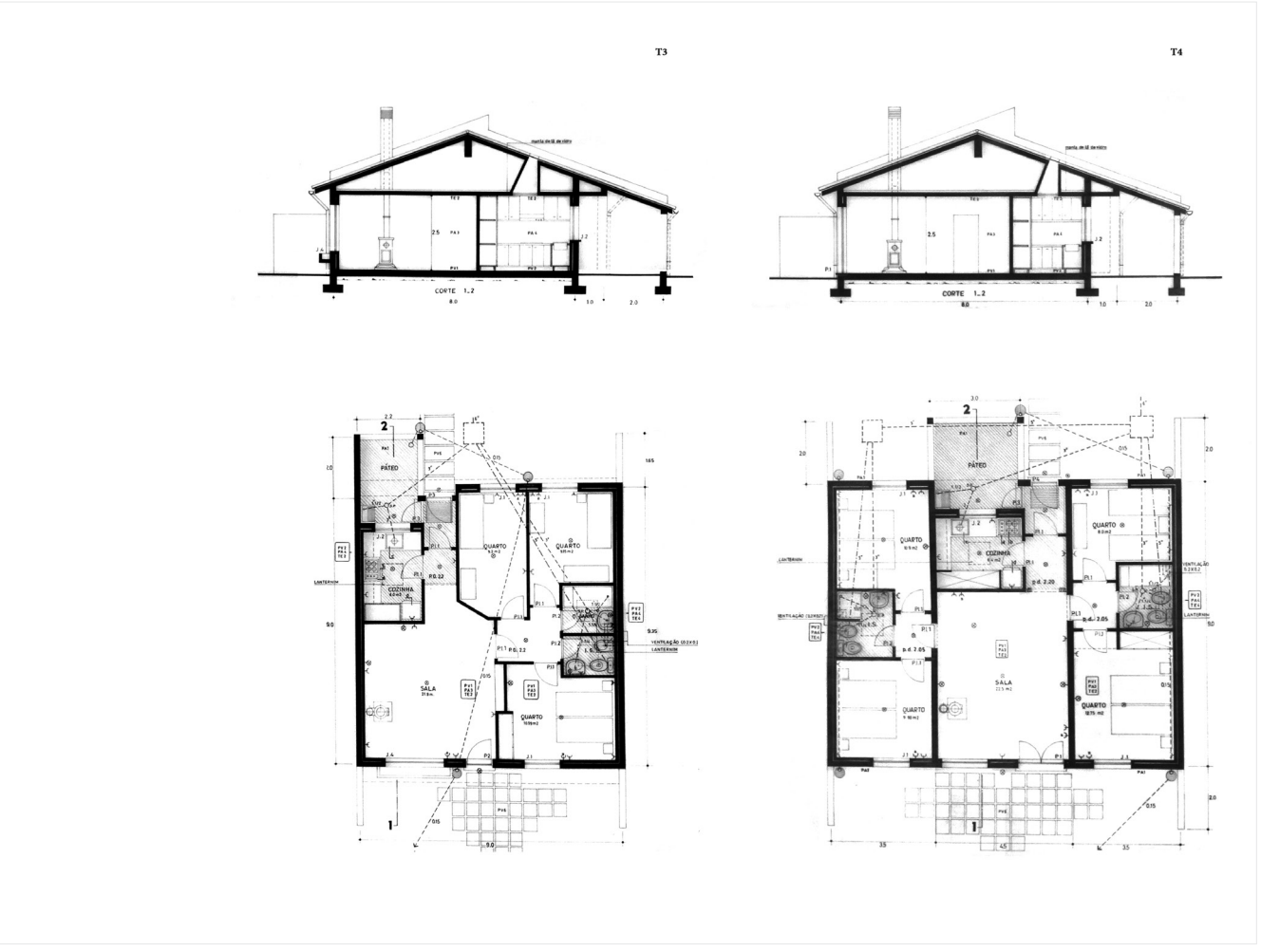


Planta do 1º. e 2º. piso e alçados do Edifício de Convívio do projecto "Habitações, Motel e Edifício de Convívio para a Ferrominas"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



Plantas, cortes e alçados das tipologias T1 e T2 do conjunto habitacional do projecto "Habitações, Motel e Edifício de Convívio para a Ferrominas"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.





Em cima: Corte longitudinal pelo conjunto habitacional do projecto "Habitações, Motel e Edifício de Convívio para a Ferrominas"
Em baixo: Plantas e cortes das tipologias T3 e T4 do conjunto habitacional do projecto "Habitações, Motel e Edifício de Convívio para a Ferrominas"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

20| **Uma Habitação para Dr. Alberto C. Almeida, 1979**
Miramar - Vila Nova de Gaia

O projecto desta casa para o Dr. Alberto Almeida em Miramar desenvolve-se em dois pisos, implantando-se no centro da largura do lote.

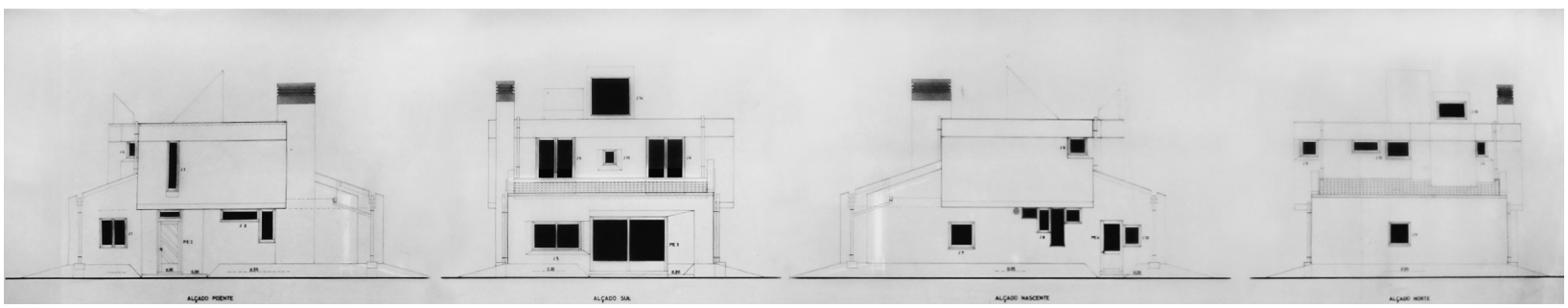
Tal como acontece em projectos anteriores, os vários espaços encontram-se definidos em torno de uma escada, desenhada ao centro da planta, que dá acesso à zona de quartos no piso superior, assim como também o percurso de entrada, é pavimentado e distribuí para duas zonas, a de serviço, a nascente, e a comum, a poente.

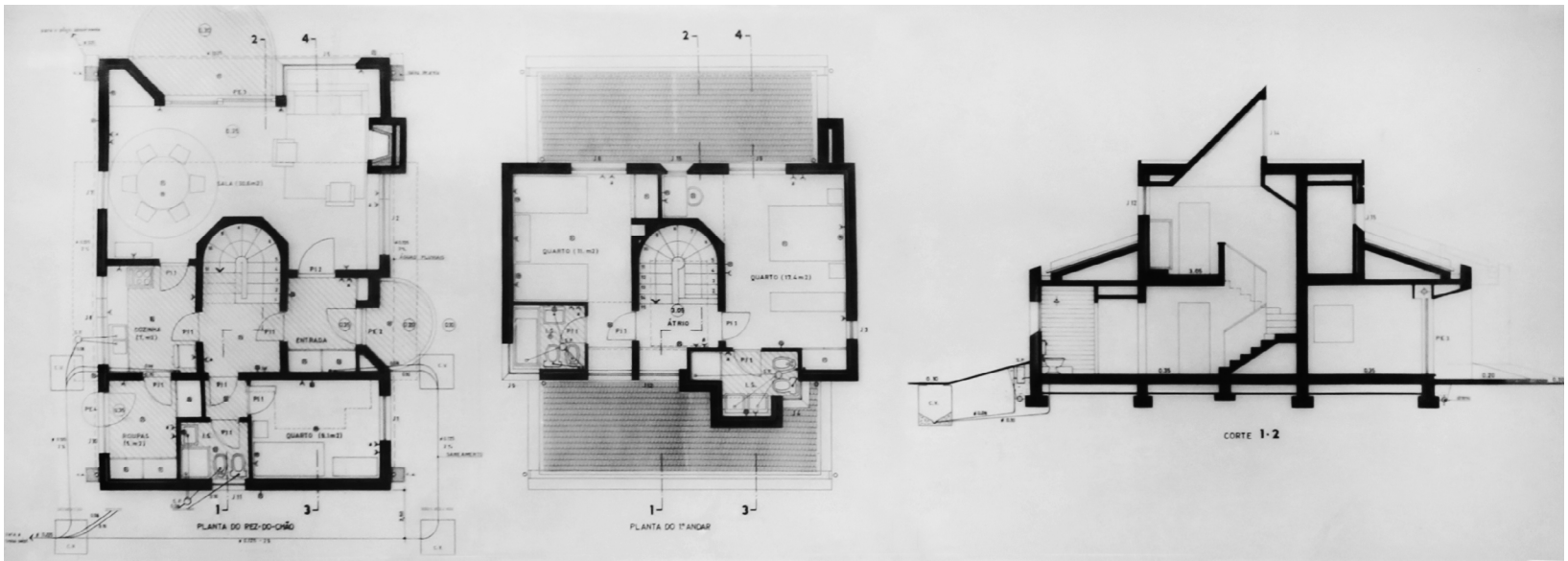
No piso de rés-do-chão a planta resulta do desenho de dois rectângulos iguais, em que a partir da escada se define a norte a zona de serviço e a sul a zona de estar. A zona comum possui uma exposição solar nascente-poente, concebida pelos diferentes vãos das três fachadas que compõem a sala, a zona de serviço detém a mesma orientação que a anterior, sendo a fachada norte mais fechada e apenas pontuada por vãos de menor dimensão.

A zona comum integra a sala de estar e de jantar pela primeira vez num único espaço. Existe, contudo, uma subtil distinção entre os dois. O volume saliente da escada, assim como os recantos criados na fachada distinguem o espaço mais encerrado da zona de jantar, do espaço mais aberto e iluminado da zona de estar. O recuo de parte da fachada desenha um espaço de transição entre a sala e o exterior.

No piso superior a escada é iluminada por uma clarabóia, e os quartos, ambos com casa de banho, abrem-se para sul.

Nos alçados observa-se que, ao contrário de projectos anteriores, existe um contraste entre o volume inferior, desenhado em cobertura inclinada, sugerindo verticalidade, e o volume superior, desenhado em cobertura plana, sugerindo horizontalidade. Também se evidência nos alçados um forte contraste entre as grandes aberturas voltadas a sul, e o controlo das aberturas voltadas aos restantes quadrantes solares.





Alçados, plantas do 1º. e 2º. piso, e corte longitudinal do projecto "Uma Habitação para Dr. Alberto C. Almeida"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

21| **Caixa Geral de Depósitos de Baião, 1981/1983**
Rua de Camões, nº. 409 - Baião

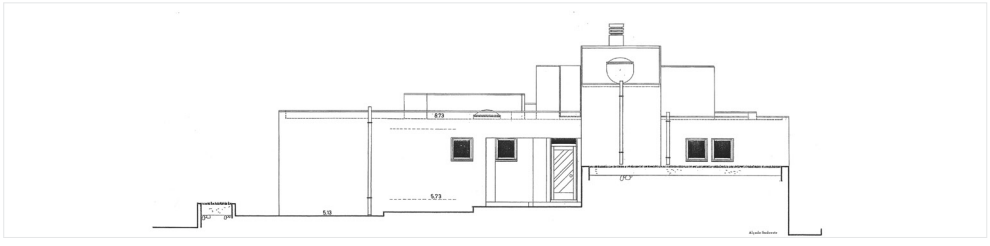
O edifício para a Caixa Geral de Depósitos de Baião, inaugura uma série de projectos de instalações bancárias, que Francisco Figueiredo irá realizar para a mesma agência.

Em cobertura plana, é composto por quatro pisos. No rés do chão, desenha-se o acesso ao público e à cave, e no primeiro piso, uma habitação com terraço. O acesso a esta faz-se por uma escada desenhada no alçado nordeste, independente da entrada para o banco.

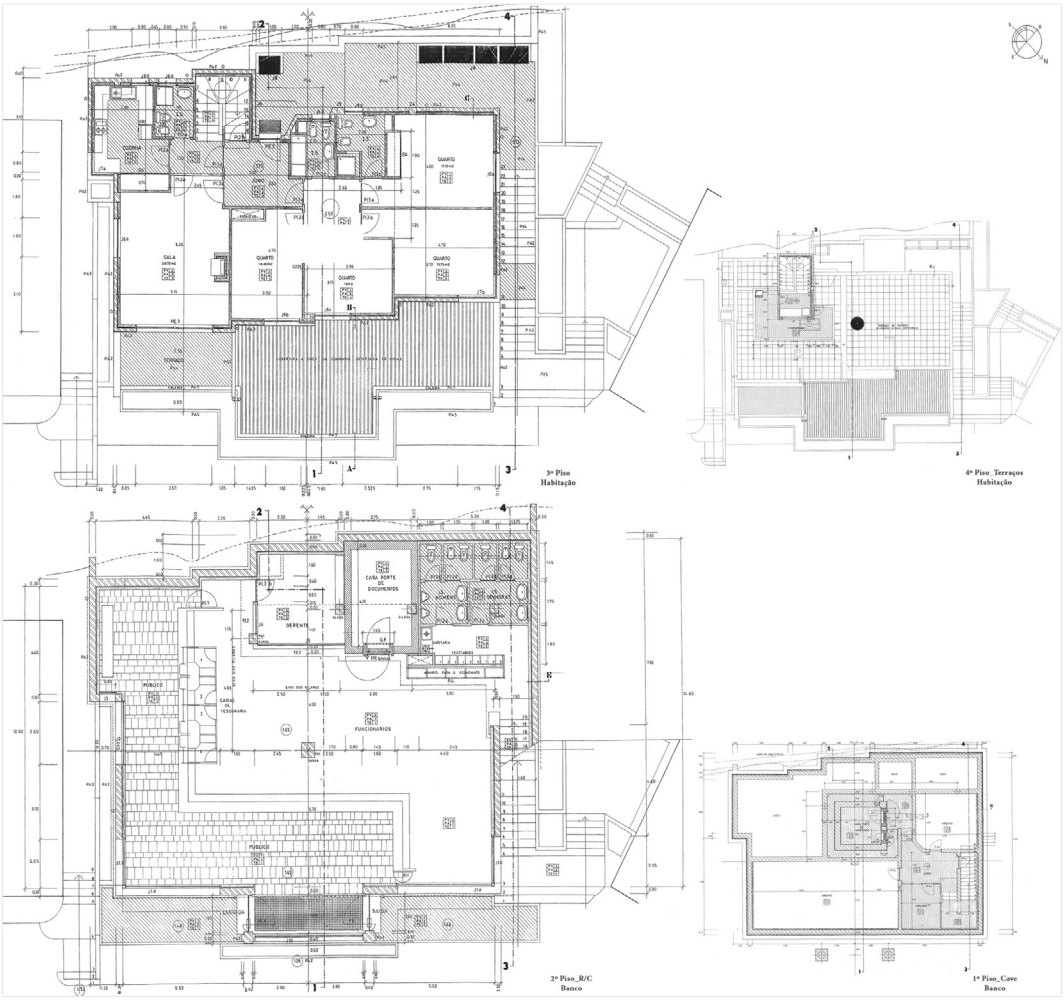
Na planta de rés-do-chão distingue pelo balcão a zona de público e a zona de trabalho. O próprio pavimento acentua essa distinção. Grandes aberturas no alçado nordeste, ao nível do rés-do-chão, fazem com que a relação entre interior e exterior seja imediata. O espaço de entrada é desenhado a eixo do edifício, e o avanço da fachada permite o controlo térmico com o exterior.

O átrio de entrada na habitação divide a zona comum e de serviços da zona privada dos quartos. A sala tem acesso a uma varanda voltada para a rua. Neste projecto a distribuição do espaços foi reduzida ao essencial, apresentando-se como uma sucessão continua de átrios.

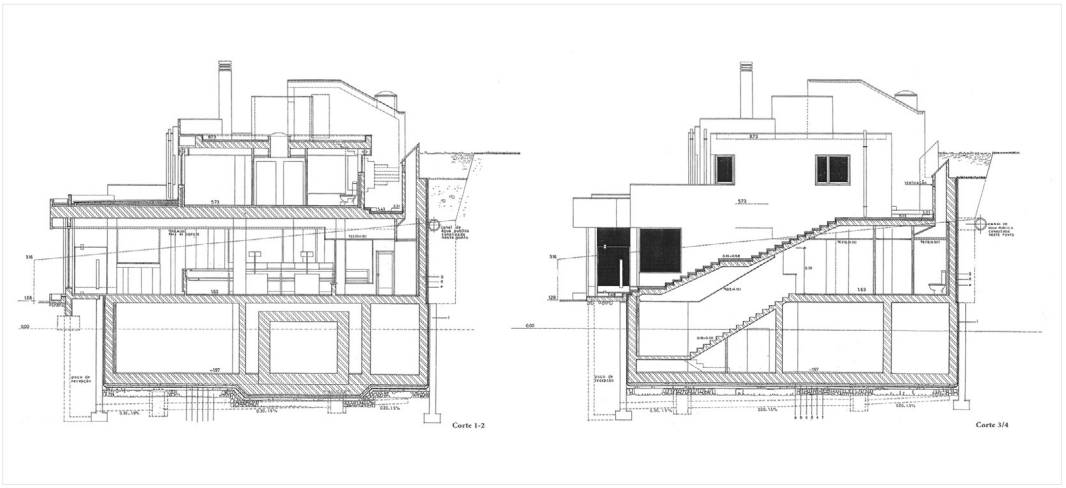
Pela singularidade deste projecto, em que se articulam os programas da habitação e do edifício público, Francisco Figueiredo utiliza uma linguagem distinta dos projectos anteriores. Como pode ser evidenciado nos alçados, todo o edifício é desenhado numa volumetria única, sem referência à cobertura inclinada.



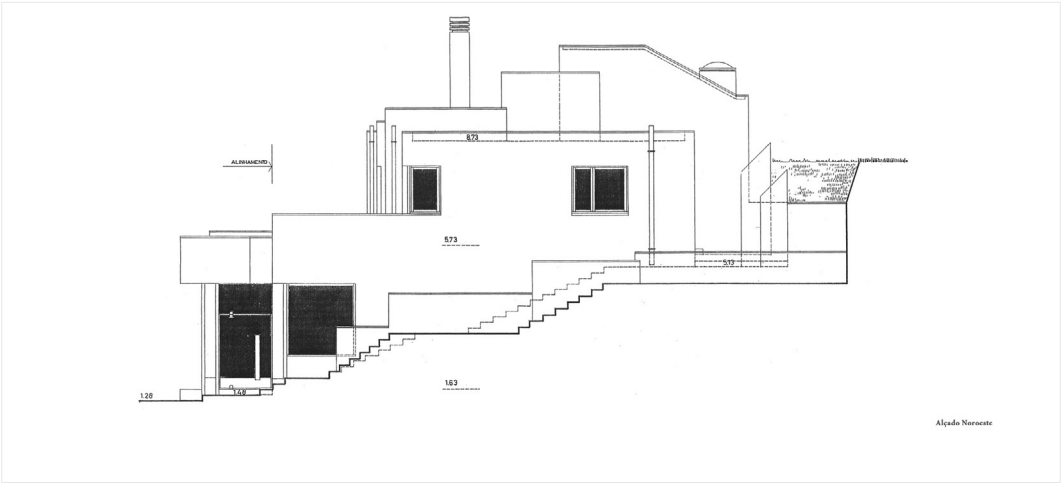
Alçado sudoeste do projecto "Caixa Geral de Depósitos de Baião"
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



Planta da cave e do 1º., 2º. e 3º. piso do projecto "Caixa Geral de Depósitos de Baião"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



Alçado nordeste e corte 1-2 e 3-4 do projecto "Caixa Geral de Depósitos de Baião"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



Alçado sudeste e noroeste do projecto "Caixa Geral de Depósitos de Baião"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

22| **Recuperação e ampliação da Caixa Geral de Depósitos do Porto, 1985/1997**

Avenida dos Aliados nº. 128 e 138 e Rua do Bonjardim nº. 169 - Porto

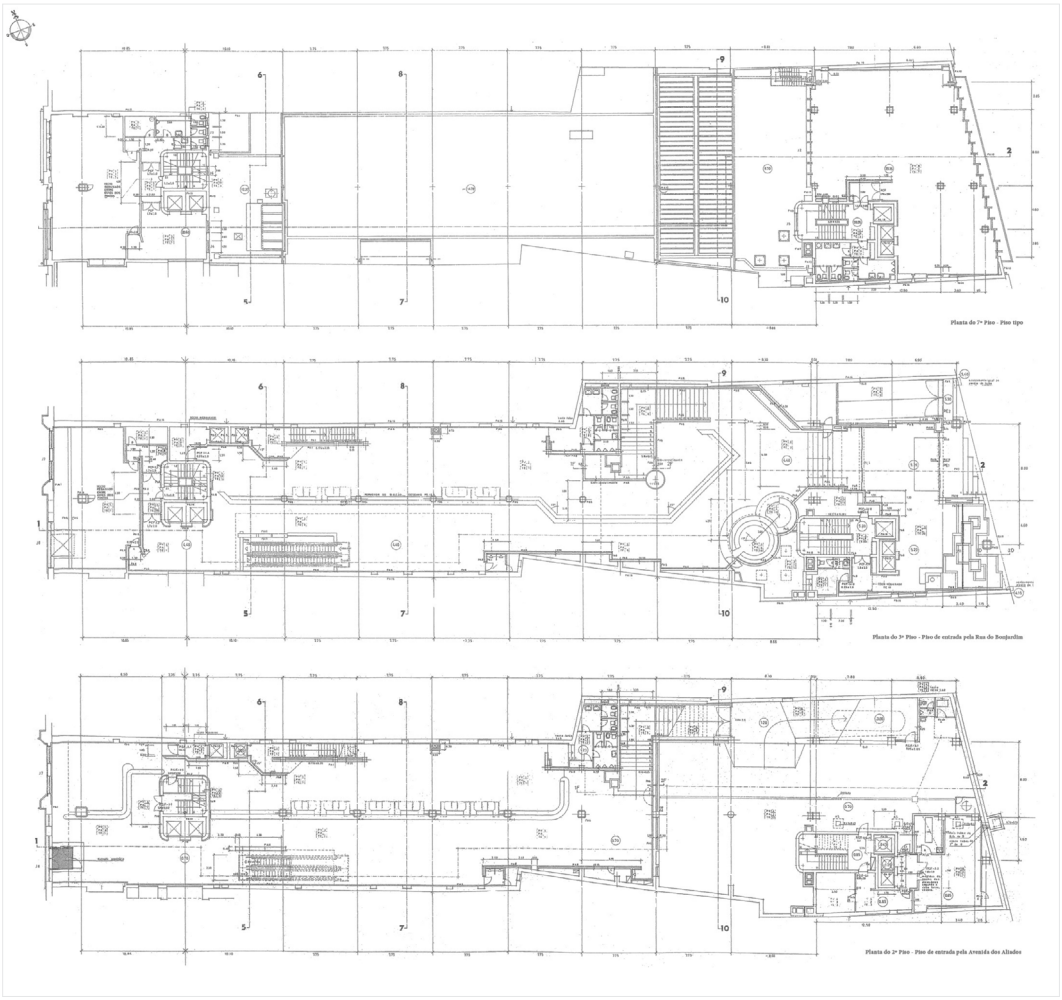
Inaugurado em 1931, o edifício da filial da Caixa Geral de Depósitos do Porto, na Avenida dos Aliados, foi realizado pelo arquitecto Pardal Monteiro. Mais tarde, em 1985, a agência decidiu recuperar e ampliar as suas instalações para um novo edifício com a entrada a partir da Praça D. João I, da autoria de Francisco Figueiredo.

Para além do novo edifício, o projecto consiste na recuperação de dois edifícios existentes com fachada voltada para Avenida dos Aliados e na criação de uma galeria, pelo interior do quarteirão, que une as várias intervenções.

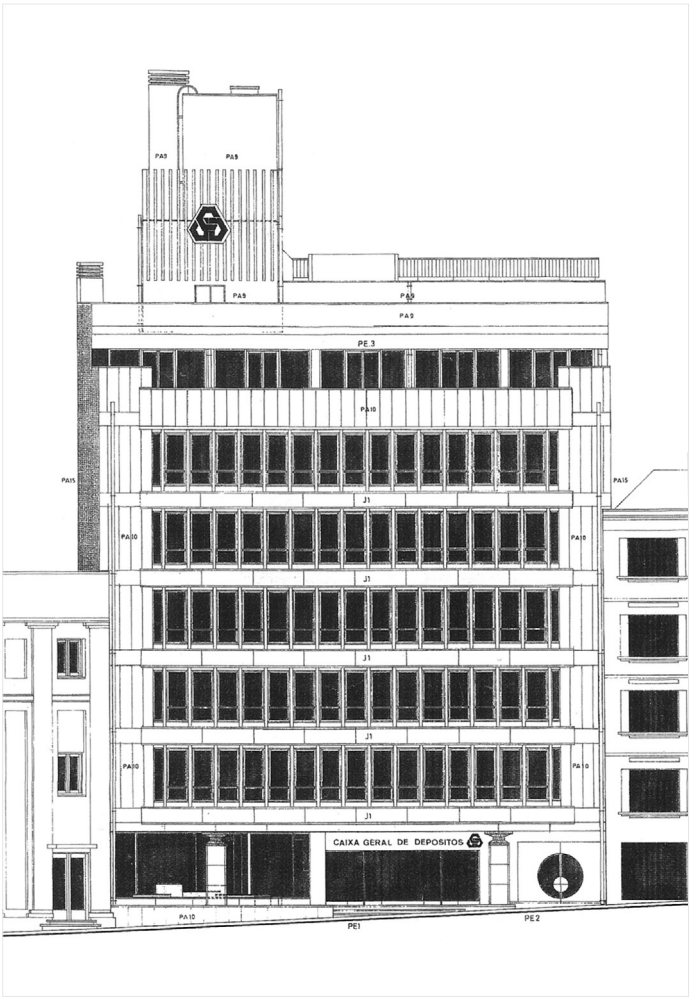
O novo edifício desenvolve-se em nove pisos, nos quais três, se relacionam através da galeria com o edifício existente. Ambos os edifícios integram um balcão de atendimento que se prolonga ao longo da galeria. Os balcões, ao serem desenhados em cotas de acesso distintas, criam dois pisos de acesso ao público que se relacionam por uma escada rolante. O espaço de entrada pela Praça D. João I distingue dois momentos; o acesso aos pisos superiores pela escada ou elevadores, e o acesso ao balcão de atendimento ao público desenhado por uma subtil transição de cota. A escada que relaciona os dois pisos, juntamente com um pequeno balcão de atendimento, caracteriza o espaço de entrada pela Avenida dos Aliados.

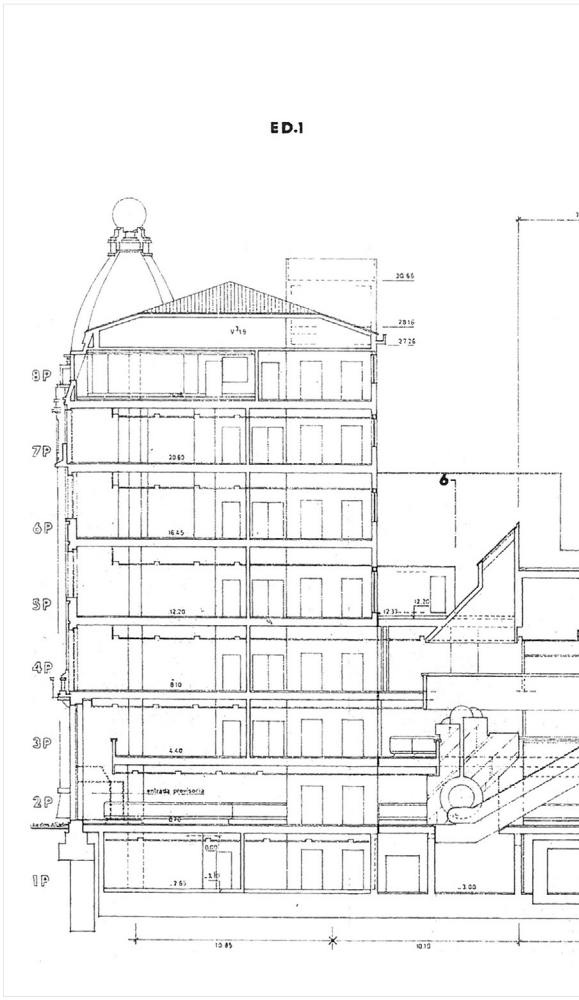
Em ambos os edifícios os pisos superiores resolvem o programa de escritórios, sendo as áreas de tamanhos distintos em cada um. No último piso do novo edifício configura-se um auditório com 120 lugares, que se distingue na fachada do restante edifício. Na cobertura, o volume da escada actua como um elemento singular, situação que vemos ocorrer em vários edifícios na Avenida dos Aliados.

Uma das principais características do novo volume é o desenho da fachada em vãos horizontais, acentuados pelo ressalto das lajes. O desenho da caixilharia não é, contudo, paralelo à fachada, o que cria uma certa dissonância dando ritmo ao alçado. Ressaltam ainda, no desenho do alçado, dois pilares no rés-do-chão resolvidos em forma piramidal.

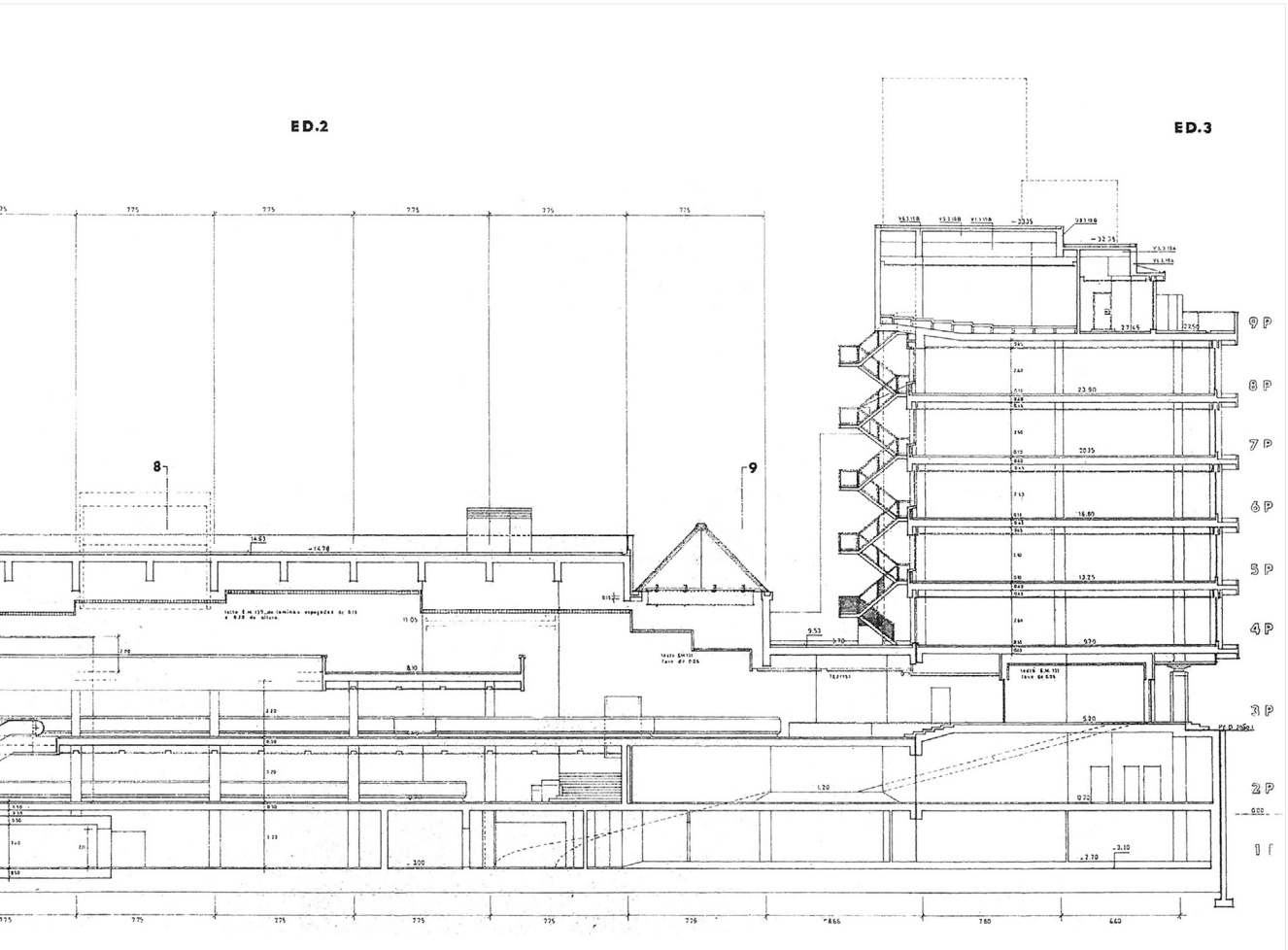


Plantas do 2º. e 3º. piso (pisos de entrada) e do 7º piso (piso tipo) do projecto "Recuperação e ampliação da Caixa Geral de Depósitos do Porto"
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

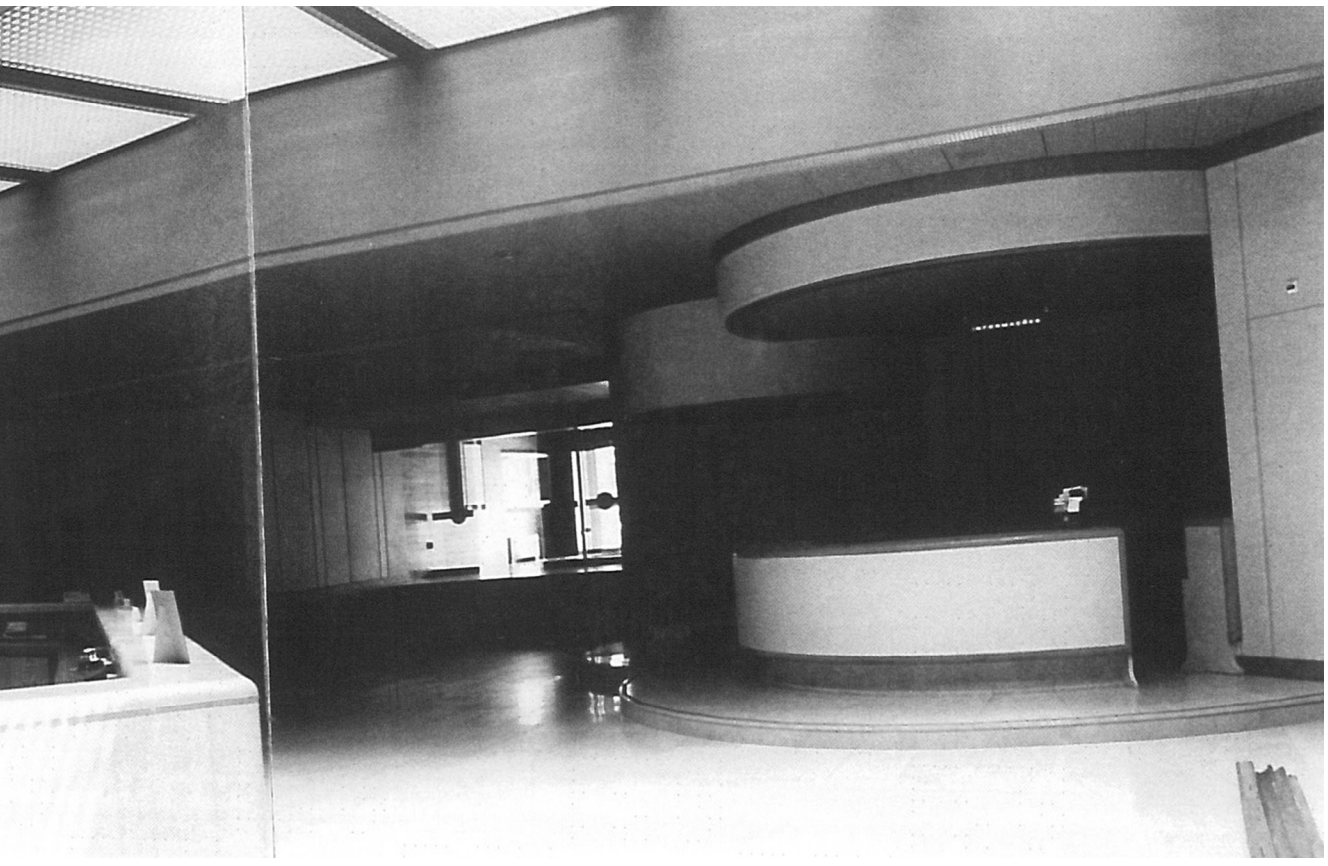




Alçado sobre a Praça D. João I do projecto "Recuperação e ampliação da Caixa Geral de Depósitos do Porto"
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



Corte longitudinal do projecto "Recuperação e ampliação da Caixa Geral de Depósitos do Porto"
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



Fotografia de época do interior da Caixa Geral de Depósitos do Porto
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

23| **Edifício para Tratamentos nas Termas do Gerês, 1986/1986**
Avenida Manuel Francisco da Costa - Gerês

Este projecto implanta-se ao longo da Avenida Manuel Francisco da Costa, junto ao Edifício de Balneários cujo projecto de reabilitação é também da autoria de Francisco Figueiredo (1971). Esta encomenda vem no seguimento do projecto da "Piscina para o Parque das Termas do Gerês" referido anteriormente.

Sobre este projecto o arquitecto escreve - "Assim, dentro da precariedade existente, como melhor local para construir o edifício destinado a tratamentos, e dentro da premissa de acesso fácil e cómodo aos aquistas, foi escolhido o sítio, (…) que do lado poente se prolonga entre o actual balneário e a pequena mas linda capela do lado norte. Infeliz mente, neste conjunto, encrava entre o futuro edifício de tratamentos e a capela, por razões de diversa ordem terá de ser mantida a actual "Pensão Jardim".

Envolvendo a futura construção, será executado dentro das possibilidades de tamanho do terreno, um ajardinado, desafogando, embelezando e valorizando o espaço existente destinado a passeio e recreio dos utentes destas Termas."[57]

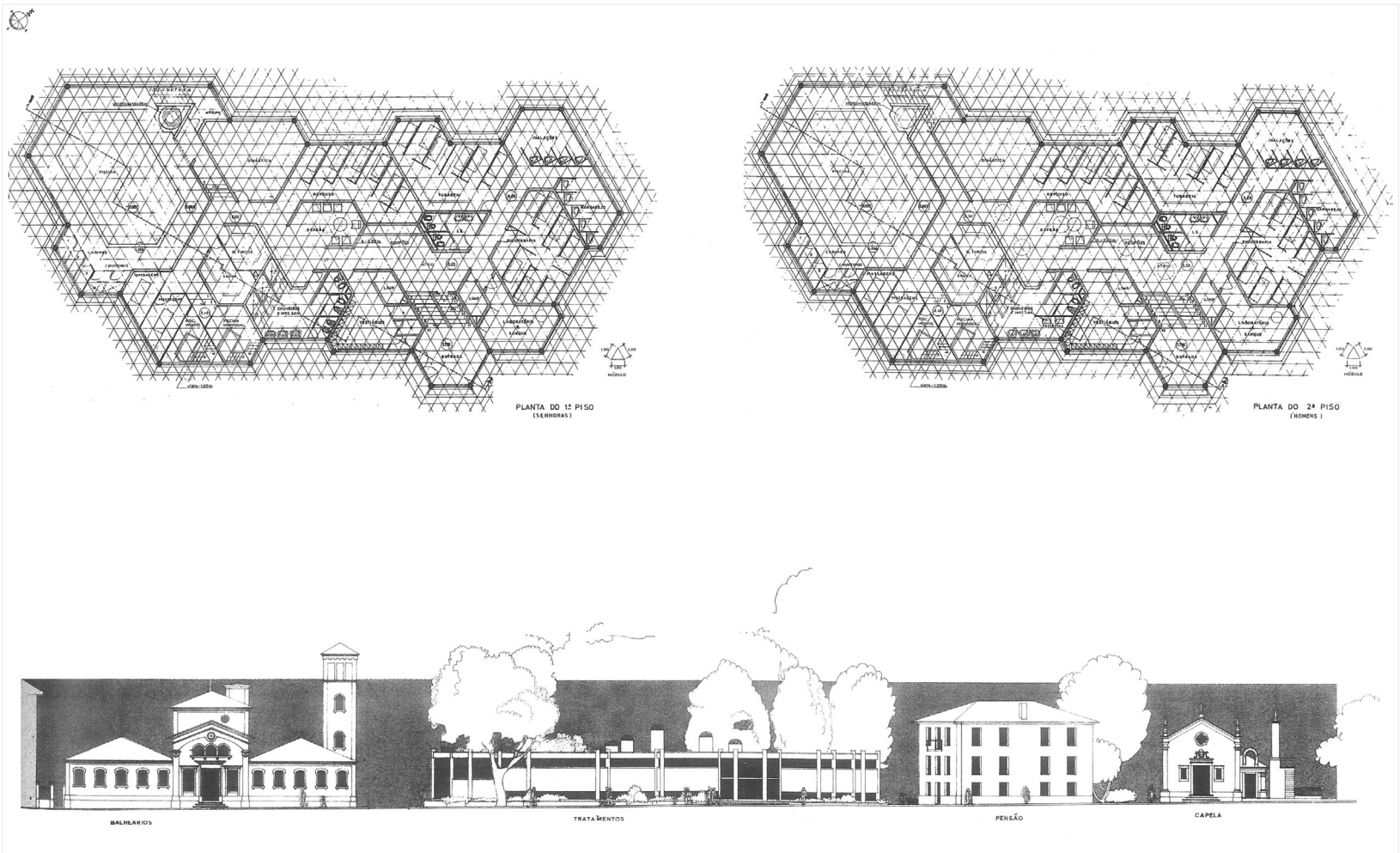
Apesar de não ter sido construído, a particularidade geométrica do seu desenho justifica a sua referência nesta dissertação. Até este momento, em nenhum outro projecto o arquitecto utilizara como módulo base a figura de um triângulo. Francisco Figueiredo, dá aqui continuidade a uma sucessão de projectos, que se compõem a partir de figuras geométricas elementares, como o "Edifício de Convívio para a Ferrominas" ou o projecto para as "Instalações Fabris de Tecnogravura em Arcos do Sardão".

O edifício é constituído por dois pisos sobrepostos, destinados respectivamente aos dois sexos. No funcionamento e serviços, ambos os pisos são semelhantes. A entrada, a nascente, distribui para ambos através de uma escada desenhada, como todos os elementos, sobre a base triangular. A piscina em pé direito duplo é também acedida por uma escada que relaciona os dois pisos.

A iluminação é desenhada em rasgos horizontais nos compartimentos de menor dimensão, e por grandes envidraçados nas áreas de maior afluência orientadas a nascente-poente. Um conjunto de clarabóias ilumina o espaço central de distribuição, resolvido por corredores, orientados de modo a não coincidirem com as portas de entrada dos compartimentos.

Na vista de conjunto, observa-se a forte presença da horizontalidade, coincidente, de certo modo, com a dos Balneários já existentes. Na memória descritiva, Francisco Figueiredo faz nota à falta de proporção da "Pensão Jardim", situação que se evidência neste desenho. É curioso notar que o desenho das árvores propostas pelo arquitecto vai buscar a escala da torre dos Balneários, situação que articularia de forma equilibrada a escala dos Balneários com a Capela, não fosse como já referimos, a fata de proporção da Pensão Jardim.

[57] Francisco Figueiredo, Memória Descritiva do projecto "Edifício para Tratamentos nas Termas do Gerês", 20 de Junho de 1986, consultado no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo, pág. 1.



Planta do 1º. e 2º. piso e alçado de conjunto do projecto "Edifício para Tratamentos nas Termas do Gerês"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

24| **Fundação António Cupertino de Miranda, 1986/1996**
Avenida da Boavista nº. 4245 - Porto

Na Avenida da Boavista, em frente ao Parque da Cidade, Francisco Figueiredo projecta um edifíco para a Sede da Fundação António Cupertino Miranda, cujo o programa visa promover e desenvolver actividades culturais.

O terreno de grandes dimensões permitiu o recuo da implantação em relação ao limite do lote, proporcionando "uma boa ordenação do espaço e uma agradável perspectiva visual do conjunto, a quem entra do lado da Avenida da Boavista."[58] O edifício desenvolve-se em três pisos que acompanham o declive do terreno, interligando a Avenida da Boavista à Rua Júlio Dantas.

Sobre o edifício o arquitecto escreve:

"Refere-se o projecto que se junta, ao edifício destinado à Sede da Fundação António Cupertino de Miranda e cujo o fim será, o de promover e desenvolver actividades culturais, tais como, exposições, conferências, colóquios ou quaisquer outras actividades que se enquadrem no espírito e cláusulas dos seus estatutos, de acordo com a vontade do fundador.

Ordenação do espaço:

3.1: Entrada - Criação de uma ampla zona pavimentada a pedra, lateralmente arborizada e ajardinada com espaço de um dos lados destinado a parqueamento automóvel.

3.2: Rampa - Fazendo a ligação ao edifício e vencendo a diferença de cotas entre os dois níveis projectados do terreno, de boas dimensões, valorizando e dignificando a vista sobre a construção.

3.3: Área de implantação do edifício - Constituída por zona de construção e zona verde destinada a parque e jardim.

3.3.1: Constituída por um só piso, cuja distribuição do espaço interno será formado das seguintes peças:

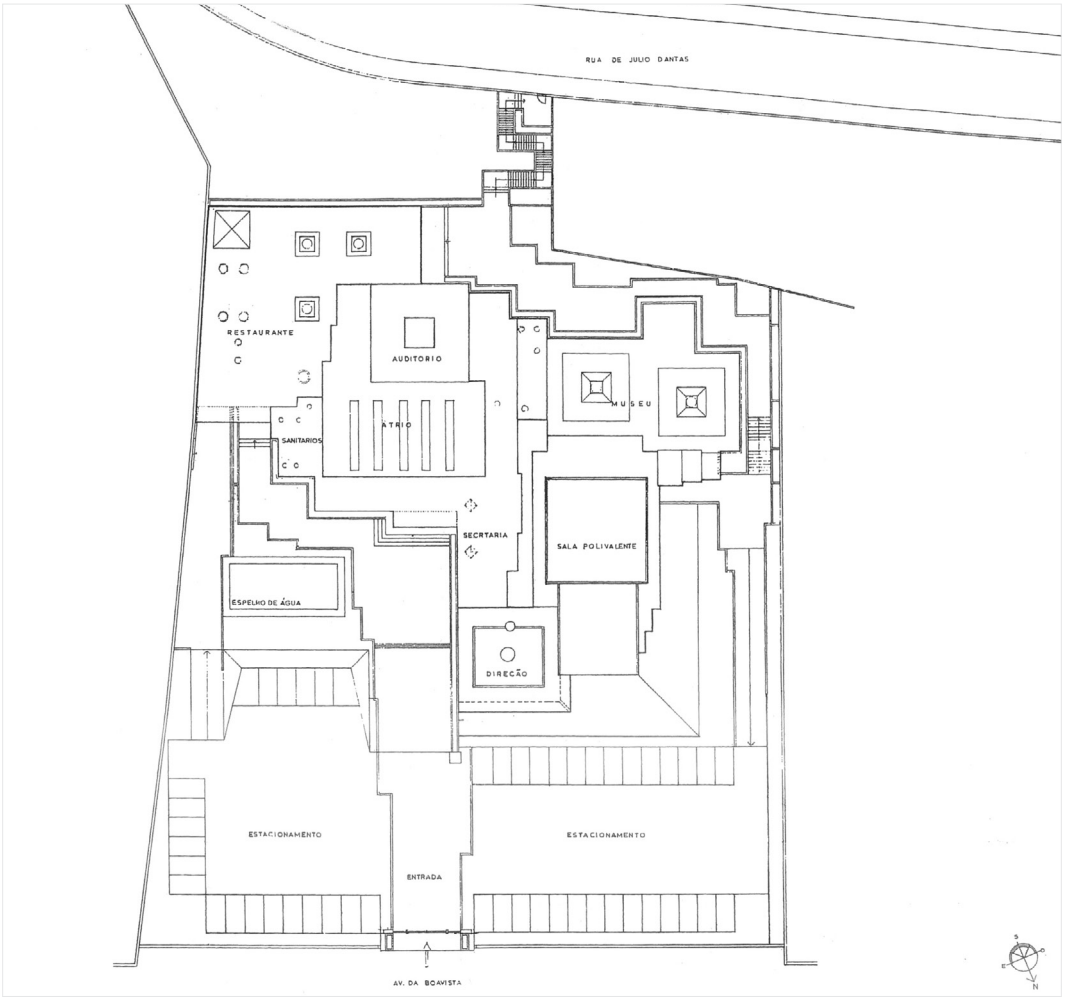
A: Átrio - De boas dimensões destinado a exposições temporárias, funcionando igualmente como zona de estar do público, no caso de conferências ou outras actividades. Estão integrados neste conjunto um vestiário e um bar de apoio ao auditório. Do lado nascente, na retaguarda do auditório ficará instalada uma pequena dependência para máquinas de projecção

B: Auditório - Para aproximadamente 142 lugares e que será a peça principal ou o cerne de todo o conjunto, sendo destinado a actividades culturais, como colóquios e conferências.

C: Instalações Sanitárias - Para os dois sexos.

D: Administração - Constituída por sala de espera, integrada no átrio de distribuição, secretária, I.V., limpeza, dois gabinetes, para directora e director adjunto, e sala de reuniões de

[58] Francisco Figueiredo, Memória Descritiva do projecto "Edifício para a Fundação António Cupertino de Miranda", 25 de Agosto de 1986, consultado no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo, pág. 1.



Planta de implantação do projecto "Fundação António Cupertino de Miranda"
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

administração. Ainda fazendo parte do apoio ao conjunto, foram projectadas duas salas, uma para arrecadação de painéis destinados a exposições e outra a funcionamento de arquivo e sala de trabalho de futuros conferentes.

3.3.2: Zona Verde - Envolvendo o conjunto será, ajardinada e arborizada, formando um ambiente repousante e acolhedor.

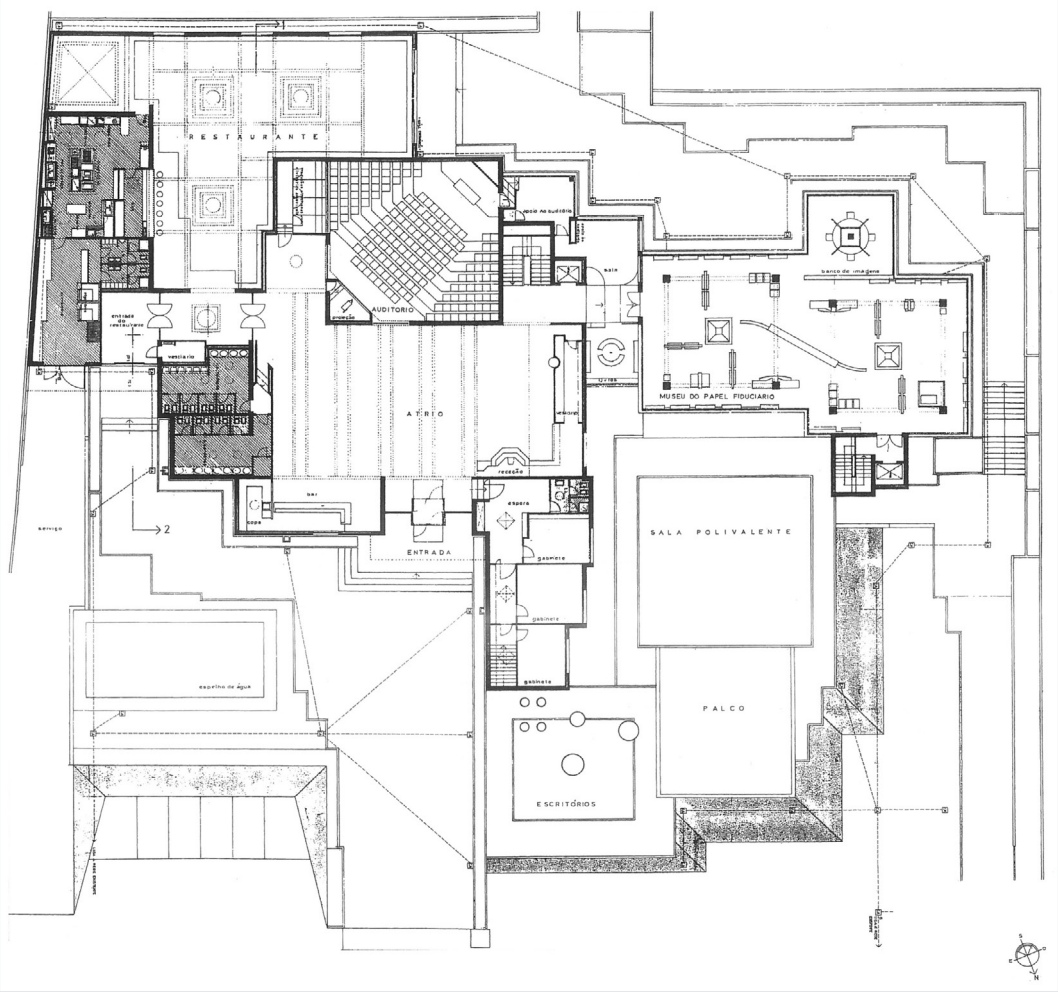
3.4: Espelho de água - Para dar vida e criando assim um ambiente mais agradável foi projectado um espelho de água junto da fachada norte ao lado da entrada principal do edifício."[59]

Numa fase posterior faz-se o projecto de ampliação das instalações da Fundação (1995/1996), cujo programa inclui, a construção de um restaurante, de uma sala polivalente, de uma zona de escritórios, e do Museu do Papel Fiduciário.

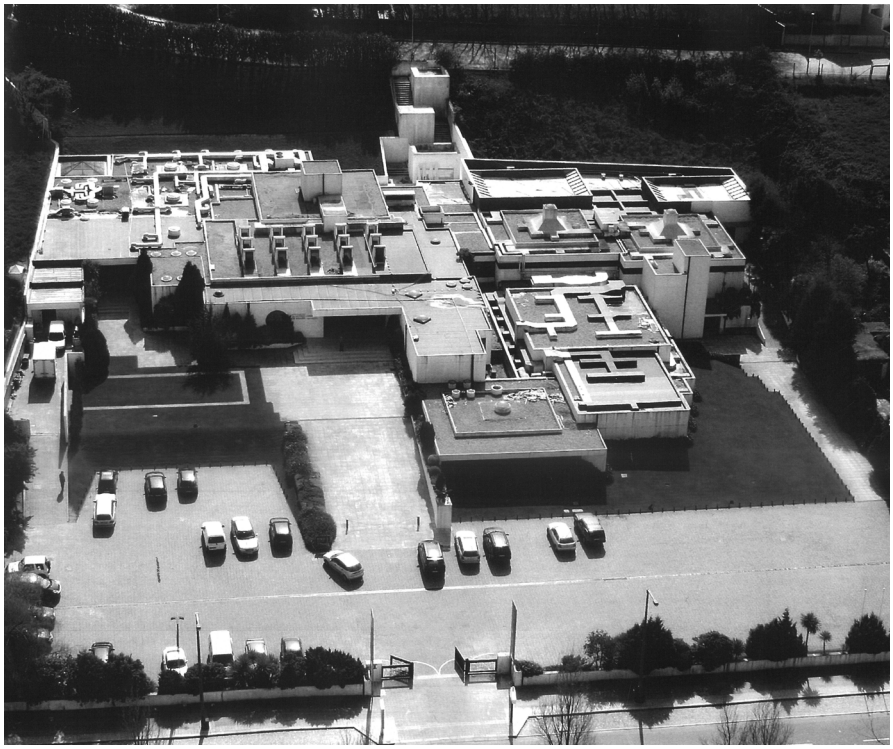
O restaurante situa-se a sul do terreno, à esquerda do átrio principal, e com uma exposição sul-poente, enquanto que Museu do Papel Fiduciário, embora mantenha a mesma exposição, encontra-se desenhado à direita do hall assim como sala polivalente e os escritórios voltados a norte. Este edifico é o primeiro e único projecto onde Francisco Figueiredo considera o programa polivalente de uso público. A implantação, e o uso de formas regulares, permitiu que alterações feitas ao longo do tempo não se sentissem como acrescentos, mas sim como parte crescente de um organismo edificado.

A iluminação natural controla-se de diferentes modos nos vários espaços. O átrio de entrada, espaço de distribuição de todos os programas, é iluminado por clarabóias. O bar e a recepção são iluminados por janelas, mantendo-se, contudo um ambiente de luz ténue no átrio. No restaurante, o desenho do pavimento, da clarabóia, das janelas e do grande pano de vidro que se volta para a entrada da Rua Júlio Dantas, contrastam com o ambiente do átrio. O museu é iluminado por duas clarabóias e por rasgos horizontais desenhados acima do nível do olhar. A sala polivalente, fechada e com uma entrada pelo exterior, permite que o seu uso seja autónomo do restante espaço. O espaço dos escritórios é iluminado por um grande envidraçado recuado do plano da fachada.

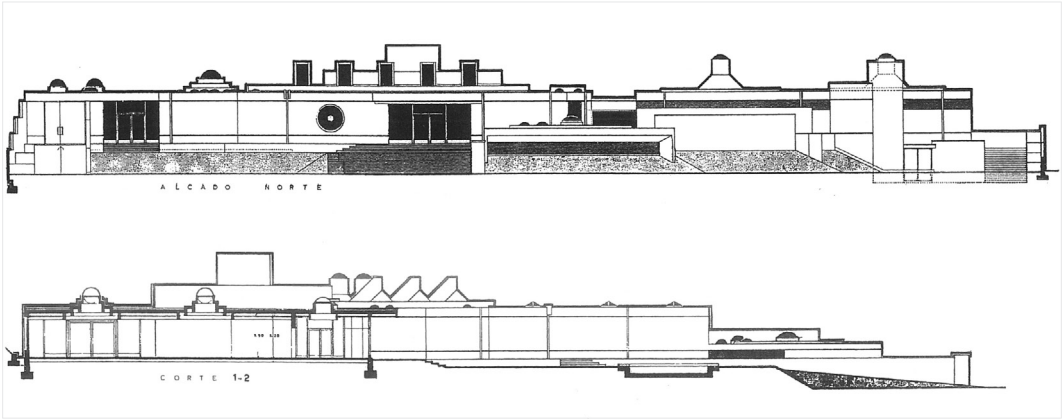
[59] *Ibidem*, pág. 1/2.



Planta de rés-do-chão do projecto "Fundação António Cupertino de Miranda"
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



Fotografia de época da Fundação António Cupertino de Miranda
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



Em cima: Alçado norte e corte 1-2 do projecto "Fundação António Cupertino de Miranda"
Em baixo: Fotografia de época da Fundação António Cupertino de Miranda
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

25| **Hotel nas Termas do Gerês, 1987**
Avenida Manuel Francisco da Costa - Gerês

Este projecto, faz parte de um conjunto de edifícios já referenciados, implantados ao longo da Avenida Manuel Francisco da Costa, nas Termas do Gerês.

"Refere-se o estudo que se junta a um novo hotel, a construir nas termas do Gerês e propriedade da empresa das águas. É uma construção de volume e dimensões razoáveis, que se situará no local hoje conhecido pela "Colunata", no enfiamento Norte da Avenida Manuel Francisco da Costa e na orientação sul-poente.

Por se tratar de um ponto muito próximo da nascente das águas e, portanto, da "Buvette", oferece assim grandes vantagens aos aquistas hospedados no hotel, o poderem deslocar-se facilmente aos sítios de tratamentos, regressando comodamente ao local de repouso, sem terem de percorrer grandes distâncias. A construção deste hotel será um melhoramento bem patente, que vira certamente beneficiar e valorizar extraordinariamente o conjunto termal, um dos mais famosos, benéficos e concorridos do país."[60]

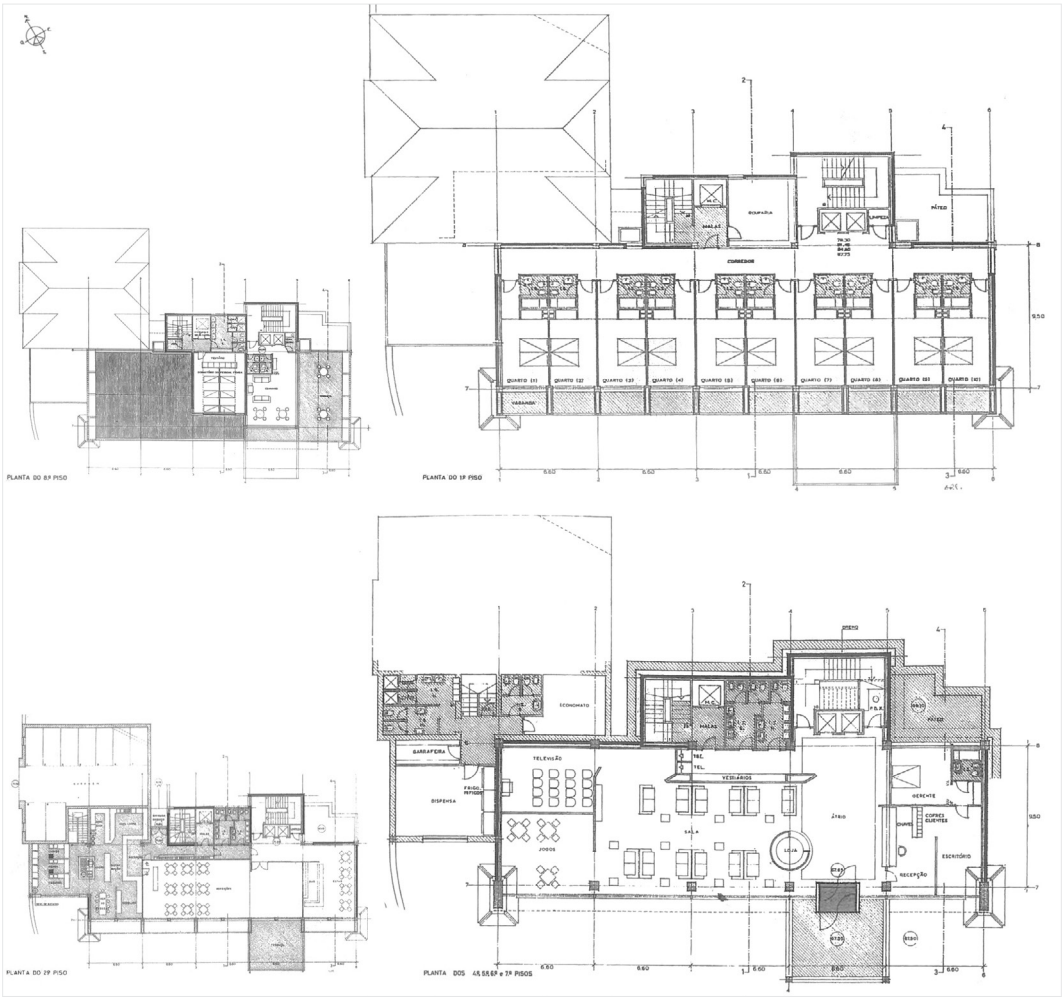
Nunca construído, o desenho de implantação deste edifício remata o fim da avenida a norte, localizando-se na proximidade de uma escarpa acentuada na orientação sul - poente. O programa considera 50 quartos de dormir na categoria de hotel de quatro estrelas. O hotel é desenhado em oito pisos, acedidos por duas caixas de escadas - uma para os funcionários e outra para os clientes - cada qual com o seu elevador. Na planta do primeiro piso, a entrada principal é coberta por um alpendre que faz a transição entre o interior e exterior, e pontuda por um espaço de venda de planta circular que faz a articulação entre o átrio e a sala de convívio. Um balcão, à direita da entrada, enuncia o espaço de recepção, que por sua vez dá acesso ao quarto de dormir do gerente voltado para um pátio.

No segundo piso desenha-se a garagem, a entrada de serviço, o espaço de refeições apoiado pela cozinha e copas de distribuição e o bar associado a um espaço de estar. Os próximos cinco pisos são dedicados à distribuição dos 50 quartos com varanda, perpendiculares à fachada. No oitavo e último piso desenha-se o dormitório dos funcionários e um espaço de convívio com terraço.

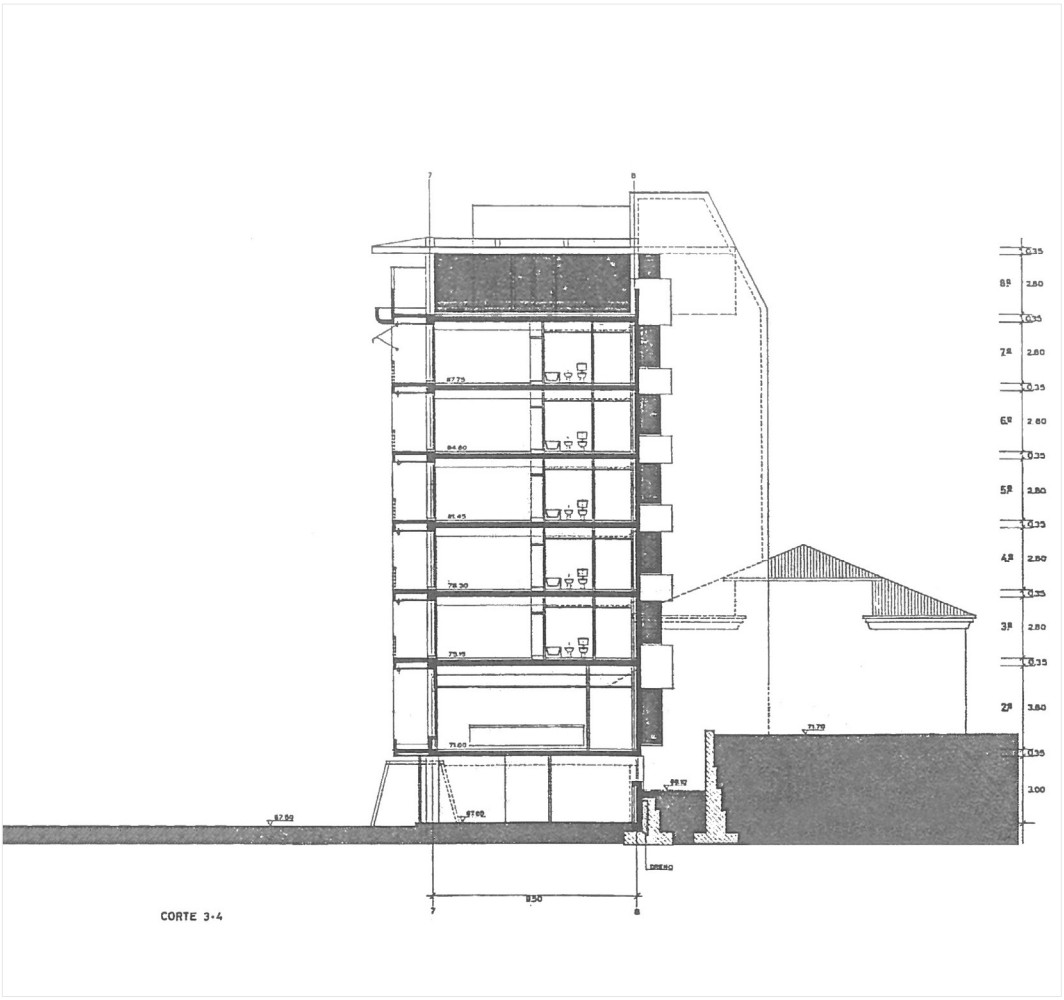
Na fachada principal, voltada a sul e para Avenida, dois pilares de forma cónica suportam o avanço das varandas para além da estrutura, desenhando uma grelha que controla a exposição solar. Ressalta neste alçado o grande contraste entre a horizontalidade do piso térreo e o reticulado dos pisos superiores.

Uma grande janela circular ilumina a zona de serviços. O encerramento do alçado norte, voltado para a escarpa, contrasta com a leveza do alçado sul, e os topos laterais articulam as duas linguagens. Sobressaem na cobertura as volumetrias do dormitório e do espaço de convívio.

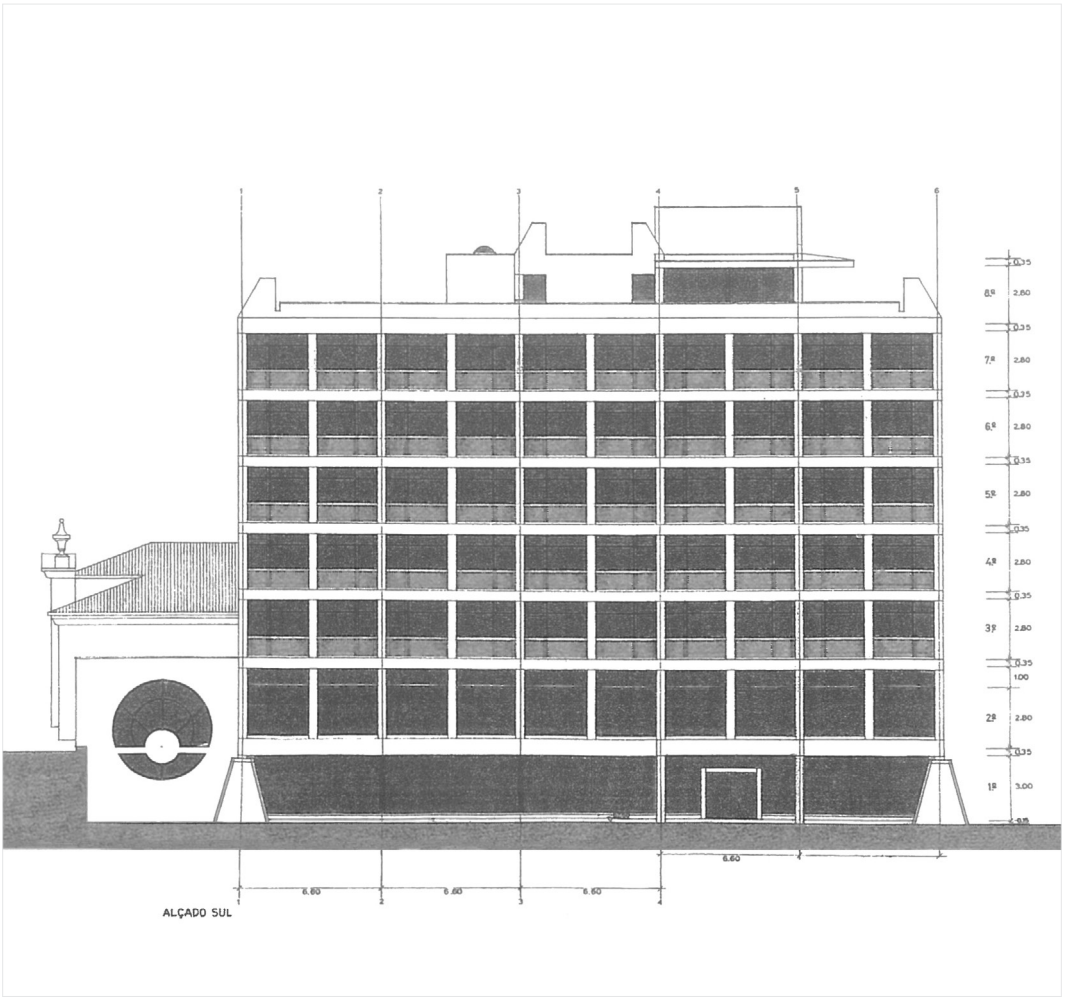
[60] Francisco Figueiredo, Memória Descritiva do projecto "Um Hotel nas Termas do Gerês", 10 de Outubro de 1987, consultado no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo, pág. 1.



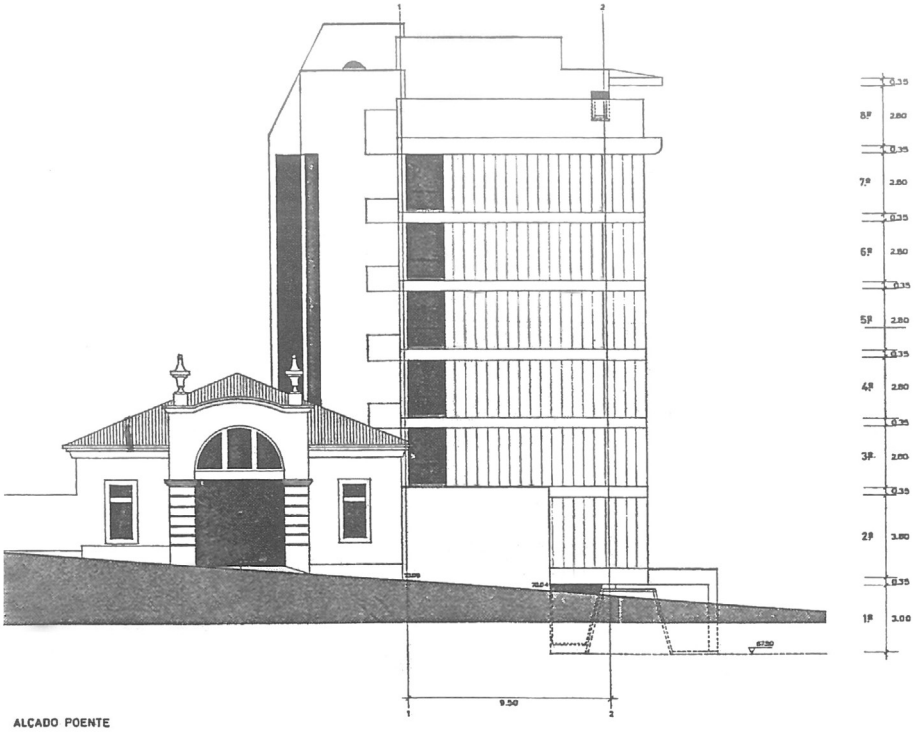
Plantas do projecto "Hotel nas Termas do Gerês"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



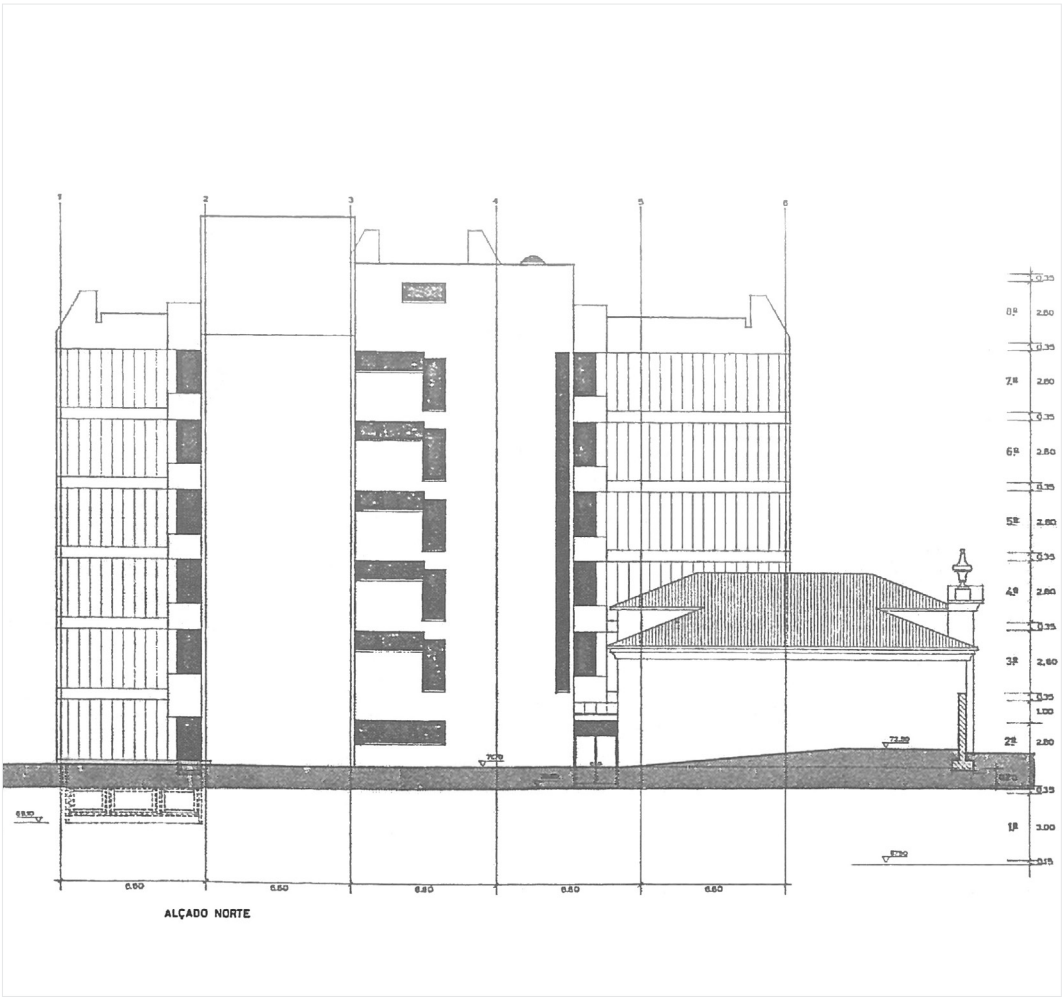
Corte transversal do projecto "Hotel nas Termas do Gerês"
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



Alçado sul do projecto "Hotel nas Termas do Gerês"
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



Alçado poente do projecto "Hotel nas Termas do Gerês"
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



Alçado norte do projecto "Hotel nas Termas do Gerês"
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

26| **Uma Habitação para Dr. Alberto C. Almeida, 1989**
Travessa de Passos nº. 115 - Porto

Na Foz do Douro, perto da Avenida da Boavista, na Travessa de Passos com ligação directa para a Rua de Fez, Francisco Figueiredo projecta, em 1989, uma habitação unifamiliar para o Dr. Alberto Almeida.

Esta moradia desenvolve-se num único piso, apresentando, contudo, um pequeno compartimento sobre a sala de estar, uma sala íntima ou escritório, a que se acede através de uma escada.

O lote é limitado a sul, norte e nascente por terrenos particulares. Amplo e com boa exposição solar, permitiu a orientação das salas de estar e da sala de refeições a sul-poente. As zonas de serviço orientam-se a norte e a zona dos quartos a nascente-sul.

Um percurso pavimentado desenvolve-se em torno da implantação e garante o acesso às entradas principais, à de serviço e ao pátio exterior, onde se desenha um jardim cuja composição obedece a um estudo paisagístico. Uma parede contém o espaço de entrada na habitação, que se ilumina por uma clarabóia. O vestíbulo, apoiado por uma casa de banho, faz a distribuição e a articulação do espaço da entrada com as diversas zonas à sua volta (zona de serviço, zona comum e zona privada de quartos).

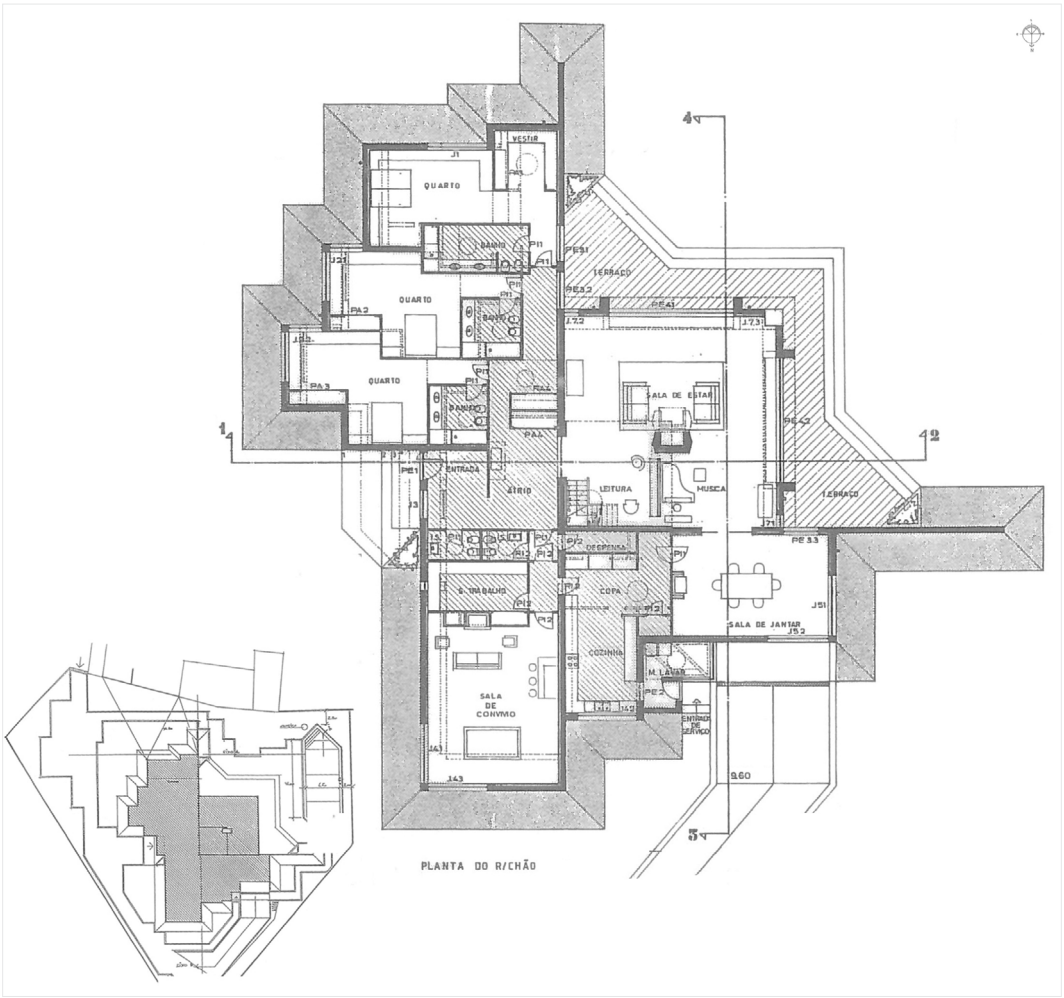
Três grandes quartos de dormir, servidos cada um por respectivas instalações sanitárias, são acedidos pelo átrio e definem a zona privada. O quarto de casal, com compartimento de vestir, abre-se sobre o jardim expondo-se a sul. A porta de entrada neste quarto é marcada pela luz de um vão a poente voltado para o terraço. Nos restantes quartos, são desenhados espaços de estar, definidos pelas janelas de canto com exposição nascente-sul, que abrem o espaço para o jardim exterior.

A zona comum é constituída por três subzonas, sala de leitura, sala de estar e sala de música. A sala de leitura faz a articulação entre o vestíbulo e o compartimento no piso superior a que já nos referimos anteriormente. A posição central da lareira relaciona os dois espaços de estar que se orientam a sul-poente, enquanto que a sala de refeições, com ligação directa à sala de estar e à cozinha, se abre para o jardim a poente e para o pátio a norte. A sala de convívio e a sala de trabalho a norte relacionam-se directamente com a entrada da habitação a nascente.

Sobre o "Partido Estético" deste projecto o arquitecto escreve:

"Foi procurado integrar o edifício o mais possível no terreno e assim, será de silhueta extremamente baixa e longa propositadamente quási se confundindo com o terreno, com terra formando pequenos taludes ajardinados encostados às paredes exteriores.

A ideia base presidiu à concepção da planta de um "L", cujos braços, por assim dizer, abraçam a zona de estar, e que serão constituídos pelas zonas dos quartos de dormir e pela zona de garagem e de serviços. Reforçando essa ideia envolvente, a zona de estar terá um pé direito mais elevado. Toda esta zona de estar será aberta sobre o jardim e páteo formando um recanto aprazível de convívio e lazer. O muro da entrada



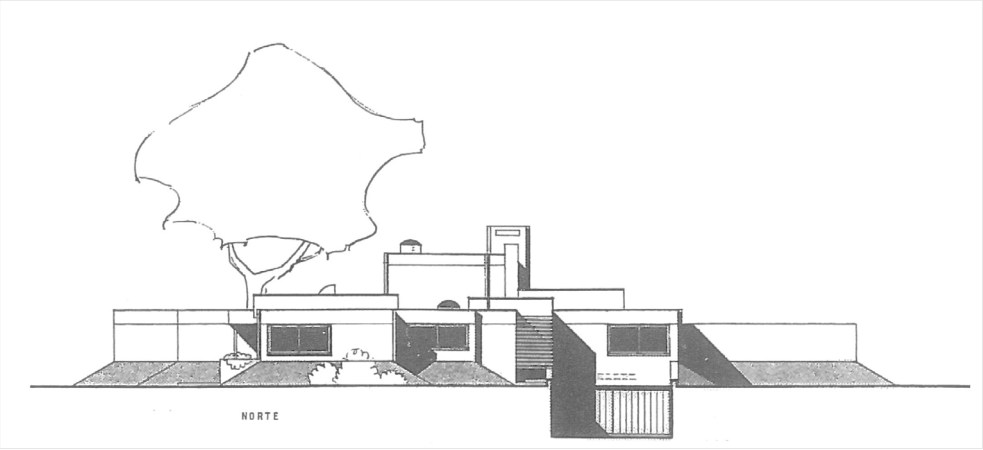
Planta de implantação e de rés-do-chão do projecto "Uma Habitação para Dr. Alberto C. Almeida"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

será recuperado e o portão enquadrado no ambiente primitivo."[61]

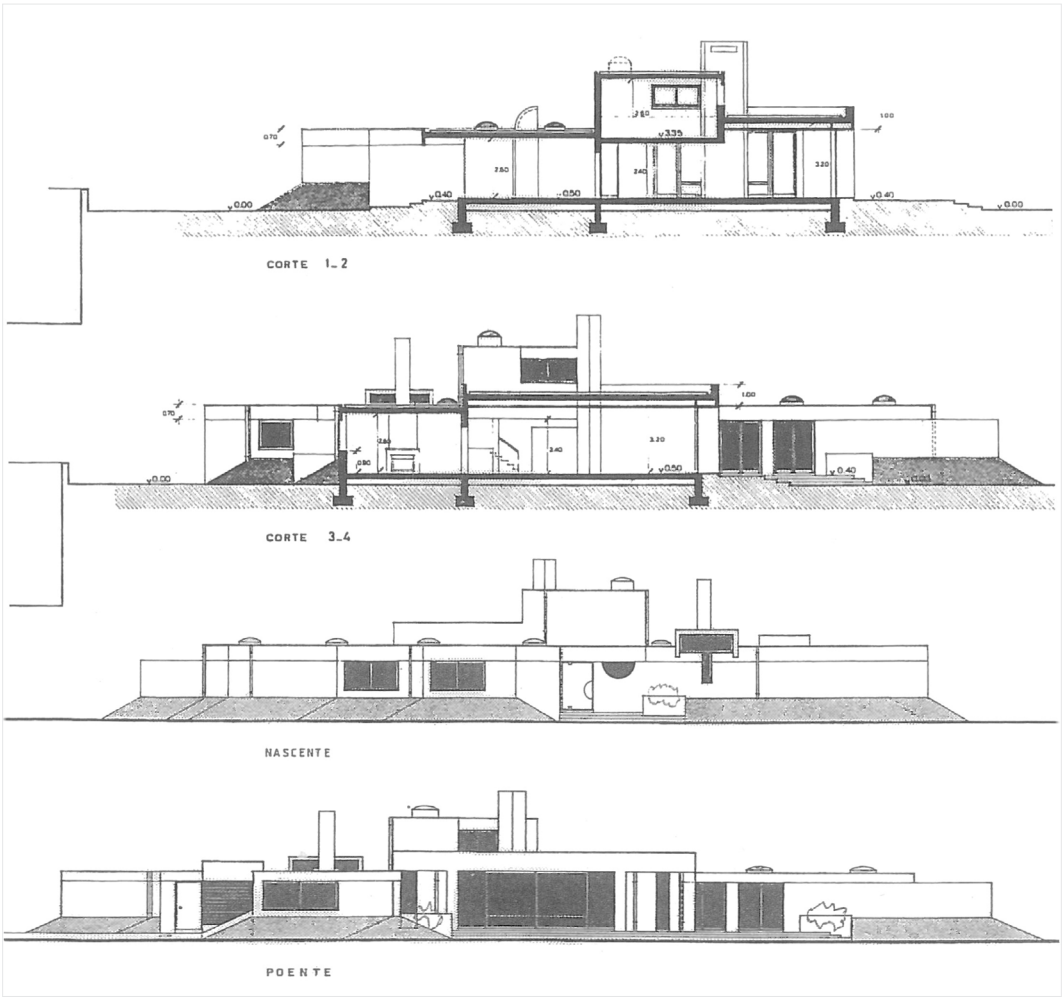
Nos alçados as proporções das janelas são controladas, como vimos suceder nos projectos anteriores, mediante o quadrante solar a que se voltam e o ambiente interno proposto para cada divisão.

Num conjunto vasto de projectos de casas unifamiliares, o projecto de uma habitação para o Dr. Alberto Almeida, representa, a primeira e única casa em que todo o volume se assume em cobertura plana.

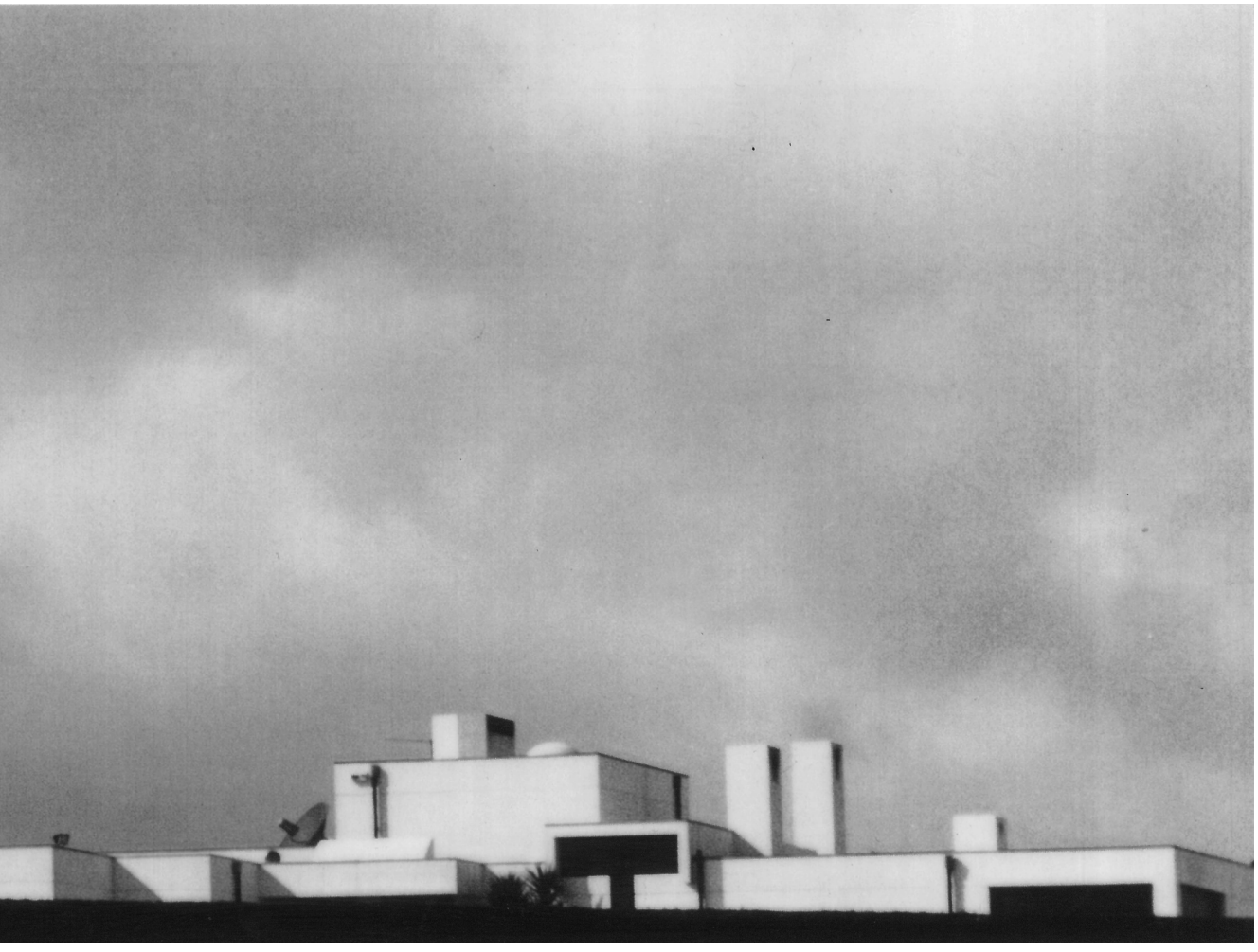
Ao contrário de projectos anteriores, em que prevalecia o desenho da habitação em dois pisos com cobertura inclinada, nesta casa predomina a horizontalidade, que remete, indiscutivelmente, para o projecto do Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA) realizado em 1951.



[61] Francisco Figueiredo, Memória Descritiva do projecto "Uma Habitação para Dr. Alberto C. Almeida", 13 de Novembro de 1989, consultado no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo, p. 1/2.



Cortes e alçados do projecto "Uma Habitação para Dr. Alberto C. Almeida"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.



Fotografia de época da Habitação Dr. Alberto C. Almeida
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

27| **Conjunto Habitacional para a 3ª. Idade, 1990/1993**
Rua Dr. Domingos Pinho Brandão nº. 539/583 - Porto

O Conjunto Habitacional para a 3ª Idade pertence à Fundação António Cupertino Miranda, e faz parte de um conjunto de projectos que o arquitecto desenvolve junto à Avenida da Boavista.

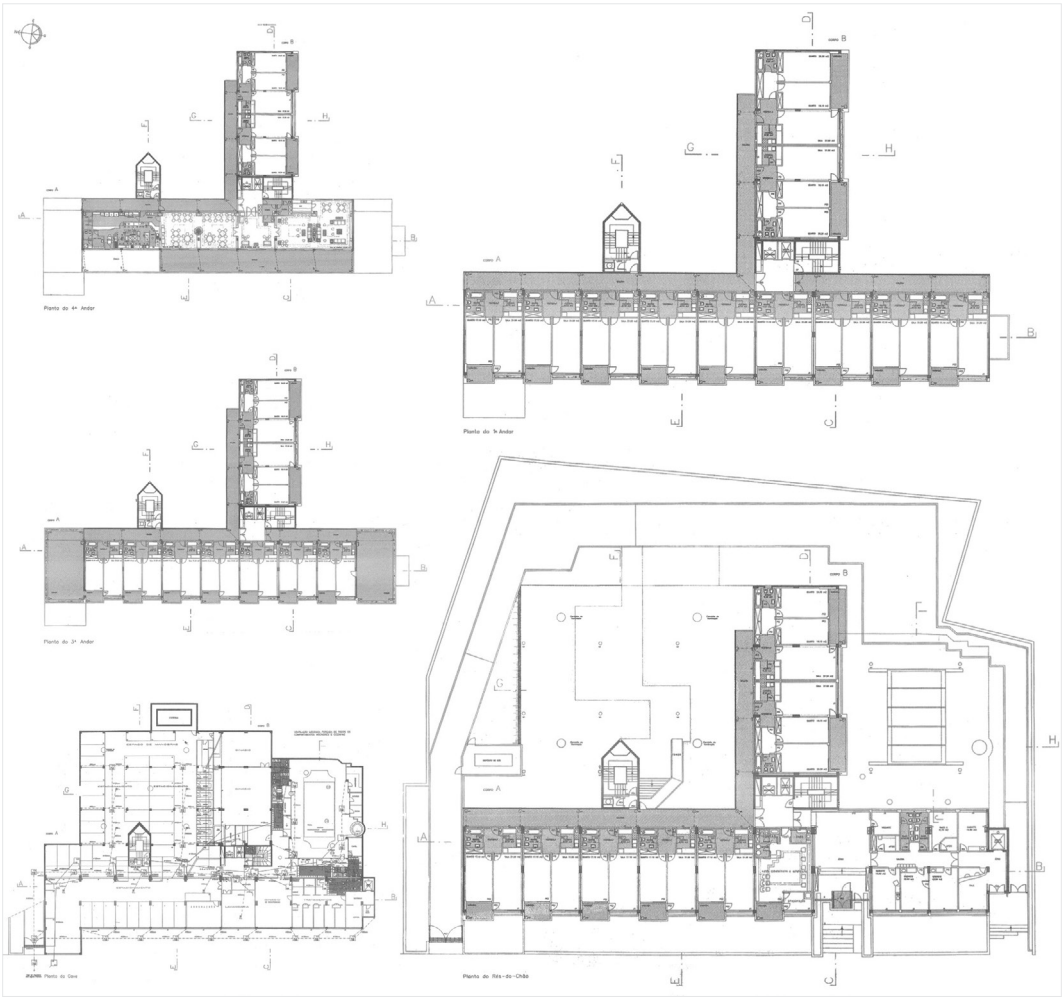
O projecto consiste em 42 habitações distribuídas por dois volumes em galeria, um volume paralelo à rua com cinco pisos, e um volume perpendicular a esta com seis pisos. Ambos os volumes partilham o mesmo piso de cave onde se resolve o estacionamento e uma piscina interior.

O acesso principal, feito ao nível do rés do chão, faz-se pelo volume paralelo à Rua Doutor Domingos Pinho Brandão. A entrada é assinalada por uma escada que faz transição de cotas entre a rua e o átrio. Ao colocar a entrada a uma cota superior permite-se a ventilação e a iluminação do piso de cave. No piso do rés-do-chão, o átrio articula a galeria com uma zona de apoio aos residentes, constituída por gabinetes, sala de raio x e pelo compartimento do vigilante.

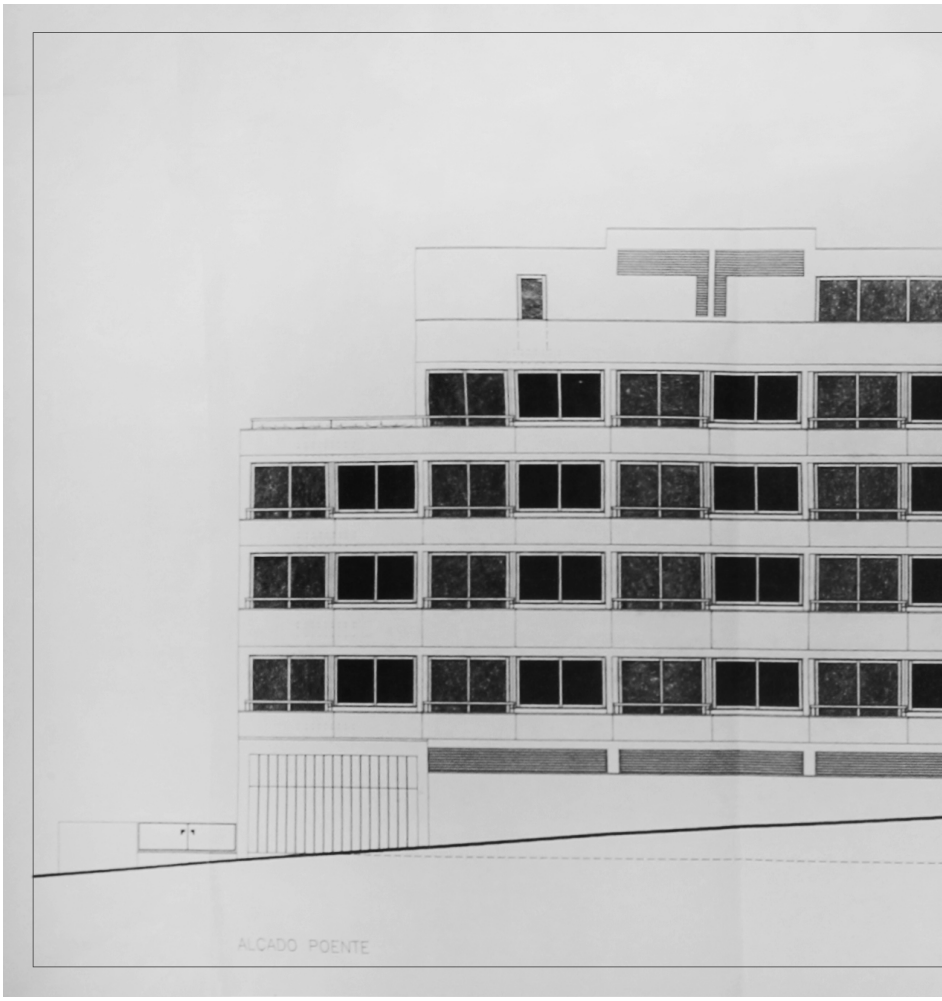
A galeria, a norte, é servida por duas caixas de escadas verticais, onde uma delas resolve a articulação entre os dois volumes. A iluminação da galeria é feita através de um rasgamento horizontal, sem caixilharia. Existem dois módulos diferentes de habitação, um por cada volume. O módulo menor constituído por sala, quarto, casa de banho e cozinha, com entrada a eixo, define o ritmo da fachada voltada para a rua a poente. O módulo maior, composto por sala, dois quartos, casa de banho e cozinha, volta-se para sul.

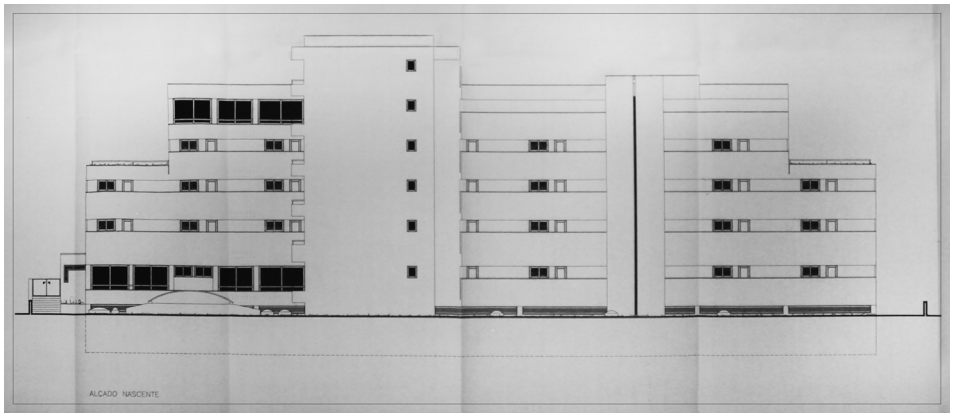
Na fachada principal, o facto da largura da sala e do quarto serem idênticas faz com que o alçado se sinta regular na relação dos cheios com os vazios. O desenho das varandas permite a distinção entre sala e quarto. No volume perpendicular há uma ligeira diferença entre a métrica da sala e do quarto, e tal como no outro módulo, a profundidade da varanda controla a exposição sul dos quartos. O átrio de entrada garante, através de um armário, a privacidade da entrada para os quartos.

O recuo da fachada no quarto andar marca a existência de uma sala de convívio e de uma sala de estar comum. Estes dois espaços são iluminados por grandes envidraçados voltados a sul para o terraço. O edifício é revestido a cerâmica branca, e a exposição solar das varandas a sul-poente é controlada por um toldo amarelo.



Planta do 1º.(piso tipo), 2º., 3º., 4º. piso e cave do projecto "Conjunto Habitacional para a 3ª. Idade"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.


ALÇADO POENTE



Alçado norte e sul do projecto "Conjunto Habitacional para a 3ª. Idade"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

28| **Habitação para D. Maria Augusta Figueiredo, 1992/1994**
Quinta da Salgueira- Favaios

Esta casa implanta-se num terreno de vinha no concelho de Vila Real, numa propriedade da família de Francisco Figueiredo. Para controlar o elevado declive do terreno, o arquitecto desenha uma plataforma que eleva a casa sobre a paisagem.

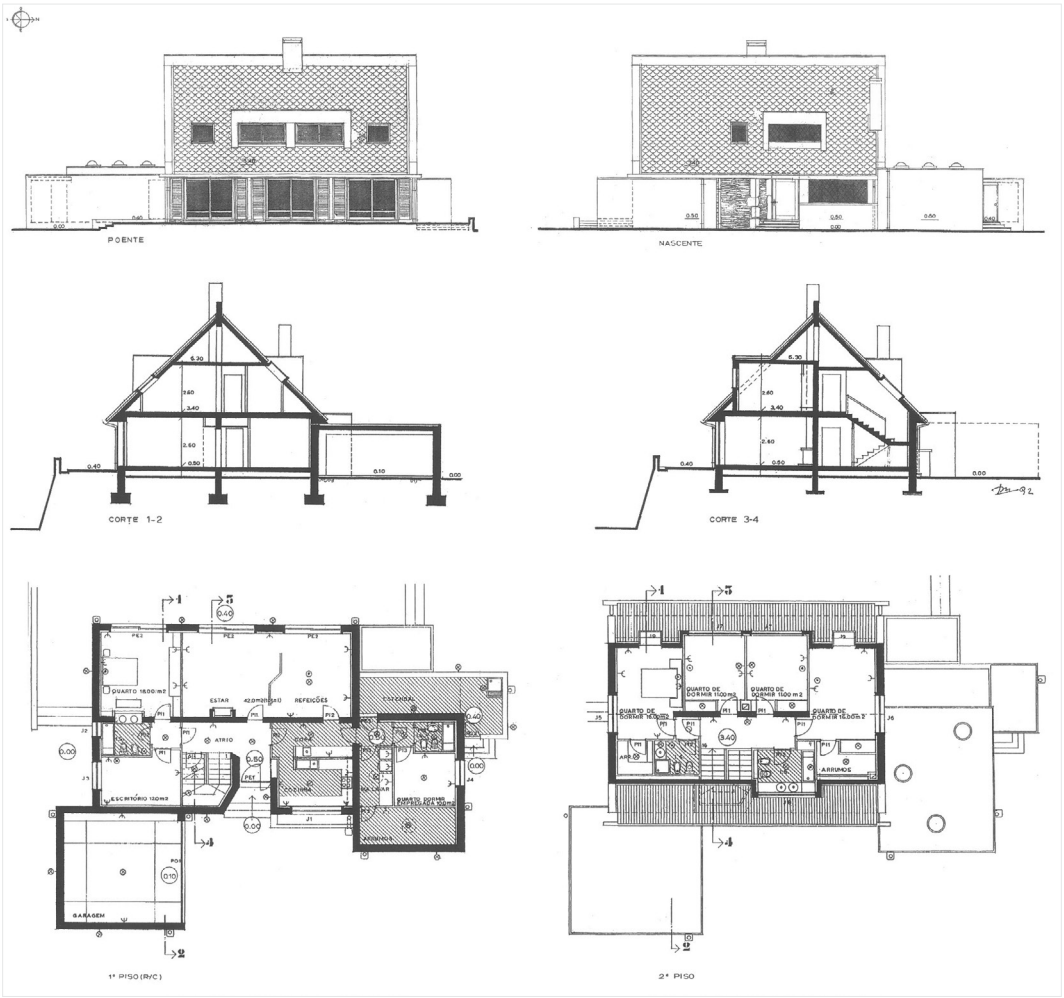
Neste projecto distinguem-se as volumetrias de três corpos com funções distintas, a casa propriamente dita voltada a poente, a zona de serviços a norte e a garagem a nascente. A linguagem dos dois volumes anexos, em reboco, contrasta com a da casa, em alvenaria de pedra, situação que poderá sugerir a existência de um volume primitivo.

O volume da casa desenvolve-se em dois pisos. Na planta de rés-do-chão, os espaços são definidos por dois rectângulos. O primeiro, voltado para a paisagem com exposição solar poente, integra a zona comum, subdividida em três áreas distintas - quarto, sala de estar e sala de refeições - que ao serem separadas por divisões leves permitem a flexibilidade e a adaptação do espaço. A lareira é colocada no centro da composição apesar de tal não se evidenciar no espaço da sala. O segundo rectângulo, voltado a nascente, desenha o espaço de entrada, sugerido pela quebra da parede exterior.

Um conjunto de portas perpendiculares à parede central formam, quando abertas, um espaço continuo de distribuição. No piso superior o mesmo esquema organiza os quatro quartos, um deles com casa de banho privativa, voltados, tal como a zona comum, para a paisagem a poente.

Para ganhar área, os dois quartos ao centro do segundo piso, avançam para além da fachada e formam uma caixa que perfura a cobertura. O mesmo acontece com a casa de banho a nascente. Já os quartos localizados nos extremos laterais da planta são iluminado e configurados pela inclinação da cobertura.

No piso superior, o pé direito do átrio de distribuição é mais baixo que o dos quartos, e a escada é iluminada e configurada pela cobertura.



Plantas, cortes e alçados do projecto "Habitação para D. Maria Augusta Figueiredo"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

Fotografia de época da Habitação de D. Maria Augusta Figueiredo
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

Fotografia de época da Habitação de D. Maria Augusta Figueiredo
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

29| **Projecto de duas invenções para uma Furna Artificial**
Sem localização

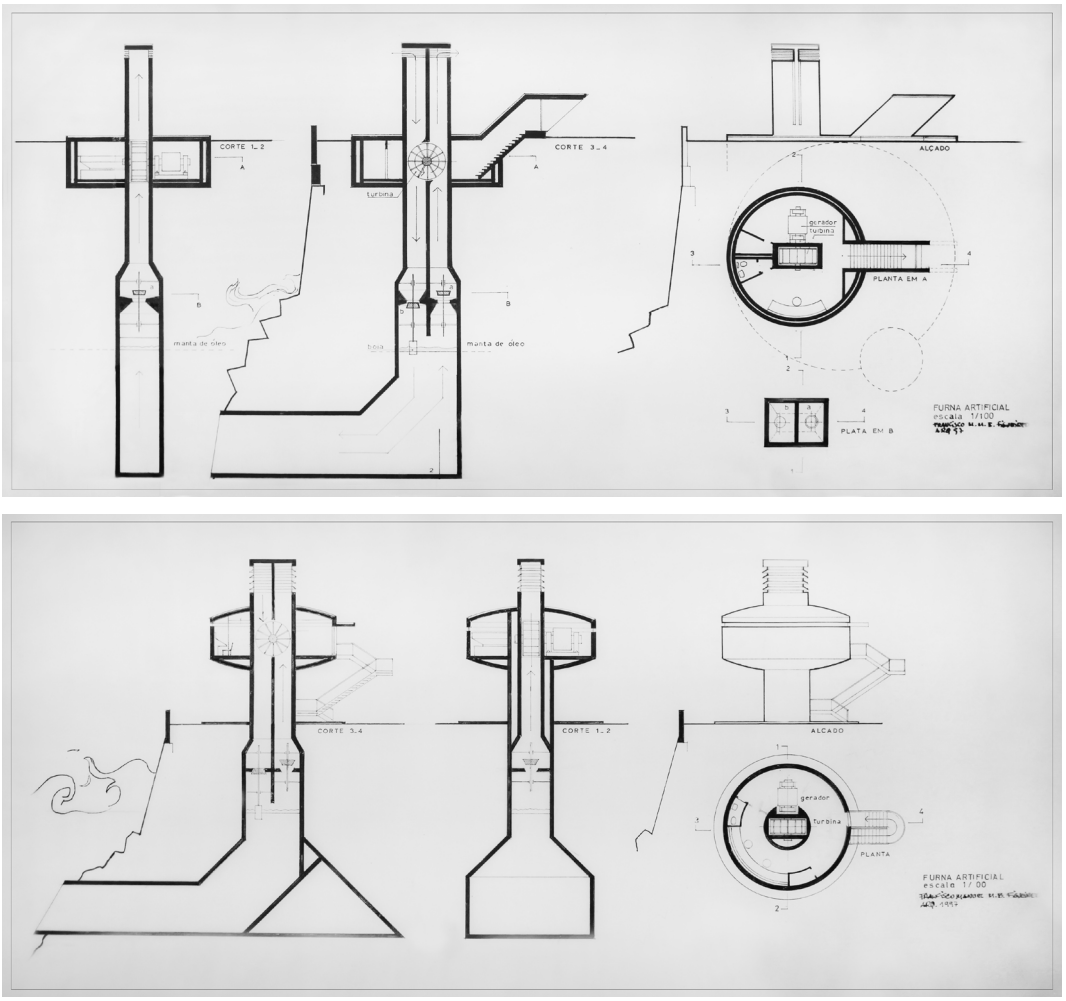
Este projecto aparece no acervo de Francisco Figueiredo sem qualquer referência à sua construção. Todavia a particularidade da função e da forma destes dois projectos justificam o seu apontamento. O seu filho Francisco, explicou-nos um pouco de onde nasceu esta ideia - *"A inspiração vem de Sagres. Uma altura, quando lá fomos, o pai ficou impressionado com as furnas naturais existentes e pensou que toda aquela energia podia ser aproveitada"*[62] - daí resultou o Desenho das Furnas Artificiais.

Ambas as furnas artificiais, como se observa nos desenhos, implantam-se na proximidade de água, força motriz da sua função. Podem-se distinguir algumas diferenças entre as duas, situação que ajuda a aferir o que se mantém igual e a reconhecer a variação na resolução do mesmo problema.

Em ambas se desenha um canal que se situa abaixo do nível da água, constituído por uma turbina que se movimenta pela pressão, ascendente ou descente da bóia em relação à manta de óleo, processo de onde resulta a criação de energia.

A maior diferença entre as duas furnas evidencia-se no posicionamento da turbina em relação ao solo, estando numa delas enterrada e na outra elevada do chão. Isto condiciona a forma da entrada para o compartimento de planta circular onde o funcionário tem acesso à turbina. Esta situação desenha em secção e alçado duas soluções distintas na forma, mas de idênticas na sua função. A escada que dá acesso à turbina enterrada apresenta-se no exterior como um volume abstracto, aparentemente separado da chaminé, e que se define pela inclinação da descida. Na turbina acima do solo, a escada surge como um elemento anexo ao corpo principal. O facto de o compartimento ser desenhado acima do solo permite a iluminação natural através de um rasgamento horizontal contínuo. Ambos os compartimentos dispõem de uma mesa e de um sanitário, situação que se desenha de forma ligeiramente distintas nos dois projectos.

[62] Francisco Figueiredo (filho do arquitecto Francisco Figueiredo) nas várias conversas realizadas no âmbito desta investigação.



Duas hipóteses para a invenção de uma "Furna Artificial"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

30| **Estudo para uma Casa Quadrada, 2007/2008**
Sem localização

O estudo para uma Casa Quadrada (2007/2008), constitui o último projecto do arquitecto Francisco Figueiredo, realizado com 84 anos de idade.

O programa de uma casa unifamiliar com 380 m2, implantado num terreno imaginário, desenvolve-se num desenho de planta quadrada, onde as diferentes áreas são distribuídas por quatro pisos unidos por uma escada a tiro.

No rés-do-chão desenha-se a zona comum, com exposição sul-poente, composta por uma sala que agrega os espaços de jantar e estar, e a zona de serviço, orientada a sul-norte, com um entrada independente, formada pela cozinha, copa e um espaço de trabalho. No primeiro piso desenvolve-se a área mais privada de quartos, constituída por três quartos que seguem o sentido da exposição norte-sul e duas casas de banho a nascente. No último piso desenha-se uma sala e na cave os arrumos e uma sala de jogos. Também neste projecto a escada assume um papel dominante na organização funcional da casa. Situada ao centro da composição permite em planta, a organização dos diferentes espaços à sua volta.

Dois muros pontuam as entradas na habitação, e ao mesmo tempo que rematam a zona de serviços pelo exterior na relação com as demais zonas. A entrada principal é sugerida pela quebra da parede exterior da sala de visitas. A entrada de serviço, a poente, dá acesso direito à zona de serviços e à sala de refeições. O volume dos quartos do segundo piso apresentam-se como quatro caixas rectangulares em cobertura plana sobrepostas à cobertura inclinada do primeiro piso. O último piso assume-se como um prisma quadrangular pousado sobre o anterior. A chaminé da lareira, elemento vertical que ultrapassa a altura de todas as divisões, é utilizado como motivo formal na composição do alçado.

A relação com o exterior é feita de diferentes modos consoante os pisos. No primeiro, é realizada pela abertura de janelas e pela construção de um terraço, no segundo, por janelas e varandas, e no último por janelas que se desenvolvem em torno de todo o compartimento.

Parece haver uma certa contradição entre a abertura da planta do piso superior e o encerramento do alçado provocado pelo desenho de janelas sem acesso ao exterior.

Planta do 1º., 2º. 3º. piso e cave, e alçado norte e sul do projecto "Estudo para uma Casa Quadrada"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

4| Francisco Figueiredo
um percurso sensitivamente plural

Em 1940, a Exposição do Mundo Português, inaugurada no âmbito das comemorações do duplo centenário da independência (1140) e da restauração (1640), em plena Segunda Guerra Mundial (1939/1945), constitui um importante marco na Arquitectura Portuguesa, que acompanha agora o rumo da politica delineada pelo governo de Salazar[63] num clima de exaltação, consagração e celebração do Estado Novo. Inspirada nos regimes ditatoriais predominantes, especialmente o italiano e o alemão, a criação de uma nova linguagem nacionalista para a arquitectura portuguesa, é utilizada como um meio de propaganda e de promoção da ideologia do Estado Novo, que em 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial e a derrota do Fascismo, se vê sem apoios e com a necessidade de endurecer as suas posições políticas. Contudo, Carlos Ramos, docente na Escola de Belas Artes do Porto desde 1940, havia já "moldado culturalmente toda uma geração predisposta a aceitar outros horizontes que não fossem já os que Rogério de Azevedo fixara dentro dos parâmetros semioficiais."[64]

Uma vez que Francisco Figueiredo frequenta, desde o início dos anos 40, a Escola de Belas Artes do Porto, a sua formação desenvolve-se inteiramente sob este regime até ao inicio dos anos 50, década de uma profunda revisão e reflexão sobre a arquitectura moderna em Portugal, depois do Congresso Nacional de Arquitectura de 1948[65].

A arquitectura de Francisco Figueiredo, portuense da mesma geração de Fernando Távora, João Andresen e José Carlos Loureiro, traduz-se num percurso sensitivamente plural que podemos definir desde o projecto "Uma Casa de Férias" (CODA), ao "Estudo para uma Casa Quadrada" passando pela Estação de Passageiros do Porto de Leixões.

O seu percurso é marcado, num primeiro momento, pela presença do arquitecto Fernando Távora, com quem partilhou espaço de trabalho e também alguns dos primeiros projectos (anos 50 e 60). Mais tarde, a introdução de novos programas, sobretudo de uso colectivo, seguidos da construção da Estação de Passageiros do Porto de Leixões (1955/1960), permitiram a exploração de várias linguagens (anos 70 e 80). A esta, segue-se uma fase de diminuição da produção arquitectónica, em que Francisco Figueiredo trabalha quase exclusivamente sobre projectos de habitação unifamiliar (anos 90 e 2000).

Na mesma época em se encontra a fazer o estágio com o arquitecto José Vieira de Oliveira (1949/1951), Francisco Figueiredo inicia a sua actividade como profissional independente. Os seus primeiros projectos evidenciam uma

[63] Sérgio Fernandez. *Percurso: arquitectura portuguesa 1930-1974*. 2 ed. Porto: FAUP publicações, 1988, pág. 27.
[64] Margarida Acciaiuoli. *Os anos 40 em Portugal : O País, o Regime e as Artes: " Restauração" e "Celebração"*. Dissertação de Doutoramento em História da Arte Contemporânea apresentada à Faculdade de Ciências sociais e Humanas. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1991, p. 636. Citado por Ana Tostões. Os verdes anos na arquitectura Portuguesa dos anos 50. 2 ed. Porto: FAUP publicações, 1997, pág. 29.
[65] "É a partir do Congresso Nacional de Arquitectura, em 48, que se sente emergir, segundo os vectores que ensaiamos caracterizar, uma nova geração e em paralelo uma vontade colectiva de mudança, de recusa consciente e mais teoricamente alicerçada, da "arquitectura do estado novo." Segundo *Ibidem*, pág. 33.

Francisco Figueiredo e Fernando Távora em Marrocos no início dos anos 50
Documento obtido no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

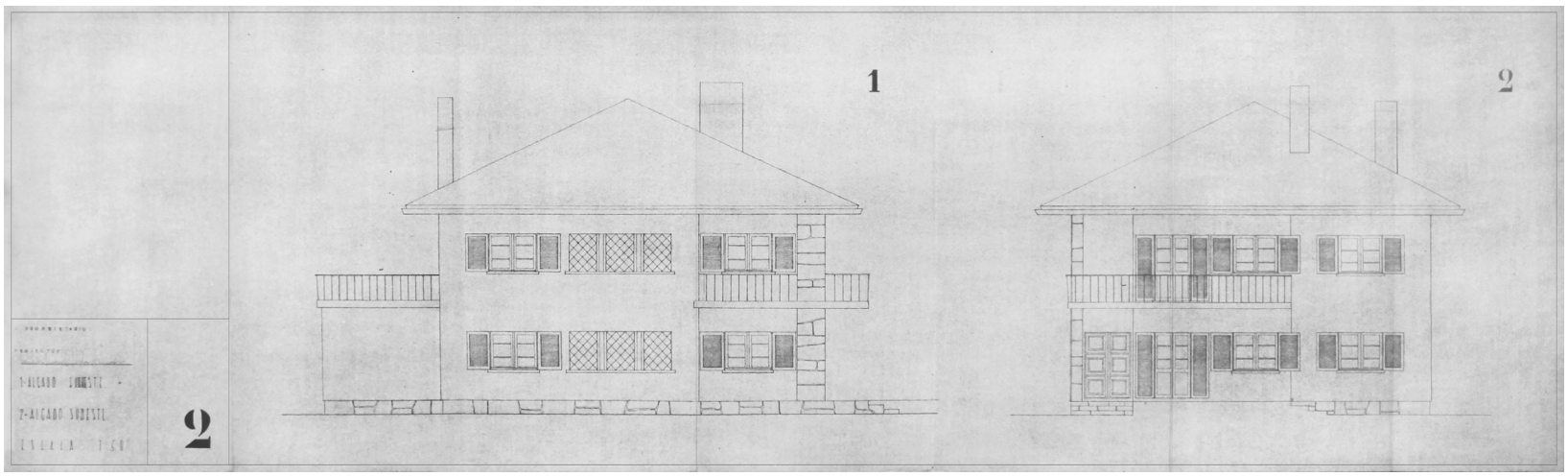
investigação na procura de uma linguagem própria. Se o projecto "Casa Dr. Fernando Martins Barbosa", em 1949, é concebido num volume único de planta quadrangular - em que o telhado de quatro águas, as chaminés e a proliferação de aberturas lhe conferem um carácter mais convencional - o projecto do "Centro de Assistência Social para as Minas do Pejão" (1950/1952) apresenta três volumes que se vão adaptando subtilmente às diferentes cotas do terreno, claramente diferenciados pelo distinto sistema de cobertura que adoptam - o volume paralelo à rua é resolvido em cobertura inclinada, enquanto que os volumes perpendiculares ao primeiro resolvem-se com cobertura plana. O primeiro volume, paralelepipédico, situado num segundo plano afastado da rua e com a estrutura a marcar o ritmo da fachada, contrasta com os restantes volumes mais baixos, desenhados em alvenaria de pedra. O jogo que se estabelece entre os referidos volumes, associado aos de desenhos dos vãos que permitem gerar relações diferentes com o exterior, criam uma composição heterogénea. Todos os volumes, apesar de diferentes, encontram-se ligados pelo ritmo estabelecido pelos dois volumes perpendiculares, ritmo esse, que actua por entre e para além do principal volume.

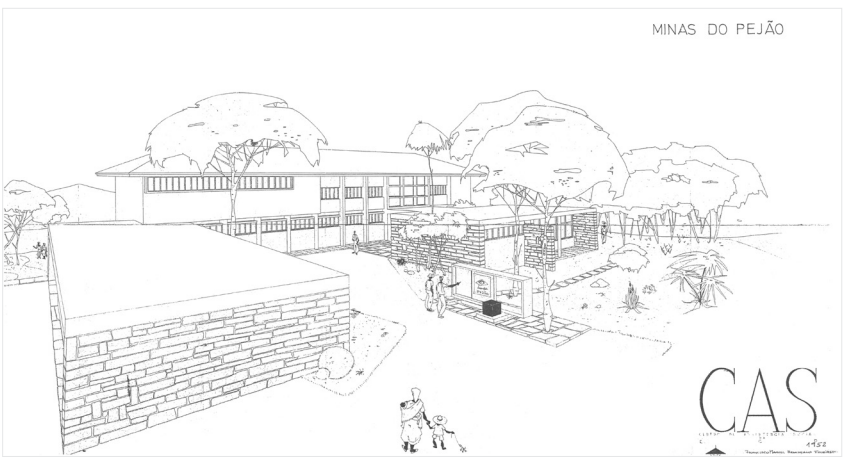
O projecto de "Uma Casa de Férias", apresentado na prova de CODA de 1951, desenhado unicamente em cobertura plana, procura a simplicidade das formas e é desprovido de qualquer ornamento. As serras espanholas são utilizadas como uma pintura enquadrada pelos panos de parede brancos que a limitam ou a abrem. Sobre este projecto o arquitecto escreve na Memória Descritiva: "Sintetizando; seria conceber uma casa com o caracter próprio da nossa época, imensamente cómoda, duma arquitectura transparente e simples em que os elementos da natureza fizessem parte integrante da construção, desprovida ainda de qualquer influência regionalista, que prejudicasse o interesse superior da comodidade dos seus habitantes.(…) Terreno levemente elevado domina tanto para Nascente como para Sul um soberbo panorama que se estende por muitas léguas e para além fronteiras, apanhando os contrafortes das serras espanholas em prolongamento da Serra Ossa.[66]

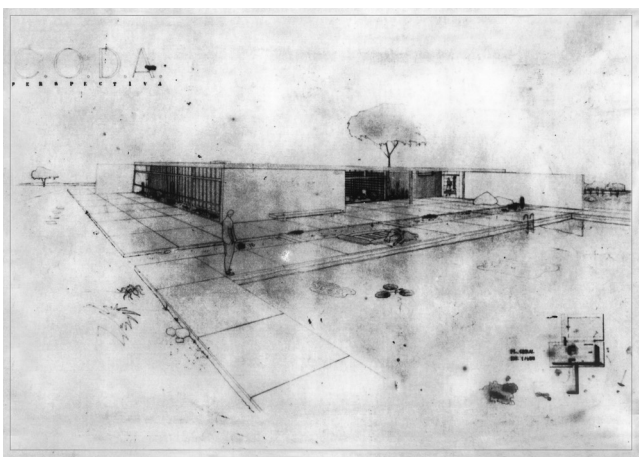
Deparámo-nos, deste modo, com três projectos elaborados pelo mesmo arquitecto que, embora produzidos mais ou menos ao mesmo tempo, revelam diferentes linguagens resultantes, por certo, não só pelos distintos clientes, programas e contextos, mas também resultantes de uma formação e gostos diversificados. Ao longo do seu percurso, esta liberdade evidencia-se de forma aparentemente natural, de acordo com as diferentes circunstâncias.

"*É esta unidade/ diversidade que nós, suponho eu, temos que cultivar. Daqui surge uma coisa que me tem lembrado várias vezes ultimamente, que é uma espécie de necessidade de heteronímia no arquitecto (…) esta probabilidade de necessidade de desdobramento, de uma dupla, tripla, quádrupla personalidade que não é incompatível com a unidade*."[67]

[66] Francisco Figueiredo, Memória Descritiva e Justificativa do projecto "Uma Casa de Férias", 25 de Maio de 1951, in Francisco Matos Figueiredo. *Uma Casa de Férias*, 1951. Repositório Temático da Universidade do Porto. [Consultado a 15 de Outubro de 2020]. Acedido em «https://hdl.handle.net/10405/48374». pág. 1/5.
[67] Fernando Távora. *Fernando Távora - Discursos sobre arquitectura*, 17 de Janeiro de 1990. Youtube. [Consultado a 10 de Outubro de 2020]. Acedido em «https://youtu.be/FxRw8TunGYw?t=7435».







Projectos dos edifícios "Casa Dr. Fernando Martins Barbosa, 1949", "Centro de Assistência Social para as Minas do Pejão, 1950/1952" e "Uma Casa de Férias (CODA), 1951"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

Após a realização da prova de CODA, Francisco Figueiredo começa por dividir o seu espaço de trabalho com Fernando Távora, com quem partilha a autoria de alguns projectos. Apesar de trabalharem de forma independente, a sua arquitectura revela que, para além da amizade, a partilha se alargava ao mundo das ideias.

O projecto da "Estação de Passageiros no Porto de Leixões" (1955/1960), é o segundo edifício contruído, no conjunto de obras de Francisco Figueiredo, com um programa público de uso colectivo. O edifício integra um grande espaço interior marcado pelas asnas de madeira que sustentam o grande vão da cobertura, que na sua expressão vernacular contrastam com a modernidade das plantas livres e com o mobiliário que desenha o espaço. "*A planta variável e uma estrutura clara não podem separar-se uma da outra. A clareza da estrutura é a base da planta livre. Quando não surge uma estrutura unívoca perdemos todo o interesse. Começamos por perguntar a nós próprios o que temos que construir: uma nave aberta ou um tipo estrutural convencional e, seguidamente, partindo do tipo eleito, trabalhamos até chegar ao detalhe construtivo mais pequeno, antes de começar a resolver pormenores da planta. Se primeiro se resolvem a planta ou a ordenação espacial, tudo se bloqueia e é impossível que a estrutura seja clara.*"[68]

Note-se que, na mesma altura, Fernando Távora encontra-se a realizar o projecto "Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição" (1956/1960). Um projecto em que o uso de um sistema construtivo tradicional, tal como acontece na Estação de Passageiros, não inibe um redesenho contemporâneo.

"*A modernidade de um acontecimento mede-se pela relação que ele mantém com as condições dentro das quais se realiza (…) O conhecimento do passado vale na medida do presente. (…) Confunde-se a Grande Tradição, a tradição das constantes, com pequenas e passageiras tradições.*"[69]

Várias são as vozes[70] que afirmam que o projecto "Estação de Passageiros no Porto de Leixões" é apenas da autoria do arquitecto em estudo, no entanto, todos os desenhos e memória descritiva encontram-se assinados pelo arquitecto Francisco Figueiredo e pelo arquitecto Fernando Távora, não só os documentos que se encontram no arquivo do arquitecto, como também nos documentos entregues à Administração dos Portos do Douro e Leixões.

[68] Mies van der Rohe citado por Peter Blake em The Master Builders – Le Corbusier/ Mies van der Rohe/ Frank Lloyd Wright, W.W. Norton & Company, Nova Iorque, 1996. Citado por Graça Correia. Ruy D´Athouguia. Porto: Edições Afrontamento, 2018, pág. 118.

[69] Fernando Távora. *Teoria geral da organização do espaço. Arquitectura e urbanismo: a lição das constantes.* (Editado por Mendes). Porto: FAUP Publicações, 1993, pág. 9/19.

[70] "Esse foi o caso da Gare de Passageiros do Porto de Leixões, uma grande estrutura de madeira discretamente encaixada na linha dos armazéns de mercadorias, junto ao cais dos navios de carreira. Projectada por Francisco Figueiredo, discreto arquitecto companheiro de Távora (…)." Segundo Domingos Tavares. *Memórias de Domingos Tavares - FAUP*, 2012. [Consultado a 31 de Agosto de 2020]. Acedido em «https://tv.up.pt/videos/trb6ftia».

"Fernando Távora e Francisco Figueiredo trabalharam de forma independente - Fernando Távora projectou, em estreita colaboração com o Engº. Henrique Schreck, os traçados viários junto à Quinta da Conceição; Francisco Figueiredo projectou a Estação de Passageiros e a Ponte Móvel. Executado em gabinete instalado na Quinta da Conceição." Segundo Fundação Instituto Marques da Silva. *Plano Geral do Porto de Leixões*, 1958. Acervo do arquitecto Fernando Távora. [Consultado a 09 de Setembro de 2020]. Acedido em «https://arquivoatom.up.pt/index.php/plano-geral-do-porto-de-leixoes».

"A autoria do edifício, um imóvel classificado, é de Francisco Figueiredo que terá ajudado a desenhar, também, a ponte móvel (…)." Segundo Francisco Figueiredo e Fernando Távora. Estação de Passageiros do Porto de Leixões, 1964. Open House Porto 2019. [Consultado a 25 de julho de 2020]. Acedido em «https://2019.openhouseporto.com/places/estacao-passageiros/».

Fotografia de época do interior da Estação de Passageiros do Porto de Leixões
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

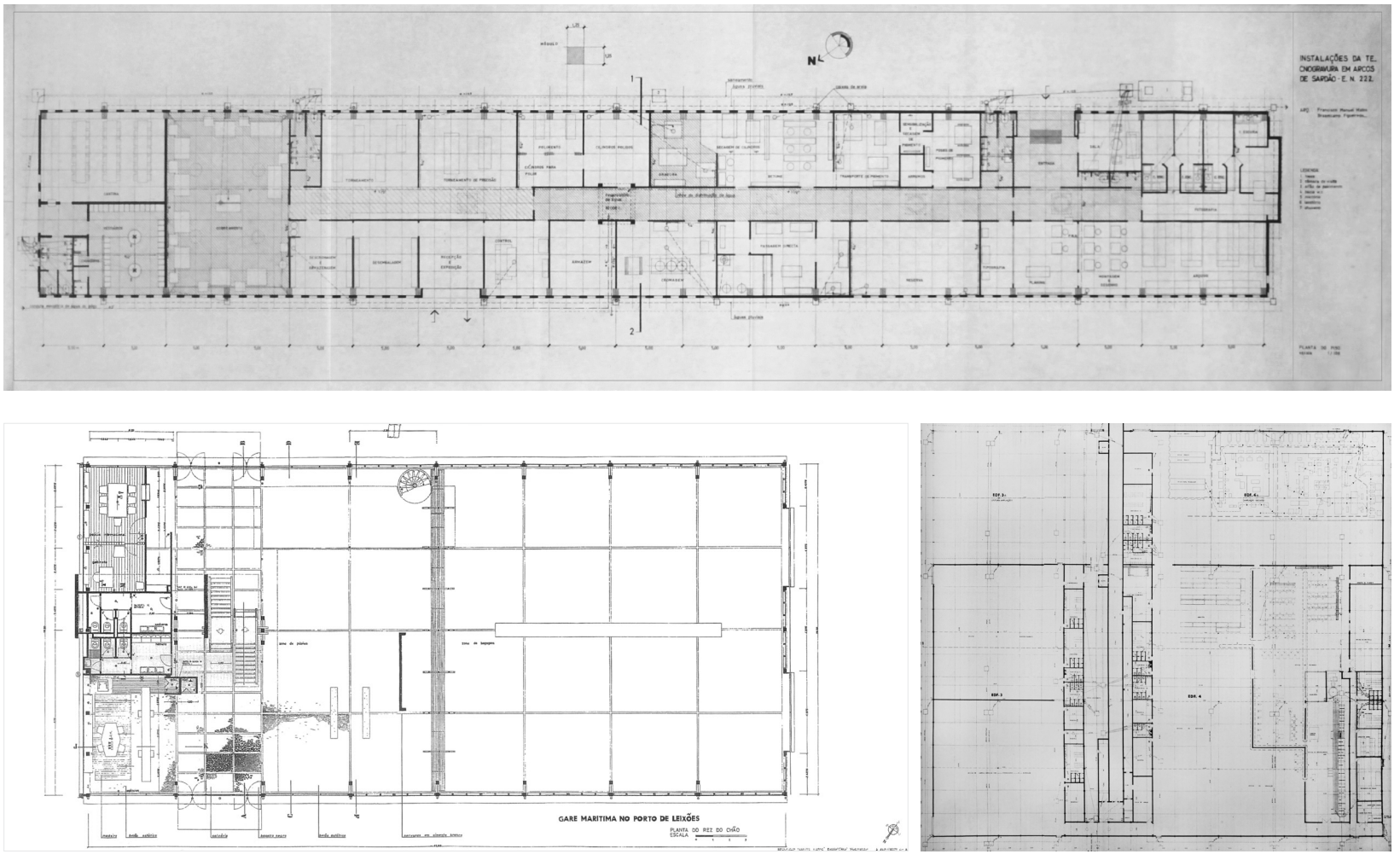
Entre 1957 e 1959, Francisco Figueiredo desenha a sua própria casa, quando por coincidência, Fernando Távora, faz o projecto "Casa de Férias em Ofir" (1957/1958). Apesar de se implantarem em contextos completamente diferentes, partilham claras intersecções. Nos dois projectos, a planta permite a observação da existência de três zonas internas, funcionalmente distintas e articuladas por um vestíbulo: uma zona comum, uma zona de serviços e a zona privada de quartos. Exteriormente, em ambas, sobressaem dois volumes em cobertura inclinada, que formam um pátio exterior limitado pela zona comum e pela zona privada, unidos pela cobertura plana do vestíbulo. Nas duas casas são criados espaços de transição entre o interior e exterior - a Casa de Ofir, através do recuo das paredes que envolvem o pátio face aos limites do telhado, e na Casa da Rua de Fez, através do recuo da caixilharia em relação às paredes duplas. No interior, ambas as zonas comuns são marcadas pela estrutura do telhado em madeira à vista, e a transição entre a rua e a entrada principal e a de serviço, é realizada pela delimitação de um percurso orgânico, e anunciada, em Ofir pelo volume da chaminé, e na Rua de Fez pelo prolongamento da parede do espaço de trabalho situada junto ao hall.

Na década de 60 destaca-se o desenho da cobertura, fortemente evidenciado, nos projectos de habitação unifamiliar, como é o caso do projecto de "Duas Casas Geminadas na Circunvalação" (1964), da "Casa Rui Neto" na Avenida da Boavista (1965/1970) e da "Casa Rui Moreira" na Rua de Cabo Verde (1969). Em alguns momentos o desenho do telhado é definidor, em outros, é definido pelos espaços interiores.

Os anos seguintes (70 e 80), são marcados por um significante número de edifícios com programa público e privado de uso colectivo. De forma semelhante à Gare de Leixões, a estrutura do edifício das "Instalações Fabris de Tecnogravura em Arcos do Sardão" (1970) segue o ritmo do módulo de 5m por 5m, composto por módulos mais pequenos de 1.25m por 1.25m. O vasto programa assenta numa grelha definida pelo módulo mais pequeno de 1.5m^2, e é distribuído ao longo de um corredor central agregador dos diferentes espaços, desenhados de acordo com os diferentes tipos de fabrico. Assim como estes dois projectos, em outras obras do autor, como por exemplo na "Fábrica de Armas de Viana do Castelo", é introduzida uma racionalidade imposta pelo ritmo dos elementos estruturais, definidos pela duplicação do mesmo módulo e pelo uso de um vocabulário diversificado assente na circunstância de cada obra.

A produção arquitectónica de Francisco Figueiredo, fundamentalmente a partir de 1970, é muito variada e produzida já no seu escritório, na Rua de Fez. Além dos programas já referidos, desenvolve também, instalações bancárias (Caixa Geral de Depósitos do Porto e de Baião), programas sociais (Bairro da Ferrominas em Moncorvo), programas culturais (Fundação António Cupertino Miranda), hotéis, piscinas (Termas do Gerês) e programas hospitalares (Centro Médico Diagnóstico Ambulatório da Areosa).

Nos anos 80 são construídas várias outras obras relevantes no percurso de Francisco Figueiredo, das quais salientamos, a "recuperação e ampliação da Caixa Geral de Depósitos do Porto". Com entrada pela Avenida dos Aliados e pela Praça D. João I, as novas instalações, fazem a transição de cotas através de uma galeria que se desenvolve no interior do quarteirão e interliga os dois edifícios. A implantação composta por três



Planta do projecto “Instalações Fabris de Tecnogravura em Arcos do Sardão, 1970”, da “Estação de Passageiros no Porto de Leixões, 1955/1960” e da “Fábrica de Armas de Viana do Castelo, 1978/1985”
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

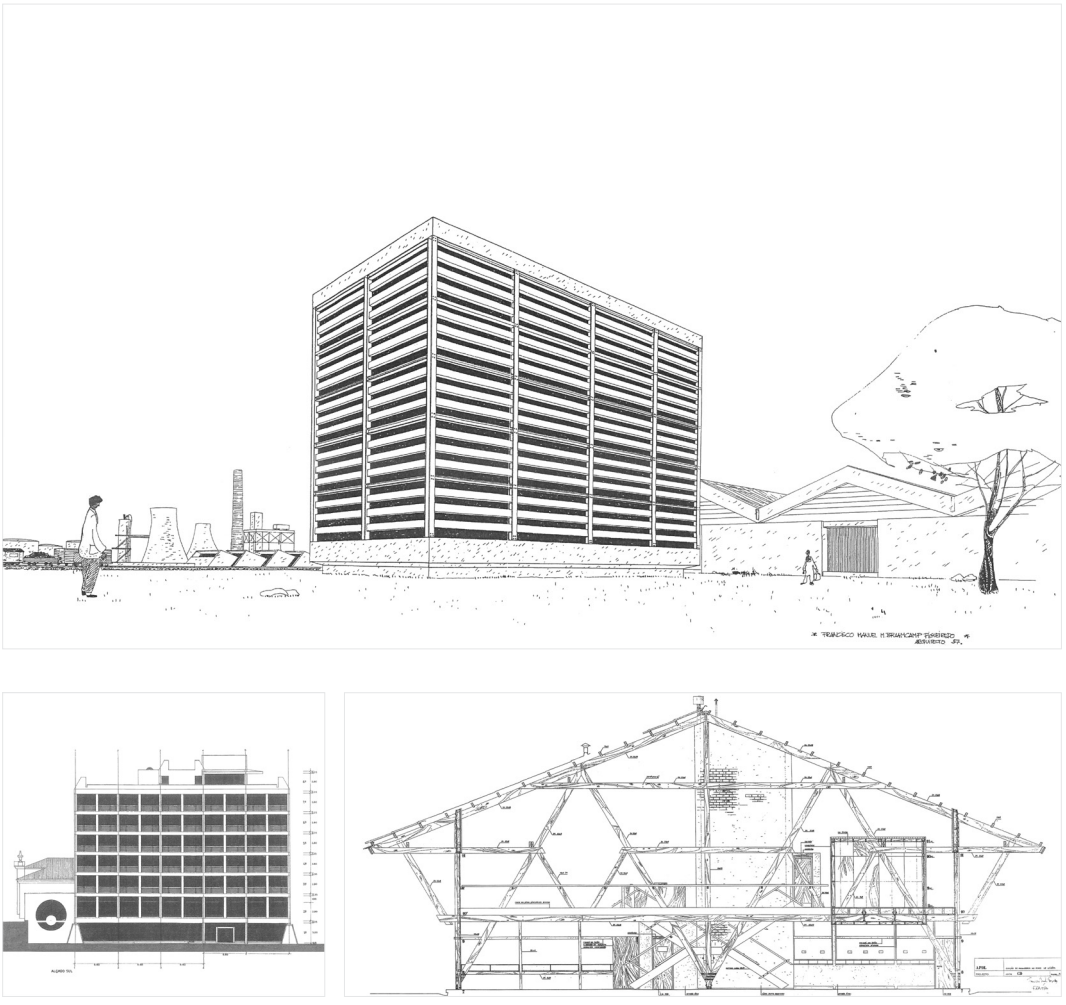
volumes permite, não só a autonomia dos diferentes espaços que compõem o edifício, mas também que a escala do conjunto se adapte à escala existente. Este projecto é marcado por uma grande continuidade do espaço interior, estabelecida pela redução ao mínimo essencial das paredes e divisões interiores, assegurando apenas a o necessário à funcionalidade e estabilidade espacial. A transição de cotas entre a Praça D. João I e a Avenida dos Aliados, é resolvida no interior do edifício por dois grandes balcões de atendimento ao público, que se desenvolvem na continuidade de cada entrada e que se unem por uma escada.

No mesmo ano em que começa o projecto para a "recuperação e ampliação da Caixa Geral de Depósitos do Porto" (1985), inicia também o projecto para o "Edifício de Tratamentos para as Termas do Gerês". O desenho das plantas têm como base a multiplicação de um módulo triangular, nunca utilizado até então, que contrasta com a horizontalidade dos alçados, pontuados por pilares circulares. Os diferentes espaços, estabelecidos rigorosamente pela grelha de geometria triangular, são distribuídos por um espaço central contínuo, que, através de várias torções, quebra o alinhamento visual entre as várias portas. Estes dois projectos em conjunto com a "Caixa Geral de Depósitos de Baião" que os antecede, a "Fundação António Cupertino de Miranda" (1986/1993), o projecto de um "Hotel nas Termas do Gerês" (1987) e a "Casa Alberto Ortigão Oliveira" (1988), são exemplos da variação do vocabulário na arquitectura de Francisco Figueiredo.

O projecto de um "Hotel nas Termas do Gerês" (1987), é um exemplo, entre muitos outros, entre os quais um edifico desenhado em 1957, do qual não se indica o nome nem local, que no seguimento da Estação de Passageiros do Porto de Leixões (1955/1960), Francisco Figueiredo se liberta da iconografia da arquitectura tradicional, para propor uma linguagem assente na dimensão construtiva. Se na Gare de Leixões as asnas de madeira são utilizadas para resolver o grande vão da cobertura, marcando o espaço interno, no "Hotel das Termas do Gerês" e no Edifício de 57, o tema do sistema construtivo, ainda que feito de materiais diferentes, é também originador da forma.

Ainda nos anos 80, é de salientar, que o uso de uma linguagem clara e depurada nos volumes, da horizontalidade e da cor branca no projecto da "Fundação António Cupertino de Miranda" (1986/1996), bem como, na "Habitação para Dr. Alberto C. Almeida", em Nevogilde (1989), aproximam estes dois projectos, mais do que qualquer outros, da linguagem racionalista explorada na prova de CODA. A partir dos anos 90 a produção arquitectónica de Francisco Figueiredo diminui significativamente, sendo grande parte dos projectos estudos de habitação unifamiliar, à excepção do desenho de duas invenções para uma "Furna Artificial", sem aparente cliente ou localização.

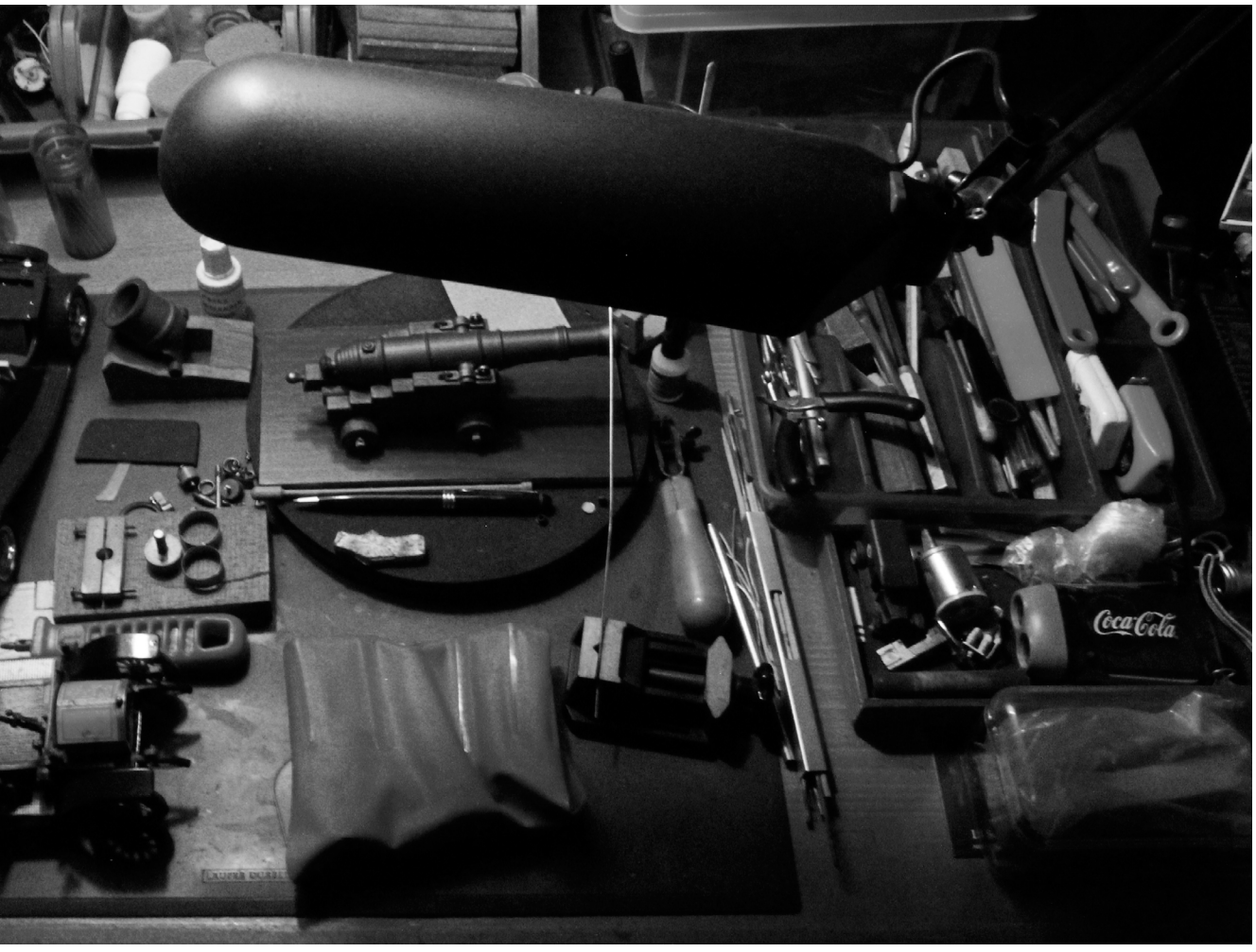
Sobre a vida e obra de Francisco Figueiredo não pode deixar de se notar e assinalar que, para além da arquitectura, este arquitecto detinha um vasto e muito diversificado leque de interesses. Para além da participação, em 1969, no 18º Salão Internacional dos Inventores, em Bruxelas, com o projecto de um "Pincel de Barba auto-alimentado - Pincel H", os seus tempos livres, eram passados na descoberta de revistas da National Geographic, relacionadas com diversos temas, bem como, a desenhar, montar e modificar a sua colecção de miniaturas de automóveis e aviões, ainda hoje, rigorosamente dispostos num armário, no que



Perspectiva do projecto do Edifício de 1957 sem localização, alçado sul do projecto "Hotel nas Termas do Gerês, 1987" e corte transversal do projecto "Estação de Passageiros no Porto de Leixões, 1955/1960"
Documentos obtidos no arquivo pessoal do arquitecto Francisco Figueiredo.

era o seu espaço pessoal do escritório. Na mesa onde montava as miniaturas, e onde desenhava e lia os diversos livros e revistas presentes nas estantes, ainda se encontra a sua última miniatura, um carro em que estivera motivado a estufar os bancos de vermelho. Importa evidenciar que esta dissertação procedeu ao levantamento da sua biblioteca pessoal, partindo da ideia de que esta seria interessante para uma leitura futura e aprofundada da personalidade e cultura arquitectónica de Francisco Figueiredo. Dos muitos exemplares que se encontram nas estantes, destacamos, entre outros, alguns livros e monografias sobre Frank Llyod Wright, Mies van der Rohe, Le Corbusier, Alvar Aalto, Louis I. Kahn, Carlos Scarpa, Carlos Ramos, Viana de Lima, Fernando Távora, Álvaro Siza e o primeiro volume do Inquérito à Arquitectura Popular.

O estudo de alguns projectos e obras de Francisco Figueiredo leva-nos a crer que, para além da aptidão e propensão próprias no exercício do projecto, acompanharia as vanguardas da época, não só pelas viagens que realizava ao estrangeiro (Europa Ocidental, Marrocos, Brasil) e pela observação daquilo que se fazia no próprio país, mas também, pelos conhecimentos adquiridos através das várias séries de revistas e livros de arquitectura que ocupam as seis estantes da sua biblioteca.



Mesa de trabalho no escritório de Francisco Figueiredo
Registo fotográfico da autora a 27 de Fevereiro de 2020.

considerações finais

Como estudante do quinto ano do curso de Mestrado em Arquitectura na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, considero, agora que me encontro acabar o meu percurso, que esta investigação de autor, orientada pela professora e arquitecta Graça Correia, me proporcionou diversas oportunidades que ainda não tinham existido ao longo da minha formação académica. Estudar o arquitecto Francisco Figueiredo envolveu, num percurso de um ano, uma aprendizagem a diferentes níveis.

"*Ler as imagens, observar as palavras. A investigação em arquitectura envolve um olhar estrábico, uma divisão desarrumada e meticulosa dos sentidos, um amor feito de polaridades, o que se toca, o que se pensa. O que é tangível, a Rotonda de Palladio, a villa centrada nos arredores de Vicenza, e o tempo da história que, entretanto, se passou. O que é físico, material, ilude a perenidade da villa, que é também puro pensamento.*

É este o momento terrível: quando os edifícios deixam de ser uma casa ou uma igreja, e se transforma em pós-arquitectura, monumento, arquétipo do tempo que mudou. Quando ganham asas. A villa, Savoye não é uma casa. O cemitério de Modena não é um cemitério. A Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto não é uma escola de arquitectura. Há o que se pode tocar e o que se imagina, o que existe e o que foi inventado ao longo de reconstruções mentais, radiografias, polaroids, textos.

Há edifícios que se perderam e outros que nunca foram levantados - e estes são nuvens do que podia ter sido, como noutra disciplina não há. Edifícios despidos até à sua estrutura, medidos, comparados. Há edifícios que eram eternos nos anos 60, e estão agora esquecidos em páginas amarelecidas de uma antiga L'Architecture d'aujourd'hui.

A investigação em arquitectura trata da inventariação de edifícios. Fazendo autópsias, jogando com o tempo, arriscando analogias, caindo num buraco negro que envolve outras disciplinas resplandecentes e temerárias na sua origem. A sociologia, a filosofia, a história, atormentam a investigação em arquitectura, obrigatoriamente. Entretanto, o arquitecto desenha.

O investigador de arquitectura procura traços humanos nos edifícios; os que denotam erudição, os que mostram senso comum, os que são apenas ruinas, os falhanços. Por isso precisa das ciências, por isso precisa de entrar outra vez no átrio."[71]

Este estudo representa, esperamos, um contributo para o reconhecimento e interpretação da obra de Francisco Figueiredo, realizado, partindo da ideia, de que um dia, conseguiremos aprofundar ainda mais o conhecimento deste autor e o nosso conhecimento sobre Arquitectura.

[71] Jorge Figueira, "Carro a transbordar no stand", *in* E*m cima do joelho*, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, 2001. Acedido em «https://digitalis-dsp.sib.uc.pt/handle/10316.2/37479»

"Eu sou uma antologia.
Escrevo tão diversamente
Que, pouca ou muita valia
Dos poemas, ninguém diria
Que o poeta é um somente.

……

Depois para si o poeta
Deve ser poeta também
Se ele não tem a completa
Diversidade
Não é poeta, é só alguém."

……

Fernando Pessoa,
"Eu sou uma antologia"
in *Pessoa por conhecer:*
textos para um novo mapa,
pág. 94.

fontes de informação

Livros

BENTO, Jorge. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de Leça da Palmeira, 1994.

Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique. *Concurso de projectos para o Monumento ao Infante D. Henrique em Sagres*. Lisboa: Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1957.

CORREIA, Graça. *Ruy D´Athouguia*. Porto: Edições Afrontamento, 2018.

FELGUEIRAS, Guilherme. *Monografia de Matosinhos*. Lisboa: Oficinas Gráficas de Ramos, Afonso & Mota, Lda, 1958

FERNANDEZ, Sérgio. P*ercurso: arquitectura portuguesa 1930-1974*. 2 ed. Porto: FAUP publicações, 1988.

Fernando Távora. (Editado por Luiz Trigueiros). Lisboa: Editorial Blau, 1993.

Januário Godinho: leituras do movimento moderno. (Editado por Alexandra Cardoso, Fátima Sales e Jorge Cunha Pimentel). Porto: CEAA| Centro de estudos Arnaldo Araújo, 2012.

MONIZ, Gonçalo Canto. *O ensino moderno da arquitectura: a formação do arquitecto nas escolas de Belas Artes em Portugal (1931-1969)*. Porto: Edições Afrontamento e Fundação Instituto Marques da Silva, 2019.

MORATO, António. *Maria de Lourdes de Matos Braamcamp: vida e obra*. Porto: Bertrand Editora, 2011.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. (Editado por Jerónimo Pizzaro). Lisboa: Tinta-da-china, 2014.

SALGADO, José. *Álvaro Siza em Matosinhos*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1985.

TÁVORA, Fernando. *Da organização do espaço*. 6ª ed. Porto: FAUP publicações, 2006.

TÁVORA, Fernando. *Teoria geral da organização do espaço: arquitectura e urbanismo: a lição das constantes*. (Editado por Manuel Mendes). Porto: FAUP Publicações, 1993.

TOSTÕES, Ana. *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*. 2 ed. Porto: FAUP publicações, 1997.

Periódicos

ARQUITECTURA, Revista de Arte e Construção, III série, nº 57/58, Lisboa, Janeiro-Fevereiro de 1957.

DIÁRIO DE LISBOA, ano 32, nº 10741, 26 de Outubro de 1952. Fundação Mário Soares/ DRR - Documentos Ruella Ramos. [Consultado a 19 de Outubro de 2020]. Acedido em «http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=06336.057.13456».

DIÁRIO DE LISBOA, ano 49, nº 16675, 23 de Maio de 1969, Fundação Mário Soares/DRR - Documentos Ruella Ramos. [Consultado a 19 de Outubro de 2020]. Acedido em «http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=06600.138.23586#!4».

EM CIMA DO JOELHO, nº5, Revista do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, 2001. Acedido em «https://digitalis-dsp.sib.uc.pt/handle/10316.2/37479».

RA - Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, ano I, nº 0, Porto, Outubro de 1987.

Trabalhos académicos

ACCIAIUOLI, Margarida. *Os anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes: "Restauração" e "Celebração"*. Lisboa: Dissertação de Doutoramento em História da Arte Contemporânea apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1991.

ASCENSÃO, Manuel Maria Tavares. *Bento Lousan: projecto e obra*. Porto: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2019.

COSTA, Ana Sousa Brandão Alves. *Projecto e Circunstância: a coerência na diversidade da obra de Rogério Azevedo*. Porto: Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2015.

FONSECA, Rodrigo Maria Ferreira da. *Contributos para o reconhecimento da obra de Manuel Botelho: identificação, mapeamento e registo.* Porto: Dissertação de Mestrado apresentada à

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2018.

RIBEIRO, Helder Francisco Valente Casal. *A experimentação do moderno na obra de Mário Bonito: um processo de desenho dos anos 40 a 60.* Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2012.

MOREIRA, Marta Rocha. *O valor do tempo: o programa intelectual e arquitectónico de Raul Lino*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2016.

REIS, Jorge Manuel da Silva. *Manuel Botelho: casas*. Porto: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2018.

RODRIGUES, Ângela Sofia de Carvalho. *Ruy d'Athouguia: depois da Gulbenkian.* Porto: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2020.

Referências electrónicas

FREIRE, João. *Estação de Passageiros do Porto de Leixões*, 1964. Open House Porto 2019. [Consultado a 25 de Julho de 2020]. Acedido em «https://2019.openhouseporto.com/places/estacao-passageiros/».

PESSOA, Fernando. *Eu sou uma antologia.* in "Pessoa por conhecer: textos para um novo mapa" (Editado por Teresa Rita Lopes). Lisboa: Estampa, 1990. [Consultado em Arquivo Pessoa: Obra Édita a 10 de Novembro de 2020]. Acedido em «http://arquivopessoa.net/textos/780»

RTP. *Inauguração da Gare do Porto de Leixões*, 1961. RTP Arquivos. [Consultado a 15 de Outubro de 2020]. Acedido em «https://arquivos.rtp.pt/conteudos/inauguracao-da-gare-do-porto-de-leixoes/».

SANTOS, Renata. *História das Minas do Pejão*, 2001. Banda de Música dos Mineiros do Pejão. [Consultado a 25 de Agosto de 2020]. Acedido em «http://www.bandadopejao.com/minas.html»

SIZA, Álvaro. *Álvaro Siza, Obras e Projectos - Matosinhos*, 2001. Youtube. [Consultado a 24 de Julho de 2020]. Acedido em «https://youtu.be/Sxtu3S2fA88?t=221».

TAVARES, Domingos. *Memórias de Domingos Tavares - FAUP*, 2012. [Consultado a 31 de Agosto de 2020]. Acedido em «https://tv.up.pt/videos/trb6ftia».

TÁVORA, Fernando. *Fernando Távora - Discursos sobre arquitectura*, 17 de Janeiro de 1990. Youtube. [Consultado a 10 de Outubro de 2020]. Acedido em «https://youtu.be/FxRw8TunGYw?t=7435».

UNIVERSIDADE DO PORTO. *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto: Fernando*

Távora, 2008. Memória U. Porto. [Consultado a 15 de Outubro de 2020]. Acedido em «https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20fernando%20t%c3%a1vora».

Arquivos em plataformas digitais

Arquivo FAUP - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto no ADUP - Arquivo Digital da Universidade do Porto, em Repositório Temático da Universidade do Porto - Consulta do Concurso para Obtenção de Diploma de Arquitecto (CODA):

Uma Casa de Férias por Francisco Matos Figueiredo. [Consultado a 30 de Outubro de 2020]. Acedido em «https://repositorio-tematico.up.pt/handle/10405/48374».

Arquivo da Fundação Instituto Marques da Silva na plataforma de suporte às actividades das Instituições de Arquivo administrada pela Unidade de Infra-estruturas de Sistemas de Informação do Serviço UP Digital da Universidade do Porto - AtoM - Consulta no acervo de Fernando Távora dos projectos:

*Plano Geral do Porto de Leixões,*1958. [Consultado a 20 de Agosto de 2020]. Acedido em «https://arquivoatom.up.pt/index.php/parque-municipal-da-quinta-da-conceicao».
Parque Municipal da Quinta da Conceição, 1956/1960. [Consultado a 20 de Agosto de 2020]. Acedido em «https://arquivoatom.up.pt/index.php/plano-geral-do-porto-de-leixoes».

Arquivos físicos

A.P.D.L - Administração dos Portos do Douro e Leixões: Consulta de Memória Descritiva e Justificativa, Desenhos e Fotografias do projecto "Estação de Passageiros do Porto de Leixões" de Francisco Figueiredo e Fernando Távora de 1955/1960.

Arquivo da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto: Consulta do processo de aluno de Francisco Manuel Matos Figueiredo de 1942 a 1951.

Arquivo da Fundação Instituto Marques da Silva: Consulta do projecto *Plano Geral do Porto de Leixões* de Fernando Távora e Francisco Figueiredo no acervo do arquitecto Fernando Távora de 1955/1959.

Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto: Consulta de licença de obras com referência ao arquitecto Francisco Manuel Matos Figueiredo.

Arquivo Histórico e Fotográfico da Câmara Municipal de Matosinhos: Consulta de fotografias da Exposição Comemorativa do 1º Centenário da elevação de vila a cidade promovida pela

Câmara Municipal de Matosinhos de 1953.

Arquivo Pessoal do Arquitecto Francisco Figueiredo: Consulta, inventariação e catalogação de todos os documentos existentes.

Centro de Documentação da FAUP: Consulta da prova de CODA "Uma Casa de Férias" de Francisco Manuel Matos Figueiredo de 1951.

Centro Português de Fotografia: Consulta de fotografias relativas ao Porto de Leixões em Matosinhos entre 1955 e 1960.

Francisco Matos B. Figueiredo
contributos para o (re)conhecimento da sua obra

Isaura José Gomes Mendes

FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO